

# PETER HOWARD

# VIDA E CARTAS

por  
Anne Wolrige Gordon

Traduzido ao português por: FABIANA DUARTE DE VILLAVICENCIO  
Revisado por: IRIS MARIA DUPONT



HODDER AND STOUGHTON

Copyright © 1969 The Oxford Group

Primeira impressão 1969

SBN 340 10840 1

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem permissão por escrito do editor.

Impresso na Grã-Bretanha por Hodder and Stoughton Limited, St . Paul's House, Warwick Lane, Londres, E.C.4., por Cox and Wyman Limited, Londres, Fakenham e Leitura.

**Para**  
**JULIETTE, JOHN, KATE, PATRICK**  
**EMMA, TOM e CAROLINA**

## *Nota do autor*

Dediquei este livro aos netos de Peter Howard. À medida que crescerem, ouvirão falar muito do avô, tanto de forma favorável quanto crítica, e quero que o conheçam por meio de suas palavras e cartas.

Este livro não é uma biografia. Por um lado, não acredito que parentes próximos devam escrever biografias. Por outro lado, é muito cedo para publicar grande parte do material disponível. Muitos amigos de meu pai ainda estão vivos e seu trabalho, por natureza, ocupava-se com os aspectos mais profundos e pessoais de suas vidas. As pessoas lhe contavam coisas que não contavam a mais ninguém. Ele não falava sobre essas coisas e não desejaria que suas cartas sobre elas fossem lidas por outras pessoas, principalmente em suas vidas. Essas amizades eram sua experiência diária, e sem elas sua história fica incompleta.

Que há omissões neste livro, admito de imediato. A maioria é feita para o bem dos vivos, não dos mortos, e não peço desculpas por eles. Outros se devem ao fato de que seus pais não guardaram nenhuma de suas cartas e papéis.

Tentei escrever um livro sobre um homem, não um movimento - para ter uma ideia do que Peter Howard fez da vida em uma época em que a própria vida é tratada com tanta insensibilidade em todo o mundo. Presumi que aqueles que desejam saber mais sobre os resultados do trabalho dele e de seus amigos podem ler os numerosos livros que foram escritos sobre o assunto.

Não cabe a mim julgar os efeitos do trabalho de meu pai. Sei que, apesar de extensas pesquisas, encontrei apenas uma pequena porcentagem das pessoas que foram influenciadas por ele. Todos os anos ouço mais deles, e de muitos nunca saberei. Para mim, ele era um pai que eu amava e respeitava. Ele mesmo deveria ter escrito este livro, pois o teria feito muito melhor do que eu. Espero, no entanto, que seja do interesse de quem o conheceu e o apresente a quem não o conheceu.

Gostaria de agradecer às seguintes pessoas por suas lembranças e ajuda durante a redação deste livro:

Sra. Edie Alley, Sr. Harry Almond, Wing Commander Charles L. de Beaumont, O.B.E., Sr. Tom Beeton, Srta. Hilary Belden, Sr. K. D. Belden, Dr. Paul Campbell, Sra. Russell Carpenter, Sr. J. Coulter, Sr. Geoffrey Coxon, Sua Eminência o Cardeal Cushing de Boston, Dr. James Dyce, Sr. Vincent Evans, Sr. Michael Foot, MP, Professor John Forbes da Virgínia, Shri Rajmohan Gandhi, Srta. K. Green, Sra. Alton H. Gross, Sra. F. T. L. Guilbride, Helen, Lady Hardinge de Penshurst, Sr. Michael Henderson, Sr. William Hood, Sr. Anthony Howard, Sr. Philip Howard, Mr. Conrad Hunte, Mrs. Omar Ibargoyen, Mrs.

M. L. Jacks, Mr. William Jaeger, Mr. William Lang, Miss Mary Lean, Dame Flora MacLeod of MacLeod, Mr. A. E. Oliver, Mr. Colin Oliver, Mr. Frank Owen, o Exmo. John F. Powers, Miss Mary Rutherford, M. Michel Sentis, Sr. Peter D. Strachan, Sr. Arthur Strong, Sra. Carroll Wax, Sr. Peter H. Webb, Sr. J. E. Whitehead, Srta. Joy Wimbush, Sr. Keith Winter, Sr. A. Lawson Wood.

Também gostaria de agradecer às seguintes pessoas pela permissão para usar trechos de discursos, mensagens ou cartas recebidas por ocasião da morte de meu pai:

Sr. F. J. A. Cruso, Sr. Charles Graham, o Rt. Exmo. Quintin Hogg, Q.C., MP, o Rt. Exmo. Keith Holyoake, Orador John W. McCormack, Sua Eminência o Cardeal Tisserant.

Gostaria de agradecer especialmente as seguintes pessoas:

Sir Max Aitken, pelo uso da Biblioteca DailyExpress; aos curadores das Beaverbrook Foundations pela permissão para usar duas cartas do falecido Lord Beaverbrook; *Beaverbrook Newspapers* pela permissão para citar artigos no *DailyExpress*, *SundayExpress* e Evening Standard; Sr. Garth Lean, pela inestimável subedição; o Conselho de Administração, o Grupo de Oxford; Miss Muriel Upton, secretária de meu pai, por muitos meses de trabalho incansável na preparação do manuscrito; meu marido, Patrick Wolrige Gordon, pelo apoio e conselhos constantes; minha mãe, Sra. Peter Howard, pelo uso completo de todas as suas cartas e papéis pessoais, e sem os quais este livro nunca teria sido escrito.

**A. W. G.**

# Capítulo 1

PETER HOWARD veio de uma família que cultivou a terra em *Meldreth, Cambridgeshire* por quase trezentos anos. Eram pessoas sólidas e prósperas. James Howard foi um Guardião da Igreja em 1680 e seu filho, John, em 1710, foi um dos seis eleitores parlamentares da vila. O neto de John, James Howard, possuía uma casa e onze hectares. Ele começou a comprar grande parte da caça naquela parte de *Cambridgeshire*, que enviava em cestas de vime para serem vendidas no mercado de *Leadenhall*. Ele era um diácono da capela independente em *Melbourn* e, em suas viagens de volta de Londres, trazia os alunos de regresso em sua carroça para "pregar com uma visão".

Os filhos de James não saíram exatamente como ele esperava. Seu segundo filho, John, em particular, tornou-se a notável ovelha negra da família. Ele foi enviado para a prisão por dívidas mais de uma vez e, tendo abandonado sua esposa por outra mulher, morreu em 1850 e foi enterrado em uma cova de indigentes. Por meio de seus filhos, Henry e Ebenezer, ele era o avô dos avós de Peter Howard.

Henry emigrou para o Canadá em 1841 e sua esposa, após sua morte, abriu um negócio de abastecimento de navios em Halifax, Nova Escócia. Prosperou e ela voltou para a Inglaterra deixando o negócio nas mãos de seus filhos, Ebenezer e John. Ao chegar à Inglaterra, ela naturalmente entrou em contato com seu cunhado, Ebenezer, que se casou com a filha de um rico proprietário de uma fábrica de Yorkshire e se tornou um próspero proprietário na cidade de Londres. Ele e sua esposa tiveram uma filha, Gracie, por quem seu primo, Ebenezer Howard de Halifax, imediatamente se apaixonou quando veio visitar sua mãe no "velho país". Esses dois se tornaram avós de Peter Howard.

O jovem Ebenezer fez sua primeira visita quando Gracie tinha quinze anos. Sua escolaridade em Halifax foi bastante primitiva, mas ele era um homem culto, profundamente versado na Bíblia e um forte puritano. Ele escreveu um inglês claro e muito bom e foi um excelente orador público. Mas ele também era um sonhador - e preguiçoso. Ele nem se dava ao trabalho de terminar o que estava escrevendo e frequentemente interrompia no meio de uma frase. Gracie escreveu: "Minha mãe disse que Eben Howard veio do Canadá para uma breve visita e acrescentou que ele era o jovem mais bonito que ela já vira. Logo depois do Natal, eu o vi pela primeira vez. Ele entrou em nossa sala no Old Steine, nro. 28 e minha mãe disse: 'Beije seu primo', o que achei desnecessário, pois éramos estranhos um para o outro. Nós dois cavalgamos juntos pelos Downs, e eu o achei um péssimo cavaleiro.

Gracie deixou um relato vívido de seu namoro e vida juntos:

“Em uma ocasião, eu estava visitando um velho advogado amigo de meu pai em *Camden Square*, e Eben foi convidado para jantar. - 'Que tal sair?' Eu disse: - "Impossível. Essas pessoas vão nos achar muito grosseiros". - Não importa isso', disse ele, 'Vamos!'. E lá fomos nós, depois de ter oferecido algumas palavras de explicação ao meu anfitrião e à minha anfitriã.

"Quando voltamos, depois de irmos ao entretenimento - não ao teatro - a sra. Webber deu a Eben uma carta para enviar endereçada à minha mãe. O resultado foi que no dia seguinte recebi um telegrama dizendo 'Volte imediatamente.' "

Os Howard desencorajavam os encontros entre Eben e Gracie, embora fosse impossível evitá-los completamente. Em uma ocasião, Gracie e sua mãe foram tomar chá com uma prima, sem saber que Eben estava em casa. "Eben apareceu e quando nos despedimos disse que nos despediria. Minha mãe declarou que isso era desnecessário e, quando ele estava de costas, ela tirou a chave da sala de estar e trancou Eben lá dentro.

Quando chegamos à plataforma, lá estava Eben. Ele levantou a janela da sala de estar, saltou para a área e foi para a estação antes de nós."

Logo após o aniversário de 21 anos de Gracie, a família mudou-se para uma casa perto de Hastings, porque se pensava que o ar seria bom para seu pai, cuja saúde estava piorando rapidamente. Num sábado à noite, Eben e outro primo apareceram inesperadamente e anunciaram que passariam o fim de semana em um hotel. Eles foram convidados para o almoço de domingo e ficaram para o chá e o jantar.

"Era uma noite perfeita de outubro, 13 de outubro de 1878", lembrou Grade. "Depois do jantar, Eben sussurrou para mim: 'Que tal uma caminhada?' Subimos juntos, falando pouco, até passarmos pela Igreja de São João e chegarmos a um espaço aberto. Suponho que deviam ser oito e meia ou nove horas, pois todas as estrelas estavam apagadas. Ele olhou para mim em silêncio e disse: " Eu me pergunto, querida, algum dia você poderia me amar?' E eu disse: 'Sim, acho que te amo agora.

Então, Eben e Mary Grace ficaram noivos, mas seus pais continuaram a se opor ao casamento. Gracie foi advertida por sua mãe: "Ela me contou histórias terríveis sobre o que resultou dos casamentos de primos de primeiro grau. E em meu coração eu ofereci uma oração para que eu nunca trouxesse tais infortúnios como ela descreveu para a vida de seres inocentes."

Em 17 de abril de 1880, Gracie e Eben se casaram. "Papai estava acostumado, a vida toda, a vestir todos os dias uma camisa limpa e com colarinho rígido preso. E ele se vestiu com muito cuidado nesta ocasião.

"Uma bela carruagem veio à nossa porta e ele e eu entramos sem dizer nada. Minha mãe e primos vieram mais tarde e ficaram atrás de mim durante a cerimônia. Quando começou, algumas memórias antigas voltaram ao meu pobre pai, e como Eben disse as palavras, então ele repetiu depois dele, 'Eu, Ebenezer, tomo-te, Mary Grace, para ser minha esposa.'

"Eu podia sentir meus primos tremendo de tanto rir atrás de mim, mas me senti congelada, tanto na alma quanto no corpo, e não estava muito longe das lágrimas.

"Naquela noite, quando meu pai soube que eu tinha ido para Windsor, ele colocou um bilhete na mão de Matlock (o mordomo) dizendo: 'Traga-a de volta, traga-a de volta.' "

Com esta triste nota, Eben e Gracie começaram sua vida de casados. Seu primeiro filho, Ebenezer, pai de Peter Howard, nasceu um ano depois, em 10 de fevereiro, e mais quatro filhos - Kitty, Arthur, Catherine, que morreu na infância, e Geoffrey o seguiram. Nenhum deles herdou as deformidades previstas pela avó. Eram todos extremamente bonitos, com mais de um metro e oitenta, testas fortes e olhos fundos. Eles tinham memórias notáveis e eram talentosos tanto no esporte quanto no intelecto.

Os três meninos foram enviados para Haileybury e Oxford; a garota para Roedean. Ebenezer detinha o recorde da milha na escola e tanto ele quanto Arthur eram excelentes jogadores de rúgbi. Arthur jogou críquete em Oxford e Sussex. Geoffrey era um escritor e artista talentoso e, mais tarde, tornou-se um Q.C. e Juiz do Supremo Tribunal. Eles eram francos, às vezes ao ponto da crueldade - mas dotados de charme suficiente para permitir que as pessoas o ignorassem. Seus amigos eram muitos, pois tinham inteligência e coragem, e seus pais eram hospitaleiros.

Gracie e Eben não eram tão felizes quanto esperavam. As crianças se sentiam mais próximas de Gracie, que tinha uma leveza de toque e uma alegria a que as crianças reagiam naturalmente. O pai deles era uma figura remota, com o que eles passaram a considerar pontos de vista estritos e vitorianos. Ele também era obstinado. Ele fundou um jornal chamado *Wit and Wisdom*. Seu editor, Alfred Harmsworth, mais tarde Lorde Northcliffe, sugeriu que eles formassem uma parceria, mas ele recusou, dizendo que preferia ter seu próprio jornal. Ele correu até a morte e o Daily Mail ressuscitou gloriosamente. Ele coletou muitos manuscritos famosos de homens como Barrie, mas como ele se recusou a publicá-los, eles foram encontrados sem uso após sua morte. No entanto, suas ações na *London Glove Company*, que ele comprou antes de se casar, renderam muito dinheiro.

Ele entrou na política local e concorreu contra Lorde de la Warr (cujo divórcio ele desaprovava) como prefeito de Bexhill. Ele ganhou a eleição e se tornou o primeiro prefeito do município.

Eben Howard levava sua fé a sério, pregando fortes sermões quase todos os domingos de manhã na igreja. Seus filhos não respondiam. Eles encontravam seu tipo de cristianismo muito restritivo. O mais velho, Ebenezer, veio de Oxford e leu para a Ordem dos Advogados. Pouco antes do exame final, ele se apaixonou por Evangeline Bohm e decidiu que mal podia esperar para se casar. Seus pais, que já haviam pago a taxa de £ 100, ficaram furiosos, mas na tradição familiar Ebenezer não deu atenção. Ele se casou com Evangeline e foi lecionar na escola preparatória de Cornwallis, perto de Oxford. Sua casa ficava em G, Garden Road, Maidenhead. Era uma casinha pobre, pois eles quase não tinham dinheiro e ele estava afastado dos pais por causa do casamento.

Na madrugada de 20 de dezembro de 1908, nasceu um filho para eles. Chamaram-no de Peter Dunsmore Howard.

## Capítulo 2

A CHEGADA DE PETER uniu a família, mas o anúncio de que ele seria chamado de Peter, e não de Ebenezer, criou um sentimento de mal-estar. Mesmo assim, Gracie e sua filha, Kitty, viajaram para *Maidenhead* logo após o Natal para ver o novo bebê. Durante a visita, Kitty demonstrou interesse nas pernas e nos pés do sobrinho e, puxando as cobertas para olhar mais de perto, descobriu para seu horror que a perna esquerda dele era extremamente fina e a parte de trás do pé estava presa à articulação do joelho - toda a panturrilha dobrada em semicírculo.

Gracie insistiu que Peter fosse levado a Londres imediatamente para ver os melhores médicos da época. O custo não seria obstáculo. Evangeline protestou que não havia necessidade disso, que tinha certeza de que tudo ficaria bem com o tempo. Seria difícil entender sua atitude, exceto que ela se culpava totalmente pela deformidade de Peter. Ela nunca havia sido aceita pela família e temia que essa tragédia piorasse as coisas. Também estava em estado de choque. No final, o bom senso prevaleceu e Peter foi levado para Londres. Sua perna foi cortada e endireitada, mas os médicos tinham pouca esperança de cura permanente. Foi o início das visitas quase semanais ao médico, que continuaram durante toda a infância.

Evangeline Howard era uma mulher incrivelmente adorável de ascendência austríaca, com olhos azul-gelo, cabelo ruivo e temperamento impetuoso. Ela era afetuosa e alegre, amava crianças e esbanjava afeto em Peter. Seu marido, Eben, por outro lado, era um disciplinador rígido e excêntrico. Ele tomava banhos frios pela manhã, exercitava-se correndo ou pulando antes do café da manhã - um hábito que manteve até o dia de sua morte - e comia com moderação e à sua maneira. Ele gostava de enormes pedaços de pão integral com queijo e um pacote de tâmaras. Ele não gostava de "confusão e incomodidade" e estava absolutamente determinado a que Peter fosse criado da mesma forma que os outros meninos com quem ele tinha alguma coisa a ver, e se possível de forma mais estrita.

Em 1909, quando Peter tinha pouco mais de um ano, seu pai comprou por £ 100 meia ação na *Crescent House School, Cliftonville, Brighton*. A família mudou-se de Maidenhead e Ebenezer Howard tornou-se diretor. A escola, que consistia em um punhado de meninos, pertencia até então à viúva de um Sr. Thomas, que havia sido diretor por muitos anos. Thomas tinha sido um estudioso, e uma cartilha latina que ele escreveu era uma obra padrão em muitas escolas da época. *Crescent House* já existia desde 1860. Ebenezer Cecil Howard ficou conhecido por seus filhos como E.C.H.

Quando E.C.H. mudou-se para Brighton, a Srta. Irene George foi contratada para cuidar de Peter, bem como para atuar como matrona da escola. Nanny George, como ficou conhecida, tinha apenas vinte

anos. Ela vinha de uma situação familiar trágica em Londres e havia sido treinada como babá infantil em Yorkshire. Era uma babá rígida na tradição vitoriana, mas gostou de Peter imediatamente.

E.C.H. foi um professor excepcional. Ele tinha o dom de transmitir conhecimento aos meninos de uma maneira que eles jamais esqueceriam. A maioria de seus filhos não estava bem de vida, e sua única chance de estudar em uma escola pública era com uma bolsa de estudos. Ele trabalhou incansavelmente para esse fim. Acreditava em cortar meios feriados e fins de semana para fazer um menino passar por um exame, e muitas vezes usava espancamentos como um estímulo extra. Seu humor era de uma variedade estranha. Uma de suas piadas favoritas era perguntar aos meninos novos, no café da manhã do primeiro dia, se eles gostariam de mingau ou "esperar pelo bacon com ovos". A maioria dos recém-chegados decidiu esperar pelo prato principal. Nunca veio porque não havia bacon e ovos. Os meninos novos logo aprenderam a aceitar o mingau imediatamente.

Foi sobre a questão da comida que a babá George teve seu primeiro desentendimento com os Howard. Ela disse a eles que Peter não estava comendo o suficiente e que mais comida deveria ser enviada para o berçário. Frequentemente, havia apenas um centavo de arenque para dividir entre os dois para uma refeição. Seu pedido foi recusado. A partir daquele dia, a babá George gastaria a maior parte de seu salário comprando comida para Peter. Ela o enfiava debaixo das mantas do carrinho e o levava para casa para a cozinheira, Clara, preparar-lhe algo. Ela também gastava seu dinheiro em roupas no tempo frio, pois Peter tinha o mínimo para vestir. Os Howard, é verdade, estavam com muito pouco dinheiro. Mas essas privações eram mais uma questão de princípio do que finanças ou mesquinhez. Eles faziam parte da maneira de Ebenezer criar a Peter.

Desde o primeiro até os sete anos de idade, a babá George massageava a coxa da perna de Peter diariamente com manteiga de coco. Toda semana ela o levava ao médico. Peter receberia um anestésico para que a perna pudesse ser manipulada. Só nessas ocasiões ele demonstrava medo. Se recusava a deitar no sofá a menos que a babá estivesse ao lado dele. Então insistia para que ela colocasse algodão sobre a boca e o nariz antes que ele mesmo pegasse a máscara. A babá George sempre atenderia.

Em sua afeição, a babá era generosa. Ela era uma perfeccionista em casa, mantendo quartos e pertences arrumados e imaculados. Gostava de expedições e passeios de todos os tipos e levava Peter para a praia em Brighton, para Downs e para piqueniques quando o tempo estava bom. Todas as tardes de domingo, a babá George o levava à igreja para o culto infantil. Foi uma visitação regular e forçada, da qual Peter se lembrava:

“Do púlpito, o pregador fazia perguntas que as crianças tinham que responder. 'Quem matou o gigante Golias?' ele perguntaria. Metade das crianças estava com medo de responder àquela figura de sobrepeliz branca que se elevava acima delas. Metade das crianças não sabia a resposta. Eu pertencia a ambas as metades.

"Mas o cotovelo severo e ossudo de Nanny me dava uma cutucada. 'David', a voz sussurrava em meu ouvido. Em seguida, outra cutucada, 'Vá em frente, diga David.' E obedientemente eu engoliria em seco e murmuraria 'David' de nosso banco. 'Muito bom, muito bom', o pregador comentaria das alturas acima e um sorriso como o nascer do sol surgiria sobre a sobrepeliz, enquanto a Babá olharia orgulhosamente em volta, tomando para si mesma a admiração de seu cargo. Rapidamente perdi meu senso de medo ao responder ao pregador. Assim que o pregador fazia suas perguntas, eu ouvia ansiosamente a resposta rápida para que ninguém me batesse. Eu estava com tanta pressa para responder que um dia gritei 'Abraham', quando a resposta deveria ter sido 'Ahab'."

A babá George era um esporte. Ela também era escrupulosamente justa. Franca em suas críticas aos próprios pais de Howard quando sentiu que o tratamento deles para com Peter era injusto, ela nunca permitiria que uma palavra de comentário passasse aos ouvidos de Peter. Também não permitiria a Peter qualquer liberdade de crítica.

"Naquela creche em Brighton, eles trouxeram um pequeno prato com manteiga em forma de bolas", escreveu Peter. "Vi uma empregada entrar e enfiar um na boca. Achei uma coisa extraordinária. Depois que a empregada saiu, a babá entrou. Eu disse: 'Você sabe o que a empregada fez?' Eu contei à babá. Ela disse: 'Se você contar uma história, sua língua será cortada, e todos os cães de Brighton terão um pouco... ' "

Um menino, William Hood<sup>1</sup>, veio para Crescent House como interno em 1911. "Quando a porta da frente foi aberta pela cozinheira, Clara, na minha chegada, um grande pedaço de minha panturrilha foi arrancado de mim por um fox terrier chamado 'Trimmer', e o ferimento teve de ser tratado de imediato com a aplicação dolorosa de uma vara cáustica. Ebenezer Howard comentou, de forma pouco compreensiva, que o cachorro só mordida comerciantes.

"Peter Howard tinha apenas cerca de dois anos de idade, era uma criança bonita, muito parecida com a mãe, com um pé virado para dentro e uma perna atrofiada na qual ele estava inclinado a tropeçar enquanto corria loucamente pelo lugar. Ele também tinha o temperamento precipitado de sua mãe.

---

<sup>1</sup> A partir de 1946 Mestre do Tribunal Supremo (Repartição de Finanças).

"Devo minha bolsa de estudos para Haileybury inteiramente a Ebenezer Howard, embora isso signifique sem meias férias por pelo menos dois anos."

Quando a guerra estourou em 1914, o muito amado tio de Peter Howard, Arthur, juntou-se a eles: "Tio Arthur era magro e forte. Ele tinha olhos azuis e era loiro, ao contrário dos outros Howard de sobranceiras negras e pele dura. Era como um herói, tão alegre e tão galante! Ele era um jogador de futebol magnífico e as multidões rugiam quando ele avançava com a bola.

" Certa vez, ele me colocou nas costas e correu comigo pela rua, de modo que senti o ar passar e uma sensação de perigo e, ao mesmo tempo, de fuga do mundo, como se eu estivesse sendo carregado para a frente no ninho de corvo de um navio de mastro alto e ágil por mares agitados. Foi um alívio e um pesar quando o tio Arthur me colocou no chão. Eu disse: "De novo, tio, de novo", e então engoli com apreensão quando ele me segurou e me içou para cima."

Tio Arthur partiu para a França para lutar contra os alemães. A família deu a ele um escudo corporal patenteado. Este era um colete de aço, à prova de balas e estilhaços de granadas. Cobria um homem do pescoço até a base das costas. Arthur Howard fez piadas sobre isso antes de se despedir. Para o jovem Pedro, ele era um conquistador indestrutível:

"Lembro-me dos trens cheios de tropas partindo e dos trens cheios de feridos chegando ao anoitecer. Os aplausos febris e as gargalhadas frenéticas. As canções 'É um longo caminho para Tipperary', 'Pack Up your Troubles', 'Keep The Home Fires Burning' — a potência de tal música era de rasgar o coração. Estas foram as últimas palavras que tantas mães, esposas, filhas ouviram seus homens cantarem enquanto os trens, lentamente, mas com velocidade crescente, desapareciam para o sul na escuridão.

" O silêncio repentino depois que os trens de tropa partiram - todas as conversas cessaram, não havia necessidade de fingir estar alegre para mandar os meninos embora com a lembrança de um sorriso -, os grupos de mulheres, em silêncio por um momento ou dois, olhando para as luzes vermelhas dos trens, depois se virando e, em silêncio, rapidamente, de cabeça baixa, escapando pelas barreiras em direção às suas casas vazias."

Assim, Peter, uma criança de seis anos, se lembrava de ter se despedido de seu tio Arthur. Mas a guerra o marcaria ainda mais diretamente: "Tio Arthur e um sargento estavam em uma noite de patrulha na Terra de Ninguém. Alguém das linhas alemãs disparou um *Very light*. O tio Arthur e o sargento ficaram imóveis no chão. Um projétil explodiu nas proximidades. Em seguida, o sargento disse: 'Está tudo bem, senhor, já podemos nos levantar'.

"Tio Arthur respondeu: 'Estou tentando me levantar, sargento, mas parece que não consigo'. Eles o levaram para um hospital de emergência em um carrinho de mão. Um pedaço de estilhaço havia cortado sua coluna vertebral. O estilhaço tinha o tamanho de meio torrão de açúcar. Havia penetrado em sua coluna vertebral até a metade, exatamente no ponto em que a cobertura do escudo corporal teria sido mais adequada.

"Mas o tio Arthur era generoso, além de alegre. Naquela noite, durante a patrulha, foi a vez de o sargento usar o protetor corporal."

Nunca mais, por sua própria vontade, Arthur Howard moveu a metade inferior de seu corpo. O menino Peter observou um homem vivo se desintegrar ano após ano, semana após semana, dia após dia, durante sete longos anos:

"A parte inferior do corpo do tio Arthur encolheu até a proporção de uma múmia. Aquelas pernas valentes que haviam chutado, corrido e saltado para o clamor de multidões aplaudindo. Ele morreu. A maioria das famílias do mundo tem a selvageria e a tristeza da guerra concentradas em alguma tragédia pessoal. Isso me fez não gostar da guerra. Percebi sua futilidade. Eu acreditava que o tio Arthur havia lutado na guerra para acabar com as guerras e que, portanto, a guerra não poderia ser para mim."

\* \* \*

Em 1916, quando Peter tinha sete anos de idade, seu pai decidiu que ele deveria entrar para a classe mais baixa da Crescent House. Para provar que não havia favoritismo, E.C.H. decidiu que, sempre que um menino fosse punido, Peter também o seria. Isso significava que Peter era punido regularmente tanto por coisas que não fazia quanto por muitas que fazia:

"Tínhamos uma coisa chamada lista de greves e, se você recebesse greves, sentava-se à mesa sem falar e, se houvesse alguma comida especial, você não a recebia. Eu fazia parte dessas listas de greve. A babá era incrível. Ela nunca me disse uma palavra sobre minha mãe ou meu pai que eles não teriam gostado de ouvir. Mas ela costumava travar batalhas furiosas pelo que ela achava que era justiça para 'rat' Howard."

Peter era um aluno brilhante e cheio de energia. Ele aprendia rápido. A babá lia para Peter durante horas - histórias de aventuras, contos de fadas e contos de animais e da vida selvagem. Ao contrário de outros adultos, que eram muito propensos a tratar Peter de forma diferente das outras crianças por causa de sua perna, a babá insistia para que ele aprendesse a fazer as coisas por si mesmo. Ela o ensinou a arrumar a cama, limpar o quarto, lavar as roupas e arrumá-las. Ele aprendeu a se vestir sozinho com um

ferro na perna e a nunca ser um "bebê chorão" quando a perna doía. Com o rosto vermelho, o cabelo quente e desgrenhado, ele entrava em uma sala com tinta no rosto e nas mãos, geralmente para fazer alguma brincadeira. Sua perna era algo notada pelos outros, mas nunca por ele mesmo. Isso talvez se devesse ao fato de que nem seu pai nem a babá George permitiam que ela interferisse em sua vida, exceto pelo fato de que ele tinha de ir para a cama dez minutos mais cedo do que os outros meninos para que sua perna fosse massageada.

Um dos novos garotos que se juntaram a Peter na *Crescent House* foi Geoffrey Coxon<sup>2</sup> :

"Fui entregue dois dias antes do início oficial do período letivo. Passei esses dois dias na companhia do filho do diretor, Peter Howard, e da Srta. George, que atuava como matrona da escola. Peter estava vestido com um casaco curto e boné combinando, e as minhas primeiras impressões foram dos seus grandes olhos castanhos expressivos, da sua vitalidade e da perna tristemente magra com que nasceu, a meia desta perna sempre descia, e embora a arrastasse quando cansado, nunca a largava. isso interferia em sua intensa atividade. Naqueles dois dias, saíamos para caminhadas, uma vez na frente de Brighton em um vendaval e com um mar agitado. A ideia de diversão do Peter era correr para o quebra-mar perto do Palace Pier e depois recuar em alta velocidade enquanto o mar passava por cima de nós.

"O diretor, Ebenezer Cecil Howard, era um personagem. Enorme e moreno, ele parecia uma torre sobre nós. Sempre vestido com um casaco esporte e bolsas de flanela de alguma antiguidade. Ele deve ter trabalhado muito duro para nos ensinar, e o registro de bolsas de estudo e entrada na Marinha foi uma homenagem a isso. Acho que ele foi mais duro com Peter do que qualquer um de nós, só porque ele queria que não houvesse favoritismo. Eu, felizmente, me dei bem com ele e tenho lembranças afetuosas desse professor excêntrico, mas brilhante. Sua esposa, a mãe de Peter, Evangeline Howard, chamada de 'Madame' por nós, meninos, era muito bonita. Embora E.C.H. fosse duro com Peter, ele sempre foi filho de sua mãe.

"Peter deve ter sido muito inteligente, pois estava trabalhando com os dois anos mais velhos antes de eu partir no final de 1920. Ele era um rapaz barulhento, sempre correndo, todo transpirado e sujo. Ele foi apelidado de maneira indelicada de 'Beterraba' ou mais rudemente 'Dunsmuck'. Este último um trocadilho com seu segundo nome cristão de Dunsmore.

"Lembro-me de uma bondade e generosidade inerentes a ele. Às vezes, quando sua mãe me dava uma bronca com palavras duras, ele vinha e dizia: 'Ela realmente não quis dizer isso.' Ele gostava de fazer presentes e lembro que me deu um álbum de cartões postais.

---

<sup>2</sup> Mais tarde tornou-se gerente de banco.

"Finalmente, a característica marcante era sua coragem. Aquela perna fina teria retido um personagem mais tímido, mas nunca Peter. Ele estava sempre no meio de uma luta ou de uma partida de futebol. Costumávamos fazer um pouco de boxe e para a minha surpresa, pois eu odiava lutar, provei ser bastante bom nisso. Eu estava acostumado a esperar um ataque e depois contra-atacar com uma direita bem forte que ganhou algum respeito. Peter deve ter estudado isso e feito um plano para me desfazer. Ele esperou até que eu acertasse minha direita forte, me esquivei e, antes que pudesse recuperar minha guarda, plantou sua própria direita bem no meu queixo! Foi um grande golpe e anos depois eu deveria ter sido eliminado. Felizmente para Peter, seu pai entrou bem a tempo de vê-lo e, pela primeira vez, elogiou seu filho com suas palavras: - "Essa foi boa".

E.C.H. tinha um sistema chamado "N.T.N.T.", que significava "Sem tradução não há chá". Os meninos tinham de fazer sua tradução, de forma perfeita e organizada, ou não tomariam chá. Eles, famintos observavam os outros tomando chá e sabiam que, a menos que a tradução fosse concluída, era "N.T.N.T.". A última pessoa a descer para o chá, depois que a tradução final estava perfeitamente feita, era E.C.H.

No primeiro ano de Peter na *Crescent House*, ele caiu no campo de rúgbi e torceu a perna fina. O médico que examinou a entorse disse a Peter: "Bem, o críquete é um jogo melhor para você. Não jogue rúgbi. Fique com o críquete, seja um bom menino".

"Foi nesse momento que o desejo de ser jogador de rúgbi ganhou vida dentro de mim", escreveu Peter mais tarde. "Como meu pai e meu tio Arthur tinham sido jogadores de rúgbi, o rúgbi era o jogo ideal para mim." Portanto, Peter não deu importância ao conselho do médico. Seu pai não pareceu se opor.

Mas a vida não era só esporte ou trabalho. Entre os divertimentos de Peter em *Crescent House* estava a coleta de ovos de pássaros. Muitos dos meninos faziam isso, e um deles possuía um pequeno ovo com pintas que Peter cobiçava muito. Peter roubou o ovo e o colocou em sua escrivaninha. O dono relatou a perda à E.C.H. e o diretor ordenou que todas as escrivaninhas fossem revistadas. O ovo foi encontrado na escrivaninha de Peter. A E.C.H. ordenou que Peter devolvesse o ovo na frente da classe. Mas isso não era tudo. Peter tinha um canivete. Era seu bem mais precioso: "Ele tinha uma coisa para tirar rolhas, uma coisa para tirar pedras dos cascos dos cavalos e três lâminas diferentes para cortar." "Você roubou aquele ovo. Agora dê a ele a sua faca", disse E.C.H. "Dar a esse garoto a minha faca - foi como se algo tivesse sido arrancado de minhas entranhas", disse Peter. Mas ele a entregou. Ele aprendeu o castigo do roubo.

E.C.H. odiava os laços de dependência humana. Ele queria que seus filhos saíssem da *Crescent House* capazes de se sustentar por conta própria. Embora não deixasse de ter um coração atencioso, nunca permitiu que isso o dominasse. Em um dia quente de verão, Peter estava brincando na grama comprida na

borda do campo de críquete. Ele colocou a mão na grama e estava prestes a se sentar. "Levantei-me e havia um grande corte em minha mão. Meu pai estava lá e, com a mão sangrando, corri até ele e lhe mostrei o corte. Meu pai olhou para a ferida e a fechou com seu lenço. Em seguida, olhou para mim e disse: 'Agora, você sabe onde o médico mora?'

" 'Sim', eu disse.

" 'Você tem de ir até lá. Talvez ele tenha de dar alguns pontos e, se isso acontecer, vai doer, mas vai passar em um minuto. Quero que você seja corajoso. Agora você vai embora.

"Saí com minha mão cortada pensando: 'Meu Deus, ele me deixou ir sozinho'. "

Uma das bênçãos da *Crescent House* eram as longas férias de verão. Os Howard geralmente as passavam perto de Harlech, no norte do País de Gales, pescando, caminhando e jogando golfe. E.C.H. saía cedo com sua vara e caminhava por quilômetros nas colinas. Às vezes, levava Peter com ele e o ensinava a pescar truta marrom nos lagos profundos. Eram dias em que se falava muito pouco, e Peter aprendeu a gostar do som da água correndo e do barulho da turfa sob seus pés. Na hora do chá, eles se encontravam com Evangeline e a babá George em um local previamente combinado. Eles preparavam o chá e tinham comida quente pronta. Ah, a fome e o prazer daquela refeição! A empolgação de discutir as aventuras do dia, o número de peixes pescados, o número de peixes que escaparam. Foi em um desses feriados que a babá George aprendeu a andar de bicicleta. Ela montou e cambaleou precariamente para fora da vista, descendo a colina, perseguida calorosamente por Peter, que gritava: "Volte, volte, babá, ou você irá embora para sempre". Mas a babá voltou. Ela levava Peter para a praia de Harlech e eles tomavam banho naquelas gloriosas areias amarelas, construíam castelos e fossos intermináveis, cozinhavam camarões para o chá e corriam quilômetros na brisa do mar.

Desde muito cedo, E.C.H. levou Peter para jogar golfe. Peter era uma criança de oito anos e E.C.H. era um bom jogador de golfe. Mas não permitia que isso prejudicasse seus jogos juntos. Eles partiam de manhã de trem pela costa e jogavam duas rodadas (trinta e seis buracos) no Royal St. David's Golf Club. E.C.H. não podia pagar um *caddy*, então levavam seus próprios tacos. Depois, caminhavam os dois quilômetros e meio para casa. Entre os dois primeiros postes telegráficos, eles caminhavam e, entre os dois seguintes, trotavam, até chegarem em casa. Para Peter, essas foram as melhores férias do mundo. "Eu adorei. Isso criou em mim um sentimento de camaradagem, de suor e de trabalho. Eu não dava valor a isso. Meu pai estava chegando aos cinquenta anos. Acho que, depois de duas partidas de golfe, ele não gostou muito de correr dois quilômetros e meio para voltar para casa com um garoto."

Em 1918, quando Peter tinha dez anos de idade, nasceu seu único irmão, John. Eles tinham idades tão distantes que era quase como se pertencessem a gerações diferentes. A chegada de John foi seguida pela partida da babá George. Talvez Evangeline Howard tenha achado que a babá havia se tornado próxima demais de Peter. Quaisquer que fossem os motivos, sua partida permaneceu um mistério, o que causou grande tristeza ao jovem Peter, justamente quando o novo bebê estava se tornando o foco de todas as atenções. John era um menino de cabelos claros, com olhos azuis, diferente de Peter em quase todos os aspectos. Para Evangeline, foi uma grande felicidade ter um filho sem nenhuma deformidade física, algo que ela temia que nunca pudesse acontecer.

No verão de 1921, Peter ganhou uma bolsa de estudos para a Mill Hill School. Ele tinha treze anos de idade. No final de julho, deixou a *Crescent House School* e abandonou sua infância.

## *Capítulo 3*

### OS POMBOS DE ST. PAUL'S

Já não há rouxinóis em Londres,  
nem cotovias ou tentilhões, nem carriças de crista,  
nem toutinegras de jardim que esvoaçam junto aos muros;  
ainda assim, permanecem os pombos de St. Paul.

Como Hermes, eles passam velozmente pelo ar,  
Seus pescoços cinzentos e lisos se abaixam, como se estivessem rezando.  
Pessoas gentis, com pão amassado, chamam com seus gritos  
Os claros e amigáveis pombos de St. Paul.

Os mais amados de todos os animais e pássaros de Londres.  
Sua beleza vai além de qualquer palavra  
Até que a majestade de Londres caia  
Ainda serão amados os pombos de St. Paul.

*P. D. Howard*  
*Mill Hill, verão de 1924*

O Colégio Mill Hill está situado, como seu nome indica, no topo de uma colina. É cercado por campos de jogos verdes e árvores, sob as quais é possível sentar-se em uma noite clara de verão e ver a grande cidade de Londres, coberta de fumaça, estendendo-se até onde a vista alcança. Ela tem uma tradição não-conformista. Os edifícios são vitorianos, separados uns dos outros, mas unidos por aquela estranha unidade que envolve uma escola pública inglesa. Os corredores e saguões parecem ecoar ao som das vozes e dos pés dos meninos. No centro de tudo isso estão os campos de jogos - tão verdes e ricos no verão e tão lamacentos e ásperos após os invernos de rúgbi e hóquei.

Foi em 22 de setembro de 1922 que Peter Howard chegou ao Colégio Mill Hill pela primeira vez. Ao contrário de outros meninos, ele não foi acompanhado por seus pais. E.C.H. achou que seria melhor para ele ir sozinho. Peter se despediu de seus pais na casa de Gracie e Eben, em Inverness Terrace. Como

todos os meninos que chegam pela primeira vez a uma escola pública, ele estava apreensivo e nervoso. Na Estação *Golders Green*, ele passou pelo memorial de guerra, "Coragem: Justiça: Lealdade: Honra". Durante muitos anos, ele passaria por esse memorial a caminho da escola.

A casa de Peter era em Priestley. Sua turma era a Upper Fifth. Estudante de treze anos, ele se viu trabalhando com meninos de quinze anos de idade. Seu Diretor da residência disse: "Ele foi colocado em uma posição tão alta por causa de seus clássicos. Ele tinha latim e grego de primeira linha. Isso foi feito deliberadamente porque queríamos incentivar as principais matérias de Peter, sabendo que ele alcançaria o resto".

Para Peter, esse era um fardo difícil de carregar. Os garotos de sua idade o achavam um chato. Os meninos de sua turma o consideravam um intruso. Eles notaram sua perna de ferro e zombaram dela: "Nós costumávamos tomar banho na piscina da escola. Os outros meninos me faziam perguntas sobre minha perna fina, e logo passei a achar que era uma vergonha e uma sujeira tê-la".

Nos piores momentos, Peter visitava "Buster Brown", um dos mestres de Mill Hill, para tomar chá e comer bolinhos: "Aqueles chás salvaram minha vida", ele costumava dizer depois. Ele tinha poucos amigos e se sentia solitário e infeliz. Voltou sua atenção para o campo de rúgbi. E.C.H. tinha dúvidas sobre a sensatez de permitir que Peter participasse de jogos no ambiente mais difícil de uma escola pública. Assim que possível, Peter procurou o médico da escola, o Dr. Edwin Morley, e, como era um persuasor nato, conseguiu que ele concordasse que, se seus pais dissessem "sim", ele poderia largar o ferro das pernas e jogar. Não sabemos se E.C.H. concordou ou não, mas, de qualquer forma, Peter se livrou da perna de ferro e começou a jogar. Ele desenvolveu um galope rápido no campo, o que compensou em velocidade o que ele perdeu com a claudicação.

O diretor, Sr. M. L. Jacks, lembrou-se de Peter em seu primeiro ano na escola: "Ele era o menino mais sujo e desarrumado que eu já conheci, e um dos mais ativos e irreprimíveis. Essa atividade e a irreprimibilidade continuaram à medida que ele crescia. Sempre havia em suas ações um toque do velho ditado: 'Vá e veja o que Billy está fazendo e diga a ele para não fazer'."

Em 1923, aos quatorze anos de idade, Peter passou no Certificado Escolar e foi transferido para o Sexto Ano Clássico. Ali ele ficaria até sair de Mill Hill. Entre seus poucos amigos estava um garoto de sua idade chamado Tony Carter: "Peter era bastante impopular no início de sua vida escolar, mas não parecia se importar com a opinião dos outros. E foi isso que me atraiu nele pela primeira vez".

Tony Carter<sup>3</sup> e Peter estavam na mesma casa. Mas, em 1924, uma nova casa, Winterstoke, foi construída e voluntários das casas já estabelecidas foram convidados a iniciá-la. A maioria dos rapazes estava se sentindo bem onde estava e não tinha intenção de se mudar. Peter, não. Ele entrou para Winterstoke. Seu novo Housemaster foi o Sr. J. E. Whitehead. Era para o Sr. Whitehead que Peter levava as cartas ocasionais que recebia de casa: "O pai de Peter o tratava como se fosse outro aluno. Sempre que escrevia para ele na escola, nunca começava a carta com 'Querido Peter', mas começava logo com alguma crítica à sua última redação ou tradução em latim, e terminava a carta com suas iniciais, 'E.C.H.' Peter nunca se incomodou com isso. Ele trazia a carta para mim e pedia a ajuda necessária para seu trabalho. Foi o fato de Peter aceitar a correção sem raiva que o tornou incomum".

Mas Peter podia ser enlouquecedor, como descobriu seu mestre de clássicos, o Sr. Whitehorn: "Eu estava dando uma aula sobre história grega. Eu podia ver Peter olhando pela janela, com a mente a quilômetros de distância. Então, no final de algum argumento que eu havia apresentado, ele dizia de repente: 'Não concordo de jeito nenhum' e passava a argumentar o oposto do que eu havia dito".

De repente, Peter começou a se destacar na escola. Ele começou a fazer amigos e a se divertir. Sua imaginação estava à solta. Ele inventava métodos para "pegar" mestres desavisados à espreita, gastando o precioso dinheiro da mesada para espalhar açúcar nos corredores do lado de fora das salas de aula. Os passos crocantes podiam ser ouvidos a uma grande distância. Ele planejava por longas horas como ajudar Winterstoke a vencer algum evento esportivo.

No cabo de guerra, no qual Winterstoke não era forte, eles foram sorteados contra a equipe principal. Peter deu ordens para que, na primeira puxada, a equipe de Winterstoke deixasse a corda totalmente frouxa. Quando o apito soou, a equipe adversária, pega de surpresa, caiu de costas e foi puxada indefesa para o outro lado da linha. Na segunda puxada, a equipe adversária foi sensata. Eles estavam preparados para que a mesma coisa acontecesse novamente e não puxaram com muita força. Peter deu ordens para que Winterstoke puxasse com toda a força quando o apito soou. Os adversários voaram para o outro lado da linha, dessa vez de barriga para baixo.

Os pais de Peter raramente iam visitá-lo em Mill Hill. Quando vinham, E.C.H. não se importava com sua aparência. Se Peter estava "desalinhado", E.C.H. estava deplorável. Ele chegava com roupas velhas e demonstrava muito mais interesse nos jornais clássicos e na biblioteca do que em seu filho. Peter muitas vezes perdia completamente o rastro dele. Em um dia de fundação, Peter finalmente abordou a Sra.

---

<sup>3</sup> Mais tarde, entrou para a empresa de couro da família, John Carter & Sons, Bishopsgate

Whitehorn e disse: "A senhora viu meu pai perambulando por aí com um mackintosh horrível demais para ser visto? Precisamos encontrá-lo e tirar isso dele".

Em 1926, E.C.H. deixou a *Crescent House* e foi lecionar por um ano na Universidade Worksop. Em abril de 1926, Peter foi com ele para as férias em sua nova motocicleta. No caminho, derrapou e colidiu com um caminhão. Ele se viu machucado e sangrando em uma vala, mas garantiu ao motorista do caminhão que não havia nada de errado. Conseguiu pegar emprestada uma bicicleta a pedal e pedalou doze milhas até o Hospital Worksop, mas ao chegar descobriu que sua perna fina estava quebrada em dois lugares. Ele foi direto para a sala de cirurgia. Ao se recuperar da anestesia, ouviu o médico dizer: "Terei de cortar esta perna." Para Peter, foi um momento de horror frio. Ele implorou ao médico que não fizesse nada até que seus pais fossem atendidos. Finalmente, os médicos concordaram que, se Peter permanecesse no hospital por quatro meses, eles poderiam salvar a perna: "Passei esses quatro meses com a perna apoiada no parapeito da janela, mas não me importei porque minha perna ainda estava lá".

Peter perdeu todo aquele período de verão em Mill Hill. Era o período em que ele deveria ter feito um exame realizado anualmente no colégio, usando provas antigas de bolsas de estudo, dando aos meninos a chance de praticar para o exame de bolsas de estudo de Oxford um ano depois. E.C.H., que não encontrou no hospital nenhuma desculpa para a preguiça, consultou o programa de estudos e enviou a Peter os livros que ele deveria ler para o exame em julho. Duas semanas antes do dia do exame, Peter recebeu uma carta de um amigo da escola, na qual ele deduziu que poderia estar lendo os livros errados. Ele escreveu para a Mill Hill e descobriu que, de fato, era isso mesmo. Os livros corretos chegaram e ele tinha pouco mais de uma semana para lê-los: "Acho que devo ter lido dia e noite durante toda aquela semana", disse ele depois. Afinal, foi aprovado no exame.

Em setembro de 1926, Peter voltou para a escola e foi direto para a segunda equipe de rúgbi XV. Em 20 de dezembro, ele completou dezessete anos e 1927 estava chegando. Era um ano com grandes perspectivas para ele. Em setembro de 1927, Peter voltou à escola e se tornou House Monitor. Antes do final do ano letivo, ele estava no time de rúgbi First XV, abrindo o taco para o time de críquete, sendo membro do time de boxe Eight, do time de atletismo, vice-presidente da Sociedade de Debates e vencedor de uma Exposição Aberta para a Universidade Wadham em Oxford.

Peter passou muitas férias com Tony Carter: "Costumávamos ir a Hertford todos os domingos para jogar críquete e sempre trazíamos uma placa de sinalização para casa. Pelo menos Peter trazia. Ele era o único forte o suficiente para arrancar as coisas do chão. Tínhamos uma grande coleção delas em Alton

House (a casa da família Carter), todas apontando o caminho incorreto para vilarejos remotos em Hertfordshire."

Em Winterstoke, Peter era responsável pelo grande dormitório de vinte e uma camas. Seu Diretor da Residência disse: "Ele se destacava pela maneira como mantinha todos os meninos quietos". Uma noite, no entanto, houve um problema com Tony Carter em uma casa vizinha, e Peter pulou da janela para proteger o amigo. Ele teve sorte que vinte e um garotos não o seguiram. No final do ano, foi nomeado diretor da Winterstoke House.

No rúgbi, Peter jogava na primeira fila do scrum. Ele tinha um metro e oitenta e cinco centímetros e era forte e de ombros largos. Destacava-se nos *line-outs*, onde parecia se elevar acima dos outros. Ele teve a sorte de jogar rúgbi em Mill Hill quando o esporte estava no auge - naquela época, Mill Hill produzia vários jogadores internacionais da Inglaterra, incluindo Sobey e Spong. O sucesso de Peter no campo de rúgbi não satisfaz seu próprio senso de ambição: "Só consegui entrar no time de futebol XV da escola no meu último ano lá. Não fiquei nem um pouco satisfeito com isso. Eu queria ser o melhor jogador da escola. Mas havia pelo menos nove outros que jogavam melhor do que eu".

O período de verão chegou quase cedo demais. Ele trouxe consigo longos dias de críquete. No último jogo em casa entre Winterstoke e Priestley, Peter e Tony Carter foram escalados um contra o outro. No primeiro turno, Carter jogou com Howard e, no segundo turno, Howard jogou com Carter, de modo que tudo ficou empatado: "Winterstoke começou de forma desastrosa, com Beven sendo expulso por um mal-entendido depois de marcar um gol. Howard e Aish<sup>4</sup> obviamente não se sentiram à vontade com o arremesso de A. R. N. Carter em um wicket afetado pela chuva. Aish foi derrotado por Carter pela segunda vez na partida, com dez pontos a seu favor. Howard e Das<sup>5</sup> conseguiram as corridas necessárias. Se Howard não tivesse sido perdido no início de seu turno devido a um infeliz mal-entendido, o resultado do jogo poderia facilmente ter sido alterado. Do jeito que foi, ele ficou invicto por trinta e oito pontos, e Winterstoke venceu por oito wickets."

Peter e Tony Carter faziam parte do time de críquete da First XI e, portanto, compartilharam as alegrias de seu último período. Carter era um excelente lançador de spin e Howard um batedor.

Relatório do Cricket -1928, P. D. Howard:

---

<sup>4</sup> Morto em ação na Segunda Guerra Mundial.

<sup>5</sup> Mais tarde, controlador de suprimentos em Bombaim.

"Um batedor muito forte, que marcava corridas rapidamente e que sabia como se sentar na emenda quando era necessário. Um corredor muito bom entre os wickets. Um excelente jogador de campo na maioria das posições, de preferência no meio do campo. Um secretário capaz e eficiente".

O Sr. Whitehom se lembra dele como "um jogador de cricket excepcionalmente bom, que corria tão rápido entre os wickets que era embaraçoso se você estivesse com ele, porque passava três passos antes de você decolar".

O período de verão chegou gloriosamente ao fim, trazendo consigo as inúmeras recompensas e prêmios que todo final de ano traz. Para Peter, a lista era longa. Ele foi campeão sênior de atletismo. Também se interessou muito pela revista da escola, que editava, pelo Círculo de Música e pelo Comitê do Scriptorium. Ao sair, ganhou o "In Memoriam", prêmio máximo da escola.

O sucesso veio facilmente para Peter Howard, ou assim parecia. Seus amigos viram pouco da luta que levou um estudante de treze anos com pouco crédito a um jovem de dezoito anos com o mundo a seus pés.

"Para respaldar esse sucesso", disse seu diretor, "ele tinha uma enorme capacidade de aproveitar a vida, uma mente fértil e viva e uma boa inteligência. Era de fato uma figura que desafiava a atenção e gostava e cortejava o desafio. Não era de se esperar que uma pessoa com um impulso tão forte para triunfar sobre uma deficiência física que poderia muito bem ter mantido um individualista menor permanentemente à sombra da linha de fundo, não entrasse, às vezes, em contato áspero com outros meninos e com a autoridade em geral. Ou não deveria, de fato, ter sido até certo ponto egocêntrico; ele foi. Talvez sua maior conquista tenha sido o fato de ter aprendido a subjugar essas fortes qualidades a serviço do bem-estar espiritual da humanidade."

## Capítulo 4

**P**ETER HOWARD foi para Oxford em outubro de 1928. Ele teve sua exposição na Universidade Wadham. O Sr. Jacks, seu ex-diretor, o ajudou a conseguir uma pequena bolsa do governo com o entendimento de que ele se tornaria professor depois de obter o diploma. Howard não tinha nenhuma intenção séria de se tornar professor, mas precisava do dinheiro. Seus pais não tinham condições de pagar por uma educação em Oxford, tampouco de lhe fornecer o dinheiro adequado para o bolso. Para Howard, a bolsa tornou Oxford possível e, acima de tudo, agradável.

Como muitos outros alunos de escolas públicas, Howard achou a liberdade da universidade estimulante. Ele adorava Oxford - suas faculdades e passeios; o Isis nos dias preguiçosos de verão; as festas que iam até o café da manhã; os olheiros da faculdade com seus olhos observadores e humor seco; e as noites de inverno passadas discutindo em salas cheias de fumaça por horas a fio sobre pouco ou nada. Em 1928, entre as duas Grandes Guerras, Oxford parecia o lugar ideal para se estar. Estava repleta de alunos de graduação que queriam esquecer 1918 ou sonhavam que 1939 nunca chegaria.

Talvez a melhor imagem de Howard em Oxford seja dada por seu amigo Keith Winter, o romancista e dramaturgo:

"O que eu me lembro de Peter?"

"Rapidamente, sem refletir, que ele foi uma experiência, um acontecimento vívido, cativante e inesquecível. Eu era um ano mais velho do que ele em Oxford (embora ninguém se sentisse "mais velho" do que Peter por muito tempo!), mas nos conhecemos no seu último período em Mill Hill, quando acompanhei um amigo da faculdade em uma visita vespertina à sua antiga escola.

"Em um escritório que parecia pequeno demais para sua estrutura grande e atlética, fui apresentado a um jovem moreno e bonito, cujo humor vulgar e conversa extraordinária estavam muito longe de qualquer coisa que eu tivesse encontrado em uma escola pública inglesa - ou em qualquer outro lugar, aliás.

"O que você achou dele?", perguntou meu amigo enquanto voltávamos de carro para Oxford.

"Louco", respondi prontamente. Mas, depois de refletir um pouco, acrescentei: "Mas no bom sentido".

"No mês de outubro seguinte, ele veio para Oxford e nos tornamos imediatamente, e de forma um tanto improvável - em um nível superficial, tínhamos tanto em comum quanto Otelo e Iago - grandes amigos.

"O relacionamento não era nem aconchegante nem tranquilo. Enfrentar sua personalidade de rolo compressor era quase um trabalho de tempo integral, mas valia a pena, decidi a contragosto.

"Frequentemente enlouquecedor, intermitentemente não confiável (ele não tinha noção de tempo e, para ele, um compromisso era menos um fato do que uma possibilidade caprichosa), às vezes socialmente ultrajante, para as pessoas que o aborreciam frequentemente muito rude, ele nunca foi, em nenhuma circunstância, monótono.

"Finanças, ou melhor, a falta delas, era uma de nossas pré-ocupações mais constantes. Certa vez, depois de nos deliciarmos com uma bela refeição no terraço do Trout Inn, em Godstow, tirei um xelim do bolso e fiquei olhando para ele sombriamente. "Meu último", anunciei, "literalmente meu último".

"Peter pegou a moeda da minha mão e a jogou no rio. Minha expressão atônita claramente o encantou. "Agora", disse ele, rindo muito, "você não precisa se preocupar com nada". Devo dizer aqui que, independentemente das condições de suas finanças, ele sempre foi extremamente generoso. Em dinheiro, em espécie ou em espírito, ele doava sem pensar.

"Sem pensar, também, ele às vezes magoava e ofendia as pessoas. Parar para pensar não era um hábito de nossa geração. Mesmo assim, não havia malícia em Peter, nem qualquer tipo de maldade.

"A gama de seus conhecidos em Oxford era ampla, mas ele não pertencia a nenhum grupo ou camarilha em particular. Ele era um atleta nato e um brilhante jogador de rúgbi, mas era possível passar dias em sua companhia sem perceber que ele sabia distinguir uma ponta de bola da outra.

"Era um estudioso dos clássicos, mas nunca se ouvia falar disso; um poeta, mas era necessário um trabalho pesado de detetive para descobrir o fato. Isso era menos falsa modéstia do que um senso de proporção desenvolvido em um grau incomum.

“Chegará um tempo em que as flores estarão desbotadas,

Chegará um tempo em que o ano estará morto.

Mas agora os brotos estão nascendo,

Nenhuma pétala deste dia está espalhada.

Do que teremos que nos lembrar?

Esse é o teste.

Somente flores brilhantes, por favor, Deus, para lembrar,

Somente as melhores.”

"Novamente, isso não me foi mostrado pelo orgulhoso autor, mas descoberto por acaso em um número de trás de uma revista. Não era o som que se esperaria que saísse do coração fervilhante de um confronto de rúgbi. Na época, fiquei profundamente impressionado com sua beleza simples. Ainda estou.

"Houve ocasiões em que ele não parecia mais do que uma pessoa extrovertida, barulhenta e excessivamente entusiasmada, interessada principalmente na criação de músicas extravagantes e, em geral, pegadinhas extremamente engraçadas, mas suas verdadeiras conquistas foram feitas de forma rápida, silenciosa e sem alarde.

"Em meu último ano em Oxford, publiquei um romance. Para bem ou para mal, viesse o inferno ou as águas elevadas, eu seria um escritor!

"Mas onde a massa turbulenta e meteórica de energia que formava Peter iria aterrissar?

"Eu sabia, assim como todos os seus amigos mais íntimos, que ele era um líder nato. Mas isso, quando se é um tigre muito jovem "ardendo em chamas" apenas dentro dos limites suaves de uma universidade antiga, pode significar, na maioria das vezes, menos glória do que um tapa no olho desiludido.

"Afim de contas, o que ele iria liderar? E quem? E para onde? "Não deveria ter me preocupado, como se vê."

\* \* \*

A grande ambição de Peter Howard ao ir para Oxford era jogar rúgbi na Universidade. Ele era um bom jogador de escola pública, mas estava longe de se tornar um Oxford Blue. Em novembro de 1928, um mês depois de chegar a Wadham, ele teve uma boa sorte:

"Numa quinta-feira fria, uma tarde de inverno, quando a Universidade Greyhounds de Oxford (o University Second XV) jogava contra o Cheltenham, um membro do time adoeceu. Por uma série de chances, eu era a pessoa disponível para substituí-lo. Fui chamado no último momento.

"Tudo correu bem para mim nesse jogo. No próximo sábado fui escolhido para jogar pela Universidade.

"Não consigo descrever a alegria que me encheu quando ouvi esta notícia. Telegrafei para meus pais.

"Joguei pela universidade durante toda aquela temporada até quinze dias antes da partida da universidade. Tive certeza do meu Blue. Todos os meus amigos - e é estranho o número de amigos que

um homem que está jogando futebol americano em uma universidade tem - me disseram que isso era certo.

"Depois, fui afastado do time. Ouvi dizer que o capitão do time achava que minha perna fina poderia quebrar no jogo do Varsity. Ele não queria arriscar.

"A decisão me pareceu tola, pois eu havia jogado em partidas de primeira classe de negros durante toda a temporada, dois dias por semana e às vezes mais, sem que minha perna estourasse. De qualquer forma, foi um golpe terrível para mim, e meu orgulho sangrou e sofreu."

Para Howard, a decepção foi insuportável. Ele estava amargo e zangado quando voltou para casa em dezembro - e ainda mais determinado a ganhar seu Blue:

"Meu pai e minha mãe me suportaram nessas circunstâncias cansativas. Eu me comportei muito mal, tornando-me mal-humorado, venenoso e irritado."

A raiva de Howard não durou muito:

"Minha única esperança estava na próxima temporada de rúgbi. Durante a primavera, pensei em rúgbi. Durante o verão, pensei em rúgbi. E quando chegou o outono, comecei a treinar rúgbi.

"Ao deixar minha casa para ir para Oxford e tentar ganhar meu Blue, meu pai e minha mãe ficaram na soleira da porta. Sempre fomos próximos como uma família, apesar do fato de que nós três possuímos determinação e disposições potencialmente violentas, machucando uns aos outros e lamentando por isso depois. Meu pai disse com ênfase: - 'Bem, espero em Deus que você não consiga seu Blue. Isso é tudo. Você já é muito vaidoso.'

"Eu me virei e fui embora".

"Sei agora que meu pai queria acima de tudo no mundo que eu recebesse um Blue. Mas ele sabia como eu tinha ficado desapontado com meu fracasso anterior. Temia que eu pudesse falhar novamente. Ele estava decidido a que, se eu falhasse, não deveria sentir que ele e minha mãe também ficariam desapontados comigo.

"Isso agora está claro para mim. Na época, não era assim. Fui ferido e fiquei ressentido com a ferida. Sentia antipatia por meu pai."

No outono de 1929, Howard foi escolhido para jogar por Oxford: "Conseguí meu Blue. Os dias passaram em um torpor de alegria."

Oxford venceu a partida do Varsity em Twickenham.

\* \* \*

Em novembro daquele ano, ele começou a escrever regularmente para a revista da universidade, Isis. Sua primeira contribuição foi em 20 de novembro sob o título, Morte por Desventura:

Oh, há muitas maneiras, grotescas, bizarras - sejamos ainda mais francos e digamos “engraçadas” - pelas quais podemos chegar à nossa morte, e espero que mesmo neste turbilhão atual de mecanicismo e imaturidade, de riso e capricho, acima de tudo de comer e beber, não são poucos os que ocasionalmente pensam no final da história e discutem consigo mesmos em seus momentos de lazer seu inevitável e último dever de morrer. Eu sou um deles e, se pudesse escolher, preferiria imitar com meu fim aqueles poucos felizes que confundiram os pessimistas morrendo de tanto rir. Se ao menos Deus tivesse sido suficientemente bondoso com o homem para que ele pudesse morrer de rir ao ver seu próprio rosto no espelho; isso seria de fato, um rei das piadas. Mas eu, infelizmente, não sou feio.

Isis seguiu em dezembro com um artigo sobre seu novo recruta. Foi intitulado, "Pedro, o Grande", e foi reimpresso no Daily Sketch:

Peter Howard é um gigante de Wadham, com cabelos extremamente pretos e maneiras desarmantes. Nascido em 1908, ele parece ter conduzido sua vida com base no princípio de que o que vale a pena fazer vale a pena fazer violentamente.

Forte como um touro e com o formato dos ombros muito parecido com o de um, ele não é um homem para se encontrar quando está de humor extravagante, pois seu senso de brincadeira pode levá-lo a derrubar seus amigos na Magdalen Bridge, se ele se sentir inclinado a isso.

Ele trabalha muito na Isis, cujo escritório parece totalmente cheio quando ele está lá, e em sua capacidade como membro da equipe da Isis ele é talvez mais irresponsável e irreprimível do que em qualquer outro lugar.

O Oxford Mail seguiu o exemplo:

Peter Howard é o grande menino azul. Ele é bem jovem e pode crescer. Ainda pode ser conhecido e famoso em muitos campos.

Não é um homem orgulhoso nem presunçoso. Ele não se considera jogador de futebol ou críquete, mas imagina suas chances no pingue-pongue. Você sabia que ele acredita ser o melhor jogador de pingue-pongue do mundo? Ele não é nada disso.

Ouvi dizer em cantos escuros e obscuros que ele escreveu poesia; esse não é o tipo de coisa que se gosta de ouvir sobre homens grandes; mas então todos nós temos nossos inimigos.

Se Howard tinha inimigos, eles eram poucos. A fama do campo de rúgbi o deixou mais agitado do que nunca. Seus amigos gostaram e o incentivaram. Ele e alguns amigos organizaram grandes pegadinhas.

Era costume que os alunos de graduação que se comportassem mal recebessem uma intimação por escrito dos Proctors (autoridades disciplinares da universidade) para comparecer perante eles em uma hora especificada. Certa manhã, todos os alunos da graduação em Oxford desceram para tomar café da manhã e descobriram que haviam recebido uma intimação do Proctor para um determinado dia da semana seguinte às 10h30. Por algum erro de julgamento, algumas mulheres graduadas em Lady Margaret Hall também receberam cartões. Ao contrário dos homens, elas ficaram indignadas e assustadas. Eles foram direto para o reitor. O Reitor entrou em contato com os Proctors e, prevenido, os portões de ferro do alojamento dos Proctors foram firmemente fechados e trancados. No entanto, às 10h30 da manhã em questão, uma multidão de cerca de duas mil pessoas havia se reunido do lado de fora dos portões do Proctor, agitando seus cartões no ar e exigindo a entrada. Nesse momento, alguém tomou a precaução de telefonar para a Brigada de Incêndio de Oxford para informá-los de que a casa do Proctor estava em chamas. Enquanto os bombeiros chegavam e tentavam abrir caminho em meio à agitação selvagem da multidão, as câmeras do *Pathe News* estavam em operação no telhado do prédio em frente e fizeram um excelente filme de todo o processo.

As autoridades de Oxford tentaram, sem sucesso, descobrir onde foram impressos os cartões que deram início a todo o caso. Não foi encontrado ninguém que soubesse alguma coisa sobre isso. O Corpo de Bombeiros de Oxford não conseguiu rastrear a ligação que os trouxe para lidar com um incêndio inexistente. *Pathe News* não sabia quem havia dado a informação. Todo o assunto teve que ser esquecido, com uma declaração dos Proctors de que tal comportamento seria severamente tratado no futuro.

Embora Howard estivesse treinando para jogar rúgbi, ele compareceu a muitas festas e deu algumas ele mesmo. Elas nem sempre terminavam alegremente. Em uma ocasião, um piano foi forçado a passar por uma janela superior em Wadham e caiu no pátio inferior com seu interior um emaranhado de fios e martelos. O barulho era ensurdecedor e o dono, voltando para encontrar seu piano em pedaços no pátio, ficou naturalmente aflito.

Em outras ocasiões, Howard se juntava com seus amigos do rúgbi nas reuniões da OI C CU (União Cristã Intercolegial de Oxford) e fazia chacotas do fundo da sala de trás:

"Vocês são salvos?"

"Sim, somos", respondia o coro.

Durante as leituras do Novo Testamento, um dos amigos de Howard perguntava: "Quem disse isso?"

"Peter, Peter", gritavam os outros.

Deus, que em Mill Hill tinha sido um assunto formal e não mencionado, tornou-se em Oxford um termo de abuso. A pouca fé que Howard tinha, ele logo a perdeu. Mais tarde, ele diria: "Racionalizei o que eu sabia que estava errado e, em pouco tempo, não vi nada de errado nisso". Na época, ele não teria dito isso. Ele achava que era realista e adulto descartar a fé diante de suas dúvidas quanto à verdade. Muitas vezes, ele era cruel em sua condenação daqueles que tinham fé: "Eu achava repulsivo ver alguém lendo uma Bíblia em um vagão de trem". Mais frequentemente, ele achava isso ridículo e zombava do fato.

No início de 1930, Oxford havia se tornado o centro da vida de Howard. Ele mergulhou em sua política e seu povo, mas muito pouco em seu trabalho. No início de janeiro, porém, aconteceu algo que o tiraria bastante de Oxford:

"Certa noite, sintonizando o rádio, ouvi o locutor dar os nomes dos jogadores escolhidos para representar a Inglaterra contra o País de Gales. Meu nome estava lá.

"Minha primeira partida internacional seria em Cardiff. A seleção da Inglaterra foi a Penarth dois dias antes. 'Você vem ver o jogo?' Perguntei a meu pai. 'Não, não vou me incomodar', ele respondeu. 'É um longo caminho a percorrer, você sabe, e acho que vou ficar em casa.'

"Fiquei com raiva porque meu pai não estava disposto a viajar até o fim do mundo, muito menos ao País de Gales, para testemunhar a glorificação de seu filho. Então fiz as malas.

"Em Cardiff a partida foi disputada. Esperava-se que perdêssemos. Em vez disso, saímos com a vitória empoleirada em nossas bandeiras. Foi tremendo, emocionante, triunfante. Além do sucesso do time, tive a satisfação de saber que eu mesmo tinha jogado bem.

"Enquanto vestia minhas roupas comuns com o resto do time, fui informado de que alguém estava esperando na porta do vestiário para me ver. Lá estava meu pai.

"Coloquei meu sobretudo e saímos juntos para o Cardiff Arms Park. Estava quase escuro e ao nosso redor podíamos ver as arquibancadas em camadas, que antes tremeram com aplausos, mas agora estavam desertas, exceto por jornais e outros pedaços de escombros deixados pela multidão e batendo no vendaval.

"Meu pai e eu caminhamos pela relva lamacenta e pisoteada, onde meia hora antes eu estava rolando, lutando, chutando, correndo e caindo.

"Ele me disse que havia feito uma excursão de um dia em Londres e que tinha de voltar muito em breve. Então, segurou meu braço. Ele não é um homem que demonstra suas emoções facilmente. Pela única vez em minha vida, eu o vi começar a chorar.

"Foi uma experiência aterradora e dolorosa. Coloquei meus braços em volta dele e tentei confortá-lo. 'Qual é o problema, meu querido?' Perguntei.

"'Oh, eu não posso te dizer o que tudo isso significa para sua mãe e para mim', disse ele. 'Desculpe, desculpe por fazer papel de bobo. Sinto muito. Mas você sabe, você com sua perna manca. Sempre foi triste para nós. Nós nos culpamos por isso. E agora, ver você jogando pela Inglaterra, e a multidão e a torcida, não consigo explicar o quanto isso significa para nós dois'".

"Esse estranho incidente no Cardiff Arms Park teve dois efeitos sobre mim. Desde aquele dia até hoje, nunca mais me preocupei com minha perna fina. Ela não significa mais nada para mim, seja bom ou ruim. Não tem a menor importância para mim, de uma forma ou de outra.

"E desde aquele dia nunca mais senti a mesma febre pelo futebol."

A febre pelo futebol pode ter deixado Howard, mas a habilidade de jogar não. Em 8 de fevereiro, ele foi selecionado pela Inglaterra para jogar contra a Irlanda:

"Lembro-me de aterrissar na Irlanda para aquele jogo, depois de uma noite cruzando o Mar da Irlanda, com os cinegrafistas e os repórteres para nos receber e cumprimentar.

"A maravilha da conquista ainda estava fresca em mim.

"No Shelbourne Hotel, em Dublin, eu estava consciente dos olhares que seguiam cada membro da equipe - e caminhei várias vezes pelo lounge para apreciá-los.

"Fomos ao campo para a partida no dia seguinte. Almocei bife quente e leite frio. Eu tinha a teoria de que jogava melhor depois dessa dieta de contrastes.

"Quando abri minha bolsa no chão, com o zumbido, gemido e tagarelice da multidão irrompendo pela janela, um som assustador, mas inebriante, descobri que não havia trazido minhas perneiras da Inglaterra. Eu estava determinado a que a Inglaterra, os selecionadores nunca deveriam notar no campo como minha perna esquerda realmente era fina, caso eles se assustassem e me derrubassem de lado. Então eu costumava enrolar duas perneiras em volta dela, moldá-las na forma de uma perna saudável e puxar minha meia por cima delas.

"Agora as perneiras haviam sumido. O jogo deveria começar em cinco minutos. Corri para o banheiro. Peguei uma toalha do corrimão, enfiei-a de alguma forma em volta da minha perna e amarrei minha meia sobre ela.

"Lá corremos para o campo. O ar estava turvo com o alvoroço da torcida de Dublin, misturado com os gritos dos bancos cheios de torcedores ingleses que fizeram a travessia noturna para assistir ao jogo. O apito soou.

"Eu posso ver aquela bola agora, com a silhueta de um limão amarelo contra o céu cinzento de Dublin, caindo e girando em nossa direção. Eu a peguei e chutei para tocar quando três irlandeses pularam em cima de mim e me deixaram sem fôlego contra a grama.

"Foi um jogo cansativo, desgastante, preocupante e corrido. Uma vez, saindo do scrum, peguei a bola dentro de nossa própria linha de vinte e cinco e corri pelo campo. Três vezes os irlandeses tentaram me derrubar - três vezes eu corri depois de tropeçar e cambalear, finalmente o lateral me derrubou a apenas alguns metros da linha irlandesa.

"Foi durante os últimos vinte metros da corrida, que ficou na minha memória porque foi de longe a maior distância que me foi permitida carregar a bola em um jogo de primeira classe, que senti, em vez de ver, algo branco estalando ou se preocupando com meus calcanhares enquanto eu me movia. Achei que poderia ser um cão terrier que havia escapado da multidão.

"Quando o lateral me derrubou, percebi um som estridente de alegria misturado com o latido profundo dos aplausos da multidão. Então percebi que a toalha com a qual tão urgentemente acolchoei minha perna estava escorrendo atrás de mim. Eu a joguei fora fingindo rir. Mas eu senti amargura dentro de mim - quarenta mil pessoas todas rindo de mim."

Nem todos riram. Oxford ficou satisfeito. Ísis escreveu:

Seria quase invejoso desejar mais sucesso a Peter, porque ele possui em grande medida todas as qualidades que o trarão no curso natural das coisas. Só podemos desejar a ele "diversão amanhã" - pois, sem dúvida, ele conhece seu C. E. Montague bem o suficiente para reconhecer a frase - e garantir a ele o calor sincero de nosso respeito.

Em fevereiro, Howard foi convidado a participar da turnê de rúgbi da Inglaterra na Nova Zelândia. Ele foi tentado a aceitar. Mas antes de fazer isso, escreveu pedindo conselhos a Lorde Birkenhead, membro honorário da Universidade Wadham e alto administrador da universidade. Lorde Birkenhead respondeu:

14, Waterloo Place,  
Londres, S.W.1.  
28 de fevereiro de 1930

Caro Howard,

Estou muito feliz em dar-lhe o meu conselho para o que vale a pena.

Ninguém pode lhe garantir um emprego quando você voltar para a Inglaterra da turnê pela Nova Zelândia. As perspectivas dependem inteiramente de sua própria capacidade, da influência de seus amigos e do estado do mercado de trabalho em qualquer campo em que você deseje competir.

Não imagino nem por um instante que você quisera passar a vida escrevendo críticas sobre o *Rugby Football*. Certamente seria uma carreira ruim.

Meu velho amigo Baxter naturalmente quer levar o time mais forte que puder para a Nova Zelândia e se você fosse um jovem de recursos que pudesse pagar seis meses de férias, não poderia imaginar uma maneira mais agradável de gastá-las. Mas deduzo que você não é. Afinal, você reuniu louros de futebol suficientes. Você tem o seu azul e é considerado um dos melhores atacantes da Inglaterra. Pode ajudar outras pessoas se você for para a Nova Zelândia; mas como isso vai te ajudar? Seu negócio na vida é equipar-se com a capacidade que possui para a competição muito acirrada da vida moderna. Você era um estudioso de sua escola e um Expositor de Wadham. Na minha opinião, novos louros do futebol não podem significar nada para você, enquanto a obtenção de um diploma que, afinal, o Colégio que lhe deu uma Exposição tem o direito de esperar de você, daria a você algum equipamento adicional naquela luta pela existência que hoje é tão aguda.

Não sei se em uma carta eu poderia acrescentar mais alguma coisa, embora minhas opiniões sejam bastante claras. Meu filho Furneaux virá no domingo para almoçar em minha casa perto de Banbury. Se você entrar em contato com ele em Micklem Hall, onde fica seu alojamento, ou no Vincent's Club, ele certamente providenciará para levá-lo no domingo e ficarei muito feliz em discutir o assunto com você verbalmente.

Atenciosamente, B.

O conselho foi bom e Howard o aceitou. Quando a temporada de rúgbi terminou, ele decidiu firmemente fazer algum trabalho. Mas era mais fácil dizer do que fazer. O aumento do desemprego na Grã-Bretanha e a falta de qualquer partido para remediá-lo tornaram Howard amargo e desdenhoso. Estando por natureza do lado dos oprimidos, sua política era de esquerda e radical. Sir Oswald Mosley renunciou ao Partido Socialista e formou o Novo Partido. Em 1930, Howard juntou-se a ele. Viu nisso a esperança de alguma alternativa política que recrutasse a geração mais jovem da Grã-Bretanha e aliviasse as dificuldades do trabalhador. Mais tarde, ele veria como era ingênuo.

Howard juntou-se a amigos no Novo Partido, entre eles Harold Nicolson e Randolph Churchill. Foi lamentável que a entrada de Howard na política ocorresse em um momento em que ele precisava trabalhar.

"Howard é um scrim-shanker", escreveu Isis no início de 1931. "Pense no velho Howard escapando de Oxford para o Big World em busca de aventura. e um belo par de calças novas. Tudo isso para proteger Sir Oswald e Lady Cynthia Mosley. Howard pertence ao Novo Partido e acredita na juventude e em seguir em frente."

Howard certamente se deu bem, como relatou o DailyExpress de 28 de maio:

O Sr. Hugh Speaight, o líder no recente voo da União de Balões de Oxford, foi o anfitrião de uma festa estranha realizada em Oxford hoje à noite, quando um grupo de estudantes percorreu os esgotos da cidade em canoas.

Os convites enviados pelo Sr. Speaight estipulavam que seus convidados deveriam usar trajes náuticos.

A festa incluiu o Sr. Peter Howard, o Oxford Rúgbi Blue, o Sr. A. Hopkinson, da equipe editorial do jornal universitário Isis, e o Sr. Wall, presidente da Charles Fox Association.

Eles entraram nos esgotos da cidade em um ponto em East Oxford e, com a ajuda de tochas elétricas, encontraram seu caminho sob o centro da cidade e emergiram em um ponto ao sul de Carfax, onde o esgoto se junta ao rio Tâmis.

Seis canoas foram usadas para transportar a festa e uma naufragou na tentativa de negociar um portão de ferro no Tâmis, e os ocupantes foram jogados no riacho, mas resgatados.

No tempo livre que lhe restava, Howard trabalhava para Isis. Ele escreveu contos, artigos sobre eventos de Oxford e cobriu semanalmente os Debates da União:

Ísis, 14 de maio de 1930.

O assunto em debate na última quinta-feira no Sindicato foi "Que se pode ser mais feliz na América do que na Inglaterra".

Os três americanos visitantes foram bons, mas havia muita "Halitose" (com explicações de seu significado interno) em algumas de suas piadas para que fosse tudo menos deplorável.

O Sr. R. M. McClintock<sup>6</sup> (Universidade Stamford) tinha uma voz agradável, uma virtude incomum em um americano. Ele achava que a felicidade na América era mais onipresente do que em qualquer outro lugar. O inglês deu muito por certo e, portanto, falhou em apreciar sua felicidade: ele estava inclinado a

---

<sup>6</sup> Posterior diplomata americano e Embaixador na Argentina desde 1962.

aceitá-la da mesma forma que aceitava seu café da manhã. A educação na Inglaterra tendia a manter um homem em sua própria classe; na América para elevá-lo acima disso. Cada país tinha um padrão diferente de felicidade, e para cada um o padrão do outro parecia irreal e estranho.

E agora, como posso expressar adequadamente minha admiração pervertida pelo Sr. S.A. Boyd-Carpenter<sup>7</sup> (Balliol). Ele positivamente saltou sobre seus pés diminutos para defender a honra da velha Inglaterra. A felicidade, disse ele com um pulo alegre para a esquerda, é uma questão de opinião. Os negócios são a mola mestra da América, declarou ele, dando uma demonstração prática e coquete. Nenhuma perseguição ao pensamento individual ou à vida individual para nós, ele trovejou, dando uma cambalhota agilmente para a direita. Terminou seu discurso na posição mais ereta que já alcançou, mas fiquei me perguntando se estava sentado de cabeça para baixo ou sobre os calcanhares.

O Sr. H. E. S. Bryant-Irvine (Magdalen) parecia não apenas um cachorro enfadonho, mas também insolente. Ele foi uma escolha infeliz para esse assunto em particular, pois não tem senso de humor. Ele fez algumas observações sobre o Comitê Permanente que foram, creio eu, de muito mau gosto, e depois se tornaram apenas presunçosas e melancólicas. Mais tarde, foi novamente impertinente - desta vez sobre o assunto do Príncipe de Gales. Fiquei fascinado por apenas uma parte dele, suas calças, que foram levantadas na noite de quinta-feira uns bons sete centímetros acima.

O Sr. P. H. Gore-Booth<sup>8</sup> (Balliol) foi o primeiro orador que tratou o assunto com seriedade. Seu principal argumento parecia ser que a América era insegura e, portanto, infeliz. Ele também discutiu a liberdade e o prazer americanos, que pareciam inexistentes. Eu gostei muito dele.

T. N. Fox (Hertford), Teller for the Ayes, disse que os americanos estavam muito satisfeitos consigo mesmos e não conseguiam perceber que o principal deleite de um inglês era jogar lama em tudo que era inglês.

O Sr. A. J. Ayer<sup>9</sup> (Igreja de Cristo) deve falar mais devagar. Mas ele foi o segundo palestrante da noite a tratar o assunto com seriedade e sucesso. A América persegue a felicidade como um fim em si mesma e não consegue perceber que ela só vem durante a busca de outros fins. Um bom discurso.

Às 23h28 A Inglaterra saiu vitoriosa.

Ísis, 22 de maio de 1930

A moção: "Que a Índia receba sua independência".

---

<sup>7</sup> Posteriormente o Rt. Exmo. J. A. Boyd-Carpenter, conservador M.P.

<sup>8</sup> Mais tarde, Sir Paul Gore-Booth, chefe do Ministério das Relações Exteriores britânico.

<sup>9</sup> Mais tarde Wykeham Professor de Lógica, da Universidade de Oxford.

O HON. Quintin McGarel Hogg<sup>10</sup> (Christ Church), ex-presidente, deve assumir toda a culpa pela hora irritante e tediosa que passamos na última quinta-feira, antes do início do debate. Ele propôs isso de maneira não muito hábil, argumentando que a União não deveria se apressar onde a imprensa diária temia pisar - isso parecia um pouco ilógico - e declarando com um soluço em sua voz que nunca havia perdido a confiança da Sociedade, mas foi movido por um desejo sincero de seu bem.

Era uma pena que Hogg achasse adequado levantar-se com tanta frequência em questões de ordem. Era uma pena que McGarel se opusesse tão amargamente à alusão pessoal a si mesmo por outro querido membro. Era uma pena que Quintin nunca hesitasse em aludir a outros pessoalmente. O presidente deve ser calorosamente parabenizado por seu comportamento em uma situação muito difícil. Por muito tempo nos lembraremos da maneira firme e inimitável com que tantas vezes ele foi forçado a ordenar ao Exmo. Quintin McGarel de volta ao seu lugar.

O Sr. Randolph Churchill<sup>11</sup> (Christ Church) era muito, muito britânico. Isso não é um elogio. Nem, estranhamente, é um insulto. Ele argumentou que os ingleses haviam feito um bem inestimável à Índia, mas pouco dano, e que ele seria a última pessoa a impedir o autogoverno do país quando estivesse maduro para isso. Ele fez a admissão prejudicial de que havia estudado a questão de como fazer a Sociedade rir. Eu gostaria que ele escrevesse e me contasse. Apesar do fato de que vários oradores posteriores, alguns deles do seu próprio lado da casa, acharam por bem abusar do proponente, achei que este fez um bom discurso.

O Sr. F. R. Moraes<sup>12</sup> (Santa Catarina) fez um dos melhores discursos que ouvi no Sindicato. Ele declarou que, antes da chegada dos britânicos, muçulmanos e hindus viviam pacificamente juntos e que, nos estados atualmente sob domínio indiano, as relações entre eles ainda eram cordiais.

O Sr. Pinto (Wadham), cujo nome de batismo, gloriosa e felizmente, é Inácio, fez um bom discurso para se opor à moção. Nenhum país, disse ele, poderia ser declarado impróprio para o autogoverno se nunca tivesse tido a oportunidade de experimentá-lo. Se não tivesse liberdade, a Índia lutaria por ela. Inácio deve falar novamente.

---

<sup>10</sup> Mais tarde, o Rt. Exmo. Quintin Hogg, Q.C., MP, membro de sucessivos governos conservadores.

<sup>11</sup> Filho e biógrafo de Sir Winston Churchill.

<sup>12</sup> Posteriormente editor do Indian Express Newspapers.

O Sr. H. Z. A. Kabir<sup>13</sup> (Exeter) é um ginasta perdendo apenas para um. Ele saltou de seu assento e pulou positivamente, incoerente de excitação. Era adorável observá-lo, mas, infelizmente, ninguém, exceto possivelmente o presidente, conseguia entender o que ele dizia.

Um bom debate, prejudicado apenas pelo comportamento de um ou dois honoráveis membros que, embora nada acrescentem ao debate, oradores constantemente interrompidos cujas opiniões não coincidiam com as suas.

\* \* \*

As longas férias de verão foram alguns dos momentos mais felizes que Howard já teve com seus pais. Juntamente com seu irmão, John, foram para North Wales, Cornwall ou Highlands da Escócia:

"Querido jovem e único irmão John. Lembro-me dele como um bebê gordo e se contorcendo, procurando no tapete animais imaginários chamados 'Beadles', que ele fingia enfiar em seu pescoço.

"Lembro-me dele vencendo a corrida em sua escola preparatória, tão orgulhoso e ansioso que estava, com meu pai e eu galopando ao lado dele, torcendo por sua vitória quando ele entrou na reta em direção à fita.

"Ele tinha sorte nas feiras - posso vê-lo jogando centavos descuidadamente no tabuleiro e saindo com os bolsos cheios de dinheiro, o showman carrancudo e as garotas que se reuniram para assistir, todas rindo e cutucando umas às outras .

"Ele era um jogador de críquete cortante e marcou mais rebatidas diretas no corpo com seu próprio boliche rápido e mais rebatidas diretas no boliche rápido de outras pessoas com seu próprio bastão do que quase qualquer outra pessoa que conheço.

"Posso imaginá-lo quente e feliz correndo ao sol ou com um olhar frio e sério estudando algum livro, depois explodindo em gargalhadas, arremessando-o para longe dele e saltando do outro lado da sala com um único salto galvânico."

Esses irmãos eram tão parecidos, mas tão diferentes. John era louro e tinha olhos azuis; Peter moreno e de olhos castanhos. Eles se admiravam muito, mas muitas vezes se invejavam. Peter invejava a proximidade de John com seus pais. Era natural, pois John ainda era criança quando Pedro já era homem. John invejava a fama de Peter no campo de rúgbi; seu sucesso fácil. Esses sentimentos eram profundos e não expressos. Os Howard não demonstravam facilmente afeto um pelo outro. Em vez disso, eles caminharam por dias nas colinas, por torrentes impetuosas e lagos tranquilos. Eles pescavam e nadavam — e gostavam de estar juntos.

---

<sup>13</sup> Humayun Kabir, M.A., M.P., político e escritor indiano.

Embora Howard tivesse feito novos amigos em Oxford, ele não perdeu os antigos de vista: "Eu costumava passar muitos fins de semana em Oxford com Peter encontrando-se bastante nervoso com todos os pinos reis do dia, com quem ele era amigo, e aproveitando a companhia maravilhosa e diversão constante que ele proporcionava", escreve Tony Carter. "Ele estava de férias conosco em Filey, em Yorkshire, em 1930. Certo dia, enquanto caminhávamos pela praia, meu pai apontou para o naufrágio de um submarino à distância e comentou como ele realmente estava muito longe. Tinha estado lá antes. Peter não achou que fosse muito longe. "Você nunca vai alcançá-lo em vinte minutos", disse meu pai, e quis dizer isso. Sem dizer uma palavra, Peter saiu, escalando, mancando e dançando sobre as rochas, e dentro de um quarto de hora ele estava lá. Ele estava sempre pronto para enfrentar um desafio, especialmente se parecesse impossível."

Em outubro de 1930, Howard voltou para Oxford. Estava treinando rúgbi. Ele também foi nomeado subeditor do *Ísis* e parou de fazer os relatórios semanais do Sindicato.

*Ísis*, 15 de outubro de 1930.

Isso é principalmente para o benefício dos calouros: ao mesmo tempo, devo aconselhar todos vocês a lê-lo. Tenho certeza de que vocês entenderão melhor a Sociedade quando o fizerem. Além disso, vocês puderam obter uma menção. Caso contrário, garanto que (pela quantia relativamente pequena de cinco xelins, a ser enviada em um envelope comum ao escritório do *Ísis*) vocês receberão um na próxima semana.

A nova repórter do *Ísis* é, claro, com exceção do presidente, a pessoa mais importante nos debates. Mesmo neste escritório, aquela sede de inteligência e discernimento, se destaca pela brilhante agudeza de sua língua. Não é preciso dizer mais nada. Exceto, é claro, que eu mesmo lamentarei assistir aos debates de forma não oficial. Assistirei, evidentemente, a todos os debates. Todos os melhores caras fazem.

Se por acaso você quiser uma menção na próxima semana, não se esqueça dos cinco xelins. Puffs são mais caros - meio guinéu por vez. Estamos, é claro, dispostos a chegar a um acordo sobre encher você de sopro durante todo o semestre. Adeus até quinta-feira à noite.

No início de fevereiro, a OUDS (Sociedade Dramática da Universidade de Oxford) apresentou Hassan de Flecker no New Theatre, em Oxford. O elenco incluiu Peggy Ashcroft e George Devine. Howard desempenhou o papel de Masrur, o Carrasco. Sua principal lembrança da performance foram as horas gastas para maquiar o rosto e as horas mais longas gastas para limpá-lo novamente. Ele também gostou de ajudar a baixar Peggy Ashcroft das alturas em uma cesta.

"Sr. P. D. Howard", escreveu Isis (19 de fevereiro de 1931) "foi uma figura impressionante, que em sua cena com Yassim deu uma impressão real de poder sinistro, que foi auxiliado por um maravilhoso efeito de iluminação."

Em 26 de fevereiro, a Inglaterra jogaria contra a Irlanda em Twickenham. Sam Tucker, o capitão inglês, estava gripado. Em seu lugar, Howard foi escolhido para ser o capitão do time. Ele tinha vinte e dois anos.

The Daily Telegraph, fevereiro de 1931.

Estou feliz que os selecionadores tenham feito essa escolha, pois Howard é jovem o suficiente e bom o suficiente para jogar pela Inglaterra por alguns anos. Além disso, ele tem o tipo de personalidade que contribui para uma liderança satisfatória, e seu conhecimento do jogo é considerável.

Nas visitas de Howard a Londres, ele ia para a casa de seus avós em Inverness Terrace. Naquela época, Ebenezer Howard já era um homem velho, mas ele e Gracie demonstraram muita bondade para com o neto. Foi em uma dessas visitas que Howard pretendia levantar com seu avô a questão de suas finanças em Oxford. A essa altura, as contas estavam chegando constantemente e não havia dinheiro para pagá-las. A oportunidade surgiu quando Howard levou seu avô à estação:

"Quando meu avô tinha mais de oitenta anos, procurei seu conselho sobre um determinado curso de ação. Já havia decidido seguir esse caminho, qualquer que fosse o conselho que meu avô oferecesse. Mas esperava que o velho cavalheiro ficasse satisfeito e lisonjeado com minha pergunta. A seguinte conversa ocorreu entre nós:

"Eu: 'Vovô, há algo sobre o qual eu quero o seu conselho.'

"Avô: (ferozmente) 'Bem, Peter, você deve ter o meu conselho, mas você não vai prestar atenção a ele.'

"Eu: (indignado com a veracidade desta observação) 'Veja, estou me perguntando se devo...

"Avô: 'Não se preocupe em me contar sobre isso. Eu não quero ouvir isso. Meu conselho para você e para todos os rapazes é, não façam isso. Então eles geralmente fazem e depois se arrependem.'

"Meu avô, Ebenezer, não diria mais nada. Ele subiu bufando no trem. O trem subiu bufando para fora da estação. Fui deixado, sozinho, na plataforma."

Decepcionado com a esperança de que seu avô pudesse pagar suas dívidas, Howard decidiu deixar Oxford em abril de 1931. Ele o fez sem um diploma. Considerou que, com contas não pagas no valor de mais de mil libras, um emprego era mais importante para ele do que um diploma de Oxford. Financeiramente ele estava certo. Escolasticamente, ele estava errado.

Sua partida teve repercussões desagradáveis para muitas pessoas. Seu antigo diretor, o Sr. Jacks, teve grande dificuldade em explicar sua ação ao Comitê de Subsídios. Aqueles a quem Howard devia dinheiro achavam que ele estava fugindo da responsabilidade. Para muitos jovens, um começo tão ruim significaria um futuro ruim. Para Howard, foi o início da sabedoria financeira, que durou toda a sua vida. Embora tenha recebido muitas ofertas de empréstimos, não aceitou nenhuma delas. Ele estava determinado a ganhar o suficiente para pagar todas as suas dívidas. Ele deveria fazê-lo dentro de dois anos.

# Capítulo 5

HOTEL KULM, ST. MORITZ

ENGADIN

19 de agosto de 31

*Nunca imaginei que um coração pudesse se partir  
tão facilmente - apenas com dor  
Para que ele nunca mais viva.  
Sem sons ou gritos,  
Quando um coração morre.  
Apenas uma dor muda e incompreensível.  
Eu nunca soube que um coração pudesse ainda,  
Quando estava partido e tinha morrido,  
Amar com sua felicidade, seu orgulho  
E quebrado, ainda  
Derrotar minha vontade -  
Ainda amar você, quando o sangue secar.*

Nos meses que se seguiram à sua saída de Oxford, Peter Howard assumiu não apenas um emprego, mas três.

O primeiro lhe foi oferecido por Sir Oswald Mosley, e ele foi persuadido a aceitá-lo por Harold Nicolson<sup>14</sup>. Ele deveria ser Secretário Nacional do Movimento Jovem do Novo Partido: "Naquela época, o dever público não me atraía muito, embora eu me sentisse lisonjeado ao imaginar que homens do porte de Nicolson e Mosley me escolheriam como membro do grupo patriota para salvar a Grã-Bretanha.

"Ofereceram-me um total de £650 por ano, pelos meus serviços. Aceitei o trabalho e o dinheiro.

"Aqueles eram os dias em que Mosley declamava sua amarga oposição ao fascismo e a toda a sua ideologia. 'Não queremos nenhum sorvete da Itália', exclamou ele. Além disso, ele descreveu os fascistas britânicos daquela época como 'bufões de camisa preta, fazendo uma imitação barata dos vendedores de sorvete italianos'."

---

<sup>14</sup> O Honorável Sir Harold Nicolson, político e autor

Howard seria responsável pela organização política dos clubes juvenis e escreveria regularmente para o jornal do Novo Partido, Pioneer. A família Howard, desejando que tivesse um emprego mais estável, insistiu que ele deveria ler para o Bar. Ele começou a trabalhar nos livros necessários. Enquanto isso, Howard precisava de algo para trazer dinheiro rapidamente. Através de Lorde David Cecil, então um Wadham Don, ele ouviu falar de um menino, Sir John Dyer, que precisava de treinamento especial para entrar em Oxford no ano seguinte:

"Seus pais me ofereceram cinco libras por semana e todas as despesas para levá-lo à Suíça por seis meses e treiná-lo.

"Isso me serviu bem. Dava-me a perspectiva de reservar cinco libras por semana durante os próximos seis meses e me colocaria fora do alcance de meus credores pelo mesmo período."

\* \* \*

Howard chegou ao Kulm Hotel, em St. Moritz, no início do verão de 1931. O jovem baronete de quem ele era tutor era um menino agradável, mas com a saúde debilitada, por isso usava uma armação de metal nas costas. Ele estava acompanhado da avó e da irmã. Também no Kulm Hotel estava um jovem americano, John Forbes<sup>15</sup>:

"Peter foi muito bom para John Dyer - o deteve no meio de se apresentar como 'Sir John' com um 'Mister Dyer'!

"Minha mãe e eu, Peter e John Dyer costumávamos caminhar uma milha ou duas de St. Moritz 'Dorf' para St. Moritz 'Bad' para ouvir a banda tocar no parque do Kurhaus diariamente por volta das onze.

"Peter era uma mistura interessante de muito velho e muito jovem. Este último se refletia nas vaidades inofensivas - rótulos universitários como 'subfusc, senhores, subfusc', referências paternalistas a pessoas menores do que ele como 'anões'; referências misteriosas à história que um dia iria escrever sob o título 'Morte de uma Rosa'; o anúncio de que ele estava vestindo 'jaqueta de jantar do meu avô', quando a partir de outras alusões era um palpite razoável de que seu avô não possuía uma. (Em fato, Howard possuía o paletó de seu avô e o usou por muitos anos.)

"Ele tinha uma maneira agradável e espirituosa de se expressar. Uma garota inglesa não muito atraente do hotel usava uma fita no cabelo. Peter a chamava de "a fêmea em filetes". Ele era uma

---

<sup>15</sup> Professor de História Empresarial na Universidade da Virgínia.

companhia muito divertida, tinha a habitual reserva britânica ao falar de sua carreira atlética e era certamente o jovem mais bonito que eu já vi."

St. Moritz, em 1931 atraiu a sociedade europeia. Estrelas de cinema, milionários, personalidades do esporte, bem como montanhistas e homens e mulheres comuns em vários graus de saúde, encontraram seu caminho para St. Moritz. O torneio de tênis de verão trouxe alguns dos campeões franceses, numa época em que o tênis francês estava no auge. Howard, embora ele próprio fosse apenas um jogador moderado, decidiu entrar para as Duplas Masculinas de Handicap com um estudante de Cambridge, o Sr. William Farquhar<sup>16</sup>, 'que editava a revista universitária Varsity. O Kulm Hotel tinha algumas excelentes quadras duras ao lado, onde os jogadores podiam praticar. Howard podia observá-los enquanto fazia seu trabalho: - "sentado sob o sol da sacada do nosso hotel, ensinando meu aluno a descobrir se os ponteiros de um relógio estavam juntos à uma e cinco minutos e meio em que momento exato eles estariam juntos novamente."

"Olhei pela varanda do hotel e vi uma garota. Ela estava jogando tênis na quadra dura abaixo. Eu me apaixonei por ela. Três dias depois de conhecê-la, eu a pedi em casamento. Três segundos depois ela me recusou. "

A garota era Mlle. Doris Metaxa. Ela tinha apenas vinte anos e era campeã júnior de tênis da França. Conhecida mais tarde por seus amigos como "Doe", ela era uma garota esbelta e morena com a velocidade da luz na quadra de tênis. Doe era francesa de nascimento e educação, mas seus pais eram gregos. John Metaxa, seu pai, tinha mais de um metro e oitenta de altura, natural da ilha de Ítaca:

"Certa vez, a mãe de John Metaxa o escondeu no forno de pão, dizendo que os piratas poderiam chegar à Ilha de Ítaca, onde ele nasceu. Pois os piratas costumavam sequestrar meninos pequenos de Ítaca, levá-los como ajudantes de cabine e cozinheiros em expedições de contrabando e violência."

"Portanto, uma das primeiras lembranças de John Metaxa é das mãos pálidas de sua mãe flutuando como mariposas em sua direção através da escuridão do forno, empurrando para a frente uma taça de vinho doce e um pedaço de pão recheado com azeitonas pretas e retirando-se rapidamente.

"Metaxa correu descalço em Ítaca. Seu corpo ficou forte e duro. Ele mergulhou na Baía de Ítaca onde, em dias calmos, braços de profundidade, dizem que ainda se pode ver pináculos e pilares canelados de antigos palácios afogados no oceano eterno.

"John Metaxa foi criado com responsabilidade e visão. Pois sua família é uma das mais antigas da Grécia."

---

<sup>16</sup> Posteriormente Diretor do Chase-Manhattan Bank em Paris.

Metaxa havia deixado a Grécia, para nunca mais voltar, depois que Venizelos<sup>2</sup> quebrou uma promessa feita a ele na época da ascensão de Venizelos<sup>17</sup> ao poder. Ele havia passado muitos anos em Bombaim com Ralli Brothers e era vizinho e amigo de Jinnah, com quem costumava cavalgar e conversar. Ele se casou com Irene Theologo, também grega, e eles tiveram três filhos - duas meninas, Myrto e Doris, e um filho, Marc. Eles eram uma família de riqueza considerável, embora não de luxo. John Metaxa era extraordinariamente generoso com seu dinheiro e, quando morreu, descobriu-se que, sem que sua família soubesse, ele estava ajudando financeiramente mais de duzentas pessoas. Ele tinha um coração caloroso e um temperamento quente. De seus três filhos, Doë talvez fosse o que ele mais amava, embora nunca o tivesse dito. Ele e sua esposa ficaram tristes porque Doë escolheu jogar tênis pela França, em vez da Grécia. Mas Doë aprendera a jogar tênis na França, com aulas de francês e franceses. Parecia inconcebível para ela jogar pela Grécia, um país que ela mal conhecia.

Aos doze anos, Doë pegou uma raquete e uma bola e jogou por horas contra a parede de um estábulo perto de sua casa em Marselha. De lá, ela passou a frequentar regularmente o clube e participou dos torneios de tênis da Riviera, que eram muitos. Aos dezoito anos, ela se tornou a campeã feminina de tênis júnior da França. Aos vinte anos, ela era uma das grandes jogadoras de tênis da época.

Howard ficou maravilhado com ela:

"Foi uma surpresa e um choque para mim quando vi pela primeira vez a força e a fúria geradas por uma pessoa tão pequena. Senti algo da maravilha que encheria a mente do espectador se ele visse uma gazela chutando búfalos até a extinção."

Foi William Farquhar quem primeiro apresentou Doë a Peter Howard. Era evidente para todos os seus amigos que eles gostavam muito um do outro. Howard se esforçou para negar. Ele protestou, embora ninguém o tivesse cobrado com isso, que não estava tão interessado. Enquanto ele se sentava com Farquhar ao lado das quadras de tênis assistindo Doë esmagar outro oponente no esquecimento, Farquhar começou a assobiar "Três palavrinhas". Howard ficou furioso e perguntou o que ele queria dizer com isso. "Absolutamente nada. Eu só quero dizer jogo, jogo e partida para a Srta. Metaxa."

Howard não achou nada fácil encontrar Doë.

"Logo descobri que caminhar e conversar com a filha de John Metaxa não era algo tão fácil a ponto de me familiarizar com alguns de meus amigos ingleses. Nenhum encontro com a filha poderia ser marcado sem a autorização do pai.

---

<sup>17</sup> Primeiro Ministro da Grécia por 14 anos entre 1910 e 1933.

"Eu costumava telefonar para o hotel onde os Metaxa estavam hospedados. 'Seria possível para o Sr. Howard ver Mlle. Metaxa esta tarde?' Logo o recepcionista traria uma mensagem: "Mademoiselle ficaria feliz em caminhar às duas e meia."

"Às duas e meia eu iria para o hotel. Lá, estaria Doë. E lá também estaria John Metaxa, de bengala, roupa asseada e o olhar bondoso, mas penetrante de águia.

"Doë e eu andávamos na frente. Atrás, como o detetive que protege a realeza, nunca ao alcance da voz, sempre ao alcance dos olhos, sempre distante, nunca removido, caminhava John Metaxa.

"Naquela época ele tinha mais de setenta anos. Era um clima quente, o calor seco e escaldante de um verão alpino. Tentei andar mais rápido do que ele para deixá-lo para trás. Mas nunca consegui. Ele sempre parecia legal e levemente divertido enquanto nos despedíamos, enquanto eu sempre estava suando e levemente desconfortável.

"O homem que passou sua juventude nas trilhas íngremes de Ithaca achou as trilhas turísticas de St. Moritz muito pequenas em comparação.

"Seria hipocrisia fingir que gostava de suas manobras. Mas criei admiração e afeição por seu caráter."

Os Metaxa não gostaram das atenções de Peter Howard. Eles não tinham ideia de quem ele era, ou se ele tinha alguma perspectiva. Doë foi criada em linhas rígidas e protegidas. Howard parecia alheio a qualquer coisa, exceto que estava apaixonado pela filha deles. Ele entrou no torneio de golfe com ela. O primeiro prêmio foi uma bolsa Cartier e um relógio de ouro. Howard estava muito ansioso para ganhar a bolsa para Doë. Ele fez um jogo brilhante. No primeiro tee, Doë acertou a bola com alguma força para trás, sobre um precipício. Eles foram desclassificados. Os perigos de uma partida de golfe não podiam mais se interpor entre eles. Estavam profundamente apaixonados.

No final de agosto, os Metaxa deixaram St. Moritz e levaram Doë de volta a Paris. Dificilmente se passava um dia em que Peter Howard não lhe escrevesse. Infelizmente, ele raramente datava suas cartas.

P.D.H. para Doë

*Kulm Hotel,  
St. Moritz  
Agosto, 1931*

Esta tarde, uma flecha maravilhosa de pássaros prateados voou do rio para o outro lado do lago. E eu me virei muito rapidamente enquanto caminhava na colina e disse: "Olha, querida Doë", antes de perceber que você não estava lá. Mas você vê o quão perto você ainda está de mim. Você se lembra da última vez que lhe escrevi uma carta quando sabia que a qualquer momento você poderia entrar pela porta

e me encontrar, o que você fez. Você está tão perto de mim agora quanto estava antes. Acredito que você sempre estará tão perto de mim quando eu estiver escrevendo para você, mesmo na maioria das vezes quando não estiver escrevendo para você.

Com você na vida sinto que poderia e posso fazer qualquer coisa. Você toca no melhor das minhas grandes ambições e no melhor das minhas capacidades. Sem você na vida, agora que te conheço, devo desaparecer. Para realizar coisas para mim, até para minha mãe, agora me parece uma coisa muito trivial.

Aqui em cima algumas vezes você viu a verdade e sentiu e soube que era a verdade. Acredito que a lembrança daqueles meses lhe ajudará a balancear as coisas em seu coração e a sentir-se segura de si mesma. Não direi mais nada sobre isso até que você me fale novamente.

As montanhas estão mais próximas esta noite do que nunca. Uma vez pensei que as odiava, mas as montanhas, o mar e os grandes rios sempre foram meus amigos e serão gentis conosco agora. Falei em voz alta com você tantas vezes hoje e juro que você está comigo em corpo e espírito enquanto escrevo isso. Eu nunca poderia me sentir tão feliz se você não estivesse aqui.

P.D.H. para Doë

*St. Moritz*  
*Agosto de 1931*

As coisas que acontecem comigo quando você não está aqui são apenas uma estúpida perda de tempo. Esta noite, o sol atravessou o lago e o vale e subiu a montanha, onde as valquírias se escondem. E havia aquelas listras de ouro nos picos que olhamos juntos. E houve apenas um momento em que o sol se foi, quando tudo estava quieto e a terra tão linda, que era difícil respirar. E significou muito pouco para mim. A beleza, sem você para aproveitá-la, só me deixa com raiva.

As fotos foram ampliadas por um assistente que as estragou, como você vê. Elas estão sendo feitas novamente. Eu tinha a tacada de golfe ampliada para ilustrar o que há de errado com o acabamento da sua tacada. Você não deve ter o peso do seu corpo em qualquer lugar, exceto na perna esquerda no final da tacada, o joelho direito dobrado e o joelho esquerdo apoiado. Na foto, seus braços estão absolutamente certos, mas você parece ter tirado os olhos da bola.

Doë, um francês bacharel em artes e criado em uma atmosfera intelectual, achou suas cartas jovens e imaturas.

Fico triste em pensar que minhas cartas para você não são do tipo certo. É jovem, suponho, apreciar as estrelas e as montanhas e chamá-las de suas amigas, e inventar frases curiosas para elas, como as estrelas suspensas nos ricos campos da escuridão, ou as nuvens vagando sobre os lagos puros do céu. E é jovem também amar alguém de tal forma que nada mais importa na terra. É mais jovem ainda dizer isso. E o mais jovem de todos é escrevê-lo em uma carta. E é jovem dizer que você passará pelo inferno para ajudar alguém que ama. Tão jovem que chega a ser quase antiquado. E é jovem ser expulso de sua antiga vida repentinamente para uma nova, estranha e assustadora, permitir-se ser expulso de tudo o que importava dessa maneira.

Mas agora vou me esforçar tanto para ser velho, óbvio e não histérico. Talvez você diga que é jovem querer mudar a si mesmo, ou mesmo suas cartas, para agradar alguém. Bem, pode ser, mas com a sua ajuda será o último ato da minha juventude. Não terei mais emoções e falarei de Deus como se Ele fosse um amigo íntimo, que vem almoçar todos os domingos, com ideias um tanto enfadonhas e Sua digestão, coitado, está sempre perturbada com seu rosbife e pudim de *Yorkshire*. E lembrarei que as nuvens são apenas átomos de sujeira e água, quando tudo estiver dito e feito, e as estrelas apenas pedras derretidas remotas e despreocupadas, presas no espaço como ameixas em um pudim.

E quanto a sair do meu caminho para ajudá-la, você sabe que no futuro meu bom senso prevalecerá e ficarei onde estou e falarei e ganharei dinheiro, e ditarei à minha secretária dezesseis páginas de bons conselhos para você, extraída da minha própria experiência. E quanto a amar você, provavelmente é apenas o ar da montanha que tem um efeito galvânico no estômago, a sede da maioria das emoções humanas. E tudo isso é o absurdo mais absoluto. Quando escrevo para você, sinto-me jovem. Meu amor por você é um amor jovem. Detestaria degradá-lo por amá-la como uma pessoa experiente de quarenta anos.

Mas minhas cartas para você devem ser antigas. Acho que talvez possa torná-las mais velhas se tentar. Para ser de meia-idade ou pelo menos convencionalmente de meia-idade, você só tem que criticar tudo e todos, e insinuar que você poderia fazer muito melhor no lugar deles, zombar da juventude porque você tem um ciúme tão amargo e elogie os prazeres cínicos da vida que você sabe, ou sabia, eram errados.

Deixe-me saber como você gostaria que eu escrevesse para você. É doloroso saber que quando você está comigo eu a satisfaço, mas quando você lê minhas cartas você só consegue sorrir.

P.D.H. para Doë

*St. Moritz*

*Agosto de 1931*

Sua doce carta chegou pouco antes do almoço de hoje. Ainda vai demorar um pouco até que eu veja as estrelas novamente como estrelas, não pedras, e as nuvens como nuvens, não como água suja, e Deus como um Espírito, não um velho chato enfiando o nariz em nossos negócios porque o Seu próprio é insignificante demais para ocupar Sua atenção.

Parece estranho que eu pareça mais comigo mesmo em minhas cartas para você quando estou sendo amargo, cínico ou zangado. Eu era tão horrível aqui em cima? Porque, na verdade, embora eu tenha tentado por anos me transformar em um vegetal amável, ou melhor ainda, em uma pessoa realmente perversa e sem nenhum sentimento, consegui muito mal. Eu ainda acredito que é uma coisa mais bonita não permitir que seu corpo e seus desejos anulem sua consciência, ou o que os desmiolados chamam de puritanismo do início da era vitoriana. Eu ainda acredito que é ruim ficar bêbado. Ainda não vejo nada de menos masculino em agarrar-me às sombras, em amar as coisas belas, em escrever poesia e em falar com a lua e as estrelas. E sempre saberei que o amor é a coisa mais importante na vida agora.

Acabei de receber uma longa carta de Mosley. Ele acha que a recente crise na Inglaterra ajudará enormemente o partido por ser o único que tem planos construtivos para colocar a posição industrial em bases firmes. Eu mesmo, acho que não. Esta crise ainda não atingiu a massa vasta e fleumática que é o grande público britânico com força suficiente para dar novos passos. Você sabe, na Inglaterra, para fazer qualquer coisa, as pessoas sempre têm que ser ridicularizadas, famintas e martirizadas. E mesmo assim o que é feito geralmente é feito com vinte anos de atraso. Mesmo assim, eles são bons esportistas, abençoe seus corações e estômagos gordos. E eles odeiam os malditos dagos e, de qualquer forma, alguma coisa sempre apareceu no passado. Um dia escreverei um ensaio muito divertido sobre meus compatriotas. Será divertido porque será verdade.

Mosley em sua carta também diz: "No que diz respeito às roupas, acho que a nota para você atingir é a simples limpeza. Acho que você pode continuar a aparecer sem chapéu. Por outro lado, vestir-se de maneira muito desarrumada dará a impressão de que você está tentando parecer um agitador trabalhista, e esse é o tipo de impressão que não queremos transmitir".

Você poderia, por favor, ir ao meu alfaiate comigo no dia 18 e encomendar as coisas certas para mim?

P.D.H. para Doë

*St. Moritz*

*Agosto de 1931*

Tenho algo bastante desagradável para lhe dizer. Eu não diria isso, mas prometemos que, se houvesse algo no outro que pensássemos que precisava ser corrigido, diríamos. Então você vai me perdoar.

Aqui estão as duas coisas que tenho para lhe dizer sobre você, que você deve se esforçar muito para corrigir. Primeiro, você soletra quarta-feira "quarta-feira" - não quarta-feira. Em segundo lugar, você soletra endereço, "endereço" — não endereço.

Você não está sozinha em não gostar do rosto de Mosley, mesmo em não gostar do próprio Mosley. Ele é provavelmente a pessoa mais impopular da Inglaterra hoje. Mas você tem que ser uma pessoa grande para ser tão odiada assim, especialmente na Inglaterra. Ele é um pouco parecido com Mussolini, sabe, quando você fala com ele. Devo apresentá-lo a você em Londres. Ele tem olhos bastante astutos. E o ódio mais vingativo de todos que conheço, ainda mais horrível em raiva real do que eu mesmo. Ele é muito corajoso e, de longe, o melhor orador da Inglaterra hoje. Mas o que o torna querido para mim (com isso não quero dizer que sou devoto a ele como pessoa. Não sou, mas nunca o abandonaria enquanto ele ainda precisasse de mim na política) é que ele está satisfeito com sua própria causa. Ele realmente acredita que pode salvar as classes trabalhadoras britânicas e ninguém mais pode. E acho que você gostaria dessa parte dele tanto quanto eu.

Quando os Metaxa deixaram St. Moritz, eles planejaram vir para a Inglaterra em setembro. Mas agora eles decidiram cancelar a viagem na esperança de que Doë esquecesse Howard.

P.D.H. para Doë

*St. Moritz,*

*Setembro 1931*

Eu e Richey íamos escalar hoje. Havia muitas nuvens para que fosse seguro. Então ele partiu de carro para Zurique e eu fiquei sentado no hotel depois de levar John para uma longa caminhada, esperando sua carta de Paris me contando por que seus planos deram errado.

Alegro-me por ter encontrado um relacionamento com alguém suficientemente forte, duradouro e grande para ser capaz de absorver pequenas tragédias como esta e me fazer vê-las como as pequenas coisas que são.

Tente ver assim e lembre-se, por mais que o destino pareça estar contra nós, "Deus se realiza de muitas maneiras, para que um só bom costume não corrompa o mundo".

Eu mesmo fui educado para acreditar que não devo amar levemente, que o amor que um dia devo ter por uma mulher seria a melhor coisa que jamais me aconteceria, e a única coisa pela qual devo esperar sacrificar meu coração e eu; meu corpo e meu cérebro para ganhar dinheiro ou fama como ela deseja, sim, mas eu só para ela e meu coração para ser arrancado por ela e por mais ninguém, se ela realmente quiser.

E agora isso veio até mim. Em dois curtos meses, mudei, como minha mãe me disse que seria, da pessoa que era antes, bastante egoísta e tão malditamente bem-sucedida em tudo que toquei, apenas porque nunca me ocorreu que eu não deveria ter sucesso e porque eu queria fazer isso por causa do meu orgulho. Sim, pensar que eu era uma pessoa tão orgulhosa que acreditava: "Desde lares tranquilos e começos até fins não descobertos, não há nada que valha a pena vencer, a não ser o riso e o amor dos amigos".

E mesmo assim os amigos parecem cair no meu colo sem que eu tenha que me desgastar para conquistá-los. E agora não sou mais a mesma pessoa. Não sei mais se terei sucesso. Não importa nada. E às vezes agora eu, que costumava ser tão corajoso e ficar em pé sobre rochas e lugares perigosos e não ter medo de afundar antes da mais feroz investida em Twickenham, e que nadava no mar mais violento, e nunca hesitei em contar a ninguém a verdade como eu vi, olhando em seus olhos, muitas vezes tenho um medo tão terrível e fico envergonhado de mim mesmo, já que sei que sou um covarde.

Pessoalmente, sempre imaginei a verdade como uma pessoa jovem e vigorosa. Tem que ser forte. Ele tem as tarefas mais difíceis de executar - não um velho, velho com cavanhaque, e sim como o Tio Sam com o mesmo olhar de autossatisfação e vazio no rosto.

Meus pensamentos e minhas orações não podem deixar de ajudá-la, mantê-la segura e dar-lhe força para rir dos desânimos ao seu redor. Mais coisas são realizadas pela oração do que este mundo sonha. Sei que minhas orações por você serão ouvidas.

Howard agora havia sido convidado a se apresentar como candidato do Novo Partido em Bristol para a próxima eleição. Ele aceitou a oferta.

P.D.H. para Doë

*St. Moritz,  
17 de setembro de 1931*

Faça o que fizer, nunca chegue a um estado de amargura em que acredite que toda a vida familiar é o tipo que você parece levar. Tenho certeza de que o amor familiar é uma das maiores alegrias que a vida pode oferecer e uma das melhores maneiras de sabermos que estamos fazendo o bem como deveríamos. Não quero dizer que qualquer família continue sem que seus membros pensem de maneira diferente sobre coisas diferentes. Você sempre encontrará um monte de gente gostando de coisas que irritam os outros e assim por diante. Mas em uma família, como deve ser uma família, você encontrará um espírito de altruísmo baseado em uma absoluta confiança e confiança e amor entre seus membros, que não encontraremos em outro grupo de relações humanas, e que faz com que todos vejam as tempestades da vida como as pequenas coisas que são, e ceder em vez de colidir com os sentimentos e as almas dos outros. Portanto, não pense que todas as famílias gritam, brigam e magoam, porque não o fazem.

Em dezembro, tenho um exame da Ordem dos Advogados e no próximo verão um diploma em economia política, para o qual ainda não comecei a ler. Então você pode ver que com todas essas coisas e minhas atividades na *Oxford House*, tenho muito com o que me ocupar. Além disso, tenho de produzir um artigo semanal para o *Pioneer*, cujo primeiro número sai em 1º de outubro. Tenho uma importante partida de rúgbi em 23 de setembro (Inglaterra e País de Gales contra Escócia e Irlanda, que Sam Tucker joga todos os anos). E também espero que no dia 3 de outubro jogue contra os sul-africanos. Infelizmente, no momento não estou nem um pouco interessado, mas espero que, quando eu receber meu primeiro bufê na cabeça, fique um pouco mais entusiasmado.

Eu me pergunto se algum dia terei de volta aquela velha paixão que costumava me levar a fazer as coisas melhor do que as outras pessoas para que meu próprio orgulho pudesse ser satisfeito. Pois meu orgulho se foi.

Você pergunta sobre meu trabalho na Inglaterra. Minha primeira palestra sem fio é em 27 de setembro. Com Mosley vou para Bristol quase assim que voltar para a Inglaterra para ser apresentado aos meus eleitores, pobres tolos. Espero que não suspeitem que o jumentinho de orelhas que balançam, que sou eu, está à espreita por trás da voz que lhes dirá como, se me mandarem de volta ao Parlamento, inevitavelmente acharão que seu pão lhes custará menos. Falo no templo algum tempo antes do final do mês e começo os três clubes de pioneiros, dois em Londres e um em Birmingham. Isso deve levar cerca de três semanas. Farei uma palestra em *Stratford* no domingo, 25 de outubro, sobre a paz mundial. Além disso, antes do final do ano, tenho que encontrar tempo para ir a todas as cidades da Inglaterra, Escócia, Irlanda do Norte e País de Gales, onde acho provável que possa abrir um Novo Clube de Festas e discursar em uma reunião lá.

Howard deixou St. Moritz e voltou para a Inglaterra, mas sempre que tinha um fim de semana livre, pegava o trem no sábado à noite para Paris. Doë sabia que ele estava vindo. Seu pai não:

"Eu costumava telefonar para o hotel do Restaurante Griffon, onde o proprietário adorava romance, a ponto de uma vez descontar um cheque para mim.

"O Sr. Howard encontra-se em Paris para passar o dia. Ele poderia ligar e ver Mademoiselle Metaxa?" A resposta seria: 'O Sr. Howard almoçará com a família Metaxa à uma hora?'

"Então eu vagava por Paris nas manhãs de domingo, desconhecido e sem conhecer ninguém. Eu costumava beber um copo de *Dubonnet*, observar os pescadores no Sena, passear e seguir os pombos e as crianças nos Jardins do Louvre - e à uma hora iria para o Hotel Napoleão.

"Haveria um almoço em família. Eu trocava algumas frases com Doë. Depois, adeus novamente.

"À tarde, um cinema solitário, muitas vezes incompreensível, pois eu não falava francês naquela época. Depois, voltava para a querida e sombria Gare du Nord, com seu odor de café fresco e alho velho, trens e esgotos e o cheiro picante que tem a França. Parto novamente na viagem noturna para Dunquerque e Tilbury, e para meu escritório em Westminster às nove da manhã de segunda-feira.

P.D.H. para Doë

*The Griffon, Paris,  
27 de setembro de 1931*

Estou escrevendo isso entre os pratos do meu jantar. Ao pensar que você está a um quilômetro de mim e ainda assim devo ir embora sem vê-la, a tristeza volta para mim. Mas ainda não posso ficar totalmente triste depois de hoje. Logo depois que você entrou no hotel, quase fiz papel de bobo e fui até a porta para uma última chance de vê-la, e perambulei pela avenida com o coração partido.

Perdoe-me se eu estava sujo ou sem graça hoje. Estou terrivelmente, terrivelmente cansado, mas mais feliz do que jamais esperei ser. Nunca pensei que passaria vinte e seis horas das trinta e seis horas livres viajando para ver alguém, exceto minha mãe, e fico muito feliz por ter sido sensato o suficiente para vir.

As viagens para casa eram longas e cansativas. Doë estava atormentada por dúvidas e medos, que foram encorajados por seus pais, e as separações foram difíceis.

P.D.H. para Doë

*Nova Sede do Partido em Londres  
28 de setembro, 1931*

Foi um inferno aquela viagem de volta ontem à noite. Sentei-me no trem na Gare du Nord e, quando começamos a nos mover, mandei um beijo para você até a linda lua cheia. Paris parecia tão adorável, e eu odiava deixá-la e também você.

Acho que o erro que você cometeu no passado é que você conhece a verdade há algum tempo profundamente em si mesma, mas sempre que você teve momentos ruins - e todos nós os temos, você sabe - você não discutiu com a verdade que você sabe que é a sua força e comigo ao seu lado. Você não disse: "Eu sei e sei que Peter me ama e sempre me amará. E eu sei e sei que sempre o amarei". Não arrisque nosso futuro e nossa grande felicidade recusando-se a lutar contra pensamentos que você sabe profundamente que são falsos e que, se você não matar de uma vez com a verdade como a conhecemos, poderá se fortalecer com o tempo.

P.D.H. para Doë

*Londres,  
Setembro de 1931*

Estou escondido em um pequeno café perto das Casas do Parlamento chamado Pewter Jug. Todos no escritório estão me procurando e muito zangados porque eu saí. Mas não posso continuar sem escrever para você.

Cheguei a Stoke-on-Trent às quatro e meia e tive que providenciar a administração do salão onde Mosley iria falar. Também entrevistei várias pessoas para ele e fiz um breve discurso de agradecimento e encorajamento ao comitê local do Novo Partido. Às sete e meia sua reunião começou. Tive que subir em uma estátua do lado de fora da Prefeitura e falar por uma hora e meia para todas as pessoas que não conseguiram entrar para ouvi-lo, uma multidão de cerca de 7.000 pessoas. Bem, você tenta falar mesmo em um tom comum sem parar por uma hora e meia e vê como se sente cansado, mas lançar sua voz abertamente para chegar a 7.000 é uma tarefa fantástica, e eu estava quase desmaiando no final.

P.D.H. para Doë

*Londres,  
Outubro de 1931*

Lamento que você não goste que eu seja devoto. Não significa exatamente a mesma coisa para mim e para você. Por dedicado, não quero dizer que estarei sempre rastejando aos seus pés e dizendo que você não pode fazer nada errado, e fazendo sempre o que você diz. Tal vida é impossível para mim. Eu

tenho minhas próprias ideias sobre como fazer as coisas e vou apresentá-las a você para sua aprovação, assim como espero que você apresente suas ideias a mim. Mas qualquer subserviência rastejante está destinada a matar o afeto.

Sobre minhas roupas, isso é algo sobre o qual estarei definitivamente aos seus pés. Não sou bom em escolhê-las sozinho. Seria muito melhor que você escolhesse para mim. Eu mesmo acho que um laço creme ficaria melhor em seu chapéu do que um amarelo, a menos que você tenha exatamente o tom certo de amarelo. Isso não vai ajudar muito, infelizmente, mas você vê que eu me lembro de pequenas coisas sobre você, mesmo no meio dessa babel. O barulho em época de eleição é a pior parte — campainhas de telefone, máquinas de escrever, pessoas ditando cartas. Isso nunca para.

P.D.H. para Doë

*Outubro de 1931*

Ontem tive que ir ver o Mosley. Depois que ele terminou de falar comigo não tive tempo nem de terminar minha carta e postá-la. Mas eu a carreguei em minha bolsa até Cardiff. Depois de meus discursos ontem à noite, vim para ver o Merthyr, onde estou agora.

Merthyr foi deputado trabalhista nos últimos quarenta anos e todos dizem que é uma loucura lutar contra isso. Somos o único partido que lançou um candidato contra o cabeça-de-parede socialista e estamos indo muito bem aqui.

Temos uma multidão de cerca de 8.000 pessoas e, se não fosse por você, eu estaria com muito medo. A maioria deles será hostil no início, já que nossa política não é popular e não promete muito aos eleitores por mais um ano.

Veja, às vezes sou apenas um garotinho - muito nervoso e com medo de coisas grandes que tenho que fazer. O discurso que tenho que fazer em uma hora, não será fácil. Será o mais difícil que terei de fazer em toda a eleição, exceto a de Glasgow na segunda-feira.

Mais tarde...

Acabei de fazer um discurso para os mineiros em Treharris quando eles saíram do solo de seu trabalho no poço. Foi maravilhoso, uma coisa que não vou esquecer. Eu estava de pé sobre um monte de escória fazendo meu discurso e o sol estava se pondo muito vermelho e esplêndido (você sabe como é o sol de inverno britânico) atrás da boca do poço e dos outros montes de escória negra. Todos os mineiros saíram do poço com rostos negros como carvão, cansados de seu trabalho, e olharam para mim e ouviram. Foi estranho e maravilhoso. Meu corpo era a única coisa branca e todo o resto preto, exceto o sol vermelho.

Foi no Sul de Gales, durante a campanha eleitoral, que Howard viu pela primeira vez o tormento do desemprego:

"Fui de carro pelos vales do *Rhondda*. Logo vi uma multidão de pessoas, trezentas ou quatrocentas, agachadas na encosta de uma colina, olhando para um lago. Lá estavam eles na grama, agachados sobre os calcanhares. como fazem os mineiros, como um bando de corvos negros contra o verde e o cinza da paisagem galesa.

"Durante dois dias antes de minha chegada, eles ficaram sentados impassivelmente, do amanhecer ao anoitecer, olhando para aquela lagoa (a água não tinha mais de cinquenta metros de largura).

Um mineiro que tomava banho na lagoa havia se afogado. Eles estavam arrastando a água para seu corpo.

"E todos os mineiros da aldeia apareceram e assistiram a essas operações. Pois eles não tinham mais nada para fazer. Absolutamente nada. Estavam todos desempregados. Durante anos, os homens mais velhos não trabalharam. Muitos dos homens mais jovens nunca tiveram um dia de trabalho em suas vidas. Então agora passavam o tempo cuidando do lago. Era sua única ocupação na vida.

"Fiquei sabendo que eles ficaram sentados lá por mais um dia inteiro depois que deixei *Rhondda*, até que o arrasto de aço se prendeu firmemente no braço morto do mineiro afogado, dez metros abaixo da superfície, e o puxou para a luz do dia. Quando a ambulância retirou o corpo, os mineiros desempregados foram para casa, não tinham desculpa para vigiar a lagoa no dia seguinte.

"Foi nos vales que vi pela primeira vez como as mulheres assumem o semblante dos homens quando estão de luto - então as linhas tensas, imóveis e cinzeladas dos rostos das mulheres têm uma aparência masculina. A forma de um desses rostos é gravada para sempre em minha memória, os lábios ligeiramente entreabertos, a amargura lutando contra a fé nas luzes profundas dos olhos, as bochechas e o queixo encharcados, embora nenhuma chuva tivesse caído.

"Classe não significa nada e ódios não significam nada, e os velhos gritos e slogans políticos não significam nada na boca do poço em dias como este. A esposa do gerente e a esposa do mineiro preparam chá juntas, batendo os pés para se aquecer na lama enegrecida ao redor do poço. É uma irmandade de tristeza.

"Homens do fosso e do escritório que por anos não falaram um do outro, exceto em termos de abuso, descem juntos para enfrentar o problema - eles trabalham até que roupas, mãos e unhas estejam

rasgadas. Às vezes eles morrem em companhia, correndo riscos para abrir caminho rapidamente para os homens sepultados. É uma irmandade de trabalho.

"Em uma rua eu vi vinte ou trinta crianças brincando. Parei para observá-las. E em um momento, raiva, pena, humilhação, um composto de cada sentimento profundo do coração humano cresceu dentro de mim. Pois vi que quase todas essas crianças tinham pernas ou tornozelos deformados.

"Eles sentiram o enfraquecimento da desnutrição, porque havia muito pouco dinheiro entrando nas áreas de mineração, naquela época.

"Quando perguntei a um membro do Parlamento sobre essa tragédia, ele disse: 'Bem, é muito triste. Mas se eles gastassem o subsídio com leite para as crianças em vez de cerveja para eles próprios, estariam melhor.'

"Talvez houvesse alguma verdade no comentário. Não sei dizer. Mas sou tão cínico e tão inadequado. Encheu-me de fúria. Amaldiçoei Deus e o homem, especialmente aquele homem."

P.D.H. para Doë

*Outubro de 1931*

Esta é a primeira vez desde que deixei você que pude me sentar com você e ficar a sós com você e falar com você por mais de alguns minutos. Eles virão atrás de mim em um quarto de hora e me levarão embora e me darão comida antes de falar. Eles cuidam de mim como uma criança, essas pessoas em todo o país, pois fico muito exausto depois de fazer um longo discurso, já que coloco tudo de mim nele. Estou tão cansado hoje em dia, que realmente passei do estágio em que consigo pensar em coisas como comida e sono por mim mesmo. Mas eu como quando eles me dizem e durmo quando eles me dizem.

Amanhã (domingo) estarei em Birmingham; segunda e terça em Glasgow - no Great Central Hotel. Depois disso, até 28 de outubro, no *Stafford Hotel, Stoke-on-Trent*. Mosley está tendo uma luta feroz para manter seu assento e quer que eu fique com ele até a votação.

A visita eleitoral de Howard a Glasgow foi tão difícil quanto a do País de Gales. A lembrança disso nunca o deixou:

"Fui enviado para vasculhar uma rua em um dos distritos eleitorais de Glasgow contra o qual um apoiador de Mosley estava lutando. No porão de uma casa ali, encontrei um homem morando em um único quarto com cinco filhos. O mais velho tinha cerca de quinze anos, o caçula tinha quase dois anos. Não

havia janela alguma neste abrigo. O lugar fedia. Nos rostos das crianças, exceto das menores, havia lugares doloridos com crostas, parecendo varíola.

"O homem ficou conversando comigo de maneira bastante educada. Ele me disse que não estava interessado em política e não pretendia votar na eleição. 'Veja, nenhum desses homens faz nada por mim', disse ele. Expliquei que o Novo Partido era realmente um novo partido, tentou dar expressão a todas as esperanças e ambições dos homens de boa vontade, planejou corrigir os erros dos milhões submersos de nossa população e fazer uma nova Grã-Bretanha com igualdade de oportunidades, justiça e trabalho.

"O sujeito simplesmente não estava interessado. 'Todos dizem o mesmo', disse ele. Então, em uma voz mais direta, porque eu estava fazendo tudo o que podia para fazê-lo gostar de mim - e conseguindo - ele acrescentou: 'Sabe, nenhum deles faz nada por mim, porque nenhum deles pode. É tudo uma confusão sem esperança.'

"Eu disse, 'se você mudar de ideia e votar, vote no Novo Partido.' 'Talvez', ele respondeu, rindo da minha persistência. 'Se o Novo Partido estivesse no poder,' eu disse a ele, 'você conseguiria um lugar melhor do que este para morar - mais espaço.' Ele respondeu em tom normal de conversa: "Oh, estávamos mais lotados há uma semana. Havia outra criança aqui então. Ela morreu aqui na sexta-feira passada." Ele me deu essa informação exatamente como se tivesse me dito que gosta de arenque defumado no jantar. A vida havia derrotado tanto esse sujeito que ele simplesmente não se importava mais com nada.

"Ouí dos vizinhos da senhora, que a filha, de nove anos, morreu lá embaixo entre eles uma noite, e na manhã seguinte o pai carregou o cadáver, em um saco nas costas, para um local onde foram feitos arranjos para enterrar a criança."

A essa altura, os Metaxa e os Howard estavam ansiosos para encerrar o romance entre Peter e Doë. Os Howard achavam que Doë era uma estrangeira e havia muitas boas garotas inglesas por perto. Os Metaxa queriam referências da Inglaterra para garantir o bom caráter de Howard.

P.D.H. para Doë

*Outubro 1931*

Esta vai ser uma carta muito séria. É a primeira vez que tenho a chance de escrever nos últimos três dias. Nunca conheci tanta pressa como esta. Fiz mais de vinte discursos em três dias, alguns deles com mais de uma hora de duração. Falei antes de Mosley na reunião, em Birmingham. Você deve ter lido sobre quando os comunistas tentaram nos matar com correntes e garrafas e eu fui cortado na cabeça (estou

enviando uma foto disso) pouco antes do verdadeiro combate começar. Você vê como estou desganhado e com raiva. Eu e Mosley estávamos lutando com bastões e abrindo espaço ao redor da plataforma. Todos os nossos discursos em Glasgow foram feitos em locais onde houve tumultos há menos de um mês. Teremos outra reunião em Birmingham assim que a eleição terminar.

Acabei de responder à carta de sua mãe e disse que se ela esperasse, como ela mesma sugeriu, até depois da eleição, seria melhor, pois então eu poderia lhe dar uma resposta muito mais completa e detalhada.

Quanto à questão da nacionalidade, receio não pensar como sua mãe. Se você vier a mim com a determinação de se tornar uma mulher inglesa com um amor pela Inglaterra que excederia seu amor por qualquer outro país, mesmo se você conseguisse, o amor que você formou seria um amor que você impôs a si mesma, não é um amor natural, e você nunca teria sucesso total.

Claro, você ama mais a França. Seria antinatural se você não o fizesse. Se você vier a mim decidida a transformar suas ideias e ideais em ideais ingleses por minha causa, isso implicaria que você pertence a mim muito mais do que eu pertencço a você, e não acho que deva ser assim.

Vou pensar nas pessoas para quem pedirei que sua mãe escreva. Harold, sim, e "Buster" Brown, que conhece a mim e minha família há anos. E Lorde David Cecil, que me conhece desde os meus dias em Oxford. E assim que eu chegar em casa no final do mês, pedirei à minha mãe que escreva para os seus pais e para você, mas é melhor você não escrever para ela, eu acho, até que eu a tenha visto. Ela ficará um pouco triste, embora soubesse que isso iria acontecer.

Fico feliz em dizer que acho que o governo nacional está seguro para uma maioria agora. Quanto aos nossos próprios candidatos, eles estão se saindo muito melhor do que antes ousávamos esperar, mas ainda temos um longo, longo caminho a percorrer. Meu próprio povo foi duramente atingido por este novo orçamento de emergência. A menos que reorganizemos nosso comércio, nenhum de nós terá dinheiro sobrando. Se este for um inverno ruim, haverá lutas e saques nas ruas, receio. A eleição geral ocorreu em 27 de outubro de 1931. Para o Partido Novo foi um fiasco. Cada um dos vinte e quatro candidatos, incluindo Mosley e Howard, foi derrotado. Após a eleição, Howard passou alguns dias com seus pais em Bexhill, antes de retornar a Londres. Em Londres, ele passou muitas noites em uma casa flutuante em Chelsea, indo para a casa de seus avós para banhos quentes ocasionais. Não foi surpresa que ele tenha pegado uma gripe.

P.D.H. para Doë

*The Studio, Londres,*

*Novembro de 1931*

Estou melhor, mas muito, muito cansado. Tão estranho, consegui uma ótima imprensa de rúgbi no sábado! Evidentemente, algum repórter me confundiu. Foi divertido ler sobre como você jogou bem quando estava deitado na cama. Espero poder ficar acordado em alguns dias. Eu realmente não deveria ter me levantado ontem.

P.D.H. para Doë

*The Studio, Londres,*

*Novembro de 1931*

Um pouco melhor, mas a temperatura ainda está alta. Todos os dias, o office-boy, Charlie, chega por volta das seis horas da sede e traz suas cartas. É engraçado quando se está doente e parece impossível que alguém fique realmente bem.

Cansado da campanha eleitoral, da gripe e do aumento do trabalho, Howard era cada vez menos capaz de resistir à pressão da família. Eles o instaram a romper seu apego a Doë. Ele não podia dizer que não a amava mais. Ele fez. Ele seguiu o único curso que, em seu estado enfraquecido, parecia aberto para ele. Envolvia contar a Doë uma mentira elaborada.

P.D.H. para Doë

*Dezembro de 1931*

Aqui está a verdade. Nenhum homem poderia amar uma mulher mais do que eu amo você. Machuquei minha perna no jogo de rúgbi quinze dias atrás e também adoeci depois, mas fiquei de cama apenas três dias. Ao examinar minha perna, o médico diz que está mal. Quando perguntei se passaria para meus filhos, se tivesse, ele disse que sim. Eu não tive coragem até que você me descobriu para lhe dizer a verdade. Aqui está. Você pode ter sido infeliz, mas e agora?

P.D.H. para Doë

*Londres*

*24 de dezembro de 1931*

Nas próximas semanas, vou ver todos os melhores cirurgiões de Londres. Foi por puro acaso que eu tive que ir a um médico para consertar essa lesão de rúgbi ou não teria descoberto isso. Isso parece quase mais do que posso suportar. Você deve me esquecer assim que puder. Se você quer que as coisas

díficeis sejam feitas, estarei aqui para tentar fazê-las. Não perdi minha coragem, mas apenas minha fé e esperança.

P.D.H. para Doë,

*Dia de Natal de 1931*

Esta será apenas uma carta curta. Eu escrevi tantas longas ultimamente e tudo o que elas fizeram foi me deixar mais triste. Como as coisas estão agora, você é a última pessoa com quem eu me casaria porque você é a pessoa de quem eu mais gosto. Suas cartas me deixaram tão triste que, embora seja quase insuportável, não abri as últimas seis. Sinto muito. Farei isso quando estiver mais apto a fazê-lo. Você deve, se me ama, ser sensata e saber que com o tempo vai superar isso e encontrar alguém que ame.

Meu pai é o único da minha família que sabe do meu infortúnio. Terei que contar para minha mãe em breve, suponho.

P.D.H. para Doë

*Boxing Day, 1931*

Acho que não vou escrever de novo por algumas semanas, se puder suportar.

Nós dois estaremos no inferno por muito tempo, eu temo. Podemos sempre ter lembranças de uma encosta na Suíça e de um cinema em Paris. Bênçãos a você sempre! Estou pensando em aceitar um emprego no Sudão que me foi oferecido. Seria uma mudança.

\* \* \*

Por três meses as cartas cessaram. Doë sabia que a lesão na perna não era o verdadeiro motivo do silêncio. Ela temia que o verdadeiro motivo pudesse ser outra garota. Ela estava errada.

Durante os meses que se seguiram, Howard ficou desiludido com o Novo Partido. Mosley tornou-se cada vez mais fascista em sua perspectiva, e Howard sentiu que os dias do Novo Partido haviam acabado.

Harold Nicolson registra o começo do fim em suas Cartas e Diários 1930-39:

*15 de março de 1932*

"Sugerimos... que o Novo Partido possa agora reconhecer sua própria morte. Peter Howard é convocado e fala nesse sentido com uma franqueza que nem Bob Forgan nem eu ousamos assumir. Uma reunião importante, na medida em que a morte do Novo Partido foi agora discutida francamente e o gelo quebrado."

### *5 de abril de 1932*

"Decidimos dissolver o Novo Partido como organização política ou eleitoral... Isso significa demitir Peter Howard."

A demissão não foi nenhuma surpresa para Howard. Foi mais com alívio do que com pesar que ele deixou o Partido Novo. Howard escreveu:

"Os fundos estavam diminuindo. Os pensamentos de Mosley começaram a se voltar para o fascismo, que Harold Nicolson - e eu - detestávamos. Falava-se muito sobre isso. Mas a camisa de Mosley escureceu dia após dia. Atualmente, Nicolson tirou o chapéu do cabide. Eu recebi o meu. E nós dois saímos do Novo Partido juntos."

O rompimento com Mosley pareceu acalmar os ânimos de Howard. Outros aspectos de sua vida começaram a se encaixar. Em abril de 1932, ele escreveu sua primeira carta para Doë em três meses.

P.D.H. to Doë

*4, Chepstow Villas,  
Bayswater, W.  
Abril de 1932*

Você vai me enviar apenas uma carta para me mostrar que você ainda está lá? Será que você se importa comigo tanto quanto eu com você? Só uma coisa é certa: eu te amo.

P.D.H. para Doë

*Nova Sede do Partido,  
Abril de 1932*

Acho que nos últimos meses toda a minha mente tem estado doente. Quando você vem para a Inglaterra? Deixe-me vê-la quando o fizer. Será melhor falar um com o outro, eu acho. É hoje pela primeira vez que tenho esperança de que as coisas possam dar certo, embora esteja com tanto medo de que você tenha sido infeliz demais para querer me ver novamente ou perdoar.

P.D.H. para Doë

*Norte de Stafford Hotel Stoke-on-Trent*

*Abril de 1932*

Estou muito feliz desde que sua carta chegou para mim esta manhã. Mal consigo respirar. Você diz por que esperar se há esperança. Há mais do que esperança. Minha perna está perfeitamente bem no que diz respeito ao casamento.

Você pode me enviar diretamente se conseguir este seu endereço em Roma? Eu vou mandar para lá toda a triste história da minha estupidez.

P.D.H. para Doë

*Abril de 1932*

Nossa notícia deixou meus pais muito felizes. Mamãe entrou em meu quarto, deu-me um beijo de boa noite e disse: "Espero que ela goste de nós, Peter".

Essa era sua única preocupação. Então eu assegurei a ela que sim, e as coisas não poderiam ser melhores.

Eu não tinha mencionado você para meu pai e minha mãe por três meses. Eu me senti um tanto constrangido com isso, mas você verá agora que as coisas com eles não poderiam ser melhores do que são. Ambos virão a Londres para me ver amanhã, e iremos juntos a um teatro à noite.

Por insistência dos Metaxa de que ele deveria conseguir um emprego estável, Howard desistiu de ler para a Ordem dos Advogados e ingressou na *Brown's, Solicitadores de Bishopsgate*, como um funcionário articulado. Então ele escreveu mais uma vez aos Metaxa pedindo sua permissão para se casar com Doë. Ela ainda não tinha vinte e um anos. Os Metaxa ainda estavam decididos a impedir o casamento. Eles passariam a Páscoa em Montreux e Howard esperava ser convidado.

P.D.H. para Doë,

*Great George Street Londres*

*Abril de 1932*

Esta é uma carta importante porque acabei de receber a resposta de sua mãe à minha. Eu vou te contar os ossos do que ela diz com citações entre aspas.

Ela me agradece por minha carta muito gentil e direta. Está feliz que eu e minha família somos muito dedicados e diz: "Com a gente é a mesma coisa, e espero que vivamos todas as nossas vidas em união amorosa com nossos filhos".

Ela diz que minha posição e minhas perspectivas são seguras, o que é muito importante. "O que você ganha e o que pretendemos dar a Doris devem permitir que um jovem casal viva confortavelmente se for cuidadoso. Mas estou me perguntando se Doris é capaz de ser cuidadosa. Ela provavelmente acha que é, mas a vida nômade que temos sido obrigados a levar ultimamente a acostumou a luxos que ela não tem em casa e a tornou inquieta e exigente. É quase impossível para ela permanecer tranquilamente em casa ou sem companhia. Isso lhe deu falsas ideias de valores e a tornou imprudentemente extravagante. Ela gasta sua mesada quase que imediatamente após recebê-la e, em seguida, pede emprestado ou faz dívidas, mas não tenta negar a si mesma as coisas que deseja ou acha que precisa.

"Para fazer justiça a si mesmo, acho que você deve se certificar de que ela ficará satisfeita com o lar simples e os prazeres que você pode proporcionar a ela, e que ela não desejará os holofotes constantes e dispendiosas diversões daquela posição da sociedade à qual o Daily Mail dedica a maior parte de suas colunas. Ela também tem ambições sociais, visões de si mesma casada em Londres, o centro de um círculo de admiração de seus amigos literários e políticos, e onde seus amigos do tênis são sempre bem-vindos em seu apartamento pequeno, mas perfeitamente decorado. , onde ela oferece pequenos jantares elegantes ou jantares que são o assunto da cidade, e aos quais ela preside em belas roupas das melhores costureiras de Paris (onde não podemos pagar para mandar fazer seus vestidos) dirigindo seu próprio Rolls-Royce ou Packard para buscar o marido em seu escritório e levá-lo ao Queens Club ou Roehampton. Ela pretende viajar em seu próprio avião nos fins de semana.

"Eu deveria estar angustiado em saber que algum filho meu estava desperdiçando seu precioso uso dessa maneira e sinto que com suas muitas qualidades, Doris é feita para uma vida melhor e mais útil. Acho que ela pode ser levada a enxergar isso, mas pode levar algum tempo para mostrar-lhe que ela está deslumbrada com um falso glamour. E não acho que ela deva se casar antes de perceber que a vida de casada é feita de sacrifícios constantes e que gostamos muito mais do que damos do que do que recebemos ou tomamos.

"Espero que isso não soe como hipocrisia. Eu sou muito sincera e estou lutando pela felicidade da minha filhinha, e a sua também."

Parece que copieei a maior parte da carta dela para você e tem sido muito chato e difícil. Você vê por si mesma dois empecilhos sobre a resposta que ela me enviou. Ela não diz nada sobre me convidar para Montreux. E é difícil dizer a ela que acho que ela tem uma impressão completamente errada de Doris. Ela naturalmente gosta de aviões e Rolls-Royces e Roehampton. Quem não? Mas eles não são indispensáveis para sua felicidade. E quanto ao salão dos jovens escritores e políticos, eu conheço a

maioria deles e ela podia ver quantos quisesse. Mas ela sabe ou deveria saber que os dias das famosas recepcionistas londrinas se foram, e que as pessoas que colocam seus nomes nos jornais são em sua maioria alpinistas que mandam a conta de seus próprios jantares.

Mas o que diabos devo dizer a sua mãe? Se eu disser que ela está errada sobre você e que seu bom senso é capaz de separar o verdadeiro do falso, e embora ambos gostemos de mimos caros, também gostamos de mimos baratos. Então, sua resposta completa será: "Bem, suponho que conheço minha própria filha melhor do que você", ao que eu responderia: "Não, você não conhece". E aí chegamos a um impasse.

Eu me ressinto por ela ter dito que você vai ser o tipo errado de esposa para mim. Afinal, você e eu devemos ser o melhor juiz disso. E, segundo ela, o único marido que poderia ser feliz com você e fazê-la feliz deve ser um vegetal gordo e incrivelmente rico, sem amor por você como pessoa, apenas como anfitriã, e sem amor por coisas simples como flores e poemas e o campo e o golfe e assim por diante, e nada mais do que um bacalhau em putrefação.

P.D.H. para Doë

*Abril de 1932*

Acabei de escrever para sua mãe agradecendo a carta e dizendo que, embora as notícias de todas as suas tendências e ambições perversas sejam perturbadoras, acho que você é uma garota sensata demais para tê-las por muito tempo, mesmo que as tenha agora, e ela escreverá assim que chegar a qualquer conclusão com você e seu pai. Achei melhor política não discutir por carta.

Doë escreveu cartas ansiosas sobre a saúde de Peter. Na verdade, ela estava preocupada que ele não estivesse em condições de vir para a Suíça. Os Metaxa o convidaram, mas queriam que ele não fosse conhecido como o noivo de Doë.

P.D.H. para Doë

*Londres,  
Abril de 1932*

Olá, vovó! Vejo que, quando nos casarmos, terei de usar minhas roupas de lã de inverno de setembro a junho e nunca sair três horas depois de um banho quente e nunca correr pela casa de manhã cedo descalço, o que posso dizer que é uma coisa que sempre faço. Devo ser tão mimado e consolado que vou engordar, ficar vermelho e preguiçoso e ter uma enorme barba cor de chocolate para manter meu peito

aquecido, e usar uma daquelas horríveis roupas de flanela vermelha que acho que os vitorianos chamavam de "edredons" ao redor de mim. Você é tonta. Claro que me cuido. Eu gosto muito de mim mesmo para não fazer isso.

Quando venho a Montreux, parece que devo ser (a) seu irmão e (b) amigo de um parente de sua mãe que está lá a negócios. Um duplo papel muito difícil de desempenhar. Quem sou eu para estar na frente de quais pessoas? Que negócio exatamente eu vim realizar? É irritante de sua mãe se recusar a reconhecer que estamos noivos. Mas se ela insiste em cegar os olhos para a verdade, deve estar aí.

Howard partiu para Montreux. Foi apenas uma visita de fim de semana.

P.D.H. para Doë

*A caminho da Inglaterra,*

*19 de abril de 1932*

Tomei café da manhã no trem e fiz uma das viagens mais loucas de táxi de estação em estação que já fiz. Eu tinha certeza de que estava prestes a ser morto. Então enviei um telegrama para você - uma grande discussão com um homem no meu melhor francês sobre se 'querida' era uma palavra ou duas.

O noivado ainda não foi anunciado e a impaciência estava se instalando.

P.D.H. para Doë

*Londres*

*Maio de 1932*

Farei um ataque determinado a seu pai em Paris e verei o que isso trará. Proponho, com o seu consentimento, dizer-lhe isto: tudo o que quero é casar com a Doris sem o inconveniente de o fazer contra a sua vontade. Nós dois odiaríamos isso. Se o senhor nos der sua bênção, não precisa se preocupar em nos dar seu dinheiro. Se, por outro lado, acha que isso pode ser difícil para Doris, como de fato pode ser, dê-nos sua bênção e dê o dinheiro a ela. Eu não vou tocá-lo. Vou sustentá-la e a mim mesmo da melhor maneira possível com o dinheiro que ganho, e ela pode ter seu próprio dinheiro para gastar com roupas e entretenimento.

P.D.H. para Doë

*Knole, Sevenoaks*

*Maio de 1932*

Fomos a Sissinghurst ontem e Harold e Vital foram muito gentis conosco. Harold tem uma pequena cadela terrier chamada Rebecca, e sua *golden spaniel*, Sally, é muito, muito ciumenta.

Harold Nicolson, e sua esposa, Vita Sackville-West, autora e poetisa.

Tenho dois contratos com a BBC, mas posso ser demitido em dois meses. Não é provável que eu seja, mas posso ser. Todo mundo na BBC está no mesmo barco. E se sua mãe supõe que qualquer outra coisa é a regra na Inglaterra, exceto nos negócios, que não vou abordar, ela está enganada. Claro, nunca vou ganhar tanto dinheiro quanto seu pai. Ele é particularmente competente nessa linha de país, o que eu não sou.

Depois do jantar, Eddy<sup>18</sup> tocou para nós e ele toca pelo menos tão bem quanto qualquer um que eu já ouvi. Então fui cedo para a cama. Esta manhã, Lorde Sackville e eu jogamos golfe. Eddy não joga, mas caminha conosco. Joguei bastante bem, o que foi uma sorte.

Este lugar é, sem exceção, o mais inspirador e bonito em que já estive. Tudo foi deixado intocado nos últimos quinhentos anos, e a maior parte por mais tempo.

Doë deveria vir para a Inglaterra no final de junho para Wimbledon. Parecia possível que ambas as famílias concordassem com o anúncio do noivado.

*Londres*

*Maio de 1932*

No momento em que escrevia isto, chegou o correio com a carta de sua mãe. É muito bonito e encantador, e de longe a coisa mais definitiva que consegui dela. Ela diz, depois de uma longa explicação de por que ela não está vindo para a Inglaterra e assim por diante, "Se eu puder ir para

Inglaterra por algumas horas, podemos marcar um encontro com seus pais após o torneio, e se pudermos resolver as coisas para nossa satisfação mútua, o noivado pode ser anunciado então. O casamento pode ser arranjado para o final do ano ou início do próximo, conforme você possa resolvê-lo com alguns dias de licença."

Ela continua me dizendo que tem a minha felicidade tanto quanto a sua no coração, e termina dizendo: "Não deixe seu trabalho para enfrentar o barco, pois isso vai enfurecer meu marido. E também

---

<sup>18</sup> Edward Sackville-West, mais tarde Lorde Sackville

devo aconselhá-lo, se você deseja preservar sua boa opinião sobre você, abster-se de familiaridade de atitude e linguagem, que não são comuns entre nós, que são naturalmente mais reservados externamente do que as pessoas do norte." Agora, o que eu tenho feito?

Howard partiu para um fim de semana em Paris.

P.D.H. para Doë

*Harlech*  
*Junho de 1932*

O dinheiro sempre parece estar surgindo como um bicho-papão entre nós. Sou inteiramente sincero quando digo que o dinheiro não tem importância para mim, porque sei por experiência que pouco ou nada pode contribuir para a minha felicidade.

Quanto à sua declaração sobre a caridade e sua pergunta sobre a utilidade de um sorriso gentil sem dinheiro para apoiá-lo, acho que você está um pouco errado. Lembre-se de que Cristo, que presumivelmente inventou a caridade como uma virtude, raramente tinha dinheiro para distribuir. E você pode se lembrar da história do ácaro da viúva?

Em junho, Doë veio a Londres com o pai para a quinzena de Wimbledon. John Metaxa planejava retornar à França com Doë no dia em que ela fosse eliminada do torneio. Ele estava ansioso para atender a alguns negócios. Doë estava ansiosa para ficar na Inglaterra o maior tempo possível.

Durante a primeira rodada do campeonato, quando Doë tinha match point contra ela, John Metaxa produziu um formulário de telegrama e, à vista de Doë que sabia o que estava fazendo, começou a redigir uma mensagem para sua esposa na França dizendo que ele e Doë cruzariam o Canal naquela noite.

Doë ganhou aquela partida. Ela passou a ganhar as finais das duplas femininas em Wimbledon.

Howard assistiu a essa partida:

"Doë liderava por cinco games a quatro, e por quarenta de amor. Sua adversária estava sacando. No primeiro saque, Doë bateu com uma força incrível, um pé além da linha de base. Quinze a quarenta.

"No segundo ela bateu ainda mais forte e caiu cerca de três polegadas além da linha de base. Trinta e quarenta.

"O terceiro. Ela bateu com a maior força que eu já vi uma bola de tênis bater. A bola parecia elíptica em sua trajetória. O giz voou em uma nuvem do canto onde ela caiu, uma vencedora perfeita. Mas o juiz de linha a considerou "fora". O árbitro o questionou. A adversária de Doë disse ao árbitro que o gol estava dentro. Mas o fiscal continuou obstinado. Então, o empate foi marcado. Doë perdeu aquele game.

"Mas ela ganhou o set e a partida. Algumas pessoas navegam com mais força e firmeza quanto mais fortes são os ventos fortes. Doë é uma guerreira. Ela tem a qualidade de aço dos destemidos. Ela tem vivacidade aliada à cordialidade, e essa é uma combinação extremamente rara.

"Em 9 de julho de 1932, Peter Howard e Doë Metaxa anunciaram seu noivado.

# Capítulo 6

## PROVENÇA

Das colinas soprava um vento pesado de poeira para as planícies onde as vinhas e as oliveiras aguardam as chuvas da primavera.

Encharcada de sol ela corria, carregada de cheiros de flores. Sobre o arado de tijolos vermelhos onde os bois labutavam as horas.

Estremeceu com a mão ao sair dos meus ombros o fardo dos anos, as esperanças que nunca foram realizadas, a loucura dos meus medos.

Espalhou-os para o céu sem nunca dizer uma sílaba,  
Como um vento brincalhão na Inglaterra rouba  
o chapéu da cabeça de um velho homem.

Eu fiquei lá rindo e chorando sob o céu do sul  
e novamente na Provença, neste inverno, só existe você e eu.

Com uma vida para viver diante de nós, e todo o passado deixado para trás,  
sacudido de meus ombros tolos pelo sopro do vento Provençal.

**P.D.H.**

O noivado de Howard lhe trouxe segurança e felicidade. Ele já havia conseguido saldar suas dívidas em Oxford. Agora, aprendia o ofício de advogado no escritório durante o dia e trabalhava para os exames à noite. Ele achou a lei fascinante:

P.D.H. para Doë

*Londres*

*5 de dezembro de 1932*

Duas presenças perante o Mestre amanhã, para as quais terei que me preparar. Conseguimos adiar novamente o caso da madeira. Mas os recursos anti-incêndio e anti-Cunard estão chegando ao Tribunal Divisional, e não podemos adiar isso. Receio não poder comparecer, embora deva, já que Geoffrey<sup>19</sup> está

---

<sup>19</sup> Tio de Howard, Geoffrey Howard. Mais tarde Q.C. e Juiz do Supremo Tribunal.

pedindo por nós. Quatro pessoas esta tarde com compromissos e dois deles esperando do lado de fora agora - alguns deles para obter provas de evidências que levam em menos, quarenta minutos.

Levei três quartos de hora hoje para almoçar com o pai de Tony<sup>20</sup> porque esperava conseguir algum trabalho dele, e com certeza consegui. Apenas uma pequena reclamação por danos de um proprietário de hotel no norte do País de Gales. Se os conseguirmos, o que, segundo as evidências, acredito que conseguiremos, ele nos dará mais trabalho, espero. Isso seria uma ajuda, pois seu negócio de couro é enorme. Desculpe falar sobre o trabalho, mas está girando na minha cabeça hoje.

Mas, à medida que o dia 17 de dezembro se aproximava, sua empolgação crescia:

P.D.H. para Doë

**DEZEMBRO DE 1932**

Esta semana seremos casados. Não é adorável lembrar disso?

Eu penso nisso o tempo todo. Hoje o tempo está feio. Apanhei um pouco de constipação, por isso acordei um pouco tarde esta manhã e depois levantei-me, enrolei-me em cerca de meia dúzia de sobretudos e fui ao jardim colher rosas. Não é maravilhoso que, apesar da geada e dos ventos frios, o verão ainda esteja florescendo aqui?

Howard viajou para Marselha com Tony Carter, que seria seu padrinho. Ninguém da família Howard foi ao casamento, embora Geoffrey tenha emprestado o fraque ao sobrinho e Gracie pagou a passagem — uma volta para Tony Carter e outra para Peter! Eles chegaram dois dias antes do casamento e se hospedaram em um pequeno hotel. O casamento em si, como Howard escreveria mais tarde, foi uma espécie de maratona:

"Casei cinco vezes. É justo acrescentar, para a ilusão dos sábios e a confusão dos ignorantes, que todas as vezes foi a mesma moça que me acompanhou durante as cerimônias. Portanto, podemos reivindicar, o que é único em minha experiência, o fato de sermos um casal quártuplo, cinco vezes marido e cinco vezes, mulher.

"Doë e eu terminamos esta corrida de obstáculos de um casamento em Marselha - uma vez na igreja inglesa de lá, duas vezes e longamente na igreja grega, uma vez no consulado inglês e novamente na prefeitura francesa.

---

<sup>20</sup> Tony Carter.

"Eu estava tão alegre na manhã do primeiro dia que joguei sous na sarjeta da Rua St. Jacques e as criancinhas francesas gritaram e lutaram por eles.

"A Mairie francesa tinha um cachecol tricolor tão apertado no meio que sua carne inchava em cima e embaixo como ondas gêmeas do oceano com uma calha no meio. Seu estômago inchava a cada respiração. Foi um espetáculo comovente, e os espectadores se engasgaram e suaram em solidariedade. Ele levou oito minutos e meio para nos casar. Então, se levantou e veio em minha direção para beijar meu rosto. Ele teria feito isso se eu, com orgulho inglês, não o tivesse superado.

"Na Igreja Grega, um coro invisível cantava de uma galeria acima. Moças moviam-se diante de nós espalhando botões de rosa e flores de laranjeira vivas a nossos pés, enquanto três vezes em um ritual sagrado seguíamos os padres barbudos ao redor do santuário. Sobre cada cabeça, a de Doë e a minha, uma coroa de ouro forjado e delicado foi segurada por amigos - mantida à distância por noventa minutos sem pausa ou espera.

"Na Igreja Inglesa, onde na tarde do terceiro dia as cerimônias terminaram, eu havia perdido todo o nervosismo. A essa altura, casar-se era para mim um lugar-comum e, na verdade, um assunto cotidiano. Cantei 'Os sinos estão chegando, tra la, tra la' em voz baixa para o meu padrinho enquanto Doë e seu pai subiam pelo corredor.

"Passamos dois dias chegando à Inglaterra. Essa foi a nossa lua de mel. Lembro-me dos pombos, vivos e rotundos, na rua dos Jardins Concorde em Paris, e das pombinhas, mortas e assadas, no espeto do café de Avignon. Nós os comemos com molho preto grosso e vinho tinto encorpado.

"A chegada à Inglaterra foi uma provação para Doë. Sua vida se deu na França e tinha poucos amigos na Inglaterra.

"Minha mãe chorou quando deixei a Inglaterra antes do casamento. A mãe de Doë chorou quando ela deixou a França depois do casamento. Foi com esse pano de fundo salgado que Doë e eu atravessamos a passarela até a costa em Dover para saborear o gosto da vida.

"As estrelas eram ternas para nós e a terra era quente. Doë e eu estávamos profundamente apaixonados."

Os Howard alugaram um apartamento na antiga casa de Disraeli em 22, *Theobald's Road*, perto de *Gray's Inn*. Era uma casa cheia de armários e portas secretas. O banheiro ficava escondido atrás de estantes deslizantes na sala de estar e dava bastante espaço para as pegadinhas de Peter. Para Doë, era uma vida solitária, mas ela aprendeu a encontrar o caminho para as lojas francesas no Soho e trouxe para casa croissants, mexilhões, azeitonas e hors d'oeuvres que lhe deram um gostinho de sua tão amada Provença.

Aos domingos eles caminhavam juntos pelas silenciosas ruas da cidade. Passaram a conhecer Londres tão bem que logo era difícil acreditar que não tivessem morado lá sempre. Doë começou a falar um inglês perfeito. Peter estava trabalhando longas horas e muitas vezes até tarde da noite. Sua visão começou a ser afetada e Doë temeu que o trabalho intenso pudesse lhe causar danos permanentes.

Em 2 de novembro de 1933, nasceu seu primeiro filho, um menino. Tinha cabelos escuros e olhos castanhos, e eles o chamaram de Philip. "Fiquei surpreso, Peter Howard lembra. "Há um sentimento de admiração quando as coisas sobre as quais você sempre ouviu falar acontecem com você. Mas junto com o sentimento de espanto havia uma irritação e um pequeno medo." A irritação era porque algo havia acontecido que estava fora de seu controle e o medo era financeiro. "A criança multiplicaria nossos compromissos financeiros, ao mesmo tempo em que subtraía nossos prazeres, liberdades e confortos." Ainda não havia renda estável entrando na casa.

Dois meses depois, em janeiro de 1934, surgiu uma nova fonte de renda. O *The Sunday Express* pediu a Howard para relatar as partidas de rúgbi nas tardes de sábado. Não interferiria com seu trabalho legal e traria £1 10s por semana. Ele aceitou.

Uma noite, no mês de junho seguinte, um amigo levou Howard para visitar o clube político de Lorde Beaverbrook, o Empire Crusade Club. Lá, ele ouviu uma série de discursos defendendo o Comércio Livre do Império. Howard achou tudo uma grande besteira. Ele se levantou e disse isso com seu vigor habitual. Ele relata:

"Depois, um sujeitinho engraçado, parecendo um macaco em um terno, veio até mim e disse: "Sr. Howard, ouvi com muita atenção cada palavra que você disse e tudo estará no *Evening Standard* amanhã." No dia seguinte, havia um parágrafo no *Evening Standard 'Londoner's Diary'* elogiando minhas habilidades. Duas semanas depois, Beaverbrook ligou para meu escritório e me pediu para ir vê-lo. Quando entrei em seu quarto, ', ele disse, 'Howard, eu ouvi que você vai escrever uma coluna política para mim.' Foi a primeira vez que ouvi falar disso."

Beaverbrook deixou claro que, se Howard aceitasse, teria de desistir da advocacia e dedicar todo o seu tempo ao *Express Newspapers*. Foi uma decisão difícil. Tudo em Howard queria aceitar a oferta de Beaverbrook, mas parecia loucura deixar mais uma carreira inacabada para trás. No final, Howard fez uma aposta calculada. Ele não sabia disso desde seu primeiro artigo político em junho de 1934, que lhe rendeu apenas £ 9 12s. 3d. Faltavam cinco anos para se tornar um dos jornalistas políticos mais bem pagos na Fleet Street, ganhando quase £ 60 por semana:

"Durante sete longos anos, dei a Fleet Street minha vida. Em troca, a Fleet Street me deu três coisas - Diversão, Fama e Fortuna. Foi um retorno mais amplo do que o que se recebe da maioria das coisas às quais os homens dedicam suas vidas.

Todas as noites, às nove horas, aquelas enormes estruturas de aço e concreto na Fleet Street começam a tremer e tremer como milho sob a brisa da noite. a terra, as máquinas espalhadas começam a girar e despejar milhões e milhões de jornais para todos os cantos da Grã-Bretanha até que a luz do dia volte.

"A vida na Fleet Street é um inseto. Ele se enterra sob sua pele e em sua corrente sanguínea.

"Há uma lealdade e uma alegria de camaradagem e um entusiasmo e uma agitação entre a *Black Brotherhood of Ink*. A vida tem um sabor forte e distinto nas ruas. Lá, seus sabores são plenos e agarram a garganta.

"Você é do mundo, está no mundo e, ainda assim, está acima do mundo. Você observa a vida de um ninho de corvos, as ondas e marés da humanidade surgem, lutam e quebram ao seu redor. Você percebe a labuta e o triunfo, o sofrimento e o sucesso, as lágrimas e o tumulto, as queixas e os aplausos. Você geme e se alegra em simpatia - pois todo bom repórter deve sentir em seu próprio coração, e assim compreender, as emoções e os motivos que descreve. No entanto, o tempo todo você permanece um espectador e um observador. E alguns ainda podem ser encontrados na Fleet Street, não o suficiente, mas uma seção valente, que mantém suas canetas sem paixão e sem preconceitos, servos apenas da verdade e mestres da humanidade.

"Com tudo isso, a vida na Street pode ser um negócio de selva - a sobrevivência dos mais fortes e a morte dos mais fracos. Os bares e casas de câmbio que cercam a Fleet Street estão repletos daqueles que, por uma razão ou outra, não se mantiveram firmes e foram levados pela maré."

Beaverbrook imediatamente assumiu o controle de Howard e o treinamento foi rigoroso e detalhado:

"A qualquer hora do dia e da noite minha campainha telefônica tocava. Às vezes, às duas horas da manhã, eu ouvia aquela voz dura canadense dizendo: 'Peter? Você é um homem jovem e está na hora de acordar e trabalhar. Agora saia da cama, bom menino. Vista suas roupas. Vá em frente. Precisamos de um artigo para o Evening Standard de hoje'."

"Cada palavra de quase todos os artigos que eu escrevia era mastigada, engolida ou vomitada com repulsa por aquela mandíbula faminta e discriminadora. Ele lia com esforço, examinando-o lenta e cuidadosamente. Em seguida, acontecia um diálogo mais ou menos assim.

Senhor B: "Você fez tudo isso sozinho?"

P.H. (bufando de orgulho): "Sim".

"Senhor B: 'Você escreveu cada palavra sozinho, sem receber ajuda de ninguém, para nada?"

"P.H.: 'Sim'.

"Lorde B. (raspando os papéis e jogando-os no chão):

'Não acredito em você, Peter. Está muito ruim. Agora há uma máquina de escrever na outra sala. Vá lá fora e faça tudo de novo'.

"Com suas críticas, aprendi a criar. O treinamento que recebi não tinha preço. A verdade é que, se eu pagasse tudo o que ganhei, essa soma jamais poderia comprar o que Beaverbrook me deu.

"Quando trabalhei com ele, seus elogios eram abundantes. Sua culpa não era menor. Às vezes eu pensava nele como Papai Noel, às vezes como Satanás. Às vezes era Natal, às vezes era o Dia do Juízo Final. Embora muitas vezes você tivesse consciência de ser um ganso, ele tinha o hábito encorajador e cativante de sempre esperar que você botasse um ovo de ouro."

Howard descobriu que tinha duas qualidades naturais para seu novo trabalho. Ele tinha uma memória fenomenal. Nunca levava um caderno ou lápis em seus trabalhos jornalísticos. Ele não precisava deles. Uma conversa, mesmo de quatro ou cinco horas, ficava tão gravada em sua mente que ele podia reproduzi-la com perfeição na manhã seguinte. Raramente pedia uma entrevista, e os políticos não sabiam quando estavam dando uma. Muitas de suas melhores histórias vieram da Câmara dos Comuns, onde, durante um drinque social, Howard ouvia a conversa de deputados desavisados.

Seu segundo ativo mais valioso era uma velocidade excepcional de escrita. Ele acordava cedo e terminava quatro artigos no meio da manhã. Mais tarde, escrevia cinquenta cartas, depois discursos e artigos, tudo antes do café da manhã; e concluía o primeiro rascunho de uma peça ou livro em três dias.

Seu jornalismo era conciso, duro e muitas vezes cruel. Às vezes, ele lembrava que um jornalista político anterior, Harold Begbie, havia se autodenominado "O cavalheiro com um espanador". "Se eu tivesse que escolher um pseudônimo para minhas próprias excursões como jornalista político", acrescentou Howard, "eu deveria me chamar O Homem com um Espanador de Dedos".

Sua entrada na Fleet Street lhe proporcionou uma plataforma para expressar o ódio implícito que sentia por homens em posições de poder, um ódio que ele havia concebido pela primeira vez em Oxford e que havia crescido durante os dias da eleição de 1931. Um de seus colegas da Fleet Street se lembra dele assim:

"A malícia, com certeza, brilhava em suas veias e saía de sua caneta - na maioria das vezes, com fel e, muitas vezes, com puro vitriolo. Em resumo, Peter era totalmente a favor de Peter Howard. Ele buscava glória e ouro, não se importando como conseguiria. Beaverbrook e seus jornais eram feitos sob medida para ele... Qualquer que fosse a melodia do Beaver, Peter a tocava. Ele era um jornalista político impiedoso e desonesto. Parecia adorar a malícia pela malícia. Usava sua caneta (nunca o vi na máquina de escrever) como um punhal.

"Ele dizia sobre algum político que estava atacando, e era um mestre da invectiva: 'Eu o prendo com a ponta da minha caneta'.

"Ele adorava as intrigas e fofocas do escritório, se espreguiçando em um copo de cerveja ou se esparramando em sua cadeira, com um sorriso cínico em seu rosto bonito, enquanto contava a última gota de veneno."

O próprio Howard disse praticamente o mesmo em outras palavras:

"Depois de um tempo em Fleet Street, desenvolvi uma filosofia de escrita. Minha filosofia era que cada homem deveria decidir para onde estava indo - e ir para lá - sem piedade. Se um oponente atacar você, ataque-o duas vezes. Fique de pé. em suas próprias pernas. Seja seu próprio amigo. Não confie em ninguém além de você mesmo. Seja sempre agradável com aqueles que podem ser úteis para você – alegres. Seja tão agradável quanto você quiser das outras pessoas. Mas deixe-os cair com um solavanco se isso convém à sua conveniência (claro, no caso de um amigo que você amasse, não conviria à sua conveniência traí-lo. Pois você se sentiria infeliz depois disso).

"Eu era, em suma, um materialista, prejudicado por um irritante traço de afeto em minha natureza, que em momentos difíceis ridicularizava, para mim mesmo, como sentimentalismo."

Havia pouco sentimentalismo na escrita de Howard. Em sua coluna intitulada "Políticos e Política", mais tarde conhecida como "Cross-Bencher/ Cadeira cruzada", especializou-se em imprimir informações sobre MPs. que eles queriam esconder. Ele fazia isso regularmente:

**"Políticos e Política" por P.D.H.**  
*Sunday Express, 5 de agosto de 1934*

Nesta era da Juventude Ballyhoo, centenas de jovens tiveram sua chance na política. Nenhum deles a tomou. Não vejo um jovem na política hoje que valha um figo ou um estalar de dedos.

Alguém me escreverá para dizer que o Sr. Hore-Belisha<sup>21</sup> é uma exceção.

Talvez ele seja. Mas ele é velho ou jovem? Ele é um homem de todas as idades. Um camaleão de aniversário. Ele muda de idade tão prontamente quanto alguns políticos mudam de partido. Talvez ele mude isso em breve também. Acho que faria mais por si mesmo se o fizesse.

Ele nos dirá se pretende fazê-lo? Não. Ele não dá nada. Ele nem revelou sua própria idade no “*Quem é Quem*” de 1934, nem no *Companheiro Parlamentar de Dod*, nem no *Manual do Kelly*.

Mas veja isso:

Em 1932, no “*Quem é Quem*” indicou sua data de nascimento como “setembro de 1898”. Dod concordou com o mês e deu o dia - 8 de setembro.

Mas o ano era 1895.

O *Liberal Year Book* de 1933 não fez nenhuma estimativa do dia ou do mês, mas caiu para 1895, também. A Câmara dos Comuns de Debrett de 1932 disse que seu aniversário era 7 de setembro de 1893. O Manual de Kelly dizia 1893 e deixou por isso mesmo.

A Senhorita Thelma Cazalet<sup>22</sup>, M.P. para o *East Islington*, é outra atleta política. Ela joga Tênis. Saca por baixo e se move lentamente pela quadra. Ela não joga tão bem quanto antes, mas não é nada ruim para uma mulher de sua idade.

Como sei a idade dela? Não de qualquer livro de referência. Ela não dá. Ela pode pensar que é um segredo. Mas eu vou te dizer.

Tem trinta e cinco anos. Nasceu em 28 de maio de 1899. Perguntei a uma de minhas tias quem a conhece.

Após esse artigo, Beaverbrook fez um de seus comentários habituais:

"Fui convidado pelo secretário de Lorde Beaverbrook para ouvir a Voz do Mestre na fita. Era algo assim:

"Agora, Peter, o artigo que você me enviou. Baldwin - muito longo, muito longo, muito longo. Lloyd George - muito longo, muito longo, muito longo. Churchill - muito longo, muito longo, muito longo'. Então a voz subiu de tom quase uma oitava. Ela borbulhava de alegria e malícia. Ela disse: 'E a senhora que você mencionou, Peter - jovem demais, jovem demais, jovem demais'."

---

<sup>21</sup> Secretário de Estado para a Guerra e Presidente do Conselho do Exército 1937-40. Membro do Gabinete de Guerra. Ministro da Previdência Nacional 1945.

<sup>22</sup> Mais tarde, Sra. Thelma Cazalet-Keir, deputada conservadora nacional por East Islington, 1925-45.

***"Políticos e Política" por P.D.H.  
Sunday Express, 25 de novembro de 1934***

Agora para a Dra. Summerskill<sup>23</sup>.

Ela é a candidata socialista de Putney. Eu sei que é, pois vi o nome dela do lado de fora das salas do comitê.

Mas por dentro é uma história diferente, para o marido da Dra. Summerskill, o outro Sr. Samuel, de olhos azuis e gravata amarela, é quem fala. "Por que você quer entrar na política?" perguntei à Dra. Summerskill.

"Eu vou te contar," disse o Sr. Samuel. Ele fez.

"Como vai a luta?" perguntei à Dra. Summerskill. "Eu vou te dizer," disse o Sr. Samuel. Ele fez.

Eu ficaria surpreso se a Dra. Summerskill fosse eleita. Mas de certa forma eu deveria estar satisfeito. Pois eu gostaria de ouvi-la falar sobre política. Ela pode ter uma chance em Westminster.

O Sr. Samuel, seu marido, não estaria presente.

***"Políticos e Política" por P.D.H.  
Sunday Express, 30 de dezembro de 1934.***

***Commons School  
Westminste***

Querido senhor, ou senhora),

Espero que seu filho (ou filha) tenha chegado em casa com bastante segurança, feliz e bem para as férias.

Fico feliz em poder dizer que a escola teve um bom semestre.

Alguns pais dizem que é muito curto. Mas todos vocês conhecem meus pontos de vista sobre esse assunto. Acho que as queridas crianças precisam de todo o relaxamento e mudança que puderem, para que possam voltar aos meus cuidados amorosos, em forma e ansiosas por sua rotina diária e tarefa comum em Westminster.

Incluo o relatório de seu filho (ou filha). Ele fala sobre o progresso que os pequenos fizeram durante os últimos doze meses.

---

<sup>23</sup> Dra. Edith Summerskill, deputada trabalhista de 1938 a 1961, presidente do Partido Trabalhista de 1954 a 1955, lançada como deputada vitalícia em 1961.

Alguns se saíram bem. Outros fizeram mal. Se o seu menino (ou menina) se saiu mal, tente não ser muito duro.

Lembre-se, não podemos todos ganhar prêmios.

Posso aproveitar esta oportunidade para desejar a você e a todos os seus pequeninos um brilhante e próspero Ano Novo?

Com os melhores votos,

Peter Howard

(Diretor)

### ***Ramsay MacDonald***<sup>24</sup>

Nosso monitor-chefe não teve sorte.

Sem dúvida, ele teria progredido melhor se não tivesse estado ausente por tanto tempo devido à doença. Do jeito que está, retrocedeu.

Ele perdeu sua influência sobre a escola. Sei que o público ficará triste quando eu contar que muitos de seus calouros riem dele.

Ele teve uma ótima carreira escolar. Mas não posso deixar de sentir que é uma pena que Ramsay não tenha nos deixado no final do semestre passado.

Teria partido no auge de seu prestígio.

Acho que talvez quando ele sair desta escola para o grande mundo, alcançará grandes alturas.

Ele pode até se tornar um rival.

*Comentário do mestre em inglês:* Sintaxe e gramática definitivamente são seus assuntos fracos. Composição. Estilo florido, mas carece de qualquer tipo de forma.

### ***Winston Churchill***<sup>25</sup>

Um menino mau!

Ele está sempre criando problemas. Está sempre lutando. Ele começou uma briga contra o jovem Sam Hoare<sup>26</sup> no período passado e dividiu a escola em dois campos.

Ele tem grande influência e uma grande gangue de seguidores. Acho que os meninos têm medo dele. E eles têm razão de ter. Winston tem uma língua maior que a bochecha!

---

<sup>24</sup> Primeiro Ministro da Gran Bretanha em 1934.

<sup>25</sup> Mais tarde, Sir Winston Churchill.

<sup>26</sup> Mais tarde, Sir Samuel Hoare, Secretário de Estado para a Índia em 1931.

Comentário do Professor de Geografia: Seu interesse por este assunto é extraordinário.

Ele tem dedicado todo o seu tempo e atenção ao estudo do Império Britânico e da Índia em particular. Algumas das opiniões que ele forma são as mais controversas.

Mas é revigorante para um mestre de uma escola como a nossa ter um aluno que mostra um interesse tão sincero e capaz por um assunto tão importante.

### ***Leslie Hore-Belisha***

O garoto mais ocupado do ano. Capaz de exercer a maior influência sobre os passos dados por todos nós, mestres e alunos.

Apesar de seu empenho, Leslie tem se metido em muitos problemas. Na verdade, ele passou grande parte de seu tempo fazendo oratória.

Relatório do Professor de Música: Não tem muita voz. A melhor música de Leslie é "I'm for ever blowing bubbles".

### ***Nancy Astor***<sup>27</sup>

Ela fez amizade com Isaac Foot (Foot Major). Ficará triste quando Isaac for embora. E temo que ele não estará conosco no próximo período, quer queira ou não.

Nenhum diretor poderia desejar dois alunos melhores. Eles usam toda a sua influência na escola contra a bebida, o fumo e as apostas.

Lamento dizer que essa influência não é grande. Nem mesmo tão grande quanto era no início do semestre. No próximo período, espero que ela seja ainda menor.

### ***Victor Cazalet***<sup>28</sup>

Eu havia pensado em transferir o Victor para o *mais baixo dos quartos anos* no próximo semestre. Mas decidi não fazer isso. Os alunos do quarto ano não podem ser "bichados". E o pequeno Victor é sem dúvida a melhor bandeira da escola.

Relatório do Diretor da Escola: Um garoto impopular. Mas não consigo entender por quê. O pequeno Victor tem muitos amigos entre os professores e os trata com generosidade na lanchonete.

---

<sup>27</sup> Membro Unionista da Divisão Sutton de Plymouth 1919-45.

<sup>28</sup> Membro Unionista por Chippenham 1924-43

***"Políticos e Política" por P.D.H.***  
***Sunday Express, 6 de janeiro de 1935***

Vamos observar o Sr. Robert Boothby<sup>29</sup>. Embora tenha apenas trinta e quatro anos, ele representou East Aberdeenshire no Parlamento nos últimos dez anos. Ele é uma personalidade atraente. Bonito, desarrumado e quadrado. Sim, quadrado, pois ele está ganhando peso.

Há alguns anos muitos viam nele um futuro líder do nosso partido. Mas sua estrela política começou a diminuir. Pois o Sr. Boothby é um homem da cidade. E seus hábitos da cidade eram uma fraqueza na Câmara dos Comuns.

Às vezes ele era um touro; às vezes um urso. Nunca conseguia se decidir sobre os valores das ações políticas.

Mas na cidade ele se saiu bem. Começou a passar mais e mais de seu tempo lá. As pessoas começaram a dizer que sua carreira política havia acabado. E eles disseram que ele estava ficando muito gordo.

No entanto, o Sr. Boothby enviou sua estrela flamejante para o alto no final da última sessão. Fez um discurso bem-sucedido sobre a moção para o adiamento.

Acredito que o Sr. Boothby, se dedicasse todo o seu tempo e energia a isso, poderia subir até o topo da escada política. Mas duvido que ele desista de seu tempo e energia.

Ele gosta de viver bem. Não se importa se uma mulher é bonita, desde que ela cozinhe bem. E seu prato favorito é o arenque.

"Vou escolher uma esposa que saiba cozinhar", declara. "E o ápice de sua arte será na preparação do arenque. "Boa aparência não tem importância alguma."

Howard desenvolveu um estilo próprio, muitas vezes trazendo seu próprio nome para o artigo. Seu estilo não foi facilmente esquecido. Aborreceu alguns e divertiu outros, e prestou-se à paródia. *Punch*, de 2 de julho de 1934, citou longamente sua coluna, usando-a, ironicamente, como exemplo para jovens repórteres. A citação de "Políticos e Política" dizia:

Diz-se que enquanto o Sr. MacDonald está viajando, o Sr. Baldwin<sup>30</sup> passará um mês em *Aix-les-Bains*.

---

<sup>29</sup> Mais tarde, Lord Boothby, deputado por East Aberdeenshire, de 1924 a 1958.

<sup>30</sup> Primeiro Ministro da Grã-Bretanha.

Essa decisão dará grande alegria a Sir John Simon<sup>31</sup> e a mim mesmo.

A alegria de Sir John residirá no fato de que ele será o primeiro-ministro interino enquanto seus superiores viajam para o sul e oeste.

Minha própria alegria é mais difícil de descrever. Só posso dizer que os triunfos de Sir John sempre foram uma alegria para mim. Certa vez, ele se recusou a discursar em uma reunião pública a menos que eu estivesse presente. Não pense que a decisão dele foi tomada por causa do meu tamanho, embora eu tenha mais de 1,80 m de altura. Não havia perigo de desordem.

Isso se deveu inteiramente à admiração da dupla de *Wadham* pelo *Wadham* Blue e pelo Internacional.

*Punch* adicionado:

Isso não é tirado, é verdade, de uma reportagem, mas de um artigo, em forma de notas, sobre política e políticos.

Espero que o autor me perdoe por tê-lo emprestado sem permissão. É tão bom que muitos jovens repórteres podem estudá-lo com lucro. Com um modelo como esse diante dele, seu relato do incêndio de *Stepney* deve ganhar consideravelmente em apelo popular:

*Eu assisto a uma conflagração e recebo agradecimentos do chefe dos bombeiros.*

(por nosso repórter mais bonito)

"Uma enorme multidão lotou as ruas nas proximidades do depósito de alimentos para gado dos Srs. Battock e Slag em Stepney no início desta manhã, e foi necessária toda a força de um homem que em seu tempo foi campeão de luta livre de Shropshire antes que eu pudesse abrir caminho para o cenário do incêndio que ameaçava destruir a valiosa remessa de torta de linhaça guardada no imenso prédio.

"Um incêndio, hein?" Eu disse, olhando para o Capitão da Brigada Stepney de 1,80m. As chamas lambeiram minhas botas. Um pedaço de alvenaria caindo caiu no chão a 15 centímetros de onde eu estava.

"Saia dessa, seu tolo!" chamou o capitão. 'Nenhum homem pode ficar aqui e viver.'

"Um bloco de pedra de duas toneladas roçou no meu ombro em sua furiosa carreira terrestre, mas eu não me mexi. Um repórter tem que correr riscos.

---

<sup>31</sup> Chanceler do Tesouro em 1937-40. Lorde Chanceler 1940-45.

"Por quase duas horas eu mantive minha posição naquele inferno de fumaça e chamas e fragmentos estilhaços, enquanto os intrépidos bombeiros, avançando com coragem imprudente quase até meu ponto de vista, lutavam para subjugar as chamas.

"Foi Sir Rollo Fitzhose, Chefe do Corpo de Bombeiros Metropolitano (Divisão Leste), que finalmente me persuadiu a me retirar.

"Chris!" ele gritou para mim acima do rugido do fogo que agora se enrolava e bruxuleava sobre meus joelhos - 'Chris, pelo bem de nossa antiga associação no campo de críquete, volte para um lugar seguro.'

"Ele estava pensando na época em que costumávamos ir juntos pela primeira vez, pela Inglaterra."

A política de Howard mudou durante seu primeiro ano na Fleet Street. Ele apoiou a campanha de Lorde Beaverbrook pelo isolamento e pelo Comércio Livre do Império, e a anunciou em sua coluna.

### ***"Políticos e política"***

***Sunday Express, 2 de junho de 1935***

Na noite da próxima quinta-feira, às 20h30, no Caxton Hall, em Westminster, um jovem político fará uma palestra. Em breve, liderará uma vasta seção de opinião neste país. Ele é o Sr. Frank Owen<sup>32</sup>, que se sentou como membro de Hereford de 1929 a 1931. Prevejo um bom futuro para ele. Por que? Não porque ele seja conhecido. Não porque ele seja rico. Mas porque ele voltou a lutar na arena política armada com a mais poderosa de todas as armas políticas – a sinceridade absoluta.

Ele é um orador ardente e inesquecível. Ele comanda um fervor galês. Tem algo da chama do Sr. Lloyd George. Prega o evangelho da paz. Por onde passa, conquista prosélitos para a causa do Isolamento.

Não se decepcione se, ao chegar a Caxton Hall na próxima quinta-feira, encontrar alguém falando sem aquele fogo inesquecível de que já lhe falei. Pois esse não será Frank Owen. Serei eu.

Eu falo antes de Frank Owen. E, embora eu não possa abordá-lo na força de minha oratória, eu o igualo na abundância de minha convicção.

Ao mesmo tempo, ele se candidatou ao Parlamento pela última vez em sua vida:

"Naquela época, minhas convicções conservadoras estavam muito em evidência. Quando surgia uma vaga em uma certa divisão parlamentar, vesti meu melhor casaco e fui ver o presidente. Disse a ele que gostaria de ser candidato.

---

<sup>32</sup> Frank Owen, Editor do Evening Standard, 1938-41.

“Ele me informou que eu era exatamente o tipo de sujeito que eles estavam procurando. Então, ele perguntou: 'Quanto você vai subscrever para a associação local?' Respondi que não queria ganhar dinheiro com a vida pública, mas daria meu salário parlamentar, na época £ 400 por ano.

"Ele respondeu: 'Sinto muito, Sr. Howard. Já nos ofereceram £ 1.000 por ano. Se você não puder fazer melhor do que isso, receio que esteja fora de questão.'

"Esta foi minha primeira introdução ao poder do dinheiro no sistema democrático britânico. Mas logo descobri que muitos bons assentos conservadores estavam à venda.

"Também no lado trabalhista, uma cadeira no Parlamento às vezes era concedida, quase na natureza de uma pensão e aposentadoria honrosa, para aqueles que envelheceram no serviço sindical."

Howard voltou repetidas vezes aos temas de suas convicções anteriores:

***"Políticos e Política" por P.D.H.  
Sunday Express, 4 de agosto de 1935***

Acabei de voltar de uma Área Aflita. Abertillery, Merthyr Tydfil, Ebbw Vale, Pontypool.

E a política nesses Vales do Desespero? Os mineiros eram as Tropas de Tempestade Negra do movimento socialista.

O que eles são agora? Socialistas ainda. Tropas de tempestade não mais.

O espírito saiu deles. Eles foram além da política como foram além de tudo na vida.

Eles são o sal da terra. O sal que perdeu o sabor da vida. É melhor desgastar do que enferrujar. E esses homens estão enferrujando. Agora a preocupação com esses desempregados deveria ser a única questão na vida pública. Deve ser a única pergunta nas próximas eleições.

Mas dará assunto para discursos quando as Eleições Gerais chegarem?

De jeito nenhum. Paz e guerra serão o grande problema.

Mas sua principal tarefa, que servia tanto às suas crenças quanto à sua ambição, era flagelar os políticos:

***"Políticos e Política" por P.D.H.  
Sunday Express, 16 de setembro, 1935***

Agora Hitler tem um amigo na Câmara dos Comuns. O nome dele é Sir Arnold Wilson<sup>33</sup>. Ele é o membro de cinquenta e um anos de Hitchin. Com mandíbula de lanterna e sobrelha de besouro, Sir Arnold não perde nenhuma oportunidade de aumentar o estoque de Hitler neste país.

"Ele fez uma declaração surpreendente. Diz que não entrará em guerra contra uma nação em expansão a menos que primeiro tenhamos oferecido a eles um pedaço do território britânico. A qual nação em expansão ele se refere? Claramente à Alemanha.

Apenas alguns dias atrás, o Dr. Frick, Ministro do Interior do Reich de Hitler, disse que a necessidade de expansão da Alemanha era maior do que a da Itália.

Por que Sir Arnold se preocupa tanto com os interesses de países estrangeiros? Tal preocupação por parte de um membro do nosso Parlamento prejudica os nossos interesses. Isso nos faz mal, não é bom.

Sir Arnold foi eleito membro de Hitchin. Ele é nomeado como membro de Hitler. Se ele não derrubar Hitler, espero e acredito que Hitchin o derrubará.

***"Políticos e Política" por P.D.H.  
Sunday Express, 27 de outubro, 1935***

Temos uma boa chance de perder os dois *Foots* Liberais. Dingle<sup>34</sup> certamente irá, e Isaac<sup>35</sup> tem uma chance de derrota de primeira.

Isaac Foot, membro do Bodmin, tem cinquenta e cinco anos. De cabelos grisalhos e severo, ele é o principal *Pussyfoot* de Westminster. Seu filho de trinta anos, Dingle, membro de Dundee, é como seu pai na aparência e nos modos. Secos como pó, os dois.

Sem os *Foots*, penso que o próximo Parlamento poderá avançar muito mais rapidamente.

Às vezes Howard estava certo, às vezes ele estava errado. Quando a guerra estourou, Sir Arnold Wilson provou sua coragem alistando-se, com mais de cinquenta anos de idade, na R.A.F. como artilheiro de cauda de um bombardeiro. Ele foi morto em um ataque à Alemanha. Sir Dingle Foot sobreviveria para se tornar procurador-geral no governo do Sr. Wilson.

Enquanto isso, Howard deixou sua marca: "Acho que fui temido", escreveu ele mais tarde. "Tenho certeza de que fui odiado. Tenho certeza de que fui bem-sucedido aos olhos de Fleet Street."

---

<sup>33</sup> Membro Conservador Nacional de Hitchin (Herts) 1933-40.

<sup>34</sup> Mais tarde Rt. Exmo. Sir Dingle Foot, Q.C. Membro trabalhista de Ipswich.

<sup>35</sup> Membro Liberal da Divisão Bodmin da Cornualha. Presidente, Organização Parlamentar Liberal 1947.

## *Capítulo 7*

“Os governos britânicos dos últimos anos têm sido muito parecidos com uma criança com um botão na garganta. Eles tiveram que ser sacudidos e espancados pela opinião pública até que estivessem à beira da destruição antes de cederem o menor item. ”

*P.D.H. Homens culpados, julho de 1940.*

Peter Howard nem sempre concordou com Lorde Beaverbrook. Às vezes ele dizia isso na cara dele, mas raramente ou nunca no jornal. Lá, ele deu-lhe apoio quase irrestrito. Foi para isso que ele pensou ser pago, e foi isso que ele fez.

Em muitas questões - na hostilidade de Beaverbrook em relação a Baldwin e sua defesa do rearmamento, por exemplo - as crenças de Howard e seus deveres coincidiam. Nessas questões, ambos apoiaram o Sr. Churchill, então protestando no deserto.

*"Políticos e Política" por P.D.H.  
Sunday Express, 7 de junho de 1936*

O Sr. Churchill em sua campanha pelo rearmamento, que durou mais de três anos, agora foi demonstrado pelos eventos como correto.

O próprio Sr. Baldwin foi compelido a reconhecer que, na questão da força aérea alemã, o Sr. Churchill estava certo e ele, o Sr. Baldwin, estava errado.

Agora que o programa de rearmamento do governo está se movendo muito lentamente para o Sr. Churchill e muito lentamente para proteger este país do perigo de invasão estrangeira repentina, o Sr. Churchill tem o dever de recorrer a todo e qualquer método ao seu alcance para conduzir o Governo em ação efetiva e agressiva.

*"Políticos e Política" por P.D.H.  
Sunday Express, 4 de outubro de 1936*

Quanto mais cedo o Sr. Baldwin entregar, melhor. Pois o mundo está cheio de crises. Em todos os lugares enfrentamos calamidades em países estrangeiros. Por todos os lados o perigo ameaça.

Este não é o momento para o Sr. Baldwin ocupar o cargo de primeiro-ministro. Ele falou no passado sobre a prerrogativa da prostituta, poder sem responsabilidade. Bem, o Sr. Baldwin desfruta dessa prerrogativa agora. Tem o poder e não pode assumir a responsabilidade.

Ele tem tratado muito mal o país. Os proprietários ausentes da Irlanda já eram ruins o suficiente, mas o inquilino ausente de Downing Street é muito, muito pior.

Beaverbrook entrou totalmente nessas campanhas:

"Nos dias em que Beaverbrook e Baldwin estavam no ponto fraco um do outro, reclamações sobre o que eu havia escrito às vezes chegavam por telefone de Sir Samuel Hoare, mais tarde Lorde Templewood, que era amigo de ambos os Bs. Aconteceu de eu estar na sala quando Hoare chamava Beaverbrook.

"Beaverbrook: 'xiu... xiu... xiu! Agora, me escute! Não posso fazer nada com o sujeito. Não, eu lhe digo. Não posso fazer nada com ele. Agora escute... Ouça ... Vou lhe dizer o que vou fazer. Vou trazê-lo aqui e vou rolá-lo na lama. Yaas. rolá-lo na lama. Isso vai satisfazê-lo?... Adeus para você.'

"Então, recolocando o telefone no gancho, ele olhou para mim e um sorriso como uma fatia de melão cruzou seu rosto. Ele começou a bater com as mãos nos joelhos e a rir. 'Ka, ka, ka. Faça de novo, Peter. Faça de novo na próxima semana. E de fato, eu fiz."

***"Políticos e Política" por P.D.H.  
Sunday Express, 28 de março de 1937***

Existe uma campanha. É dirigida contra o Sr. Winston Churchill. Os políticos estão sussurrando sobre ele nos lobbies.

O que eles dizem? Que ele mudou repentinamente de ideia sobre o governo. Que ele parou de atacá-lo e começou a elogiá-lo na esperança de conseguir um emprego quando a mudança de gabinete aparecer e o Sr. Baldwin se aposentar.

Esta é uma acusação estranha. Pois não é o Sr. Churchill, mas o próprio governo que mudou de ideia. Não muito tempo atrás, quando o governo permaneceu firme contra o rearmamento, o Sr. Churchill o atacou nessa questão. Ele pediu o rearmamento da Grã-Bretanha.

E agora o governo adotou a política do Sr. Churchill. Ele está ocupado rearmando. E, ao mesmo tempo, seus partidários criticam o Sr. Churchill como inconsistente porque ele não ataca mais o governo que adotou sua política.

O Sr. Churchill estará no novo Gabinete? Ele deveria estar. Alguns dizem que o Sr. Chamberlain terá medo de incluí-lo. Certamente o povo do país quer vê-lo de volta ao cargo.

Mas havia outras questões em que as opiniões de Lorde Beaverbrook e as do Sr. Churchill não coincidiam. Churchill estava escrevendo um artigo semanal no Evening Standard, e as diferenças entre os dois homens muitas vezes causavam dificuldades nos escritórios do Standard:

"Churchill sentou-se sozinho ao luar, ou quase, ao que parecia, no ocaso de uma carreira que de alguma forma perdeu a grandeza. Sua canção de guerra contra os nazistas era quase um solo. Mesmo assim, ele a cantou fortíssimo nas colunas do Evening Standard.

"Enquanto isso, meu chefe, Lorde Beaverbrook, estava defendendo a causa do Isolamento Esplêndido. Ele estava inventando frases como: 'Não haverá guerra neste ano nem no próximo.' Estava me pagando um grande salário para escrever sobre o assunto para líderes e se opôs totalmente à grande ideia do Sr. Churchill.

"Então, Percy Cudlipp, então editor do Evening Standard, experimentou algumas das sensações de uma bola de futebol durante uma final de Copa. Felizmente, Percy tem resistência, resiliência e senso de humor, qualidades necessárias para qualquer futebol de sucesso.

"Seu telefone tocava de manhã: 'Cudlipp? Aqui é o Lorde Beaverbrook. Qual é o nome daquele sujeito que escreve em seu jornal?... Qual é o nome dele?... Sim, Winston Churchill. Esse é o sujeito. Quero dizer. Agora, Percy, espero que você não esteja pagando muito a ele por seus artigos?... Meu Deus, tudo isso? Você não quis dizer isso. Isso é terrível, terrível... Bem, de qualquer maneira, espero você não fique preso por muito tempo com ele - quanto tempo dura o contrato dele?... Meu Deus, um ano? Outro ano inteiro? Bem, veja aqui, Percy, tire-o do assunto dos nazistas. Ele é obcecado por esse maldito companheiro de Hitler. Leve-o para o Tema *Broad Home*, os grandes temas do Império, Desemprego, Agricultura — deixe-o escrever sobre assuntos como esse. Mais alguma coisa? Adeus para você.'

"E Percy encontrava o telefone mudo em sua mão. Então ele ligava para o Sr. Churchill. A conversa era mais ou menos assim: "'Bom dia, Sr. Churchill. Qual será o seu artigo nesta semana?'

"'Bom dia, Sr. Cudlipp. Achei que deveríamos lidar esta semana com o tema dos nazistas. Devemos alertar o país para o perigo dessa gangue de criminosos, e acho que poderíamos discutir proveitosamente os sonhos nazistas de expansão nos Bálcãs esta semana.'"

"Sim, Sr. Churchill, isso seria muito interessante. Mas eu me pergunto se talvez esta semana um artigo sobre o Tema *Broad Home* possa dar uma mudança aos nossos leitores - algum assunto como Desemprego ou Agricultura?"

"É verdade, Sr. Cudlipp, é verdade. E passaremos ao *Tema Broad Home*. Mas acho que esta semana uma declaração enérgica sobre os nazistas será mais oportuna."

"E o telefone voltaria a silenciar."

Churchill leu os artigos de Howard e foi gentil com ele quando visitou Chartwell:

"Ele costumava ler meus artigos políticos com cuidado, embora nem sempre com apreciação. Ajudou-me muito com comentários e sugestões que chegaram até mim.

"Ele se opôs à frase 'Por quê?' que eu usava de vez em quando. Aproximava-se de mim no saguão da Câmara dos Comuns, parecendo um formidável navio de guerra fazendo beicinho: "Por quê? Por quê?" para mim, agressivamente, através do funil de sua boca.

"Certa noite, tive que ir à casa de campo de Churchill a negócios do jornal. Viajei direto do meu trabalho em Fleet Street para Chartwell. Era verão. Eu estava vestindo roupas velhas e estava com calor e cansado da agitação das prensas.

"Churchill estava em seu jardim. Ele estava vestido com algum traje antigo e subfuscado que o fazia parecer um genial anúncio de pneu Michelin ganhando vida. Ele estava construindo uma parede e manuseando os tijolos com um entusiasmo que eu poderia facilmente detectar e com uma habilidade que achei mais difícil de julgar - embora a parede parecesse bastante reta.

"Ele recebeu um grupo de convidados ilustres para jantar. Insistiu em que eu ficasse, um corvo negro entre pássaros do paraíso dourado, um jornalista escuro em bolsas cinzas entre gravatas e tiaras brancas. No entanto, fui feito para me sentir o mais bem-vindo de todos os convidados.

"Ele pegou seu próprio aparelho de barbear para mim e ficou ao meu lado em seu banheiro particular enquanto eu lavava, escovava, raspava e me tornava apresentável. Mostrou toda a camaradagem e solicitude de um irmão mais velho, ansioso por mim, não por ele, que eu deveria aparecer da melhor forma entre seus amigos. Foi uma luz lateral reveladora sobre o caráter desse cidadão do destino.

"Naquele período, Churchill estava quase no declínio de sua sorte. Ele era maduro, genial, filosófico e sábio. Lorde Beaverbrook, escrevendo sobre Churchill, registrou sua opinião de que 'Churchill abatido' é o mais encantador dos companheiros. Mas 'Churchill no topo da onda' tem em si o material de que são feitos os tiranos.

"Lembro-me de que Lorde Baldwin estava prestes a se aposentar do cargo de primeiro-ministro. Churchill tinha muitos motivos para ser amargo com ele. Estava no gabinete britânico antes de Lorde Baldwin entrar no Parlamento. O homem mais estável começa bem atrás, alcança-o e o ultrapassa na corrida pelo poder. Churchill não estava amargo.

"Ele me disse depois do jantar naquela noite: 'Baldwin é tão inteligente quanto um pele-vermelha. Ele vai até Bewdley e nas noites de sexta-feira, ou sempre que ele dança, vai pular em torno de seu mastro de wigwam com meu couro cabeludo sangrando pendurado em seu cinto.'

"Ele riu sem rancor. Foi dito com leveza e em tons que o próprio Lorde Baldwin teria ouvido sem se ofender.

"Mais tarde, Churchill falou das coisas profundas em seu coração. Ele falou com o fogo latente de um visionário sobre a necessidade de destruir os nazistas. Sentiu que a guerra era inevitável - e quanto mais cedo terminasse, mais cedo dormiria.

"Essa grande ideia o dominou inteiramente, assim como Hitler e Lenin foram dominados por suas ideias. Isso me instigou a encontrar a força explosiva de uma paixão de mestre em uma época em que a maioria dos britânicos encarava o entusiasmo com desconfiança.

"Como resultado daquela noite em sua casa, uma coisa ficou perfeitamente clara para mim. Eu tinha dúvidas se essa ideia simples e única, 'Os nazistas devem ser destruídos', era adequada por si só para construir um novo mundo. Mas não tinha dúvidas de que, como organizador da vitória contra os nazistas, Churchill seria insuperável.

"Eu não queria a guerra. Ainda não abandonei minhas esperanças de paz. Mas se a guerra tinha que ser nosso quinhão e porção, eu queria Churchill. Posso vê-lo agora, uma figura sombria e taciturna se despedindo de mim de sua porta na escuridão daquela noite de verão. Considerado pela maioria de seus compatriotas como uma força esgotada, ele carregava o peso de seu próprio senso de destino iminente.

Foi durante a crise da Abdicação que Howard teve seu primeiro grande desentendimento com Beaverbrook. Beaverbrook era um defensor apaixonado do rei, até porque Baldwin era o principal oponente do rei. A crise estourou enquanto Beaverbrook estava no Atlântico a caminho de Nova York. Ele pegou o próximo barco de volta e liderou a campanha do rei tanto em particular quanto na imprensa:

"Quando o rei Edward VIII, agora o duque de Windsor, estava no trono e desejando se casar com a Sra. Simpson e permanecer como rei, foi ousado dizer a Beaverbrook que o plano era corajoso, mas falso - nunca poderia funcionar. Quando os habitantes locais começaram a escrever mensagens rudes sobre a senhora americana nas paredes das estações de Highland, Beaverbrook não quis ouvir..." Ele me mandou

sair de sua casa por dizer a ele que eu não acreditava que o rei pudesse se casar com a dama e manter seu trono."

No entanto, foi Howard quem escreveu o editorial do *Sunday Express*, intitulado "Um direito que pertence a todos os homens", colocando a visão de Beaverbrook sobre o assunto, em 6 de dezembro de 1936:

O povo britânico enfrenta uma crise constitucional que testa ao máximo as qualidades de julgamento político e simpatia humana fomentadas nesta ilha feliz ao longo de séculos de crescimento democrático.

A crise assume gravidade e pungência no que se refere à estimada instituição da Monarquia e à pessoa de um Rei que, no fiel desempenho de pesados deveres, deu e conquistou amor e devoção.

A intenção do rei de se casar com a Sra. Simpson não é o capricho de um homem jovem e inexperiente. É o resultado da reflexão madura de quem é maduro em anos e instruído no julgamento.

Ao procurar unir sua vida com a mulher que ama, ele não pede para si mesmo mais do que deve desejar para todo o seu povo.

No choque de opinião que consternou nosso povo, foi sugerido que o rei poderia se casar com a Sra. Simpson na qualidade de Duque de *Cornwall*.

Esta proposta o Sr. Baldwin rejeitou. Mas ainda não foi determinado se o povo, ligado como está à pessoa do Soberano, está preparado para endossar a decisão do Sr. Baldwin.

Quaisquer que sejam suas opiniões sobre o casamento, eles consideram até mesmo a possibilidade de abdicação com profunda tristeza.

E eles podem se perguntar se, em um mundo onde nossa visão sobre questões fundamentais está mudando tão rapidamente, será possível impor indefinidamente aos nossos monarcas um código de restrições que não é fundamentado na lei nem santificado pela consciência de milhões.

Assim que a crise acabou e a questão foi decidida, a política mudou:

*Sunday Express*, 13 de dezembro de 1936.

Hoje, todo o Império e todos aqueles que se envolveram na recente trágica controvérsia estão unidos em uma única lealdade: lealdade ao nosso novo Rei e sua Rainha, e uma determinação de fortalecer e manter com amor e carinho o homem e a mulher que tomam seu pesado fardo de responsabilidade em tais circunstâncias.

Este item apareceu em uma segunda coluna chamada "A Marcha do Tempo", que Howard escrevia desde abril de 1936. Seu salário crescente permitiu que os Howard vivessem com mais conforto. Eles

havam se mudado de Theobald's Road para uma casa maior em 25, Newton Road, Holland Park, onde ficariam até o início da guerra. Em 16 de outubro de 1936, nasceu a segunda filha dos Howard, Anne.

Em maio de 1937, Baldwin renunciou ao cargo de Premiership.

***"Políticos e Política" por P.D.H.  
Sunday Express, 23 de maio de 1937***

O Sr. Baldwin não é o nosso primeiro-ministro que está se aposentando. Ele é a nossa Prima Donna que está se aposentando. O número de suas despedidas está crescendo.

A despedida número 1 foi na Câmara dos Comuns quando ele fez seu discurso "Dar paz na indústria".

A despedida número 2 veio pelo rádio no dia da coroação. Desta vez, o tema foi "Jogo justo para George VI".

A despedida número 3 foi entregue à Juventude do Império no Albert Hall. E qual era a sabedoria do Sr. Baldwin então? - "A Liga está falida".

Cada uma das despedidas do Sr. Baldwin foi melhor do que a anterior.

Devo dizer que em sua terceira despedida, o Sr. Baldwin estava mais parecido com Melba do que nunca. Não foi um discurso, mas uma canção que nossa prima aposentada cantou.

A linguagem usada pelo Sr. Baldwin no Albert Hall estava entre as melhores ouvidas nesta geração.

A frase "fraternidade do homem implicando a paternidade de Deus" era magnífica.

Nunca o Sr. Baldwin fez anotações tão copiosas para um discurso. Ele lia sobre eles o tempo todo.

O dia da abdicação é sexta-feira. E nenhum primeiro-ministro ou Prima Donna jamais deixou o palco em tal esplendor de glória como o Sr. Baldwin.

*"A própria inveja é muda, maravilhada perdida,*

*E lutam as facções que mais o aplaudirão."*

O Sr. Baldwin nunca em sua longa carreira teve tantos fãs como agora, quando ele está deixando os holofotes para sempre.

*"Políticos e Política" por P.D.H.  
Sunday Express, 3 de maio de 1936*

### *O Homem que Precisamos*

Winston Churchill não está. Ele ainda está lá fora, no frio.

Em minha opinião, é um desastre nacional que, em um momento como o atual, o país esteja privado dos serviços de Churchill. Ele é o homem certo para o momento. Cometeu erros. Mas ninguém jamais realizou algo sem cometer erros.

Não importa. Winston Churchill tem apenas sessenta e dois anos. Faltam cinco longos anos para ele atingir a idade do Sr. Chamberlain, que agora se torna Primeiro-Ministro pela primeira vez.

Um dos principais alvos de Howard durante esses anos foi o chefe de gabinete do governo, capitão David Margesson.

*"Políticos e Política", de P.D.H.  
Sunday Express, 5 de dezembro de 1935*

Os novos membros têm passado por momentos interessantes ultimamente. O líder de bancada os convocou para uma reunião.

Disseram-me que foi como estar na escola novamente. A mais rígida disciplina. Nenhuma conversa, exceto a do diretor. E muitos conselhos sólidos.

O capitão Margesson advertiu seus alunos a não usarem cartolas. Em seguida, passou ao assunto dos discursos de debutantes. Ele aconselhou seu rebanho a fazê-los logo. Caso contrário, disse que um desastre aconteceria com eles.

Que desastre? Ora, disse o capitão Margesson, aquele sujeito terrível, Peter Howard, escreveria sobre eles em sua coluna e os chamaria de membros silenciosos.

Adoro ajudar o capitão Margesson sempre que posso. Portanto, reforçarei sua terrível advertência dando aqui e agora os nomes de meia dúzia de membros do governo que, até onde posso descobrir, estiveram no Parlamento nos últimos quatro anos sem quebrar o silêncio:

Capitão M. Bullock (Waterloo)  
Coronel H. W. Burton (West Suffolk)  
Lorde C. Crichton-Stuart (Northwich, Chester)  
J. Despencer-Robertson (Salisbury)  
Major T. L. Dugdale (Richmond, Yorks.)  
Sir J. Edmondson (Banbury)

Os nomes estão em ordem alfabética. De tempos em tempos, continuarei com minha lista.

Agora, vamos lá, senhores, estarei na Câmara na próxima terça-feira. Se alguns dos senhores se levantarem e falarem, prometo ouvi-los. Além disso, prometo escrever sobre os senhores se o discurso valer a pena.

***“Políticos e Política”, de P.D.H.  
Sunday Express, julho de 1937***

Um amigo meu veio até mim no saguão da Câmara dos Comuns e disse com a voz trêmula: "David quer você". "David quem?", disse eu. Meu amigo parecia chocado. Só havia um David para ele. "David Margesson, é claro", respondeu ele.

O capitão David Margesson é o grande líder de bancada do governo; os deputados tremem ao ouvir seu nome.

Quando saí para minha entrevista, meus amigos me encararam com simpatia, meus inimigos com alegria.

Mas o Capitão Margesson não poderia ter sido mais encantador. Ele queria falar comigo sobre o Sr. Lipson, deputado conservador de Cheltenham, que venceu a eleição suplementar contra um candidato do governo.

Ele disse: "Li em sua coluna no domingo passado que eu havia saído da Câmara dos Comuns quando Lipson fez o juramento como novo membro. Fiz isso porque tive que apresentar outro novo membro assim que Lipson terminou. Eu nunca deveria ser descortês com um novo membro, mesmo que discordasse dele."

"Você discorda do Sr. Lipson, então?" perguntei.

"Não tenho nenhuma desavença com ele", respondeu o capitão Margesson. "Por que eu deveria? Ele disputou a eleição suplementar apoiando a política do governo."

"Então, por que ele não recebe o chicote do governo?" perguntei.

"Bem, não há dúvida", disse o capitão Margesson, "de que as dificuldades que existem atualmente em Cheltenham logo serão suavizadas. Tudo ficará bem. Lipson será acolhido por nós".

Portanto, o Sr. Lipson e seus amigos em Cheltenham podem se preparar. O chefe de gabinete Margesson está pronto para dar ao Sr. Lipson o chicote do governo assim que as diferenças em Cheltenham forem resolvidas.

Em agosto de 1937, Howard estava escrevendo regularmente para o *Daily Express* e o *Evening Standard*, assim como para o *Sunday Express*. A publicação era não-rígida, mas convinha a Howard. Em momentos diferentes, ele escreveu sob vários pseudônimos. Havia artigos sérios de Adam Bothwell e John Hampden, um artigo infantil diário chamado "*Pindar, o Panda*", ilustrado por Low, no *Evening Standard* e artigos sobre agricultura sob o pseudônimo de Brent Ely. Um dos mais notórios desses noms-de-plume foi o capitão Barnabe Rich:

"Rich era um grande idiota. Ele costumava dizer todas as coisas que as pessoas querem dizer, mas nunca dizem. Ele era rude com todas as pessoas que se supõe, você tinha de ser muito educado. Beaverbrook sabia que eu estava escrevendo esse material, mas ninguém mais sabia.

"O Capitão Barnabe Rich tornou-se o assunto da sociedade londrina. E todo mundo estava tentando descobrir quem era esse terrível homem. Um grande amigo de Beaverbrook era uma figura da sociedade chamada Capitão Michael Wardell<sup>36</sup>, que estava bem no meio da multidão sobre a qual Rich estava escrevendo. Então, eu costumava circular pelos clubes e salas de visitas de Londres e, se alguém me perguntasse quem era o Capitão Barnabe Rich, eu diria: "Bem, quem no Express conheceria todas essas pessoas? Eles diziam: "Bem, acho que Mike Wardell é o único". E eu dizia: "Bem, não sei quem seria, mas o Wardell conhece todos eles". Era difícil para Wardell, mas Beaverbrook e eu gostávamos disso.

"Então, chegou o momento em que tivemos que dizer quem era o capitão Barnabe Rich, e eu disse a Beaverbrook: 'Já sei o que faremos. Vamos publicar a fotografia de Rich no *Evening Standard*'. "Como você fará isso?", disse ele. "Deixe comigo", respondi. Então, no dia seguinte, tiramos uma foto diretamente do anúncio da Moss Bros, de um sujeito muito esplêndido, com um terno elegante e cartola. A legenda dizia: 'Capitão Barnabe Rich nas corridas'. Todos pensaram: "Já vi esse homem em algum lugar". Mas ninguém conseguia pensar onde. E, é claro, era o anúncio da Moss Bros."

Em parte, para se afastar da pressão da *Fleet Street* - ou pelo menos para dificultar a lembrança dela nos fins de semana - Howard começou a procurar uma casa de campo. Com dois filhos e um terceiro a caminho, ele queria um lugar para eles fora de Londres. Mas, mais importante, o próprio Howard queria se afastar do "abominável incômodo de ter que conhecer pessoas". Ele escolheu East Anglia porque, naquela época, era a parte da Inglaterra mais difícil de se chegar. As condições de viagem eram ruins; as estradas eram piores; e ele achava que ninguém em sã consciência o seguiria até lá. Ele também se sentiu profundamente atraído pela terra. Talvez, em algum canto esquecido de sua mente, os Howard de Meldreth

---

<sup>36</sup> Posteriormente, proprietário e editor do *Daily Gleaner*, Fredericton, New Brunswick, Canadá

o tenham atraído para o seu passado. Ele parecia mais à vontade no campo do que em Londres, mesmo no auge de seu sucesso. Não havia explicação para isso, exceto o fato de que a terra e seus frutos eram uma parte dele que nunca poderia descartar.

Em 3 de agosto de 1937, Howard comprou um pequeno chalé de palha em Preston, no oeste de Suffolk. Ele se chamava *Old Thatches*. Na verdade, eram três chalés agrícolas em um só, com tetos baixos, vigas de carvalho e três escadas. Como um refúgio no campo, era ideal. Havia terra suficiente para um pomar, um gramado, um lago com patos e um pequeno paddock ao lado para as crianças brincarem. Depois disso, a vida se tornou uma viagem de fim de semana, indo para Suffolk no início da manhã de domingo, depois que o *Sunday Express* ia dormir, e voltava a Londres em uma terça-feira, a menos que fosse convocado por Beaverbrook antes. Às vezes, ele levava amigos da Fleet Street para casa, e a casa de campo tremia com o barulho das portas e dos pés dos homens. A pequena sala de estar estava cheia de fumaça e canecas de cerveja. As crianças, que depois de 31 de dezembro de 1937 incluíam um segundo filho, Anthony, eram mantidas no andar de cima ou do lado de fora.

Howard tinha um temperamento explosivo e não gostava que seus finais de semana fossem perturbados. Ele também tinha um coração caloroso e brincava com jogos agitados, correndo pela casa com as crianças nos ombros ou jogando-as para o alto e pegando-as novamente. Seus amigos não eram, de forma alguma, todos jornalistas. Artistas, políticos, escritores e esportistas, bem como alguns dos melhores chefs franceses de Londres, passavam os fins de semana em *Old Thatches*. A comida e a bebida eram boas. A conversa era animada. Mas, inevitavelmente, os prazos do Express tinham que ser cumpridos.

1938 foi o ano em que Beaverbrook anunciaria o grito: "Não haverá guerra neste ano, nem no próximo". Howard ainda pedia o rearmamento.

***"Políticos e Política", de P.D.H.  
Sunday Express, 5 de junho de 1938***

Uma situação terá de ser esclarecida. É a situação de Hore-Belisha. Nosso Ministro de Guerra fez muitos pronunciamentos de que nossos serviços de defesa antiaérea estão em boas condições.

Os serviços de defesa antiaérea estão em boas condições. Ele diz: "Armas de três polegadas modernizadas estão prontas para uso imediato em uma emergência". Declara, com relação ao canhão de 3,7 polegadas, que "a entrega está adiantada em relação ao cronograma".

Agora, ninguém duvida da palavra do Sr. Hore-Belisha. Mas o que é cronograma? O cronograma pode estar muito aquém de nossas necessidades.

A ansiedade do público com relação a essa questão atingiu um nível muito alto. A pergunta é simples: NOSSAS DEFESAS ESTÃO ADEQUADAMENTE EQUIPADAS COM CANHÕES DE 3.7? Somente os canhões 3.7 satisfarão as pessoas que sabem.

Com canhões 3.7, Londres pode ser adequadamente defendida. Mas em nenhuma outra circunstância. Essas armas são mais necessárias para nosso sistema de defesa do que bombardeiros ou qualquer outra coisa.

O público tem confiança na administração do Sr. Hore-Belisha no Ministério de Guerra. Ele não reclama de seus contínuos apelos por apoio. Mas, ao mesmo tempo, essa questão específica não pode mais ser deixada onde está.

O Sr. Hore-Belisha deve esclarecer a situação, tanto para o seu próprio bem quanto para o nosso. Se não o fizer, uma tempestade pode se levantar contra ele, como a que levou Lorde Swinton embora.

Mas ele continuou a importunar os deputados em pontos pessoais delicados:

***"Políticos e Política", de P.D.H.  
Sunday Express, 19 de junho de 1938***

É surpreendente a frequência com que os parlamentares erram a data de seu nascimento. A idade do falecido Lorde Carson foi erroneamente declarada no "Quem é Quem?".

Há também o Sr. Henry "Chips" Channon, membro de *Southend*. Seu cálculo está apenas dois anos atrasado. Nos livros de referência, consta que ele nasceu em 7 de março de 1899, o que faz com que sua idade seja de 39 anos.

Por outro lado, o Sr. Michael J. Flynn me disse que o Sr. "Chips" Channon nasceu em 7 de março de 1897, ou seja, com quarenta e um anos. De modo geral, prefiro aceitar a versão do Sr. Flynn.

Por quê? O Sr. Flynn é secretário do Condado de Cook, no Estado de Illinois, onde o Sr. Channon nasceu. E o Sr. Flynn confirmou sua história enviando-me uma cópia fotostática da certidão de nascimento do Sr. "Chips" Channon.

O Sr. "Chips" Channon registrou em seu diário:

"19 de junho de 1938: O *Sunday Express* publicou hoje um parágrafo extraordinário dizendo que eu realmente tenho quarenta e um anos em vez de trinta e nove, e deu a entender que eu havia falsificado

minha idade nos livros de referência. O mais terrível é que isso é verdade. Agora me sinto apreensivo e tímido, como acontece quando alguém está em desgraça. Honour está sendo muito gentil e leal em relação a isso... Eu lhe disse que ela ficaria viúva dois anos antes."

Em julho de 1938, Howard começou a escrever a coluna "Opinion" no *Daily Express* e os editoriais do *Evening Standard*. Seu título no *Evening Standard*, em 15 de setembro, era o seguinte:

Hoje caminhamos sob a luz do sol: de nosso caminho foi retirada a sombra das nuvens que por tanto tempo obscureceram nossa jornada.

Foi o medo da guerra que lançou a escuridão sobre nós. É a mão do Sr. Neville Chamberlain, nosso primeiro-ministro, que agora remove esse medo.

Com sua viagem aérea para *Herr Hitler*, o primeiro-ministro britânico reforça e estabelece a alta posição que já conquistou no coração e no afeto do povo.

Em 27 de novembro, ele escreveu em sua coluna:

O velho plano está morrendo com o velho ano. As folhas caíram, assim como os sonhos do Sr. Chamberlain.

O apaziguamento está morto. O apaziguamento com a Alemanha está acabado por causa dos alemães. Eles acabaram com isso com seus pogroms e seus ataques à Grã-Bretanha.

No início de 1939, Beaverbrook ainda apoiava o apaziguamento. Howard escreveu em apoio a ele, mas sentia cada vez mais que era uma esperança perdida. Em janeiro daquele ano, ele teve uma experiência que o levou a seguir esse caminho. Um dia, durante um almoço na Fleet Street, ele foi convidado a se juntar à equipe britânica de *Bobsleigh* para o Campeonato Mundial em Cortina. Um dos membros da equipe havia adoecido. Ele poderia substituí-lo?

Quando Howard disse que nunca tinha andado de *bobsleigh* na vida, seu amigo respondeu: "Não importa, você tem a constituição física certa. Não tem medo da velocidade e sabe como trabalhar em equipe. Você é exatamente o homem que estamos procurando". O *TheExpress* deu a Howard duas semanas de férias com pagamento.

Howard levou Doë com ele para Cortina, e ela estava muito mais assustada com o evento do que ele. Em uma das corridas de teste, o alto-falante anunciou: "Um homem a menos", o bob britânico. Doe se levantou: "Eu sei que é o Peter", disse ela. E era mesmo. Mas ele não se machucou:

"As equipes do Campeonato Mundial se reuniram em Cortina. Foi uma ocasião imensa para os italianos. Os olhos de todo o mundo esportivo estavam voltados para eles, e eles aproveitaram ao máximo.

A Condessa Ciano, então no auge de seu poder e glória, representou seu pai, Mussolini, durante os quatro dias de corridas e entregou os troféus no final.

"Havia fanfarras, bandeiras e toda a pompa e cerimônia de uma festa fascista. As equipes vieram da maioria dos países da Europa para competir - Romênia, Bélgica, França, Suíça, Itália e muitos outros. Havia uma equipe forte e excelente dos Estados Unidos da América, sob a liderança de Jack Heaton.

"Os alemães inscreveram quatro equipes, a maioria composta por oficiais da Luftwaffe de Goering. Eles foram instruídos a vencer o Campeonato Mundial a todo custo, com o argumento de que o prestígio do Reich seria aumentado com a vitória. Eles se dedicaram a essa tarefa com eficiência silenciosa e constante. Eles se mantiveram isolados, falaram o mínimo possível para não revelar segredos inadvertidamente e montaram uma guarda permanente em seus carros de corrida, temendo que nós pudéssemos mexer neles.

"A equipe americana era nossa forte aliada. Os italianos, por outro lado, aplaudiam os alemães ruidosamente nas arquibancadas e em público e, ocasionalmente, vaiavam ou assobiavam quando a equipe britânica passava.

"À noite, na privacidade do nosso hotel, alguns italianos vieram nos visitar e imploraram, com lágrimas nos olhos, que vencêssemos os alemães, pois achavam que éramos a única equipe capaz de vencer.

"Houve alguns interlúdios estranhos nessa guerra. Os italianos tinham construído uma pista de corrida maravilhosa em Cortina. Mas ela terminou no ponto de chegada. Eles haviam se esquecido de que os bobs passavam por aquele ponto a quase 160 quilômetros por hora e precisavam de pelo menos 400 metros de gelo em superfície e subida antes de poderem parar em segurança.

"O resultado foi que a parte mais perigosa da corrida aconteceu depois que você terminou o percurso. Os alemães se viram incapazes de fazer a curva após o posto de chegada. Quase todas as vezes eles caíam ali. No último dia do campeonato, eles haviam sido reduzidos por lesões de quatro equipes para uma.

"Eles demonstraram uma coragem fria que nos assustou e amedrontou. Uma equipe alemã sofreu um acidente grave. Dois dos homens ficaram gravemente feridos e tiveram que ir para o hospital. Outro sofreu um corte na coxa. O quarto, o capitão, tinha um corte de quase cinco centímetros de comprimento na bochecha. Enquanto corríamos para ajudar, o capitão se levantou, examinou seus companheiros caídos e contorcidos, deu as costas a eles e, marchando até a cabine do cronometrista, disse em alemão: "Qual foi o nosso tempo, por favor?"

"Os belgas também caíram aqui. Um dos membros da equipe se machucou e eles não tinham uma reserva para substituí-lo. Eles estavam indo bem nas corridas e não tinham mais nenhuma reserva. Estavam indo bem nas corridas e tinham mais uma descida a fazer para completar o percurso. Naquela noite, vasculharam os bares de Cortina, procurando algum belga que fizesse a descida para a glória de sua nação. Por volta da meia-noite, eles o encontraram. Era um jovem charmoso, desprezioso e, acima de tudo, insuspeito, que não sabia nada sobre *bobbing*.

"As lagostas mudam de preto para vermelho muito rapidamente quando mergulhadas em água fervente. Os seres humanos mudam ainda mais rapidamente de rosa para verde quando mergulhados em uma pista de gelo em um bob de corrida sem saber no que estão se metendo.

"Como eles o seguraram permanece um mistério. Mas conseguiram um bom tempo e o jovem belga foi, com razão, um herói de Cortina.

"Após os dois primeiros dias, fizemos um protesto unido e veemente às autoridades sobre o estado perigoso da pista. Eles entraram em reunião e logo saíram com sorrisos radiantes, dizendo: 'Amanhã tudo estará bem'.

"No dia seguinte, visitamos ansiosamente o ponto de perigo antes de subir a montanha para a largada. A pista estava como sempre esteve. Evidentemente, o trabalho de reconstrução tinha sido pesado demais para ser realizado. Mas havia um acréscimo às comodidades. Um senhor idoso e adorável, com longos bigodes caídos, estava estacionado ali. Ele tinha um canivete aberto na mão. Explicou que seu trabalho era raspar o sangue do gelo se houvesse um derramamento, para que os espectadores não sofressem nenhum tipo de angústia.

"Não tínhamos reservas para nossa equipe britânica. Por isso, nos munimos de medicamentos para o caso de algum de nós se machucar. Pois, machucados ou não, estávamos decididos a levar o carro para a pista de uma forma ou de outra.

"No primeiro dia do campeonato, tivemos um começo ruim. Tivemos a pior sorte, pois tivemos que correr em uma pista mal cortada depois que o sol nasceu e um leve degelo tirou a mordida e a velocidade do gelo. Os alemães estavam à nossa frente por mais de um segundo.

"Nos três dias seguintes, a situação melhorou. Quebramos o recorde mundial da corrida de Cortina em todas as ocasiões, melhorando a cada dia, e finalmente terminamos à frente dos alemães.

"Seria ocioso fingir que esse triunfo deu satisfação a todos. Havia uma atmosfera abafada quando nos dirigimos ao hotel para receber nossos prêmios.

"Foi providenciada uma banda. Infelizmente, devido a algum mal-entendido ou, mais provavelmente, porque nossa vitória sobre os alemães havia perturbado os arranjos anteriores, quando as palavras "Grã-Bretanha" foram gritadas e avançamos em direção à Condessa para pegar nossas taças, a banda começou a tocar *Deutschland uber Alles* em alto e bom som.

"Os alemães pareciam furiosos. Ficamos em posição de sentido com a fleuma britânica. Mas a Condessa, depois de lançar um olhar para a banda quase alto o suficiente para abafar a música, de repente começou a dar gargalhadas estridentes.

"Então ela nos deu nossas taças e partimos. Tivemos uma festa feliz com a equipe americana naquela noite. Falamos juntos sobre os Jogos Olímpicos que seriam realizados no final daquele ano fatídico, 1939, na Alemanha, em Garmisch, e para os quais alguns de nós havíamos sido convidados a representar nossas nações."

***"A Marcha do Tempo", por P.D.H.  
Sunday Express, 9 de março de 1939***

O que Hitler fará agora? Essa é a pergunta que cada homem faz ao seu vizinho. E o mundo inteiro está esperando a resposta.

Em uma situação tão incerta como a que enfrentamos hoje, confrontados como estamos por um homem de poder que se mostrou indigno de confiança e incapaz de lidar honestamente com seus vizinhos, temos um dever a cumprir.

Não podemos nos dar ao luxo de deixar passar mais uma semana, um dia ou uma hora. Devemos estimular nossas atividades e aumentar nossa vigilância em relação à defesa.

Pois o sino de alerta está tocando. A luz vermelha brilha. Os sinais são de perigo. Chegamos a um ponto em que agora e aqui a nação deve se mobilizar.

Já se foi o tempo em que podíamos nos dar ao luxo de passar os dias discutindo com nossos amigos se devemos ou não nos voluntariar para alguma forma de Serviço Nacional. Como medida essencial de segurança, da qual pode depender o futuro de todos nós, precisamos de um registro de nossos recursos nacionais de mão de obra. E esse registro deve ser obrigatório.

***"Políticos e Política" por P.D.H.  
Sunday Express, 23 de julho de 1939***

Na semana passada, foi publicado um relato nas colunas do Sunday Express sobre o movimento político contra nosso primeiro-ministro, o Sr. Chamberlain. Ele apresentou uma visão objetiva de primeira linha dos acontecimentos.

Mas aí está. Talvez eu seja considerado preconceituoso nessa questão. Eu mesmo escrevi o artigo. Por isso, estou sendo atacado e agredido nas colunas de líderes do *Daily Telegraph*. Por quê? Porque o *Daily Telegraph* declara que não se opõe ao Sr. Chamberlain, embora seja a favor do Sr. Churchill.

Esse órgão sabe muito bem que não se pode defender a causa de Churchill sem se opor ao primeiro-ministro.

O Sr. Chamberlain não quer trazer o Sr. Churchill para o governo. O *Daily Telegraph* deseja empurrar Churchill para o Gabinete, quer o Primeiro-Ministro o queira ou não. Se isso não é oposição ao Sr. Chamberlain, então o que é?

Se eu planejo tentar empurrar o Sr. Churchill para a diretoria do Daily Telegraph em face da oposição de Lorde Camrose, isso não seria um ato hostil a Lorde Camrose?

De minha parte, não faço nenhuma objeção àqueles que dizem que são a favor de Chamberlain e de Churchill. É quase a mesma coisa que ser um membro devoto da Igreja Católica Romana e, ao mesmo tempo, ir até a esquina da rua para se confessar no meio do círculo do Exército da Salvação.

Foi durante esses três meses antes do início da Segunda Guerra Mundial que as primeiras rachaduras começaram a aparecer no casamento dos Howard. Doë passava muitas semanas com as crianças no campo, enquanto Peter permanecia em seu trabalho, em Londres:

"Comecei a usar uma máscara em casa. Era apenas uma pequena máscara, mas era muito grossa. Para minha surpresa, descobri que meu interesse pelo frescor dos lábios, pela suavidade dos olhos e pela beleza e admiração de outras mulheres não havia me abandonado. Meu interesse era acadêmico. Mas a margem entre um interesse acadêmico e um interesse real era como "o cabelo na cabeça de um homem careca". Diminuía lentamente, mas de forma constante, com o passar dos anos.

"Eu disse a mim mesmo que não havia muito mal no que eu fazia, desde que Doë não tivesse motivos para se preocupar. Se ela não soubesse de nada, não poderia ficar triste por causa disso.

"Na verdade, à medida que minha jornada de casado avançava, descobri que as ideias propostas por cavalheiros como Bertrand Russell estavam profundamente enraizadas em meu coração e desejo. Elas haviam sido encobertas em vez de curadas por um casamento feliz.

"Às vezes, eu tirava uma noite de folga em casa. Eu trabalhava muito para ganhar dinheiro para isso. E eu achava que um homem que trabalhava duro tinha direito a seus momentos de descanso, onde quer que eles estivessem.

"Doë achava, ou pelo menos me diziam, que eu estava trabalhando em um jornal nessas ocasiões. E, de fato, eu pegava as fofocas da cidade dessa forma.

"Naturalmente, na noite do dia seguinte, eu voltava para casa mais cedo, muitas vezes trazendo algum pequeno presente para Doë. Eu me dedicava inteiramente a ela. Saíamos juntos, talvez para alguma cafeteria cavernosa no Soho, para comer pratos continentais com temperos picantes, para ouvir falar francês e falar juntos, para nos divertirmos com a companhia um do outro. Essas eram as melhores noites da vida. Enquanto duraram, achei difícil ver como eu poderia querer passá-las de forma diferente. E mesmo assim, e mesmo assim...

"Assim transcorreu nosso casamento, o de Doë e o meu - uma jornada tranquila e ondulante, como um riacho de Dartmoor, com luz e sombra, a rocha repentina, afiada e recortada, o trecho ocasionalmente calmo e tranquilo de águas mais profundas.

"E, atualmente, antes que você possa ver por que, as águas se dividem - dois riachos correm lado a lado onde um percorria a urze antes - as águas ainda conversam e riem e correm juntas por um tempo e depois talvez em direções diferentes. Em sua condição encolhida e dividida, elas ainda tilintam, mas perdem as notas mais profundas.

"Doë e eu descobrimos que cada um tinha cantos em nossas vidas que pertenciam somente a nós mesmos e não ao outro. Achávamos isso normal. Achamos que essa era a maneira de viver. Uma esposa tem o direito de ter seus próprios amigos. Um homem deve ter alguma privacidade. Isso é o que dizíamos um ao outro, com espontaneidade nos lábios e tristeza no coração."

Mas, embora o casamento não fosse mais totalmente feliz, a divisão ainda era pequena para os padrões da Fleet Street, e o dinheiro era abundante. Howard decidiu investir em uma fazenda a quatro milhas de sua casa de campo em Preston. Em setembro de 1939, ele comprou a Hill Farm, Brent Eleigh, perto de Lavenham, por um acre:

"Grande parte dela estava em um estado deplorável. As cercas vivas se estendiam pelas cabeceiras e eram altas, com anos de crescimento negligenciado. Os campos estavam destruídos, em alguns casos, famintos. A terra era montanhosa e difícil. As valas estavam cheias e muitos dos drenos estavam bloqueados.

"Compramos a fazenda em um momento de entusiasmo e, depois disso, muitas vezes pensamos que tinha sido uma loucura. Tínhamos uma ideia romântica de que o fluxo de dinheiro que, por tanto tempo, na Grã-Bretanha, foi despejado da terra para as cidades, deveria ser desviado novamente para o campo."

A Segunda Guerra Mundial foi declarada em 3 de setembro de 1939. As crianças Howard estavam em Suffolk com sua babá para as férias de verão. Doë estava em Londres. Peter a convenceu a carregar o carro e sair de Londres imediatamente para Suffolk:

"Quando a guerra estourou, meus pensamentos se voltaram para minha renda. Essa foi uma reação imediata aos acontecimentos.

"Comecei a fazer um registro cuidadoso das despesas em meu diário. Como gostava muito de comida e bebida, costumava gastar muito com essas mercadorias. Eles me pareciam ser as coisas óbvias a serem cortadas. Durante um mês, andei de carroça de água. Disse aos meus amigos que fiz isso para o bem do meu estômago. Na verdade, fiz isso pelo bem do meu bolso. Eu estava preocupado com a ideia de que meu trabalho no jornal poderia terminar e que meu dinheiro seria tirado de mim. Embora alguns de nós esqueçamos isso agora, muitas pessoas compartilhavam esse sentimento no início da guerra."

A casa dos Howard em Newton Road foi vendida e, mais tarde, atingida por uma bomba. Enquanto isso, como todos os outros homens de sua idade, Peter Howard recebeu seus documentos de convocação. Ele foi aprovado como "não A.1." pela junta médica por causa de sua perna manca. Os jornalistas também tinham uma ocupação reservada porque seu trabalho era considerado de importância nacional. Os *Express Newspapers*, assim que a guerra foi declarada, imediatamente colocaram toda a sua força para apoiar o esforço de guerra britânico. Howard se juntou a eles.

***"A Marcha do Tempo", de P.D.H.  
Sunday Express, 3 de setembro de 1939***

Vinte e um anos. Que mudança impressionante em nossa sorte ocorreu nesse curto espaço de tempo.

Vinte e um anos atrás, estávamos nos balançando com um grito de triunfo e alegria, convencidos de que nunca mais as nações civilizadas da Europa submeteriam suas disputas ao terrível arbítrio da guerra.

Hoje nos preparamos mais uma vez para nos enterrarmos na lama, suar, labutar e sofrer, ver nossos maridos, filhos e amigos serem abatidos em batalha.

E, se os piores pressentimentos se concretizarem, mulheres e crianças também poderão ser chamadas desta vez para enfrentar os bombardeios dos céus.

Temos muitas vantagens em comparação com nossa posição em 1914. Não esperamos triunfos fáceis. Sabemos que os alemães são um inimigo forte e implacável.

Sabemos muito bem que, de qualquer forma, nos primeiros dias da disputa, talvez tenhamos que sofrer e suportar decepções e reverses que acontecem com todas as nações que marcham para a batalha. Estamos prontos para enfrentá-los sem desânimo.

Acima de tudo, nossa causa é reconhecida como justa por todo o mundo, exceto por nossos inimigos.

No início da última guerra, em muitos países e especialmente nos Estados Unidos da América, havia um corpo substancial de opinião favorável aos objetivos alemães.

Hoje, a Grã-Bretanha e seus amigos levam para a batalha as esperanças e orações de todos os homens e mulheres amantes da liberdade em toda a superfície do globo.

Então vamos marchar.

Ainda havia muito em uma veia aparentemente mais leve:

***"Política e Políticos" de P.D.H.  
Sunday Express, 17 de dezembro de 1939***

Dedico meu artigo esta semana

"Para a tintinabulação que tão musicalmente brota  
Dos sinos, sinos, sinos, sinos, sinos, sinos, sinos,  
Do tilintar e do formigar dos sinos."

As campanhas a que me refiro são, obviamente, campanhas de telefone. Nos últimos três dias meus telefones não param de tocar.

Anotei cuidadosamente cada ligação. Nada menos que vinte e oito delas foram de pessoas ansiosas para me dar um relato exato e circunstancial de tudo o que aconteceu na sessão secreta do Parlamento.

Essas pessoas que me ligaram eram MPs ou nobres Lordes? Ah, ah. Como a jovem da música, 'Não vou dizer, sim. Eu não vou dizer, não.'

Mas vou revelar a você que os detalhes de todos esses relatos têm uma notável semelhança entre si.

A minha conclusão é esta. Nenhum segredo de qualquer importância deve ser divulgado pelo Governo em qualquer sessão secreta. Sendo assim, as sessões secretas não servem a nenhum propósito útil. Nenhum mesmo.

Nos dias de guerra falsa, Beaverbrook, que até o fim esperava que não houvesse guerra, ainda estava ansioso para que não houvesse uma grande guerra:

"Certa noite, eu estava na casa dele com Brendan Bracken<sup>37</sup>, Aneurin Bevan<sup>38</sup> e Frank Owen. Beaverbrook virou-se para mim e disse: 'O que você acha da guerra?'

"Eu disse: 'Temos que vencer. Estamos nisso. Politicamente, é impossível alguém se retirar. O povo britânico não suportaria. Temos que derrotar Hitler.'

"'O que devemos fazer com Chamberlain?' Beaverbrook continuou.

"'Chamberlain não é um homem de guerra', respondi. 'Ele é um homem de paz. Seu coração não está na guerra. A única esperança é colocar Churchill no comando e livrar-se de Chamberlain.'

"'Saia da minha casa', rugiu Beaverbrook. 'Saia da minha casa'. Não quero você na minha casa. 'Saia da minha casa.' Ele estava tremendo de raiva.

"Eu fui. Era uma hora da manhã. Comecei a caminhar os três quilômetros até minha cama através do blecaute. Eu tinha percorrido cerca de duzentos metros quando ouvi atrás de mim uma corrida e um tamborilar. Lá estava Beaverbrook, uma pequena figura asmática, sem casaco e sem chapéu, trotando atrás de mim.

"'Peter', disse ele, 'perdoe-me. Eu não deveria falar assim com você. Você não vai pensar mais nisso?' "

A essa altura, era evidente que os preparativos britânicos para a guerra haviam sido desastrosamente mal administrados. Howard e seus amigos, Frank Owen e Michael Foot, estavam ficando cada vez mais impacientes. Eles culpavam o Gabinete e todos os que os apoiaram, incluindo Lorde Beaverbrook.

***"Certo e errado" por P.D.H.  
Evening Standard, 6 de fevereiro de 1940***

---

<sup>37</sup> MP conservador para N. Paddington 1929-45. Ministro da Informação 1941-45.

<sup>38</sup> Trabalhista M.P. para Ebbw Vale desde 1929. Ministro da Saúde 1945-51.

Você conhece a técnica de Boothby? É um método político de abordagem de problemas, que recebe o nome do Sr. Robert Boothby, Tory M.P. para o *Aberdeenshire Leste*. Esse cavalheiro esteve certo sobre todas as questões e errado sobre todas as questões que já surgiram.

Por quê? Porque sua mente é tão ampla, suas opiniões tão liberais que ele vê os dois lados de cada questão - e defende ambos.

Alguns homens públicos adotam a técnica de Boothby. Outros, não. Você nunca pode duvidar por um momento onde eles estão ou o que eles pensam.

Lorde Beaverbrook, por exemplo, é sempre decidido e inteiramente convencido de que seus pontos de vista estão corretos.

Devo dizer-lhe, no entanto, que às vezes ele está errado.

Ele disse em 1938: "Não haverá guerra envolvendo a Grã-Bretanha este ano." Muito certo.

Nos dias sombrios, ele manteve sua previsão. Quando soou a meia-noite de 31 de dezembro de 1938, ele foi muito elogiado por sua sagacidade e bom senso.

Ele disse em 1939: "Não haverá guerra envolvendo a Grã-Bretanha este ano." Muito errado.

Quando chegou a hora negra da manhã de 3 de setembro de 1939, ele foi muito criticado por sua tolice, blefe otimista e pensamento positivo.

Beaverbrook retaliou duas semanas depois:

***Evening Standard,***  
***22 de fevereiro de 1940.***

Um de nossos colaboradores - o Sr. Peter Howard — telefonou para saber por que o "ataque" a Liverpool não está incluído no mapa da página sete.

A razão pela qual não está incluído é que nunca foi estabelecido que ocorreu.

Um avião apareceu sobre Merseyside e foi alvejado.

Um pouco depois, uma máquina de treinamento britânica pousou, trazendo vestígios de tiros.

Se o Sr. Howard dedicasse algum tempo à leitura, bem como à escrita, ele saberia que o "Diário" do *Evening Standard* publicou esse fato na época. E isso o teria poupado de seu telefonema esta tarde.

Em 2 de maio de 1940, Hitler marchou para os Países Baixos. Beaverbrook telefonou para Howard nos escritórios do Express:

“Ele me perguntou como estavam chegando as notícias e disse: 'Você pode registrar em seu diário, se tiver um, que hoje Hitler perdeu a guerra.'”

'Todos os outros em Londres neste momento pareciam pensar que Hitler poderia ganhar a guerra. Seu ataque e sua velocidade atingiram um pedaço de gelo de presságio no calor de muitos corações corajosos. Beaverbrook prosseguiu: "A entrada de Hitler nos Países Baixos torna inevitável a intervenção dos Estados Unidos da América. Não sei se ele invadirá a França. Eu nem sei se ele tentará invadir este país. Mas, mais cedo ou mais tarde, a América vai intervir e, quando a América intervir, você pode ter certeza de que Hitler será derrotado. "

Nesse mesmo dia, o governo de Chamberlain caiu e Winston Churchill tornou-se primeiro-ministro. Beaverbrook ingressou no Gabinete como Ministro da Produção de Aeronaves. Isso significou um desastre para a escrita política de Howard. Pois Beaverbrook não ficava tão satisfeito com o fato de os ministros do gabinete serem atacados todos os domingos, quando ele tinha que encontrá-los no gabinete todas as segundas-feiras. Howard não sabia disso na época, mas só tinha até 7 de julho, quando sua coluna "Políticos e política" seria publicada pela última vez.

***"Políticos e Política" por P.D.H.  
Express, 12 de maio de 1940***

Não preciso proferir palavras de elogio ao Sr. Churchill. Desde o início da guerra, ele é visto pelo público como o homem que eles desejam para seu líder.

Ele avança com a confiança, o coração e a mão de todo o público britânico.

\* \* \*

Na sexta-feira, 31 de maio de 1940, as tropas britânicas estavam em retirada, em Dunquerque. Naquele fim de semana fatídico, milhares de pequenos navios cruzaram o Canal da Mancha para evacuar o exército britânico das praias. Peter Howard, Michael Foot e Frank Owen sentaram-se nos escritórios do *Evening Standard* naquela tarde de sexta-feira, discutindo as notícias à medida que chegavam. Eles colocaram a culpa pela desastrosa retirada diretamente sobre Chamberlain e seus colegas, a maioria dos quais ainda estava no governo de Churchill. Resolveram escrever um livro, no qual desmascarariam a negligência deliberada desses homens.

Na segunda-feira, 3 de junho, Howard, Foot e Owen retornaram a Londres cada um com oito capítulos escritos durante o fim de semana. Eles chamaram o livro dos *Guilty Men/ Homens Culpados*. Eles escreveram sob o pseudônimo de "Cato", porque foi Cato quem limpou os esgotos de Roma.

O livro foi concluído na terça-feira, 4 de junho. Na quarta-feira, foi aceito para publicação por Victor Gollancz. As únicas partes a serem questionadas por difamação foram aquelas escritas por Howard, e estas foram rapidamente ajustadas.

A primeira edição de *Homens Culpados* foi publicada em julho de 1940. Era considerado antipatriótico atacar a liderança britânica em tempo de guerra, e W. H. Smith e Wymans se recusaram a vendê-lo. Os autores contrataram um vendedor de frutas com um carrinho de mão para levar cópias do livro para cima e para baixo na Rua *Fleet*. Isso deu início a uma avalanche, para a qual Gollancz estava mal preparado. Eles esperavam que as vendas chegassem a cinco mil. Mais de duzentas mil cópias foram vendidas nos meses seguintes.

A especulação sobre quem havia escrito *Guilty Men/ Homens Culpados* cresceu e cresceu. Alguns acusaram Beaverbrook, outros suspeitaram de Foot, Owen ou Howard. Nenhum adivinhou que eram os três.

Michael Foot escreveu sua própria crítica no *Evening Standard*:

"Um mistério aqui", por Michael Foot

A panfletagem é uma arma esquecida, mas já foi talvez a mais poderosa na política inglesa. Um panfleto de Swift quebrou o Duque de Marlborough. Quantos outros grandes nomes da literatura inglesa foram associados a esta arte em particular? Milton, Burke, Junius e centenas mais.

A arma agora foi retirada de sua bainha com uma vingança. *GuiltyMen* escrito por um misterioso e tímido "Cato" (Gollancz: 2s. 6d.) promete se tornar a publicação política mais sensacional da guerra.

É um ataque devastador, selvagem, mas documentado, aos homens responsáveis pelo fracasso em fornecer à Grã-Bretanha os armamentos para lutar nesta guerra. Isso é uma demonstração surpreendente da visão do atual primeiro-ministro, e presta total homenagem aos homens que intensificaram o esforço de guerra nas últimas semanas.

A história é contada por alguém que parece ter assistido ao drama do plenário da própria Câmara dos Comuns.

Alguns dos julgamentos são injustos. Têm algumas omissões flagrantes. Mas, seja qual for o veredicto que for dado ao todo, ninguém pode contestar que seu efeito total é fantástico.

Quem é esse MP "Cato"? E por que ele esconde seus fogos de artifício debaixo do alqueire?

Howard escreveu sua crítica no *Daily Express*:

Não posso fazer mais do que prestar uma homenagem à força da acusação trazida por "Cato", o misterioso autor de *Guilty Men/ Homens Culpados*.

Ele começa com o Banho de Sangue de Flandres:

"Uma arma Bren e um herói contra oito Heinkels" . . .

"Três baionetas e três heróis contra metralhadoras" . . . "Marchando homens contra bombardeiros incessantes. Por quê? Por quê? Por quê?" "Carne contra aço, um Exército condenado antes de entrar em campo."

Então, voltando à história dos últimos anos perdidos, "Cato" dramatiza os erros, as promessas quebradas e as promessas de armas não cumpridas, cita os discursos e nos leva aos bastidores dos acontecimentos mais vergonhosos da política britânica por muitos anos.

Seu epílogo fala da nova determinação que veio com a ascensão de Churchill ao poder e o vigor demonstrado por seus três chefes de suprimentos, Bevin, Morrison e Beaverbrook, para fazer da Grã-Bretanha uma fortaleza.

"Mas", e estas são suas últimas palavras, "a nação está unida a um homem em seu desejo de levar a cabo, a guerra, de forma total; deve haver uma unidade semelhante na confiança nacional.

"Que os culpados se retirem, então, por sua própria vontade, e assim façam uma contribuição essencial para a vitória sobre a qual todos estão implacavelmente decididos."

A publicação de *Guilty Men/ Homens Culpados* embaraçou tanto o governo que Howard foi chamado ao escritório de E.J. Robertson, gerente geral do *Daily Express*. Disseram-lhe que, embora Lorde Beaverbrook estivesse no Gabinete de Guerra, ele não poderia mais escrever artigos sobre política.

## Capítulo 8

**H**OWARD estava furioso com a decisão do gerente geral. Sua carreira e reputação foram baseadas em sua coluna política. Toda a sua visão estava voltada para o ataque, e seu poder se baseava no medo que os políticos tinham de seus ataques: "Quando eu dava um soco, eu dava um soco para machucar". Agora, não podia mais bater neles.

Ele assombrou a ante-sala do escritório do gerente geral, reclamando amargamente de seu tratamento e exigindo uma prorrogação. Lá, ele se deparou com a secretária do gerente geral, Sra. Edith Ducé, cuja tarefa era proteger E. J. Robertson de interrupções:

"Edith Ducé era uma mulher de meia-idade. Por muito tempo guardei uma queixa contra ela. Bebi demais em uma festa e me comportei mal. A Sra. Ducé ficou sabendo desse caso. Ela andou pelo escritório contando a seus amigos sobre meus erros.

"Eu detestava a Sra. Ducé por essas fofocas maliciosas. Dia após dia, durante meses, nós nos cumprimentamos com o sorriso frígido e artificial de repulsa mútua. Eu a considerava uma pessoa perigosa e de mau gosto. Sentia que tinha de disfarçar minha emoção e sorrir para ela sempre que nos encontrávamos no elevador ou passávamos pelo corredor porque, afinal de contas, ela era a secretária do gerente geral e, como eu sabia, tanto sua fama bisbilhoteira quanto intrigante poderiam me prejudicar.

"De repente notei uma mudança notável em Edith Ducé. Em vez de parecer ácida, ela olhava para a vida com maior benevolência. Parecia totalmente mais contente e feliz.

"Um dia ela parou no corredor enquanto eu passava por ela com meu sorriso determinado e chamou por mim, 'Peter'. Era a primeira vez que ela usava meu nome de batismo para se dirigir a mim, e fiquei indignado que uma secretária, mesmo a secretária do gerente geral, me chamasse de "Peter" dentro do prédio do *Express*. Edith Ducé me pediu para entrar em sua sala. Lá, depois de uma conversa educada em que eu estava em guarda e ela parecia estar procurando palavras para usar, ela me disse que era consciente de que no passado havia tentado me prejudicar com sua malícia e sua língua. Pediu desculpas por isso e esperava que fôssemos melhores amigos no futuro. Então, ela disse algo como: 'Sou uma mulher diferente do que costumava ser. Achei certo dizer a você por quê. Decidi que a única maneira de levar minha vida é em uma base cristã.'

"A Sra. Ducé me disse isso de uma forma prosaica, sem nenhum embaraço de sua parte. Seu efeito sobre mim foi devastador. Murmurei: 'Muito obrigado. Muito interessante. Deve me contar mais sobre isso em alguma outra hora.' Como uma galinha, eu fugi.

"Lembro-me de sair correndo ao perceber com ferocidade que havia tropeçado em uma história sobre a Sra. Ducé que a faria parecer muito mais ridícula e desprezível aos olhos de meus colegas jornalistas do que seu relato de minha embriaguez me fez aparecer aos olhos de seus colegas secretários.

"Eu andei pelo local contando a todos que a Sra. Ducé agora sofria de mania religiosa. Mas ela chegou antes de mim. Muitas pessoas já tinham ouvido a história de seus próprios lábios. Na linguagem da Rua Fleet, eu havia tido um 'furo jornalístico'. Pois a sra. Ducé não era uma escrachada da Bíblia, na verdade ela havia entrado para o Grupo de Oxford e seria conhecida até o dia de sua morte como uma "Buchmanita".

"Ela recebeu muitos abusos e algumas perseguições por causa do que foi chamado casualmente de suas 'doutrinas perniciosas'.

"Eu sabia tudo sobre essas doutrinas 'perniciosas'. Quer dizer, eu sabia tudo o que tinha aparecido na imprensa, ou tinha sido sussurrado na Rua Fleet, sobre o Grupo de Oxford.

"Eu acreditava muito no que ouvia. Pois a essa altura todo o meu temperamento estava sintonizado para o ataque. Eu procurava fraquezas na situação de qualquer pessoa ou empresa, não procurava força.

"Um dia, enquanto eu estava na antessala onde a Sra. Ducé trabalhava, esperando para ver o gerente geral, comecei a dar-lhe minhas opiniões sobre alguns sujeitos que, a meu ver, estavam impedindo o esforço de guerra. Eu disse que esses homens deveriam ser fuzilados, como qualquer outro indivíduo que, quando seu país estava em perigo, se mostrava obstrutivo e inútil.

"A Sra. Ducé parou de datilografar. Ela disse: 'Você tem todo o direito de dizer isso, Peter, desde que esteja fazendo tudo o que pode para ajudar.' Devo ter parecido um tanto perplexo, pois ela então disse: "Você tem sido o mais útil possível aqui ultimamente? Você já se fez essa pergunta?"

"Respondi que achava que sim.

"O evento seguinte foi o toque do telefone na minha mesa por volta do meio-dia de uma quinta-feira.

"'Você está livre por um momento, Peter?' disse a voz da Sra. Ducé.

"'Sim', eu disse.

"'Então, desça um minuto, sim? Tenho algo para você.'

A Sra. Ducé sugeriu a Howard em seu escritório naquela manhã que ele deveria conhecer o Sr. Garth Lean.

"Eu não tinha intenção de me envolver com a bagunça. Então perguntei à Sra. Ducé: 'Quem é Garth Lean?'

"Ele é um dos meus amigos no Grupo de Oxford e acho que poderá ajudá-lo", respondeu a sra. Ducé.

"Muito gentil da sua parte", disse eu, 'mas essa não é minha área de atuação, como você sabe. Não sou uma pessoa religiosa. Sou agnóstico e esse tipo de coisa não me interessa muito.'

"É uma pena", respondeu a sra. Ducé. Sai da sala.

"Quando subi para minha própria mesa, um novo pensamento, potente e atraente, estimulou minha imaginação. Aqui, afinal, estava a chance que eu estava esperando. Grande parte da Rua Fleet já abusava do Grupo de Oxford, ou Buchmanitas como os jornalistas preferem chamá-los, dizendo que são bandidos, pró-alemães e tudo mais. Ninguém ainda ousara publicar a história dessa forma.

"Se eu pudesse aproveitar a oferta da Sra. Ducé para me apresentar a Lean, talvez pudesse expor todo o caso.

"Desci de novo para o escritório da sra. Ducé. 'Mudei de ideia', disse a ela. 'Afinal, gostaria de ver seu amigo Bath Green ou como quer que ele se chame.'

"A Sra. Ducé providenciou para que eu almoçasse com Lean em um apartamento no Temple naquele mesmo dia."

O almoço de Howard com Lean foi um encontro interessante:

"Ele não me impressionou muito favoravelmente. Fisicamente, era um sujeito de aparência desgredada, com uma cabeça que está ficando careca e uma risada que agora me diverte, mas que naquele momento, me irritou muito. Posso ver duas coisas, mais do que qualquer outra, que me impressionou desfavoravelmente sobre Garth Lean.

"A primeira é que ele falava de Deus com respeito, mas sem constrangimento. Isso me prejudicava contra qualquer coisa contra...

"A segunda foi que, quando falei sobre meu problema de ter que começar e reconstruir minha coluna de jornal, ele não foi particularmente compreensivo."

Howard não gostava muito de Edith Ducé e nem se importava com Lean. Seu propósito com ambos era malicioso e de certa forma desonesto. Isso deve ter sido evidente para eles. Mas, surpreendentemente,

isso não os desencorajou, embora Howard presenteasse Lean nessa época com uma das primeiras cópias de *Guilty Men/ Homens Culpados* com a inscrição: "Este livro é esplêndido como eu."

"Naquele dia, durante o almoço no Templo, Lean me disse que acreditava em Deus. "Eu disse a ele que não.

"Ele me perguntou: 'Por que não?'

"Por alguma razão, achei difícil (eu, com a língua tão escorregadia que poderia me defender com ministros de gabinete) fornecer uma resposta convincente a essa pergunta simples.

"Engoli um bocadinho de comida para ter tempo para reflexão. Então eu disse a ele, 'Bem, por que você acredita Nele?'

"Este homem respondeu: 'É tão tolo argumentar sobre a existência de Deus quanto ficar olhando para um interruptor de luz elétrica e discutir se, ao girá-lo, a luz se acenderá. Um sujeito diz que sim.. O outro diz que não. O fim da discussão é virar o interruptor e ver.'

"Perguntei a Lean o que ele queria dizer. Ele me disse que a maneira de ver se Deus estava ali era colocá-lo à prova. Ele declarou que Deus falaria com cada pessoa que estivesse pronta para ouvir e obedecer.

"Eu disse que isso parecia absurdo para mim. Mas eu sabia que ele acreditava no que me disse. Ele estava vivendo em um ritmo mais rápido do que eu e tinha em seus olhos uma paz que eu desejava, mas nunca alcancei.

"Quando eu disse a ele novamente que não acreditava em Deus, ele sorriu e disse: 'Nesse caso, você não se importará em ouvi-Lo, não é? Pois você não esperará ouvir nada de qualquer maneira.' "

Incrivelmente, Howard concordou em tentar. Ele fez isso porque: "Eu sabia que Garth Lean me perguntaria se eu tinha ouvido a Deus. E eu queria abrir caminho para a total confiança de Lean e dos outros, para que pudesse descobrir toda a verdade sobre eles".

O almoço terminou. "Nós nos separamos. Eu pretendia expor o Grupo de Oxford em um dramático furo de jornal. Sugeri encontrar Garth Lean novamente." Howard encontrou Lean novamente. Desta vez, na sede do Grupo de Oxford, em Londres. A chegada de Howard foi recebida com sentimentos contraditórios... Alguns dos colegas de Lean tentaram persuadi-lo a cancelar o convite. Eles sentiram, conhecendo o histórico de Howard, que qualquer coisa que ele escrevesse seria hostil. Eles acharam impossível acreditar que o interesse de Howard fosse sincero. Nisso eles estavam certos. Para seu crédito, Lean persistiu em receber Howard.

"Um fato logo se tornou evidente para mim. Você pode não gostar dessas pessoas, mas não poderia, se examinasse a cena com a mente aberta, desconfiar delas. Boa vontade sincera irradiava de todos os cômodos e pessoas da residência. Havia um ar estimulante sobre o lugar."

Para Howard, foi uma surpresa. Ele esperava encontrar evidências para apoiar os rumores que ouvira na Rua Fleet. Não encontrou nenhum. Não se pode dizer que ele não os procurou. Ficou vários dias e noites na sede; ele conheceu todo mundo; fez perguntas; manteve os olhos abertos; se lembrou de tudo o que foi dito. Ele saiu convencido de que o Grupo de Oxford não era para ele, mas igualmente certo de que o que ouvira sobre eles não era verdade.

Naquele mês de agosto, a coluna de William Hickey no *Daily Express* atacou quatro vezes o Grupo de Oxford. Esta coluna foi então escrita por Tom Driberg<sup>39</sup>, que se estabeleceu pela primeira vez no *Daily Express* doze anos antes, escrevendo o primeiro ataque público ao Dr. Buchman e ao Grupo. Não era política de Howard contradizer seu próprio jornal, mas ele sentiu que não poderia deixar o assunto de lado depois de sua nova informação:

"Depois de ler o que foi dito, pareceu-me justo que o outro lado da questão fosse escrito. Achei melhor, no interesse do bom jornalismo e da verdade, que os dois lados da imagem fossem apresentados e que o público deve julgar entre eles."

Assim, Howard escreveu sua "Resposta a Hickey":

Toda boa cidra vem de maçãs fedorentas. E algumas coisas boas aparecem mesmo fora da guerra.

Uma coisa limpa que emerge da sujeira desse conflito é um aumento da tolerância. Judeus não são mais notícias na Grã-Bretanha. O sentimento antissemita desapareceu. Além disso, o ódio histórico de todos os alienígenas que tomou conta do país, não faz muito tempo, agora está relaxando.

Muitas pessoas participaram dessa transformação. E entre os líderes desta cruzada pelo jogo limpo para judeus e estrangeiros, está William Hickey.

Muito do vigor da mente desse homem, muito do fogo de sua voz e da fúria de sua pena foram direcionados para a defesa dessas criaturas aflitas. Como apóstolo da tolerância, ele conquistou a gratidão de centenas e a admiração de milhares, inclusive eu.

Portanto, estou surpreso e consternado ao vê-lo agora iniciando uma perseguição selvagem de uma seção de nossa comunidade por causa de suas crenças. Refiro-me ao ataque contínuo de William Hickey ao Grupo de Oxford, ou *Buchmanitas*, como ele prefere chamá-los.

---

<sup>39</sup> Membro trabalhista posterior do Parlamento de Barkin.

Parece claro que William Hickey odeia essas pessoas. Ele faz acusações negras e amargas contra elas. Não há nada de novo nessas histórias. Muitas pessoas na Rua Fleet os mencionaram para mim. Eu mesmo repassei as histórias: E acreditei nelas.

Mas então fiz algo a respeito deles que, até onde posso ver, poucas pessoas na Rua Fleet se deram ao trabalho de fazer. Fiz questão de investigá-los.

Procurei o Grupo de Oxford. Fui à sua sede. Fiz amizade com as pessoas de lá. Fiz o possível para estabelecer a veracidade ou falsidade das acusações feitas contra eles por eminentes jornalistas.

Agora William Hickey diz que pessoas simples e inocentes são enganadas pelo Grupo de Oxford. Que eles "os enfeitiçaram".

Portanto, devo expor minhas qualificações para a tarefa de investigar as acusações contra eles. Não me considero inocente, nem simples. Durante anos, ganhei a vida lidando com políticos. EU entrevistei-os para ganhar meu pão. Todo o meu trabalho na vida tem sido arrancar a verdade de MPs e ministros da Coroa relutantes em divulgá-la. Declaro que, como resultado de minhas experiências com políticos, nunca começo nenhuma entrevista sem esperar que seja feita uma tentativa de "colocar algo em cima de mim". estou de olho.

Tendo estabelecido esses fatos, devo registrar que, após várias semanas de investigação minuciosa, por meio de conversas, interrogatórios, bem como solicitando e tendo acesso a cartas e arquivos, cheguei à firme convicção de que não há base de verdade na alegação de pacifismo ou de pró-nazismo (consciente ou inconsciente) feita contra o Grupo de Oxford.

Se eu tivesse encontrado provas de pró-nazismo, deveria tê-las divulgado no jornal e dado detalhes ao Ministério do Interior. Em vez disso, considero justo expor as conclusões a que cheguei.

Milhares de homens e mulheres do Grupo de Oxford pertencem aos serviços de combate. Muitos deles estão nos esquadrões de caça atualmente engajados contra os bombardeiros nazistas.

O pessoal do Grupo de Oxford nas fábricas engajadas na produção de guerra, está se esforçando para diminuir o atrito entre empregadores e empregados, resolver disputas por negociação amigável em vez de ação grevista e aumentar a produção em suas fábricas. Em muitos casos, eles estão tendo sucesso em um grau notável.

Seria inútil para mim apresentar esses fatos a você como boatos ou evidências de segunda mão. Tive em minhas mãos e inspecionei relatórios confidenciais de gerentes de fábrica, comissários de oficina e artesãos comuns, alguns datados da semana passada, testemunhos que, a meu ver, são indiscutíveis.

Deixo registrado minha opinião ponderada de que o Grupo de Oxford está exercendo todos os seus esforços para aumentar a unidade, a força e as habilidades do país. E eles estão fazendo isso bem.

Agora a pergunta será feita para mim: "Ei, Peter Howard, você é membro do Grupo de Oxford?"

Minha resposta é que considero os padrões almejados pelo Grupo de Oxford difíceis de alcançar por mim. Mas eu gostaria de alcançá-los. Vou tentar alcançá-los.

Dois deles são a honestidade absoluta e o altruísmo absoluto.

Não posso acreditar que esses gols mereçam os desdêns e as zombarias de alguém. Certamente eles não terão o meu.

E é uma verdadeira tristeza para mim ver um homem com o poder e a habilidade de William Hickey gastando suas forças de ódio no Grupo de Oxford.

Para surpresa de Howard, o artigo não apareceu no *Daily Express*. Seu editor, Arthur Christiansen, disse francamente a Howard que achava melhor um jornalismo para atacar o Grupo de Oxford (Rearmamento Moral) do que um para imprimir ambos os lados. Howard agora se encontrava em uma posição difícil. Ele tinha certeza de que as pessoas do RAM eram honestas em suas crenças e, se fossem verdadeiras, nada mais importava tanto. Mas ele sabia que a hostilidade que enfrentaria se admitisse isso seria enorme:

"Tive medo do desprezo ou do ridículo. Pode parecer estranho para você que eu esteja pronto para enviar um artigo escrito ao editor do Express dizendo o que fiz e, ao mesmo tempo, evitar falar sobre isso. Mas esse era o caso. Eu era como um espectador em uma partida de futebol. Eu estava pronto para torcer pelo time impopular quando tinha certeza de que ninguém estava olhando. Eu estava até convencido de que esse time teria que vencer no final. Mas eu estava confortável demais em meu sobretudo de pelúcia, com minha garrafa de uísque e sanduíches no bolso, para vestir shorts e sair para a lama, fazer barulho e entrar no jogo eu mesmo."

Os artigos de Peter Howard continuaram a chegar ao *Express*. Não havia, a princípio, nada de diferente em seu estilo, mas havia uma diferença em sua atitude pessoal:

A maioria dos seres humanos, se tiver a chance, persegue aqueles que diferem deles. Certamente, tive a chance de me entregar à perseguição nesta coluna. E eu a aproveitei. Andei pelo local chutando e xingando todo mundo, derrubando os políticos e batendo neles. Devo acrescentar que, no final de tudo, meus nós dos dedos não estão machucados e as cabeças dos políticos não estão abaladas. Na verdade, tudo continua igual.

Agora, com o passar dos anos, estou me tornando menos severo. Molho minha caneta no mel e não no vitríolo. Minha violência diminuiu. Espero poder cortejar com as notas suaves da flauta nos casos em que não consegui aterrorizar com as grandes batidas de tambor.

E assim poderia ter sido para Peter Howard. Mas havia dentro dele um senso de urgência, um senso de destino - chame como quiser - que o impulsionou. Mas isso não foi suficiente para transformar um jornalista agnóstico em um revolucionário cristão apaixonado. Howard sentiu que estava ao alcance de uma grande experiência, que só poderia almejar por meio de uma decisão da vontade. Ele tomou essa decisão, não na correria da Fleet Street ou no glamour de uma reunião de classe, mas sozinho, em uma pequena sala, em Londres:

"Voltei para meu quartinho no último andar da Avenida Northumberland. Li novamente aqueles quatro padrões absolutos de honestidade, pureza, altruísmo e amor com as ordens que alguém, chame-o de Deus ou o que quiser, colocou em minha mente tão luminosamente naquela manhã. Pensei comigo mesmo: 'Bem, tente qualquer coisa uma vez. Se não der certo, ninguém precisa saber. Não há mal nenhum'. Mas, mesmo assim, havia algo em mim que dizia que, se eu fizesse isso, as coisas nunca mais seriam as mesmas comigo.

"Naquela sala, eu me ajoelhei. E orei mais ou menos assim: 'Deus, ou quem quer que seja, se você estiver aí, farei o que você me disser, se me der forças para fazê-lo. Mas não posso fazer essas coisas a menos que você me ajude.

"A partir daquele momento, em que pela primeira vez na minha vida, decidi dar uma chance a Deus, se Ele estivesse ali, para falar comigo, para ser realmente honesto comigo mesmo sobre as coisas que Ele me dizia, minha vida se transformou.

"Quer dizer que a partir daquele instante me tornei perfeito? Claro que não. Longe disso. Tropeço e tateio meu caminho ao longo do caminho estreito e espinhoso que é marcado pelas pegadas manchadas de sangue da história. Há muitas quedas e muitas dificuldades. Paul e Bunyan e muitos outros escreveram sobre essa jornada, traçando o caminho para nós, homens comuns.

"É uma experiência humana emocionante receber um senso de destino, receber um lugar distinto em um grande e crescente exército marchando sob o comando de Deus para refazer o mundo. No entanto, cada um de nós pode tê-lo."

Os resultados dessa experiência na vida de Howard foram múltiplos. Ele pediu desculpas a seu irmão, John, por seu ciúme, e pagou o dinheiro que devia em Oxford e ao Comitê de Subsídios para

Educação por não se tornar um professor como havia prometido. Ele foi para Suffolk e foi completamente honesto com sua esposa. Foi a coisa mais difícil de fazer. Doë, sem ele saber, já havia encontrado o Rearmamento Moral através da leitura de um livro. Se não fosse por sua compreensão e encorajamento, há poucas dúvidas de que Howard nunca teria sido capaz de dizer a verdade a ela. Ele já havia adiado a decisão várias vezes. Foi a caminho da estação, numa manhã fria de segunda-feira, que Doë virou-se para o marido e disse: "Peter, não importa o que você tenha feito, você sabe que sempre o amarei".

Howard escreveu mais tarde:

"Nosso casamento foi transformado. Nossas vidas foram transformadas. Nós encontramos juntos, depois de todos esses anos de vida de casados, uma aventura mais rápida e satisfatória do que qualquer outra que esperávamos ou experimentamos enquanto atravessávamos aquele passadiço do cais de Dover, como um casal em lua de mel, com a chama e o fogo sobre nós, dois dias depois do nosso casamento.

"Hoje sabemos a resposta para todas as coisas, grandes e pequenas, que podem e mancham ou obscurecem a felicidade do casamento e da vida.

"Recebemos uma unidade que não depende de aparência ou riqueza, saúde, humor ou qualquer intimidade física que os anos possam destruir e estragar.

"Sabemos que Deus nos compreende e nos ama mais plenamente do que nós mesmos. Não é plano de Deus que o casamento seja irritante, monótono ou tumultuado. Seu plano é que o casamento comece com um relacionamento humano livre e alegre e que fique assim."

Embora Howard tenha falado com frequência ao longo de sua vida sobre os resultados dessa decisão que tomou no Constitucional Club, eles não foram a parte mais importante de sua experiência. Disso, ele raramente falava. No entanto, era esse milagre da fé que importava mais para ele do que qualquer outra parte de sua vida. Foi essa fé que o sustentou durante as tempestades que o atingiriam com mais força do que qualquer outra que ele enfrentara antes. Garth Lean, que viu a maior parte de Howard na época, descreveu desta forma:

"A mudança que transformou Peter Howard de um jornalista brilhante em um líder não menos brilhante do Rearmamento Moral deixou muitos perplexos.

"Foi uma experiência simples, mas profunda, do poder de Cristo, comparável à de Wesley no quarto de Aldersgate, ou de Santo Inácio no quarto do doente em Loyola: uma experiência que Howard mais tarde tornaria possível para milhares de outras pessoas, em muitos países."

Esta era a única explicação possível. De que outra forma um jovem de trinta e três anos, que pouco se importava com os do RAM, que nunca conheceu Frank Buchman e que não acreditava em Deus, mudaria tão completamente de repente?

"Eu estava sempre procurando por algo. Chame como quiser. É difícil dar um nome a isso. Eu chamei de Felicidade. Olhando para trás, acredito que estava em busca de alguma paixão mestra, algum grande ideal ao qual eu pudesse me entregar totalmente, o que forneceria um motivo e força para minha vida e pelo qual o mundo poderia ser refeito.

"Busquei isso em meu trabalho, em minha casa, em minhas ambições. E embora eu recebesse muito de todas essas coisas e desse muito a elas, a plenitude do desejo de meu coração permanecia insatisfeita.

"Agora, tenho a sensação boba, mas satisfatória, de que fiz uma nova descoberta. Sinto-me como Watt quando viu a tampa da chaleira pular, ou quando Newton viu a maçã cair no chão.

"A coisa que descobri, a verdade sobre o significado da vida, o próprio coração de todo o corpo da criação, estava lá o tempo todo - como a força da gravidade ou a força do vapor. Mas eu, eu descobri o segredo.

"Será que outras pessoas vão acreditar no meu segredo?"

"Tenho fé no futuro da humanidade. Acredito que a partir desta guerra, mesmo durante esta guerra, novas maneiras, maneiras mais refinadas e esplêndidas de viver, podem surgir sobre a terra.

"No entanto, agora sei que não há esperança de um futuro melhor no mundo, a menos que esta mensagem seja aprendida por milhões de homens e mulheres na superfície da Terra.

"Aqui está o único remédio para os males da terra. Acredito que esses males serão curados.

"Aqui está a única luz, o único brilho ou clarão de expectativa para o futuro. Há muitos reflexos da vida, muitas luas de ilusão e prazer. Aqui está o único sol verdadeiro e ardente. Esta grande luz está sendo cuidada. Uma minoria a vigia, cuidando de sua chama.

"Em breve essa chama se espalhará por toda a terra, incendiando o restolho, abrindo seu caminho rápido de continente em continente, aquecendo os corações e iluminando os cantos escuros dos espíritos dos homens."

A reação na Rua Fleet, quando a notícia da decisão de Howard começou a vazar, foi eletrizante. "Meu Deus", exclamou Percy Cudlipp, então editor do *Daily Herald*, a seu informante, "quem será o próximo?" Alguns eram hostis, outros incrédulos, ainda mais zombados. "Howard está mole. O Castor

não vai aguentar muito mais essa doçura e leveza". Outros ficaram satisfeitos, mas poucos se atreveram a dizer isso.

Em Westminster a reação foi mais positiva:

"Uma deputada que não gostava de mim e não falava comigo há anos, parou de repente no saguão da Câmara dos Comuns quando me viu: 'Deus do céu, Peter Howard', ela disse, 'o que você está fazendo? Você parece dez anos mais jovem! "

.•

Em casa, em Suffolk, o efeito sobre a família de Howard não foi menos devastador:

### ***Doë para P.D.H.***

Querido, acho um pouco difícil me acostumar com você. Eu tinha tanto em mente que certas coisas que você fazia continuariam enquanto nós zombássemos de mim em público, nos embebedássemos três vezes por ano, fazendo cara de bravo quando eu pedia dinheiro, que não consigo me acostumar a perdê-las. Isso me desequilibra. Eu havia criado uma técnica para lidar com elas, mas isso desmoronou e estou um pouco perdida. Mas não seja muito gentil comigo agora. Eu só me tornei arrumada porque você era desarrumado. Não devo ficar relaxada ou satisfeita porque você não está lá para me forçar a melhorar meus hábitos.

Howard de repente encontrou tempo para seus filhos. Em vez da costumeira colher de sopa de cerveja nas manhãs de domingo, eles eram levados para a escola dominical. Havia uma paz, felicidade e alegria que as crianças podiam sentir e responder, sem entender como isso aconteceu. Sua redação nos jornais Express era diferente.

### ***"A Marcha do Tempo" por P.D.H. Sunday Express, 27 de outubro de 1940***

É fácil ceder ao desgosto e ao desapontamento quando examinamos as atividades atuais de nossa ex-aliada França. É fácil insultar os franceses como traiçoeiros e covardes quando percebemos os governantes miseráveis daquela república caída comendo sapos na mesa de seus senhores nazistas.

No entanto, lembre-se disso. Temos uma dívida com os franceses. Por muitos meses eles lutaram arduamente nesta guerra. Jamais poderíamos ter retirado todos os nossos soldados de Dunquerque se os homens da França não tivessem, no momento da partida, rejeitado o ataque nazista. Enquanto os últimos de nossos soldados embarcavam, os homens da França seguravam a retaguarda.

E pensamos tanto no papel desempenhado pelos marinheiros franceses naquela ocasião que condecoramos o almirante francês encarregado da operação.

Todo britânico cujo parente ou amigo saiu em segurança de Dunquerque deve se lembrar com gratidão da França, como ela era ontem.

Hoje, em vez de abusos e recriminações tolas, devemos estudar as razões da desintegração da França, para que possamos, nestes dias de teste e julgamento, lucrar com a lição.

O que causou o colapso em ruínas de todo o tecido da França - aquela nação cuja alvenaria parecia tão sólida e cujas torres pareciam capazes de resistir por anos ao ataque da tirania?

A razão foi a decadência, insidiosa e prolongada, nos próprios alicerces do Estado.

***"A Marcha do Tempo" por P.D.H.  
Sunday Express, 1º de dezembro de 1940***

A complacência é a droga do diabo. Produz a degeneração gordurosa de um povo. No inverno passado, nossa atitude complacente com os acontecimentos, a autossatisfação com que esperamos que os alemães rachassem e desmoronassem, sem nos esforçar ao máximo para provocar essa situação, nos fizeram perder a Batalha da França.

Devemos ter cuidado para que neste inverno não sejamos pegos pela segunda vez na mesma armadilha.

Deve-se encarar o fato de que, como nação, temos a tendência de ser excessivamente complacentes. Essa tendência, às vezes, é exibida pelos pronunciamentos ministeriais excessivamente otimistas ou pelo tom com que os locutores da BBC dão a notícia de um sucesso. É para ser visto nas colunas dos jornais, e é para ser ouvido em conversas privadas ao redor de milhares de mesas de família.

Portanto, nunca esqueçamos por um instante a enorme natureza da tarefa diante de nós. Embora possamos elevar nossos corações a cada sucesso que nos ocorre, evitemos jantar fora por semanas em cada pequeno triunfo. Vamos torcer, mas não zombar. Vamos repetir para nós mesmos todas as manhãs ao acordar e antes de dormir todas as noites:

"Ame não se gabar,  
Ame não se vangloriar,  
A tristeza vem para aquele  
Que mais fala."

***"Pessoas que conheço" por P.D.H.  
Sunday Express, 15 de dezembro, 1940***

Aqui, deixe-me dizer que durante o inverno passado fui culpado de oferecer um conselho tolo ao público. Antes do início do bombardeio aéreo, defendi que o número de bombeiros auxiliares e outros pagos à A.R.P. os trabalhadores que naquela época permaneciam ociosos nas ruas de nossas cidades deveriam ser eliminados.

Esse foi um ponto de vista míope. Felizmente para todos nós, as autoridades não o levaram em conta. Desde que os gorilas voadores de *Goering* começaram seu trabalho, os bombeiros e os trabalhadores da A.R.P. se comportaram com esplêndida habilidade e coragem.

***"A Marcha do Tempo" por P.D.H.  
Sunday Express, 22 de dezembro de 1940***

O que o Natal significa para muitos de nós? Se formos honestos, devemos admitir que em muitos casos, nós perdemos o caráter religioso da celebração.

Em muitos lares, o Natal passou a significar charutos, champanhe, perus, pudim de passas e tortas de carne moída — muito para beber e demais para comer.

Como devemos celebrar este Natal em tempo de guerra?

*The Sunday Express* sugere que neste Natal todas as mulheres, crianças e homens nas ilhas devem comemorar o Natal comendo um pouco menos em vez de muito mais.

***"A Marcha do Tempo" por P.D.H.  
Sunday Express, 5 de janeiro de 1941.***

Os britânicos nunca, nunca, nunca estarão errados. Esse é o novo slogan que parece que adotamos durante esta guerra.

Muitos de nós somos obcecados por uma complacência estúpida sobre nossa própria infalibilidade e maculados pela crença tola de que é fraco admitir que cometemos um erro.

Nossas mentes estão entorpecidas pela estúpida doutrina de que, como sempre vencemos a última batalha, podemos ser desculpados pela lentidão e incompetência em nosso caminho para a vitória.

Devemos sempre esperar até que tenhamos sofrido, sangrado e sido levados à beira da catástrofe antes de nos esforçarmos?

"Pessoas que conheço" de P.D.H. Sunday Express, 9 de março de 1941

Sistemas políticos, esquemas e sonhos não resolvem muita coisa. Você concorda comigo que a única cura real para a condição das situações no mundo de hoje é uma mudança fundamental no coração e nos hábitos de grandes massas de pessoas em todos os países do mundo, incluindo o nosso?

As nações continuarão a sangrar e a perecer até que uma concepção mais nobre de seu dever para com o próximo seja estabelecida nelas. Isso pode ser feito. Deve ser feito, se quisermos obter algum benefício duradouro como resultado dessa guerra que estamos travando contra Hitler. Agora, há muitas pessoas na Grã-Bretanha que consideram que um espírito melhor nesta nação será alcançado se elas puderem se livrar das pessoas que atualmente nos governam e assumir o trabalho elas mesmas.

Posso falar com autoridade sobre esse assunto. Eu costumava me animar com a convicção de que nossa sorte continuaria a declinar até o dia em que Peter Howard recebesse alguma posição de poder e autoridade nos conselhos da nação. Esse partido de Peter Howard continuou sendo um partido de um só, e eu ainda estou em liberdade.

Vamos começar agora a construir uma nova Grã-Bretanha no espírito da fé e da tolerância? Ou vamos avançar para uma era de "razão" que não esconde nada e declara que Deus é um mito e que o homem depende de seus próprios esforços para a salvação e felicidade (os mesmos esforços com os quais ele tem contado nos últimos vinte anos)?

Durante esses meses depois de hastear sua bandeira, Howard obteve uma resposta maior do público e um número maior de cartas do que nunca em sua carreira: "Apresento esses fatos, pois algumas pessoas tola mente sugeriram que em Fleet Street um homem que adota como seus padrões os padrões cristãos do RAM é automaticamente um jornalista menos eficaz. Por meses depois que declarei minha associação com o RAM, meu trabalho continuou a ser publicado no jornal e recebeu elogios da gerência. Naturalmente, não tentei escrever sobre o RAM, pois não teria permissão para fazê-lo.

"Foram dias difíceis. Em meu próprio jornal, os colunistas escreveram parágrafos com a insinuação de que o RAM era pró-nazista. Os secretários do escritório foram informados de que os membros do pessoal do RAM não seriam tolerados. Outras pessoas foram avisadas para não discutir sobre o RAM comigo.

"Claro, essas tentativas de criar dificuldades adicionaram sal à sopa, no que diz respeito à vida na Rua *Fleet*. A maioria das pessoas riu dessas advertências, como eu fiz. Certamente ninguém prestou muita atenção a elas.

"Agora chego ao momento em que essa campanha atingiu seu auge. Parte do meu dever era escrever a coluna do líder do *Sunday Express*. Em um sábado, meu líder foi elogiado pelo editor, que havia me sugerido o assunto para a coluna. Meu líder teve seu artigo publicado.

"Horas depois, e por acaso, descobri que o Editor havia escrito secretamente para outro líder. Esse líder começou com um relato de como, quando os alemães entraram em Paris, a porta da redação de um jornal foi aberta para eles por um funcionário desleal. Discutia o assunto de traidores e quintos colonistas e terminou com a exigência de que os trabalhadores em tempo integral do RAM fossem recrutados para o exército.

"Este líder continha sugestões que eu sabia serem falsas. Conteí ao meu editor sobre elas. O relato do líder foi para 1.500.000 mesas de café da manhã na manhã seguinte, do mesmo jeito."

A pressão veio de outros quadrantes. Um editor e um ministro do gabinete levaram Howard para almoçar e disseram-lhe que tinham informações de que, assim que os Estados Unidos entrassem na guerra, o Dr. Buchman, fundador do Grupo de Oxford e do Rearmamento Moral, seria preso. Howard pediu-lhes que apresentassem suas evidências. Isso eles se recusaram a fazer. "Vem de uma fonte muito alta", disseram eles.

Howard sabia que o presidente Roosevelt havia apoiado o programa do RAM nos Estados Unidos, por isso desconsiderou as insinuações de seus anfitriões.

"Decidi escrever um livro contando a verdade sobre o RAM. Pedi permissão ao *Express* para publicar este livro. A resposta que recebi foi aquela que o *Express* tinha o direito legal de fazer - ou seja, que eu poderia escrever um livro sobre qualquer outro assunto. Eu escolhi, mas não no assunto RAM, se eu quisesse escrever sobre isso teria que sair do *Express*.

"Foi uma grande decisão a tomar. Mas havia algo em mim que dizia que a publicação da verdade sobre um grande movimento mundial era mais importante do que o destino de um jornalista, mesmo um jornalista tão importante quanto eu. Então, com pesar, tirei meu chapéu do cabide e disse "aurevoir" para a Rua *Fleet*."

A decisão que fez Howard deixar o *Express* não foi tomada por Lorde Beaverbrook, que nessa época estava totalmente empenhado na construção de aeronaves para a Batalha da Grã-Bretanha, nem por E. J. Robertson, que estava doente, mas pelo gerente geral assistente, Leslie (Dick) Plummer<sup>40</sup>, que por muito tempo se opôs ao RAM. Anos depois, Lorde Beaverbrook disse a Howard que estava preocupado

---

<sup>40</sup> Mais tarde, Sir Leslie Plummer, M.P. para Deptford.

com o que havia acontecido. Depois, ele tentou trazer Howard de volta. Nunca conseguiu. No final de sua vida, Beaverbrook não queria ter sucesso. Ele reconheceu que Howard foi feito para um trabalho diferente.

A saída de Howard da Rua *Fleet* surpreendeu seus amigos. Sua entrada nas fileiras do Rearmamento Moral surpreendeu a todos. Ele trouxe consigo uma personalidade de furacão que varreu conceitos aceitos antes dele. Se a Rua *Fleet* achava que Howard havia perdido seu dinamismo assim que saísse dos prédios do *Express*, eles estavam enganados. Ele aumentou essa qualidade até o dia de sua morte. Mas imediatamente, teve que pensar em como sustentar sua família:

"Quando saí do prédio do *Express* pela última vez, desci as escadas e saí para o tráfego da Rua *Fleet*. Eu tinha vivido, dormido, sonhado e respirado pelo meu trabalho. Agora, estava desempregado. Caminhei até a Rua da Estação Liverpool, subi em um vagão de trem e viajei para Suffolk, pois pretendia cultivar a terra.

"Nossos amigos fazendeiros nos disseram que levaria cinco anos até que a Fazenda Hill pudesse ser paga. Mas naquela época meu salário do *Express* chegou. Agora, de repente, todas as nossas circunstâncias mudaram. Eu sabia um pouco da teoria, mas quase nada da prática da agricultura.

"Há uma grande diferença entre um homem com um emprego bem pago na Rua *Fleet*, dono de uma fazenda e com muito dinheiro para gastar nela, e um ex-jornalista com uma velha fazenda que está perdendo dinheiro rapidamente e que é o único meio de subsistência para si e para sua esposa e filhos.

"Enquanto viajava para o leste em direção a Suffolk no canto de minha carruagem de terceira classe, senti uma pontada de medo. Enfrentei o eterno, eterno e interminável problema do homem - como arrancar a vida do obstinado ventre da terra. A terra seria meu mestre ou meu servo? A velha fazenda me quebraria ou eu a quebraria? Eu sabia que uma dessas duas coisas tinha que acontecer."

## *Capítulo 9*

Nos primórdios de Suffolk  
Quando os cavalos iam arar,  
Seus fôlegos sopravam trombetas gêmeas  
Meus ombros não se curvavam  
Sob a carga, como agora.

Sabíamos que o sol deveria cair  
dos cumes do céu,  
Que o outono segue o verão,  
Que o que nasce deve morrer.  
Nós rimos - e não perguntamos por quê.

As folhas caíram das sebes.  
A geada está nas asas.  
Os ventos estão soprando mais fortes.  
Nós rimos, pulamos, cantamos,  
Não importa o que as estações tragam.

Venha o inverno, venha o clima selvagem,  
Venha a inveja do inimigo,  
Ou amizades que sorriem e apunhalam,  
Inalteráveis nós vamos,  
A vitória é nossa, nós sabemos.

*P.D.H. 1963*

Era primavera de 1941, quando Peter Howard desceu do trem na estação de Lavenham para voltar para casa. Ao passar pela vila e ao longo da estrada de Brent Eleigh, pôde ver os primeiros botões verde-claros brotando nas sebes. Aqui uma primula, ali uma violeta selvagem, e por toda parte a terra começando

a se mover com vida. Após a segunda ponte curvada, ele virou à direita, subindo a entrada da fazenda. A estrada era irregular e esburacada, com poças abertas e pedras soltas.

No topo da colina, ele viu as primeiras sombras escuras dos celeiros de palha e da própria casa:

"Havia uma atmosfera de glória desaparecida naquele lugar, uma glória que havia desaparecido de tantas fazendas e propriedades britânicas durante uma era de enriquecimento rápido que desprezava e negligenciava a agricultura, uma glória que poderia ser restaurada.

"A casa da fazenda tinha a sombra da antiga nobreza, embora muitos dos quartos fossem cobertos com camadas e mais camadas de papel de parede berrante, escondendo as vigas de carvalho abaixo.

"Naquela noite em nossa casa da fazenda, com as crianças colocadas para dormir no andar de cima em um quarto vazio com vigas de carvalho, Doë e eu acampamos na cozinha sem mobília, cozinhando ensopado em um fogão primus.

"Nos velhos tempos da Rua Fleet, com frequência jantávamos no Savoy à meia-noite em meio às luzes e aos perfumes, à tinta, ao vinho e à música de uma era rica e artificial.

"Agora nós colocamos ensopado em nossas bocas, com uma lamparina a óleo presa em uma mesa de pinho com nossa companhia, um rato curioso enfiou o nariz por uma fenda na parede da antiga casa da fazenda e nos espiou. Eu bati nele com uma colher de sopa e errei.

"Nós rimos juntos, Doë e eu, e subimos as escadas, olhando para baixo à luz da lâmpada em nossos três filhos respirando suave e profundamente durante o sono. O que eles diriam da decisão que tomamos quando eles tinham idade suficiente para entende isso?

"Sentimos uma pontada de medo no coração e uma palpitação de determinação também. Antes de irmos para a cama naquela noite, nos ajoelhamos e oramos a Deus pedindo força e coragem."

Os Howard precisariam de força e coragem. *Innocent Men/ Homem Inocente* foi publicado naquele mês de abril. Vendeu 1.000.000 de cópias, mas Howard não recebeu dinheiro por isso. Tal como acontece com todos os seus livros e peças a seguir, ele deu seus direitos autorais para o Rearmamento Moral.

A reação da Rua Fleet foi uma mistura de espanto, fúria e uma certa admiração relutante. Beaverbrook convidou Michael Foot e Frank Owen para jantar em *Cherkley*. Ele tinha um exemplar de *Innocent Men/ Homem Inocente* com ele, e eles o leram naquela noite. Foot e Owen ficaram zangados com o título.

Foot telefonou para Doë Howard em Suffolk e disse a ela o que pensava. Durou vinte minutos, mas Doë estava paralisada demais para desligar o telefone. Foot e Owen encontraram Howard para almoçar em um pub da Rua Fleet e sugeriram a ele que, no espírito de "abnegação absoluta", ele talvez

não desejasse receber mais direitos autorais de *Guilty Men/ Homens Culpados* - uma sugestão aceita por Philip Jordan em sua coluna no *News Chronicle*. Howard assegurou-lhes que preferia o arranjo financeiro original. Era sua única renda.

Cassandra<sup>41</sup>, do *Daily Mirror*, lamentou a saída de "um gênio talentoso com muito Adão", agora transformado no "Reverendo Howard, jogando sua alma no balcão onde fede como um bacalhau que está há muito tempo fora da água salgada". Mas o escritor da crítica de página inteira no *Sunday Pictorial* comentou: "Ele é um homem corajoso. Eu o admiro por isso."

A reação geral na Rua *Fleet* foi praticamente a mesma. "Peter Howard está maluco. Ele não tem dinheiro próprio. Aqui está ele - trabalhou por anos para se estabelecer no *Express*. Beaverbrook o considerava um de seus garotos mais brilhantes. Ele certamente teria conseguido um emprego executivo em pouco tempo. E ele joga tudo para o alto e sai no frio por causa desse RAM, seja lá o que for.

Outros eram mais desagradáveis. Eles acusaram Howard de traição, não de insanidade. Disseram que ele era pacifista, comunista, fascista e desonesto. Essas acusações do jornal perturbaram sua família. Seus pais, que tinham tanto orgulho dele, agora tinham vergonha dele. Sua mãe escreveu:

*Wealden Way,  
Little Common.  
Abril de 1941.*

Ambos estamos profundamente aflitos por causa de você e de seus assuntos. Temos um forte sentimento de que você está preocupado e as coisas não estão indo bem. Os Buchmanitas o absorveram, mas antes que você esteja totalmente perdido, não podemos fazer nada para resgatá-lo? Em um estágio tão terrível nos assuntos mundiais, não deixe o orgulho ou qualquer coisa ficar em seu caminho. Ficariamos muito felizes em ajudá-lo a ganhar o controle de si mesmo, que você nos parece estar perdido completamente.

Esta carta foi escrita com muita angústia, o que tem corroído meu coração.

Nosso querido amor,

Mamãe

O único membro de sua família que parecia entender era sua avó, Gracie:

*53B, St. Anne's  
Crescent, Lewes.  
Domingo, 20 de abril de 1941*

---

<sup>41</sup> Sir William Connor.

Caríssimo Peter,

Obrigado pelo seu livro. Eu li. Vou relê-lo com o mais profundo interesse.

A ideia não é nova, da orientação e ajuda de Deus. Certamente não poderíamos ter vivido sem ela nos últimos anos. É real e vital para nós. Talvez você tenha recebido um chamado especial de Deus e, se assim for, deve obedecê-lo e ir aonde Ele o mandar. Chegou a muitos nos últimos anos, e que privilégio ser escolhido dessa maneira.

Eu gostaria que pudéssemos nos encontrar, às vezes. Hoje estamos no sol da primavera levando à esperança de que o verão não esteja longe e que traga vitória e paz mais uma vez.

Você está sempre em meus pensamentos,

Vovó

Com poucos amigos a quem recorrer e sem dinheiro, Howard teve que fazer a Fazenda Hill pagar:

"Como eu não sabia de nada, às vezes eu costumava dizer aos homens para arar quando o tempo tornava a terra imprópria para arar, ou ordená-los a rolar o milho novo quando isso prejudicaria as colheitas para eles.

"Eles se entreolhavam quando essas ordens eram dadas, mas eram muito educados para dar qualquer resposta. Iam para o campo e voltavam para mim depois de meia hora ou mais com o comentário: 'Não posso trabalhar hoje, mestre.'

"As sebes haviam se espalhado pela terra, dez ou quinze jardas em alguns lugares.

"Nós os contornamos e nos sentamos obstinadamente em nossos tratores, do amanhecer ao anoitecer, dando partida nos motores pesados com as mãos rachadas e cheias de bolhas enquanto os primeiros vislumbres de luz brilhavam na escuridão, mudando de gasolina para óleo quando o motor esquentava depois de alguns minutos. ' trabalhando, e trabalhando continuamente durante o dia, nossos corpos doendo com fumaça e vibração, resfriados pelo vento e garoa da chuva que soprava do Mar do Norte, mas animados pelos sulcos uniformes de boa terra dispostos em fileiras organizadas atrás de nós, onde antes havia o deserto.

"À noite, trabalhávamos para restaurar a antiga glória da casa da fazenda. Dezesseis camadas de papel de parede brilhante foram retiradas de um cômodo antes de chegarmos ao que havia por baixo - uma cópia de um jornal, datado de 1832, com um relato de como um touro enlouqueceu em Bury St. Edmunds e matou um cachorro antes que fosse dominado, e a beleza dura como ferro das vigas de carvalho com as marcas da enxada, ainda sobre elas.

"Descobrimos uma chaminé antiga e encontramos no canto dela o sinal de um mestre de obras que havia riscado com compasso ao terminar o trabalho, séculos atrás.

"Doë e eu tivemos que nos dedicar a tarefas que nunca tínhamos feito antes. Planejamos e construímos nosso primeiro prédio novo, marcando e medindo sua fundação com paus e barbantes na grama encharcada de prado, em uma manhã escura. Afundamos os postes de canto, inclinamos o telhado, serramos as vigas e as tábuas do tempo, nossas mãos e mentes desacostumadas, ficando perplexas e machucadas em quase todas as pequenas operações.

"Como aquele prédio se ergueu, não consigo imaginar. Mas ainda está de pé. Cometemos tantos erros, Doë e eu. Mas aprendemos com cada um deles.

"Aprendemos rapidamente a amarga lição da bela vaca, de pele brilhante e úberes inchados, que enfrenta orgulhosamente os traficantes e os leiloeiros no mercado local. Você a leva para casa e, alguns dias depois, descobre por que um animal tão bonito estava à venda.

"Planejamos aumentar nosso rebanho de vacas para que elas fertilizassem os campos famintos, que cheiravam a pouco lodo por uma década e eram montanhosos e difíceis de arar.

"Cortamos, cortamos e serramos o crescimento da selva de um quarto de século. Nós o queimamos atrás de nós, e o pó de carvão dos incêndios grudou no suor de nossas sobranceiras e mãos.

"Máquinas a vapor vieram e quebraram com cultivos profundos a dura panela de barro, que anos de arado raso na mesma profundidade haviam deixado sob a superfície de muitos de nossos campos.

"Tantas lembranças daqueles primeiros dias de nossa aventura agrícola vêm à tona - e a maioria delas é de Doë.

"Ela viveu toda a sua vida nas cidades. Suas roupas e chapéus muitas vezes vinham de Paris, que era a capital europeia que ela conhecia melhor. Seu cabelo era cacheado e mimado, suas unhas eram de um tom delicado e quase humano de rosa.

"Ela temia a vida no campo. Tinha medo de que isso a transformasse em um vegetal.

"A vida na fazenda tirou de sua bainha, onde a vida da Rua Fleet a havia colocado, todo o aço brilhante e invencível do espírito de Doë. "

"Eu a vejo agora, suor pingando de sua testa na terra quente do verão, capinando, capinando, capinando até chegar a hora de ela preparar a refeição da noite.

"Eu a vejo em uma velha capa de chuva, com um saco amarrado em volta da cabeça e dos ombros, o corpo curvado para a frente como uma flecha contra a chuva horizontal de dezembro, resgatando

galinhas dos galinheiros inundados e trazendo para casa um punhado de ovos, triunfalmente, para nossa refeição de inverno.

"Eu a vejo de pé com uma mão esfregando as costas doloridas e a outra varrendo o cabelo que caiu em seus olhos.

"Lembro-me melhor dela à noite, quando o trabalho do dia terminava, quando novas dificuldades tinham de ser enfrentadas e planejadas, quando às vezes parecia difícil continuar, para saber se conseguiríamos, quando a tentação era vender o lugar com lucro, o que poderíamos ter feito, e ir embora.

"Doë nunca vacilou. Ela se manteve firme, fria e direta desde o início. Tinha a coragem de coração e a confiança em Deus que torna difícil para os outros manter em segredo seus medos ou mantê-los.

"Hoje as mãos de Doë estão lascadas, rachadas e manchadas. No entanto, elas são mais adoráveis para mim do que nos dias de manicures caras e perfumadas no West End de Londres - mais adoráveis no sentido de serem mais amadas. Pois são as mãos de um espírito maduro que permaneceu em plena estatura durante os dias cinzentos. Ela lutou e triunfou na batalha da adversidade."

Todos participaram dessa batalha. Philip, Anne e Anthony deitavam-se na cama à noite e ouviam o constante raspar, raspar, raspar de uma faca embaixo, retirando o último pedaço de gesso das vigas de carvalho. Mas, de manhã ou nas tardes quentes de verão, eles saíam para arrancar cardos e carunchos das plantações.

No início, havia poucos ajudantes. Lá estavam Fuller, o administrador da fazenda, Fred, o cavaleiro, e Tommy Beeton. Tommy subiu a colina em sua bicicleta e pediu trabalho a Peter Howard. Howard disse a ele que planejava administrar o local com base na honestidade absoluta entre patrão e trabalhador. Tommy aceitou o trabalho. Algumas semanas depois, ele procurou Howard e devolveu a corda e outros materiais que havia levado. O que não podia devolver, ele se oferecia para pagar com seu salário. Howard aceitou. Foi o início de uma amizade para toda a vida:

"O rosto e os braços de Tom se tornaram bronzeados pelo sol, lavados pela chuva e endurecidos pelo vento de muitas estações. Ele não sabe escrever nem soletrar tão bem quanto um mestre-escola, mas entende a pulsação viva da terra, a criação de animais desde a concepção, passando pela maturidade até o mercado, a reprodução e a morte, o ritmo de cada campo desde a lavoura e a semeadura até a colheita. Ele está acostumado a equilibrar o desastre repentino de um dia com o padrão constante dos anos e dos séculos. De maneiras desconhecidas para si mesmo, ele tem parte da sabedoria de Deus como instinto em seus ossos.

"Suas mãos são robustas e fortes, com a sensação de madeira quente da casca das árvores sob a luz do sol quando você as aperta. Elas são capazes de pegar um grande peso e erguê-lo sobre os ombros, tecer delicadamente a palha em outra palha, mesmo com ventos fortes, realizar operações em porcos e outros animais com rapidez e sem dor, com seu canivete, sem erros e sem anestesia, ou consertar muitos tipos de máquinas em brasa nos campos abertos, talvez no inverno e muitas vezes sozinho."

Com Tom, Howard aprendeu os segredos da terra. Isso era mais valioso para ele do que qualquer faculdade agrícola. Ensinou-lhe não apenas o que fazer, mas quando fazê-lo. Gradualmente, Howard começou a fazer o seu caminho. O "Velho Homem Thorpe"<sup>42</sup> de Lavenham Park mandava dois homens e uma carga de nabos: "Aquele jovem certamente está em apuros. Vocês vão até lá e o ajudem", dizia ele. A generosidade era grande. Ninguém falava muito, mas todos sabiam que Howard estava enfrentando dificuldades. Eles compreendiam a preocupação e o trabalho que decidiriam o futuro da Fazenda Hill.

No verão de 1941, não era fácil imaginar como a guerra terminaria. Em Suffolk, muitos supuseram que os alemães iriam invadir. Todos os sinais foram removidos. Você não poderia pedir o caminho em *East Anglia*, mesmo que fosse bem conhecido. Ninguém estava dizendo nada. A Guarda Doméstica tinha grande apoio em Lavenham e Howard era membro dela.

"Esperávamos que os nazistas tentassem uma invasão. Homens, mulheres e crianças, todos nós, pretendíamos lutar. No entanto, não tínhamos com o que lutar. Em nossa parte de Suffolk, tínhamos sete rifles e 120 cartuchos de munição para defender uma frente de onze milhas de comprimento e quatro milhas de profundidade.

"Todas as noites, quando Doë e eu colocávamos as crianças na cama, elas diziam: 'Mamãe, papai, os alemães estão vindo agora?' Nós nos olhávamos por cima de suas cabeças e fazíamos alguma piada como resposta.

"Todas as noites, após o dia de trabalho, homens e mulheres se reuniam em todos os condados do leste e inventavam bombas caseiras de alcatrão, gás e algodão. Tínhamos que acender o algodão com um fósforo e depois jogar o dispositivo embaixo de um tanque avançando na esperança de que ele pegasse fogo.

"Cavamos trincheiras e esconderijos na vegetação rasteira ao lado de todas as estradas que saem da costa, para que os nazistas não nos vissem antes de lançarmos nossas bombas caseiras contra eles.

"Arranjamos pontos de encontro na floresta se nosso campo fosse invadido.

---

<sup>42</sup> Sr. W. E. Thorpe, um vizinho agrícola.

"Nós escondíamos comida em lugares onde os alemães não conseguiriam encontrar.

"Planejamos incendiar nossos palheiros e queimar tudo que fosse útil ao inimigo na linha de seu avanço.

"Toda a noite vigiamos as torres das igrejas, nas encruzilhadas e em todos os pontos importantes, para o caso de os nazistas começarem a cair de paraquedas sobre nós."

A Guarda Doméstica costumava fazer da Fazenda Hill a base de suas operações. Não era incomum que as crianças vissem um soldado sair de uma batedeira de leite no estábulo, "Ssh, eu sou um soldado britânico", ou de um palheiro com palha no rosto, "eu sou um alemão", que as fazia correr aterrorizadas, para dentro de casa.

Havia apenas uma metralhadora em um campo de tiro fora de Lavenham. Era aqui que a Guarda Nacional se reunia para praticar tiro. Muitos deles eram adolescentes, desejando "tentar". Howard e Pryke<sup>43</sup> foram os responsáveis pelos alvos. Em uma noite de verão, quando os tiros pararam, eles foram remover os alvos. De repente, a metralhadora atrás deles disparou com uma saraivada de balas. Pryke e Howard caíram de cara no chão. As balas erraram por centímetros. Eles ouviram o sargento gritando para o menino na arma: "O que diabos você está fazendo?" "Mas você disse que eu poderia tentar", respondeu o menino. "Eu disse na próxima semana", rugiu o sargento. Erros desse tipo eram muito comuns.

Durante a guerra os homens e mulheres do Rearmamento Moral ingressaram nas Forças Armadas. Apenas onze homens permaneceram para manter a organização funcionando na Grã-Bretanha. Estes foram classificados como "evangelistas leigos" e, como tal, isentos do serviço militar. O Sr. Ernest Brown, o então Ministro do Trabalho, criou esta categoria para todos os trabalhadores religiosos não ordenados por causa do valor que ele atribuiu ao seu serviço à nação.

Depois que o Sr. Bevin se tornou Ministro do Trabalho em 1940, ele anunciou que iria convocar os homens do RAM. Isso significava que ele trataria o Rearmamento Moral de maneira diferente de qualquer outro corpo cristão. Os arcebispos de Canterbury e York, e os chefes de todas as Igrejas Livres protestaram, mas o Sr. Bevin manteve sua opinião. A "batalha dos onze homens" resultante foi aquela em que Howard se envolveu imediatamente. Ele deixou a fazenda sob os cuidados de Doë em um momento crítico e foi para Londres. Para Doë, a responsabilidade era enorme. Ela não tinha experiência em agricultura, nem muito da Inglaterra.

P.D.H. para Doë

---

<sup>43</sup> Lt. Reg Pryke de Lavenham.

*4, Hay's Mews,  
Londres, W.I  
Agosto de 1941.*

Até agora quase quarenta MPs estão comprometidos com a nossa causa. O número cresce a cada dia. Não há dúvida alguma, seja qual for o resultado da questão imediata, que um avanço constante e substancial está sendo feito em quase todas as partes do país.

Quer seja certo ou errado, mas certamente é verdade, muitas vezes me encontro sentindo sua falta com muita dor. Pelo menos é uma alegria estar tão profundamente apaixonado depois de tantos anos de casamento com muitos mais por vir. Você tem meu coração e eu vivo com você em pensamento e espírito, embora agora estejamos separados pela distância.

O rádio disse esta manhã que os agricultores podem solicitar ajuda na colheita ao comandante militar local. Você seria a melhor pessoa para fazer isso, eu acho.

P.D.H. para Doë

*Londres , W.I  
Agosto de 1941*

Uma fazenda é um dos poucos empreendimentos em que marido e mulher podem ter uma parceria plena. Ao contrário de quase qualquer outro empreendimento, você e eu podemos trabalhar como uma equipe lá em cada decisão e cada operação no local. Alguém tem que elaborar a nova filosofia para a terra, colocando, em vez de tirando. Atendimento de primeira e perfeição em cada detalhe.

Também sinto, querida Doë, pela primeira vez que temos uma grande tarefa que podemos aprender juntos desde o início - o aparato e o conhecimento necessários para cultivar a terra, quanto trigo por hectare plantar, como administrar a ordenha em perfeição do começo ao fim, etc. Será muito divertido e pela primeira vez estaremos realmente marchando em pé de igualdade na mesma missão.

P.D.H. para Doë

*Londres W.I  
Agosto de 1941*

A perda da fazenda em nosso primeiro ano foi de £ 1.200. Eu tinha contado com £ 1.000. O efeito é que nossa dívida com o imposto de renda de £ 500 foi quase totalmente anulada. No final, entram as

£316 que gastamos em sementes no ano passado e nos quais estamos obtendo o benefício na colheita deste ano. Clemetson<sup>44</sup> calculou que perdemos quase £ 600 em gado no ano passado.

Minha expectativa é que tenhamos resultados este ano.

Na verdade, as perdas na fazenda aumentaram continuamente. Foi apenas em 1943 que começaram a surgir os primeiros retornos.

P.D.H. para Doë

*Londres, W.I*  
*Setembro de 1941*

Obrigado por suas cartas que muito me fortalecem e encorajam.

Lamento se você teve a impressão de que eu estava preocupado com dinheiro. Agora estou convencido de que, com uma administração cuidadosa, podemos viver dos lucros da fazenda. Mas, claro, devemos ser prudentes. Em todo caso, tentarei ganhar alguma coisa neste inverno escrevendo.

Na terça-feira, 7 de outubro de 1941, o Sr. Bevin participou de um debate de duas horas e meia na Câmara dos Comuns sobre a questão dos "onze homens". Cento e setenta e quatro membros do Parlamento assinaram uma moção de apoio ao RAM. O debate foi grave, apaixonado e, em alguns casos, venenoso. Mas o Sr. Bevin havia dito ao gabinete que, se fosse derrotado, renunciaria. Os Whips estavam nas portas e o Sr. Bevin conseguiu o que queria. No debate, o Sr. Bevin acusou os "onze homens" de serem objetores de consciência em oposição a "evangelistas leigos". Ele disse que considerou o protesto público em seu nome como "pressão antidemocrática".

P.D.H. para Doë

*Londres, W.I*  
*8 de outubro de 1941*

Estou anexando um relato literal do que aconteceu ontem no Parlamento. É exatamente como o *The Times* publicou a história esta manhã.

Claro, a linha de Bevin sobre o caso abre uma questão muito mais ampla do que a dos onze homens, questionando como faz todo o trabalho - passado, presente e futuro. É o ataque mais sério já desferido contra nós. No entanto, em certo sentido, é um ataque que, na mente de pessoas justas, pode ser facilmente

---

<sup>44</sup> O contador de Howard.

derrotado. Pois o trabalho é conhecido por multidões de pessoas em todo o mundo. E enquanto alguns podem não gostar da maneira ou método, ninguém questionaria que é um trabalho religioso no nível espiritual mais profundo.

É uma coisa grave quando um ministro britânico expressa uma opinião em público que é reconhecida por milhões, baseado em desinformação. É ainda mais grave porque toca tantas pessoas como eu, que devem sua fé a um contato com o RAM próximo ao nervo do coração. E nunca mais poderemos estar tranqüilos em nossas mentes novamente até que esse julgamento seja revertido e de maneira tão pública quanto foi proferido.

P.D.H. para Doë

*Londres, W.I.  
Outubro de 1941*

Ontem, o Conselho Federal da Igreja Livre aprovou uma resolução unânime e forte a nosso favor. Este corpo representa cerca de quatro milhões de pessoas. Uma ação desse tipo, tomada agora, certamente surtirá efeito.

Por outro lado, um de nossos amigos recebeu uma carta do chefe do Ministério que trata desse assunto, com termos tão obstinados e rígidos que parece claro que nada além de pressão pesada o desviará.

A Imprensa deu ampla cobertura a esta controvérsia. Muito espaço foi dado a Bevin e aos críticos dos "onze homens", mas quase nenhum a seus oponentes. Na época, Howard havia respondido a essas críticas, mas seus artigos nunca foram publicados. Então ele começou a escrever um livro que tratava do assunto em detalhes. Eventualmente, foi chamado de *Fighters Ever/ Lutadores de Sempre* e vendeu mais de 330.000 cópias. Foi publicado em novembro de 1941.

P.D.H. para Doë

*Outubro de 1941*

O livro está indo bem, eu acredito. É um trabalho árduo e difícil, mas no geral a produção é mais madura e certamente tão interessante quanto *Innocent Men*. Assim que estiver em formato transportável, você terá que lê-lo e me dar seus conselhos e comentários sobre ele - 28.000 palavras, pouco mais da metade do tamanho de *Innocent Men* e será vendido a US\$ 6. A certa altura, pensamos que poderia ser

chamado de *Dangerous Men/ Homens Perigosos*, mas isso foi descartado, e o melhor até agora, acho, é *Our Defenceis Sure/ Nossa Defesa é Segura*.

Um dia juntos, você e eu, escreveremos um livro juntos. Trabalharemos nele à noite sob a luz do lampião a gás. Levaremos tempo para isso e será um documento polido, vigoroso e acolhedor.

David Robertson, deputado por *Streatham*, me ligou do nada ontem. Era simplesmente para dizer que ele queria falar por nós, mas não conseguiu chamar a atenção do Presidente da Câmara. Ele estava triste pelo fato de a coisa ter acontecido como aconteceu, e que Bevin tinha cometido o erro fundamental e fatal de não entender o que muitas pessoas sentiam sobre o assunto. Meu próprio sentimento sobre os homens no Parlamento é que, enquanto alguns irmãos mais fracos foram engolidos pelo ar quente, a maioria de nossos apoiadores foi consolidada pelos eventos. É uma coisa estranha de se dizer, mas a sensação que tenho é que conquistamos uma vitória na semana passada, ou seja, lá o que for (perdi a noção do tempo nos últimos dias). Suponho que os apóstolos devem achar difícil ver a crucificação como uma vitória. No entanto, foi assim. Da mesma forma, do que humanamente foi uma rejeição dos homens, sinto que avanços podem surgir como resultado da difícil passagem na Câmara dos Comuns.

Howard voltou para sua fazenda em Suffolk. Oito moças da terra chegaram para ajudar nos trabalhos da lavoura. Elas moraram na casa e se tornaram, nos últimos anos da guerra, parte da família Howard. Algumas delas perderam seus irmãos, pais ou amigos durante esses meses. O trabalho era árduo até para os homens no solo argiloso de Suffolk, mas para as mulheres era desesperadamente pesado. Elas se tornaram fortes e desgastadas pelo tempo. A casa da fazenda cresceu para lidar com os números extras. Apesar da aglomeração, a casa nunca perdeu o sentido de lar ou boas-vindas que Peter e Doë Howard criaram.

Os fazendeiros que chegavam cedo para ordenhar tomavam o café da manhã antes de irem para casa. Howard assumiu o fardo sozinho. Levantava-se cedo, às três ou quatro horas da manhã. Se ele queria que um trabalho fosse feito, sempre chegava meia hora antes do horário e só saía quando os outros já tinham ido para casa. Na escuridão do início da manhã, você podia vê-lo, uma sombra enorme, caminhando em volta dos prédios para ver se tudo estava bem.

Mais tarde em sua vida, quando raramente estava em casa, se oferecia para alimentar os animais no fim de semana, para dar folga a seus homens. Isso trouxe de volta para ele a memória daqueles primeiros anos de luta, quando parecia que nunca conseguiria pagar as contas. Encontrou paz e direção entre seus animais.

No final de dezembro de 1941, um novo desenvolvimento ocorreu em Suffolk durante a guerra:

"Todos os homens aptos foram chamados ao salão da aldeia. No chão havia grandes caixas de madeira. Delas cada um de nós recebeu um rifle e vinte cartuchos de munição. Pela primeira vez desde Dunquerque, sentimos que tínhamos algo a fazer; revidar se os nazistas viessem. Nossos corações cantaram uma nova canção. É um sentimento que vou lembrar todos os meus dias.

"Esses rifles foram as primeiras armas a chegar aos condados orientais dos Estados Unidos. Foi como se um amigo de repente tivesse colocado uma arma em nossas mãos numa época em que estávamos contra a parede e não tínhamos nada além da fé".

Em fevereiro de 1942, sete oficiais americanos chegaram à Inglaterra para se preparar para a chegada da Oitava Força Aérea. Eles construíram muitos de seus aeródromos na Anglia Oriental:

"Muitos deles foram colocados nas melhores terras agrícolas da Grã-Bretanha. Partes dos condados orientais da Inglaterra cultivam safras mais pesadas por hectare do que qualquer outra terra no mundo. E os agrimensores enviados pelo Ministério da Aeronáutica para escolher as bases, elegeram um terreno o mais plano possível. Mas a terra plana é a melhor terra para cultivo, mais fácil de cultivar com cavalo e trator, e os melhores agricultores a ocupam.

"Agricultores cujas famílias possuíam e cultivavam a mesma terra por muitas gerações viram-se subitamente despojados. Tiveram que esperar até três ou quatro anos pela compensação do governo e, quando ela veio, estava muito abaixo do valor de mercado de suas propriedades.... Mas não houve reclamação.

"Logo acres de concreto se estendiam onde os acres de milho estavam antes. Ao cair da noite, costumávamos dirigir pelas trilhas desertas do perímetro em um carro com armas esportivas apontadas para fora das janelas e atirar nas perdizes quando elas voltavam para casa para descansar.

"Os primeiros americanos que chegaram nos olharam com espanto, enquanto, parecendo um bando de gangsters, rolávamos no crepúsculo.

"Poucos de nós na Anglia Oriental estivemos nos Estados Unidos. Mas os Estados Unidos vieram até nós. Nós os vimos chegar em nossa hora de necessidade desesperada, dezenas de milhares de jovens, indiferentes, alegres, confiantes e corajosos."

Para as crianças de Anglia Oriental, o perigo daqueles meses mal era compreendido. Em vez disso, havia a excitação dos comboios de militares americanos, de quem, com um grito de "Algum chiclete?" você poderia pegar um ou outro pacote de goma de mascar, isso parecia muito mais importante. As festas de Natal, as primeiras que qualquer bebê de guerra já experimentou, foram dadas nas bases aéreas americanas. Os três filhos de Peter Howard estavam entre aqueles que tiveram a sorte de ir:

"Havia uma enorme árvore, enfeites, jogos, um presente para cada convidado, qualquer quantidade de doces, que os homens da base haviam guardado especialmente de suas rações e, acima de tudo, grandes quantidades de sorvete.

"Quando os jipes e caminhões voltavam para as aldeias na escuridão, as crianças saltavam deles com os olhos brilhando como estrelas e as bochechas vermelhas como azevinhos de tanta emoção. 'Olha o que nossos tios americanos me deram. Oh, mamãe, foi maravilhoso.' "

Para Philip, Anne e Anthony Howard, como todas aquelas crianças, era difícil imaginar que os grandes bombardeiros que sobrevoavam a Alemanha estavam cheios daqueles jovens americanos que os trataram na noite anterior, alguns dos quais nunca mais voltariam. As crianças subiam nas grandes pilhas de palha no pátio e ficavam ali contando os aviões enquanto eles voavam para o leste. Então, quando ouviam o som dos bombardeiros voltando, corriam de volta para seu esconderijo de palha e contavam os que voltavam. Muitas vezes havia aviões avariados, com uma asa quebrada ou um corte de motor - sempre faltava algum. Era com um peso e uma tristeza inexplicável que eles galopavam para casa no crepúsculo.

Alguns dos amigos de Peter Howard insistiram para que ele enviasse seus filhos para a segurança do Canadá ou dos Estados Unidos junto com milhares que estavam indo para lá. Isso ele se recusou a fazer. A questão foi decidida por ele na primeira semana após conhecer o RAM. Naquela época, amigos do jornal haviam oferecido dinheiro para sua família cruzar o Atlântico. Ele havia decidido deixá-los ficar onde estavam. Outras pessoas em sua aldeia não conseguiram fugir. Ele sentiu que cabia a ele dar o exemplo. E ainda sentia o mesmo.

No auge da blitz em Londres, a noite de Anglia Oriental foi repleta de batalhas no céu. Então vieram os ataques de bombardeiros, com bombas e minas terrestres lançadas de aviões em fuga para um campo desavisado. Uma mina terrestre foi lançada a cem metros da casa da fazenda e derrubou todas as janelas, mas o velho edifício Tudor apenas estremeceu e balançou e se acomodou novamente. Finalmente, havia os V1s, "*Doodle-bugs ou buzz-bombs*", com suas luzes piscantes e gemidos agudos. Às vezes, os motores paravam antes de chegar a Londres e eles caíam silenciosamente na escuridão. Com mais frequência, eles paravam e começavam de novo. Naquela pausa eterna, as crianças ficavam deitadas na cama, imóveis, com os dedos nos ouvidos. Anthony Howard era o filósofo nessas ocasiões: "Não adianta chorar agora", dizia ele. "Acabou e estamos seguros."

Howard não evitou dificuldades e não queria que seus filhos o fizessem. Havia nele uma paixão por enfrentar a realidade do medo, da má alimentação, da falta de água quente. Ele inventaria nomes mágicos para algum prato pouco atraente e assim faria seus filhos comê-lo. Ele os enviava para a escola

de Lavenham todos os dias em pôneis e armadilhas, e eles voltavam assim, independentemente do tempo, muitas vezes trazendo um amigo com eles para aumentar os números que já estavam em volta da mesa da sala de jantar. As crianças lavavam e secavam os pratos por quinze minutos após a refeição e os guardavam antes que os jogos fossem permitidos. A disciplina trouxe resmungos ocasionais, mas nenhum arrependimento.

Havia uma alegria na casa aliada à tranquilidade. Howard gostava de se divertir, mas detestava muito barulho alto, portas batendo, pés correndo pela casa ou risadas estridentes. Se ele ouvisse, marcharia em direção ao culpado e lhe diria o que pensava. Na manhã seguinte, ele o mencionaria novamente, e isso não acontecia com frequência duas vezes.

Tendo sido tão pouco pontual quando jovem, tornou-se extremamente pontual. Nenhuma refeição foi servida até que todos estivessem presentes. Aqueles que se atrasavam incorriam na ira e indignação dos famintos. O próprio Howard estava sem roupas de trabalho e era pontual em todas as refeições. O mesmo se aplicava às suas nomeações ou deveres durante a guerra.

No entanto, aqueles anos, com todas as sombras da guerra, trouxeram muito alegria. O trabalho agrícola era pesado; a perda na fazenda nos primeiros dois anos foi de £ 2.615, mas ele nunca demonstrou ansiedade ou preocupação com os filhos. Era um pai maravilhoso. Depois do trabalho, organizava jogos divertidos - "caça ao leopardo", "chute a lata", "esconde-esconde". A energia com que esses jogos eram disputados era total. Howard não acreditava em "jogar para perder" pelo bem das crianças. Ele insistiu que todos deveriam jogar para vencer, e eles jogavam. Ele devia estar exausto, mas nunca demonstrou. Nas corridas, ele pulava na perna boa, enquanto as crianças corriam ao seu lado. Era um especialista na arte de pular e podia percorrer quase dois metros e meio de cada vez. Ele ainda poderia vencer uma corrida com seus filhos até a adolescência.

Nas longas noites de inverno, inventava e contava fascinantes histórias de animais. Os personagens eram todos conhecidos na fazenda. Mais tarde, quando seus filhos foram para o internato, ele escrevia essas histórias em fascículos todas as semanas. E mais tarde ainda, ele os usou para escrever uma pantomima para seus netos.

Ele combinou ser um disciplinador estrito com uma profundidade incomum de compreensão. Com ele era fácil conversar e, no entanto, podia caminhar quilômetros pelos campos com você e não dizer nada. Seu amor pelo campo era enorme, mas ele não queria mais fugir para ali:

"Quando a comprei, a fazenda era classificada como 'C'. Esse é o grau mais baixo de fazenda em minha vizinhança - o grau em que as fazendas são tiradas dos fazendeiros e administradas no interesse

nacional pelo Comitê Executivo de Guerra. Mas como eu era um homem novo, eles me deram uma chance e esperaram para ver o que eu poderia fazer.

"Um dia, alguns senhores chegaram de carro à porta de nossa casa de fazenda. Eles eram membros do Comitê Executivo de Guerra e vieram inspecionar nossas terras. Caminhamos juntos de campo em campo em silêncio. Às vezes, eles me faziam perguntas sobre o cultivo dos campos e fizeram anotações em um caderninho. Então, apertaram minha mão e partiram. Um mês depois recebi a seguinte carta:

**Caro senhor,**

**O Comitê Executivo, a conselho do Comitê Distrital apropriado, está muito satisfeito em elevar a classificação de sua fazenda para 'A' e expressar seu apreço por seus esforços para alcançar este resultado.**

*Atenciosamente, (assinado)*

*Diretor Executivo.*

"A nota 'A' é a nota mais alta obtida neste distrito. Doë e eu nos entreolhamos do outro lado da mesa. Bem, nós tínhamos feito isso. Sabíamos que o que quer que aconteça conosco no futuro, quer vivamos na terra ou nas cidades, ricos ou pobres, doentes ou saudáveis, as coisas nunca mais seriam as mesmas para nós."

A experiência que Howard ganhou com esta batalha e a eventual vitória sobre a terra foi inestimável. Isso o tornou capaz, pelo resto de sua vida, de dar instruções precisas e competentes a seus homens, muitas vezes a uma distância de vários milhares de quilômetros.

Em 1965, ano da morte de Howard, os lucros da fazenda haviam subido para mais de £ 6.000. E dois anos depois, eles alcançaram mais de £ 9.000. Em 1943, o principal interesse de Howard era que ele pudesse fornecer mais comida para a Grã-Bretanha em um momento em que ela precisava desesperadamente:

"Este pedaço de terra lutou com muitas gerações antes de eu entrar em cena, e lutará com muitas mais depois que eu partir. Ele não conhece descanso, e aqueles que o servem não podem se dar ao luxo de parar em sua labuta."

Durante os anos de guerra, centenas de pessoas visitaram Hill Farm. Alguns deles leram os livros de Howard. Todos tinham ouvido falar que havia um espírito único naquele lugar, e muitos deles captaram esse espírito.

A chegada de prisioneiros de guerra alemães para trabalhar nas fazendas da Grã-Bretanha causou pouca agitação. Os compatriotas são tradicionalmente reticentes. Para as crianças Howard, era assustador. Eles tinham ouvido falar que os alemães eram "inimigos". E agora eles estavam chegando a Hill Farm.

Quando Rüdi e Willi desceram do caminhão no final da entrada da fazenda naquela primeira manhã, eles devem ter achado aqueles três pequenos pares de olhos escuros que os encaravam alarmantes. Trabalharam silenciosamente e perfeitamente. Seguindo instruções do comandante da prisão, eles não deveriam receber comida, nem serem levados para dentro de casa. Eles falavam pouco inglês e automaticamente pensaram que ninguém iria querer falar com eles. Em vez disso, Howard decidiu fazer amizade com os dois. Demorou muitos meses. Howard escreveu e pediu permissão para dar a ambos uma refeição quente todos os dias. Foi concedido. Willi e Rüdi precisavam de comida. Eles comeram com fome.

Às vezes, em uma manhã de primavera, enquanto Willi e Rüdi estavam capinando as longas fileiras de beterrabas, as crianças iam observá-las. De repente, os homens ouviriam o som de uma aeronave alemã. Eles o reconheceram antes de qualquer outra pessoa, pois eram aviadores. Rapidamente, se viraram e pegaram Anne sob um braço e Anthony sob o outro. "Schnell, schnell", disseram eles e correram para a vala. "Silêncio", eles disseram. As crianças ficavam sentadas imóveis enquanto a sombra negra passava pelo campo. Então, em grande alívio, eles corriam rindo de volta ao trabalho, enquanto Willi e Rüdi seguiam balançando a cabeça e sorrindo. A ironia escapou às crianças. Mas Howard ficou grato.

Em 17 de setembro de 1944, o único irmão de Peter Howard, John, foi um dos integrantes do regimento de paraquedistas que partiram para Arnhem:

"Numa manhã de outono, caminhei para o trabalho ao longo de um caminho secreto e perfumado de uma sebe, batido até a dureza pelo amontoado e amontoado e amontoado de gerações de botas agrícolas contra o solo.

"Peguei meu garfo de quatro pontas e comecei a jogar lama preta e úmida do curral para os barris.

"Eu não cantei no meu trabalho naquela manhã. Quando minhas costas começaram a doer no ritmo da labuta, meu coração também doeu com uma sensação de apreensão e mau presságio. Pois sobrecarga, hora após hora, em formação constante, os rebocadores e planadores voaram para o leste em direção a Arnhem. Em um deles estava meu jovem e único irmão.

"Eu me perguntei se John iria olhar para a fazenda quando ele passasse. Conhecia o lugar e adorava. Ele havia caçado perdizes lá e percorria os campos comigo. Apenas algumas semanas antes ele havia escrito perguntando se poderia vir e trabalhar lá quando a guerra acabasse.

"Tão alegre e corajoso eu o imaginei, enquanto endireitava minhas costas doloridas no curral e, descansando em meu garfo, forçava meus olhos para observar a cavalgada aérea passar.

"Seus olhos eram verde-azulados e seu cabelo era dourado. Durante toda a guerra ele lutou - um soldado raso na artilharia, incursões de comando nas Ilhas do Canal e Lofoten, uma comissão para o Regimento Real de Sussex, ferido em Alamein, agora capitão da Divisão Aerotransportada a caminho de Arnhem. "Vai ser preciso mais do que um nazista para me pegar", disse ele da última vez que o vi.

"John nunca voltou de Arnhem. A maior parte de sua companhia foi morta. Eles estavam no ponto crítico da luta. John ficou furioso com a morte dos seus amigos. Ele foi visto pela última vez por um batedor britânico duas milhas fora de nosso perímetro, escondendo-se sozinho em uma vala e atirando no inimigo. O batedor perguntou-lhe se ele não voltaria ao perímetro. 'Estou indo muito bem onde estou, obrigado', respondeu John. Então o batedor deu-lhe alguns biscoitos e um pedaço de queijo e o deixou sozinho em sua vala com o inimigo ao seu redor.

"É difícil acreditar que alguém tão jovem e veemente possa ser tão calmo e quieto. Muitos de nós, em tantas terras hoje, temos lembranças simples e queridas como esta, pérolas de grande valor enfiadas no cordão eterno da memória, sobre alguém que conhecemos, amamos e perdemos por algum tempo.

"Para mim, a pior dor de tal separação é pensar em como eu teria agido de maneira diferente se pudéssemos ter nossos momentos juntos novamente. Se ao menos eu não tivesse dito isso... Se ao menos eu não tivesse feito isso... Se ao menos... Eu amava tanto o garoto e muitas vezes não demonstrei isso a ele tão bem."

A tristeza de Howard pela perda de seu irmão foi compartilhada por Willi e Rüdi. Era difícil para eles dizerem o que sentiam. Mas eles o fizeram com um inglês hesitante: "Lamentamos".

No final de 1944, Willi e Rüdi se tornaram parte da família. Era uma amizade firme. A guerra misericordiosamente parecia estar terminando. Parecia que os prisioneiros alemães logo voltariam para casa. Howard escreveu para a Oficina de Guerra e perguntou se Willi e Rüdi poderiam ser convidados para passar o dia de Natal em Hill Farm. Foi um pedido inédito. Após longos atrasos, a permissão foi concedida.

Para a família Howard, foi o último Natal que celebrariam juntos por dois anos. Os preparativos foram emocionantes. Balaclavas e meias quentes foram tricotadas para Willi e Rüdi, a árvore foi decorada com maçãs vermelhas no estilo alemão e as crianças aprenderam as palavras de Stille Nacht (Noite Feliz). Todos os fazendeiros e suas esposas foram convidados a entrar, e as moças da terra vieram, os vizinhos e todos aqueles que os Howard haviam conhecido durante os anos de guerra.

O espanto nos rostos de Willi e Rüdi ao entrarem naquela aconchegante sala de estar da fazenda sempre será lembrado. Era difícil para eles acreditarem que não era um sonho, pois estavam sentados

desajeitadamente à mesa comendo com porcelana e prata, que há muito haviam esquecido. Depois do jantar, eles se sentaram perto da árvore e escreveram suas primeiras cartas para suas famílias na Alemanha Oriental. Então eles desembulharam seus presentes e ouviram as canções de Natal. Lentamente, eles começaram a cantar em alemão. Era a primeira vez que as crianças viam homens adultos chorarem.

Willi e Rüdi deixaram a Grã-Bretanha logo depois. Eles escreveram duas vezes quando chegaram em casa, e depois não mais. Mas eles disseram a seus amigos: "Há uma fazenda na Inglaterra que é diferente de todas as outras que conhecemos. É a primeira vez que não nos sentimos prisioneiros."

Em maio de 1945 veio V.E. Day, e em julho a eleição geral em que Winston Churchill foi derrotado e um governo trabalhista chegou ao poder. Peter Howard votou em Churchill. Se John Howard estivesse vivo, ele teria votado em Attlee:

"John depositou suas esperanças políticas para o futuro no Trabalhismo. E me disse por quê. Ele costumava me dizer algo assim: 'Pelo menos eu sei o que o Partido Trabalhista defende... com comida, uma casa e um emprego para todos que o fizerem. Eles defendem que todos tenham chances iguais e uma distribuição mais uniforme da riqueza do mundo - não charutos no Ritz e fome no Rhondda, não patos no Berkeley e o auxílio-doença no Barrow. Se eles poderão nos dar, não sei.

"Lembro-me que certa vez ele disse, um tanto melancólico, enquanto fumava um cachimbo, vários tamanhos, maior do que ele: 'Havia um espírito maravilhoso lá fora no deserto com o Oitavo Exército, você sabe. Você sentiu uma verdadeira camaradagem de armas. Esse é o espírito que queremos quando a guerra acabar, mas suponho que seja impossível em tempo de paz.

"Agora os trabalhistas estão no poder na Grã-Bretanha, o partido no qual as esperanças políticas de John foram colocadas. Esse partido, como o partido no poder, carrega consigo os sonhos e corações não apenas dos *Johns* que morreram pela liberdade em mares e terras estrangeiras e céus, mas também os *Toms e Dicks e Harrys* de todos os matizes de convicção política que voltam para casa para construir o novo mundo que queremos.

"Uma medida de cinismo é difundida entre o povo britânico, a crença de que as guerras são talvez inevitáveis, que nunca poderemos conquistar o tipo de mundo que desejamos que nossos filhos desfrutem, que a humanidade foi apanhada como um animal estúpido em uma armadilha, condenada para sempre para suportar uma medida de incerteza e desespero.

"Não aceito essa política de derrota. Acredito que os trabalhistas britânicos têm hoje uma das chances mais douradas já confiadas a um partido pelas massas populares, uma oportunidade brilhante em

um momento em que as dificuldades e os perigos são tão sombrios como nunca em nossa longa história. Mas não acho que o fato de os trabalhistas estarem no poder seja suficiente para inaugurar o milênio.

Não. O trabalho nos governa - mas que ideia governará o trabalho? Será o trabalho liderado por Deus para refazer o mundo ou o trabalho liderado por um nariz para refazer a bagunça?"

Em 1945, Peter Howard publicou dois livros. O primeiro, *Ideas Have Legs/ Ideias Têm Pernas*, foi escrito, polido e reescrito ao longo dos anos na fazenda e foi um sucesso imediato e duradouro. Inúmeras pessoas em todo o mundo, devem um novo começo de vida, a esse livro. O outro livro era *Men on Trial/ Homens sob Julgamento*, uma coleção de retratos de líderes políticos enquanto enfrentavam a paz.

Howard terminou *Men on Trial/ Homens sob Julgamento* em setembro, bem a tempo de partir em sua primeira viagem para a América. Ele foi ao encontro de um homem que ainda não conhecia, mas que já havia afetado sua vida mais do que qualquer outro ser humano. O nome do homem era Frank Buchman.

## Capítulo 10

**O**utono de 1945 significou o reencontro de muitas famílias. Para Peter Howard, foi o início de vinte anos de trabalho, dos quais ele não passaria mais do que alguns meses em casa com sua esposa e família. Isso não foi por escolha. Odiava deixá-los. Mas era o seu compromisso. Ele dizia: "Minha vida não é minha." A partir de então, seu tempo e energia foram dados incessantemente a outras pessoas.

Howard partiu para a América com três amigos - George Light, o presidente do *National Trades Union Club*; Roland Wilson, secretário de Rearmamento Moral da Grã-Bretanha, e Andrew Strang. Eles partiram de Fowey a bordo do navio *Liberty* David B. Johnstone, que transportava cerca de trinta passageiros e uma carga de caulino para Portland, Maine. Doë foi para a Cornualha para se despedir do marido. Para Doë, a separação custou caro. As condições na Grã-Bretanha após a guerra eram difíceis. A maioria das famílias finalmente teve seus homens voltando para casa para ajudá-los. Doë tinha três filhos e uma fazenda para administrar sozinha. Peter Howard escreveria para ela quase todos os dias.

P.D.H. para Doë

*A bordo de um navio  
Setembro de 1945*

O mar está a 2.000 braças de profundidade abaixo de mim enquanto escrevo para você. É fácil falar de 3.000 milhas de oceano, mas é difícil compreender sua vastidão até que você navegue por ele dia após dia. Os pássaros nos seguiram desde Fowey.

Navegamos em uma rota chamada Grande Círculo que, devido à redondeza da Terra, é 130 milhas mais rápida do que uma rota direta ponto a ponto. Tivemos um dia bastante difícil e tivemos que mudar de rumo duas vezes porque o navio começou a balançar muito.

O capitão ainda fala de você e acha que você é maravilhosa. Eu também, é claro. Não preciso dizer o quanto penso constantemente em você. Eu vivo cada hora com você e sou capaz de imaginar os sons, as paisagens e os cheiros da fazenda todos os dias. Fecho os olhos e espero vê-los atravessando o convés em minha direção a qualquer momento.

Minha casa é um lugar infinitamente precioso, e você a construiu tão maravilhosamente. Acredite em mim, isso aquece meu coração e faz você se sentir parte dele, por mais longe que você vá.

P.D.H. para Doë

*A bordo de um navio*

*Setembro de 1945*

É uma dádiva maravilhosa de Deus que, com toda a dor da separação, você possa estar mais perto daqueles que ama em 3.000 milhas de oceano do que muitos, que se sentam juntos ao lado da lareira.

Neste navio, de vinte e um soldados voltando para casa, da esfera europeia, cinco estão voltando para se divorciar de suas esposas. Todas as noites, o comissário vem à cabine buscar drogas, pois é seu trabalho injetar e dosar nos casos de doenças venéreas, a bordo. A julgar pelas aparências, há um grande número deles. Um homem está no exterior há quatro anos e dois meses e está voltando com US\$ 1,30 no bolso. Todos estão computando o futuro em termos de caixa. Eles pensam em tudo em termos de dólar. Ainda assim, são muito simpáticos, jovens, vigorosos e independentes.

A lista de baixas de vidas perdidas foi mais leve para as democracias nesta guerra do que na anterior. Mas o preço moral foi infinitamente mais pesado. Muitos milhões não pensam mais que o errado é errado.

O Partido Trabalhista nasceu do amor, não do ódio. Sua verdadeira linha de batalha é o amor contra o ódio, a fraternidade contra a amargura, o plano de Deus contra o intelectualismo do homem, o controle de Deus contra o controle de classe. Sem mudança nada mudará, exceto o ritmo com que os problemas se multiplicam e dividem a humanidade. O RAM significa ações mais rápidas, homens radicalmente alterados e ataques mais resolutos.

Acho que teremos que enfrentar o fato de que, apesar de derrubar os poderes dos ditadores na guerra de armas, a própria democracia está em declínio. Há menos democracia verdadeira no mundo hoje do que em qualquer outro momento nos últimos cem anos. Na guerra, o Parlamento era capaz de tomar decisões rápidas, convincentes e unidas porque o perigo era tal que indivíduos e partidos afundavam seus próprios interesses. Mas a paz extinguiu a centelha de abnegação que o perigo acendeu.

É interessante como todos os aspirantes a ditadores se oferecem para trocar a liberdade pessoal dos homens pelo bem-estar material. Esse espírito de ganância é fatal para a democracia e os ditadores sabem disso e o usam. A democracia é um modo de vida. Ele desmorona se houver em algum lugar um forte egoísmo seccional tentando melhorar a si mesmo às custas do todo. Quando o bem-estar material se torna o primeiro objetivo de muitos corações, a liberdade está praticamente perdida.

O objetivo do Trabalhismo era o poder. O poder é tudo o que os trabalhistas conseguiram até agora. O governo trabalhista permanecerá ou cairá dependendo de criar ou não um novo clima moral na Grã-Bretanha.

O oposto do Rearmamento Moral é a desmoralização. E a desmoralização avança apressadamente pela Europa e pelo mundo. As nações cairão mais rapidamente antes da marcha da desmoralização do que da marcha dos exércitos. O RAM não é apenas a diferença entre o agradável e o desagradável. É a diferença entre a vida e a morte.

Eu sou grato por você, Doë. Seu coração e sua casa se estendem por todo o mundo.

Bem, estamos muito perto de pousar, então devo encerrar esta carta em breve. Lembre-se de meus pais e Pamela por volta de 17 de setembro, aniversário de Arnhem.

Howard chegou à América em 16 de setembro de 1945. Ele foi primeiro para a Ilha de Mackinac, em Michigan, para conhecer o Dr. Frank Buchman.

O encontro entre Buchman e Howard foi surpreendente. Os dois homens eram totalmente diferentes em idade, formação e perspectiva. Buchman esperava encontrar em Howard um jovem e impetuoso jornalista da Rua *Fleet*. Ele encontrou uma qualidade e profundidade que não esperava. Howard esperava encontrar em Buchman um velho grave e doente, pois Buchman tinha sessenta e sete anos e dois anos antes sofrera um derrame que deixara sua marca física. Em vez disso, encontrou inteligência, energia e realidade que o surpreenderam. Buchman colocou Howard para trabalhar imediatamente. Ele ficou em Mackinac apenas alguns dias. Durante os seis meses que passou na América e no Canadá, viajou para mais de vinte das principais cidades.

P.D.H. para Doë

***Montreal***

***Setembro de 1945***

Eu literalmente não tive um momento para mim até agora, desde que chegamos. Foi um tempo maravilhoso, mas o trabalho mais difícil que já fiz.

Esta terra é de uma abundância incrível. Ela flui com leite e mel. O hotel provinciano de segunda categoria oferece refeições e serviços que você não encontraria em nenhum lugar de Londres hoje.

Portland, Maine, onde pousamos é rochoso. Eles a chamam de costa rochosa do Maine. Paradoxalmente, depois de ouvir relatos um tanto elogiosos dos membros da tripulação sobre o clima americano, ficamos ancorados fora do porto por um tempo considerável por causa do nevoeiro.

Foi divertido ficar sentado a noite toda no trem a caminho de Nova York. Viajamos pela Nova Inglaterra. Todos os nomes eram nomes ingleses. Imagine como meu coração disparou quando chegamos a Haverhill e ouvi o porteiro cantando o nome na genuína pronúncia da Inglaterra Oriental. A carruagem em que nos sentamos era quase exatamente a mesma das carruagens *saloon* da Rua Liverpool - apenas com ar condicionado e água quente, toalhas e sabão no local de lavagem, o que ajudou. É uma coisinha como essa que causa uma impressão tão forte em você quando chega à América.

Nova York é de aço, estupenda e diabólica. O clima, tanto lá quanto em Washington, é algo que você não pode imaginar — um calor abafado que faz você acordar suando e ficar assim durante o dia. A maioria dos edifícios tem ar-condicionado.

O topo do Edifício *Empire State* é como se equilibrar no pináculo do dente mais alto de todos no meio de uma boca enorme e aberta e cheia de vapor. Aí você entende a força da tentação de Cristo. Todas as cidades do mundo se espalham sob seus pés; o *Queen Mary* no cais parecendo um pequeno navio a vapor de brinquedo; prédios duas ou três vezes mais altos que a coluna de Nelson, como pequenos postes de iluminação nas ruas abaixo; carros como uma procissão de formigas disciplinadas movendo-se e parando em fendas de poeira, que são ruas muito mais largas do que Whitehall. 'Todas as cidades do mundo para você, se você se prostrar e me adorar', disse Satanás. De certa forma, Nova York fez isso. Riqueza inimaginável, mas com uma qualidade metálica até mesmo na arquitetura e nos rostos dos cidadãos - direção, impulso, corrida, dinheiro. Acima de tudo, dinheiro. Para aqueles que querem adorar Maomé, Nova York é a sua Meca. É a bomba atômica da humanidade. Seu impulso, energia e força são colossais, quase inacreditáveis. De certa forma, agora é como um pesadelo tornado realidade. Mas pode ser uma potência para realizar os sonhos da humanidade.

O povo americano é maravilhoso — direto, vital, amigável. Não há nenhum disparate sobre eles e há uma intensa astúcia aliada a uma engenhosidade muito divertida.

Estou enviando alguns presentes para as crianças. Sugiro o conjunto de magia para o aniversário de Philip, giz de cera para o aniversário de Anne e a bolsa suíça e os bastões de construção de bandeiras como presentes imediatos para Anne e Ant. Estarei pensando neles.

P.D.H. para Doë

*Washington D.C.*  
*Outubro de 1945*

Washington, você vai adorar quando o vir. É surpreendentemente como Paris, com seus amplos e belos bulevares e velhas casas georgianas brancas recuadas e amplamente espaçadas.

O Canadá é uma terra diferente, uma terra surpreendente - trilhas ilimitadas ainda inexploradas ou pelo menos, não desenvolvidas. Onze milhões de pessoas vivendo em uma terra capaz de sustentar 250 milhões de pessoas. Quilômetros de floresta virgem pintados em grandes faixas de ocre, vermelho e dourado pela geada do outono.

Quando você está longe de seu país, começa a amá-lo e às pessoas muito mais do que nunca.

P.D.H. para Doë

*Ilha de Mackinac*

*8 de outubro de 1945*

Estou na cama, tarde da noite, sentado com o bloco no joelho e minha pequena luz brilhando, aproveitando a oportunidade para mandar uma palavra para você com um francês que voa na quinta-feira.

Típico de Buchman é que com 400 pessoas aqui no sábado à tarde, e um grupo de pessoas que podem ter que decidir sobre todo o futuro, e sem ideias claras sobre o que fazer com elas, ele disse: "Peter, leve a reunião." E virando-se para mim energicamente: "Tudo depende de como você lida com isso." Então ele foi embora. Foi a primeira vez que fiquei com o bebê inteiro no colo por duas horas a fio.

No próximo sábado, teremos uma grande ocasião em Grand Rapids. Devo falar para 3.000 pessoas na Prefeitura. Estou me sentindo cansado porque é um programa bastante agitado.

Bênçãos a você e as crianças e toda a família. Sinto muito sua falta, como você sabe, todos os dias.

P.D.H. para Doë

*Ilha de Mackinac*

*11 de outubro de 1945*

Buchman nunca perde tempo temperando o vento para o cordeiro tosquiado. Isso não lhe interessa. Seus comentários, às vezes, fariam com que aqueles que se queixam da aspereza, se arrepiassem de desgosto, mas não há aspereza neles.

Ele está ansioso para conhecê-la. Ouve com muito cuidado cada fragmento que posso contar sobre você e as crianças. Ele veio até mim outro dia e disse: "Bem, Peter, você será o Drummond desta geração para as nações". Eu disse: "Frank, você precisa me ajudar." Ele respondeu: "Sim, eu quero. E vou." Está encantado com *Men on Trial*. Ele disse: "Francamente, eu estava em dúvida. Não conseguia ver como isso

funcionaria. Achei que deveria ser apenas mais um livro em algum lugar por aí. Mas é inspirado. É um tratado de estadista para as nações. Está certo."

Fui a um jogo de futebol anteontem à noite. Era um jogo do ensino médio e estávamos sentados no meio de cerca de 8.000 adolescentes, nenhum deles tinha mais de dezessete anos, eu diria. Todos eles poderiam estar andando por *Piccadilly*, à noite - rostos com cinco braças de profundidade. Alguns com cílios postiços. Os meninos, muitos deles com apenas a idade de nosso Philip, eram selvagens como falcões. Vários deles estavam bêbados. O público mais jovem aqui caiu muito rápido - sexo, bebida e até drogas, segundo me disseram. No entanto, seu frescor e espírito ansioso são comoventes quando você os sente por baixo. Eles são muito melancólicos e famintos, por amor e direção, de uma geração mais velha que se perdeu.

Peter Howard escreveu para sua mãe no aniversário dela e enviou-lhe uma cópia de seu livro *Ideas Have Legs* e um poema que ele lhe havia escrito. Ainda não havia notícias definitivas de seu irmão, John, mas ele foi dado como morto.

*Evangeline Howard para P.D.H.  
Wealden Way, Bexhill-on-Sea*

Novembro de 1946 Seu lindo poema me deu muita felicidade. Não creio que nenhuma outra mãe tenha recebido uma homenagem tão adorável e, temo, não merecida, mas não importa que tenha levantado meu coração.

Hoje é o Dia do Armistício, mas simplesmente não suporto ouvir todos os serviços religiosos, então devo escrever para você. John nunca está fora de nossos pensamentos, mas nunca falamos sobre isso. Penso nele o tempo todo, mas se ele tiver ido antes de mim para o outro mundo, será ótimo encontrá-lo. De qualquer forma, acredito e sempre tive certeza de que o que quer que aconteça é, de alguma forma, o melhor, mas às vezes nos rebelamos contra esse melhor.

O livro, que li duas vezes, é de longe o melhor que você já fez. Seu pai concorda comigo. É um livro maravilhoso, e acho que vai fazer muito bem. Deve fazê-lo. Em nenhum caso emprestarei nosso próprio exemplar com sua preciosa inscrição, mas comprarei três exemplares e os emprestarei.

Estou com você de coração e alma fazendo de tudo para salvar os queridos filhos de outra guerra. Que bem trouxe a morte do nosso querido John? Mas eu me pergunto se ele foi poupado de muitos problemas. O mundo está em um estado terrível. Deixa para lá. A primavera logo estará aqui.

Para o nosso querido amor,

Mamãe

0

Esta carta trouxe grande alegria a Howard. Desde 1940, sua mãe vinha tentando, com toda a sua influência, arrancar o filho de seu compromisso com o RAM. Quando ele e Doë a visitaram em Bexhill, ela foi tão violenta com isso que Howard decidiu por um tempo, que seria melhor fazer uma pausa e não visitá-la. Ele nunca perdeu seu profundo amor por ela, mas sabia que nenhuma paz seria possível até que ela aceitasse que seu compromisso com Deus vinha antes de seu compromisso com ela. Com o tempo, ela aceitou isso.

Evangeline Howard, que muitas vezes acreditou nas críticas feitas contra seu filho, foi encorajada a mudar de ideia por uma carta que apareceu no *The Times* em 29 de dezembro de 1945. Os signatários foram Lorde Ammon, vice-líder da Câmara dos Lordes; Harold E. Clay, presidente do Partido Trabalhista de Londres; Lorde Courthope, Presidente da União Nacional das Associações Conservadoras; o Bispo de Lichfield; Sir Lynden Macassey, presidente da Reuter's; Sir Cyril Norwood, presidente da Universidade St. John's, de Oxford; e Sir David Ross, Reitor da Universidade Oriel, de Oxford. A carta descrevia um relatório secreto compilado pela sede da Gestapo em 1939 e distribuído a todas as unidades da Gestapo em 1942. Advertia os membros da Gestapo contra o trabalho do RAM na Europa. Este relatório foi capturado durante o avanço dos Aliados, na Alsácia.

"Todo o relatório", escreveram os autores da carta, "finalmente dissipa as deturpações generalizadas que têm circulado contra este movimento cristão."

À luz dessa carta, Evangeline Howard estava disposta a admitir que estava errada.

Em 5 de dezembro de 1945, um serviço memorial foi realizado em Somerby, Leicestershire, para os homens do 10º Batalhão, o Regimento de Paraquedistas, que havia caído em Arnhem. Esta pequena aldeia foi o local onde os homens treinaram antes de partir para Arnhem. Peter Howard não pôde estar presente, mas sua esposa, Doë, o representou.

Doë para P.D.H.

***Fazenda Hill,***

***6 de dezembro de 1945.***

Eu queria entregar isso a você até 17 de dezembro. Uma maneira estranha, talvez, de comemorar um aniversário de casamento. Mas parece-me que este ano, separados como estamos, o dia do nosso

casamento não é tanto uma ocasião para nos alegrarmos, mas um momento para nos comprometermos a usar nosso vínculo pelas famílias do mundo, os desfeitos, os enlutados, os sem-teto. O sacrifício de John é um estímulo constante para nós dois darmos tudo.

Fiquei orgulhosa de pertencer à sua família ao observar os rostos daqueles que lutaram com ele. E eles estavam orgulhosos de John e de todos os outros. Enquanto nos dirigíamos até a pequena igreja de pedras douradas, uma procissão dos parentes dos homens caídos que chegaram em caravanas especiais, estavam entrando. Eles vieram de todas as partes do país. A maioria de preto, ricos e muito pobres, alguns carregando pequenas grinaldas e buquês de flores cuidadosamente embrulhados em papel. Homens do Regimento de Paraquedistas com suas boinas cor de vinho estavam alinhados no caminho. Em pouco tempo não havia um assento livre na pequena igreja com seu teto de vigas e cabeças esculpidas em cada ponta de viga. No corredor externo, os homens do regimento sentavam-se todos juntos. Durante o treinamento no verão de 1944, eles devem ter vindo aqui domingo após domingo e se sentado nos mesmos lugares. John deve ter vindo aqui.

Ficamos de pé para o Hino Nacional. E então cantamos os hinos. Aí, o major-general Urquhart caminhou para o lado da igreja, enquanto todos nós nos viramos para encará-la, e puxou o Jack da placa. Apenas uma cruz dourada em preto e os emblemas do paraquedas. Algum dia você deve vê-lo. É uma coisa simples e encantadora.

A porta se abriu lentamente e o "Último Post" soou. E cada coração naquela igreja cheia se partiu. Você podia ouvir os soluços e sentir a dor e o custo. De alguma forma, todo o lugar parecia pequeno demais para conter a tristeza. Alguns rostos se destacam. Um pai alto, de cabelos grisalhos e de boa aparência, ereto, olhando para frente, sem uma lágrima em seus olhos e ainda a agonia de uma criança morta em seu rosto. Um jovem oficial de paraquedas com cabelo encaracolado e o queixo meio atirado para longe, segurando-se nas costas do banco para ter força. Um menino de doze anos com cabelos louros, um longo casaco preto, também não chorando, mas com um olhar ferido, uma profunda tristeza em seus olhos. E ao lado dele sua mãe, uma mulher rica de preto e peles, velhinha, corpulenta e chorando sem se preocupar em enxugar as lágrimas. A trombeta parecia durar horas. E então rezamos e cantamos "Por todos os Santos". Saímos, ombro a ombro, com as pessoas se movendo para o lado para colocar suas coroas de flores sob o tablete

P.D.H. para Doë

*10 de dezembro de 1945*

Sinto-me triste por não termos o nosso Dia do Casamento e o meu aniversário e o Natal e o aniversário do jovem Ant e a nossa própria véspera de Ano Novo especial, mas com tudo isso me sinto estranhamente próximo e tremendamente grato.

17 de dezembro foi o 13º aniversário de casamento dos Howard. Era impossível enviar muitos presentes da Grã-Bretanha para a América, mas, em vez disso, Doë escreveu uma carta - "Para um marido afastado lutando na guerra":

“Quando eu não te conhecia, a Inglaterra significava muito para mim. Mas não tanto quanto ela significa hoje.

" A Inglaterra, em meus primeiros dias, significava, acima de tudo, a Nursie, magra e nascida em Londres, com seu sotaque cockney que, por alguma razão inexplicável, nunca pegamos. Ela teria se jogado debaixo de um trem por nós. Ela deu um tapa no rosto de minha irmã um mês antes do casamento dela e no meu, um dia depois de eu ter conhecido você. No entanto, sempre estive no centro de nossos corações: uma rocha nos momentos de dificuldade, com a coragem de uma Divisão de Terras e a firmeza de um comandante de comboio. Trinta anos doando sua vida aos filhos de outras pessoas. Essa é uma parte da Inglaterra.

"Então Inglaterra significava passageiros P. & O. passando por nossa casa em Marselha. Mulheres claras em canoas finas como sapatos, cortinas de voile cinza claro, olhos claros, efeito pastel por toda parte. Os homens altos e tweed e confortavelmente pouco suaves. Eles pareciam muito seguros do que estavam fazendo no mundo e em paz porque estavam fazendo o que achavam que deveriam fazer na vida.

"Inglaterra significava também travessias imundas do Canal quando você tinha certeza de que não valia a pena passar um mês na chuva, em uma praia fria... a enésima geração de garotinhas a pular e ofegar do outro lado de uma rédea principal.

“Mais tarde, eu cresci. Em minha época de estudante, não era muito a favor dos ingleses. Com outras pessoas, eu zombava dos jovens ingleses atrasados e que jogavam bola. 'Aos quinze anos, passávamos nos exames que eles só conseguiam fazer em Oxford. O que importava era a mente. A lucidez da mente francesa. Não os jogos. Para que eles serviam?’”

"(Lembro-me durante a oração de Dunquerque - eu que não rezava - que o trabalho em equipe, a coragem, o caráter que havia nascido naqueles meninos ingleses enquanto jogavam aqueles jogos desprezados, nos ajudaria e salvaria a mim e a meus filhos de coisas piores do que a morte.)

"Isso foi um pouco da Inglaterra uma vez.

"E o que a Inglaterra significa agora? Nosso lar é a Inglaterra, com suas vigas de carvalho tão fortes e bem torneadas, sua grande lareira Tudor onde tantas vezes nos sentamos. E ao redor da qual agora aprendemos a orar e pedir a direção de Deus no caminho a seguir.

"A Inglaterra também é os campos ondulantes de Suffolk com o marrom escuro do arado e o prateado do restolho, o verde da beterraba e o dourado do milho.

"A Inglaterra é cada canto de Londres em que já estivemos juntos, e essa é a maior parte dessa cidade tão amada.

" E, há tão pouco tempo, mas parece que faz séculos, a noite de V.J. em frente ao Palácio, com meu braço no seu, e aquela família sólida, amada e unindo um Império, na sacada coberta de vermelho, acenando, e cada aceno nos deixando ainda mais seguros de que aqui, em uma família unida, e em milhões de famílias como ela, está a esperança do mundo.

"Então nossos três filhos são o melhor da Inglaterra para mim, com seus olhos escuros e bochechas rosadas, sua diversão e liberdade. Philip com seu sentimento pelos clássicos e seu senso de justiça. Anne, seu coração para os fracos e indefesos, seus sentimentos apaixonados por cada causa perdida. Anthony com seu amor pelo solo e por todos os ofícios da agricultura, sua determinação de buldogue, de nunca desistir de um trabalho ou de uma corrida até que ela termine.

"Acima de tudo, você é a Inglaterra para mim, com sua força e sua firmeza, sua lealdade e sua coragem, a maneira como você colocou sua mão no arado e nunca voltou atrás. Que seu sulco seja cada vez mais reto, cada vez mais profundo ... E à medida que você se torna dia a dia o homem que Deus deseja que você seja, que a Inglaterra se torne a nação que Deus deseja que ela seja.

"Você é a Inglaterra, você que eu amo. E a Inglaterra se tornou para sempre a própria estrutura do meu coração e do meu ser."

Peter Howard passou o Natal em Los Angeles. No Boxing Day, ele foi com Frank Buchman para se encontrar com seis homens do RAM que voltavam do serviço nas Forças dos Estados Unidos. Howard descreveu mais tarde essa reunião:

"Frank Buchman estava no aeródromo americano enquanto eles voavam. Ele ficou lá com uma multidão de seus amigos sob o brilho do holofote e as sombras da lua. Através da pista de concreto eles vieram em sua direção, e lá por um minuto inteiro eles ficaram juntos em silêncio, quase nenhuma palavra foi dita.

"Mas as lágrimas rolaram pelo rosto de Frank Buchman, e ele não estava sozinho nisso. Então ele se virou para os carros que esperavam dizendo: 'Bem, vocês estão em casa. E agora vamos continuar com a luta.'"

P.D.H. para Doë

*Los Angeles*

*30 de dezembro de 1945*

Estou me preparando, para começar amanhã, a escrever um livro, que se chamará *That Man Frank Buchman/ Este Homem Frank Buchman*. Não é para ser uma biografia exaustiva. Humanamente, sinto-me inadequado e as circunstâncias são extremamente difíceis. Não tenho ninguém para trabalhar comigo, nenhuma ajuda de secretariado que seja regular ou adequada e nenhuma sala silenciosa. O lugar é um tumulto durante dezoito horas, das vinte e quatro.

Preciso aprender das lições da vida, de preferência de Deus. Se não, que seja pelos erros, mas devo aprendê-los com humildade, afeição e lembrar sempre que, enquanto eu estiver neste mundo, haverá infinitamente mais para aprender do que já sei.

Ontem fui ao *Los Angeles Breakfast Club*. Foi um burlesco de jantar e café da manhã em Oxford. Havia 600 homens e mulheres presentes. Além disso, uma multidão de coristas vestidas com rosas cor-de-rosa e um capelão que contava histórias cômicas e vulgares sobre a Igreja pelos microfones. Em seguida, ele deu grandes conchas cheias de elevação sobre as músicas da velha escola depois de você ter sido lambido no campo de futebol, representando o verdadeiro sentimento de amizade e amor. Havia uma multidão de velhos senhores que se autodenominam "Os Galos" que se sentaram juntos e protestaram contra tudo o que acontecia e jogaram laranjas nas pessoas. Havia duas dançarinas nuas. Experimente isso no café da manhã com presunto e ovos. Havia um homem tocando xilofone e uma menina tocando sanfona. Havia um coro de vozes masculinas; o presidente da Universidade da Califórnia também dando ânimo e dois homens sendo iniciados no *Breakfast Club*. Eles foram vendados e obrigados a mergulhar as mãos em um prato de ovos crus enquanto um pedaço de presunto cozido era colocado em cima deles.

No dia 16 de janeiro, estou convocado para falar lá e, se os "Roosters" me derem algo, ficarão surpresos com o que receberão de volta. Ontem Buchman disse de repente: "Peter, vem." Então coloquei meu casaco e fui. Chegamos a um concerto sinfônico onde Rubinstein estava tocando. Ele certamente pegou aquele piano com algumas rachaduras poderosas. Uma vez ele literalmente saiu do chão e pousou

com as duas mãos no teclado. Acho que seria um bom pianista se ao menos pudesse pousar minhas mãos no lugar certo.

P.D.H. para Doë

*Los Angeles*

*3 de janeiro de 1946*

Estou trabalhando duro no livro. Levanto-me às cinco horas e trabalho até às oito. É a única hora do dia em que a casa está razoavelmente tranquila. Desço as escadas para onde encontrei um fogão a gás que acendo e trabalho. Estou escrevendo um capítulo por dia e espero terminar um rascunho preliminar por volta de 22 de janeiro.

Buchman é totalmente impessoal em seu corretivo. Você nunca sente que ele tem algum controle pessoal sobre o assunto, mas ele é totalmente franco sobre o que sente. Se as pessoas falam muito, ele diz a elas. Se eles fizerem isso de novo, ele simplesmente não os fará falar mais.

Uma das expressões favoritas de Buchman é: "Agora ele pode muito bem explodir". E acrescenta: "Se eu não dissesse 'droga' às vezes, Peter, eles não prestariam atenção em mim."

Ainda levamos uma vida bastante ocupada. Um almoço para a Câmara Municipal hoje, no qual falei. Amanhã vou passar a manhã com Flannery, que escreveu o livro *Assignment to Berlin*. Ele vai me entrevistar para o rádio à tarde.

No dia 1º de janeiro, Buchman e todos nós tomamos café às seis e meia e partimos às sete e meia em carros para Pasadena, onde o Desfile das Rosas de Ano Novo começou às nove e quinze. Em seguida, para a grande partida de futebol do Rose Bowl entre o Alabama, o melhor time do Leste, e a Universidade do Sul da Califórnia, campeã do Oeste.

Um sujeito teria encantado você. Pesava 300 libras. de acordo com o programa. Ele não fez absolutamente nada, exceto pular em montes de homens quando um marcou e balançou as pernas no ar. O velho pai do tempo saiu no intervalo e a multidão gritou ironicamente: "Aqui está o novo zagueiro do sul da Califórnia", que estava sendo derrotado. Parecia mais um teatro do que um jogo.

Trouxe um comercialismo metálico. Aqui não há mais diversão, exceto em garrafas de bebida ou em batalhas por dinheiro ou domínio. Você tem a sensação de um povo poderoso no slide. A aristocracia de segunda geração é muito branda ou muito dura. Teremos que formar uma nova aristocracia.

P.D.H. para Doë

*Los Angeles*

*8 de janeiro de 1946*

A última meia milha de uma corrida às vezes é a que traz o melhor de um puro-sangue. Você é um puro-sangue, se é que já houve um, e estamos na última meia milha da corrida. Estávamos prontos para correr quando nos despedimos em Fowey. Você com seu vestido cinza e seus olhos profundos que tanto amo. Foi uma corrida bem conduzida e agora estamos tão perto da reunião.

Pessoalmente, estou muito esgotado física e espiritualmente. Este escrito que agora segue é a última posição de Custer. Às vezes sinto como se um gigante tivesse colocado um canudo em meu estômago e estivesse sugando minhas entranhas constantemente nos últimos meses. Nem sempre você encontra aqui o frescor e o rebote que tão maravilhosamente te anima na fazenda.

O entrevistador da transmissão de rádio disse de repente: "E Sr. Howard, o que é o Rearmamento Moral?" Eu tive que responder na hora e disse: "Bem, é a resposta da democracia a qualquer tipo de totalitarismo. Não é uma organização, mas um organismo efetivamente trabalhando em todo o mundo, espalhando-se como fermento pelos corpos de sessenta nações para levantar a vida e o pensamento das pessoas. Está dando à democracia o que faltou entre as duas guerras - uma ideologia inspirada. Algumas pessoas pensam que é uma nova religião. Não é nada disso. Na verdade, é uma nova força que, em última instância, dá força às ideias que sabemos serem certas e as põe em marcha. Alista todas as pessoas de boa vontade para mudar, unir e lutar por um futuro livre."

Eu jantei outra noite em um lugar onde eles dizem se você não estiver satisfeito, você não precisa pagar nada - pague o que você acha que vale a refeição. Ao sair, há um grande aviso que diz: "Alimento para a alma também é importante". Há luzes coloridas, um poço dos desejos, que senhoras idosas compram a cinco centavos cada, chuva artificial que cai no telhado a cada cinco minutos para fazer você se sentir ao ar livre, uma capela onde você pode meditar e um órgão que toca música de *juke* e "The Old Rugged Cross". A decoração interior é de palmeiras e papagaios. O proprietário, quando o conheci, disse com orgulho: "Você nunca viu um lugar como este em lugar nenhum, não é?" Eu tive que admitir que não. Ele comentou: "Não há nada igual no mundo." Então ele tirou 50% da minha conta.

P.D.H. para Doë

*Los Angeles*

*15 de janeiro de 1946*

A Inglaterra precisa de mais amigos hoje do que nunca na história e tem menos. Tem sido bastante salutar aqui descobrir quantas pessoas nos odeiam e nos desprezam. Quando ela era todo-poderosa, muitos não ousavam expressar seus sentimentos, mas não agora.

O livro está indo rápido. Quão bem é outra questão. Quando você receber isto, terei terminado o primeiro rascunho. É curto, cerca de 25.000 palavras escritas até agora, e diferente de tudo o que foi tentado antes. É quase uma notícia factual direta.

P.D.H. para Doë

*Los Angeles*

*1º de fevereiro de 1946*

Algumas vezes, no passado, você me indicou que meu comportamento em concertos sinfônicos não é o que deveria ser.

Bem, ontem à noite fui ao concerto com Artur Rodzinski<sup>45</sup> e tomei notas de como me comportar, então darei mais crédito a você no futuro.

Sentamo-nos no meio das arquibancadas da orquestra. As peças foram: suíte da música incidental para a peça de Maeterlinck "The Betrothal". Rodzinski teve um ataque de espirros no meio disso e levantou o chapéu e espirrou alto várias vezes, e então caiu na gargalhada, então todos disseram: "Ssh, ssh." No final, ele comentou: "Bem, isso pode ser dito - essa música não fará mal a ninguém."

A próxima peça foi a sinfonia de Chausson em si bemol maior. Rodzinski diz que é muito difícil jogar. Ele regia de seu assento com muita violência e encorajava a orquestra com gritos bem altos. Quando o trompetista estava tocando um solo sombrio, ele comentou em voz audível: "Eu atiraria naquele trompetista se ele fosse meu."

A peça que se seguiu foi o concerto de Tchaikovsky para violino e orquestra em ré maior. O violinista era Isaac Stem, um menino protegido de vinte e cinco anos. "Fiddle-de-dee, fiddle-de-dee, fiddle-de-dee", disse Rodzinski em voz alta em sintonia com todas as passagens solo. Ele me disse o quanto havia mais tempo para ir. "Mais cinco minutos, meu Deus. Mais dois minutos. Quarenta segundos, pom, pom, a pom. Vinte segundos. Quatro segundos. Termine."

---

<sup>45</sup> Maestro da Orquestra Filarmônica de Nova York

Quando ele conheceu a orquestra e os solistas nos bastidores, todos gritaram em idiomas diferentes. Conteí a ele sobre um músico que se aposentou dez anos antes. "Esse homem não tem do que se aposentar e comete um erro ao voltar da aposentadoria. Que cabeça de morte. Ele não tem nada nele", foram os comentários de Rodzinski.

O rascunho do livro foi para os editores. Sinto-me muito bem estripado e com vontade de me ausentar por alguns dias. O navio será como o céu.

No domingo passado, eu estava sentado ao sol na varanda, ditando uma ou duas cartas. Buchman estava ao meu lado. Alguns meninos passaram jogando futebol. "Nossa, eu me lembro de ter feito exatamente isso como se fosse ontem", disse Buchman. "Você gostava de futebol?" Perguntei. "Sim", disse Buchman. "Você sabe, eu amei minha vida."

P.D.H. para Doë

*No trem para o leste*  
*12 de fevereiro de 1946*

Vou postar isso em Chicago, aonde chegaremos amanhã. Os últimos dias em Los Angeles foram extremamente agitados. Domingo foi o dia da despedida de Buchman. Wood<sup>46</sup> me ajudou a fazer as malas pela manhã. Faremos a travessia juntos no dia 28 de fevereiro, o primeiro navio conveniente que conseguirmos.

Buchman deu um almoço para mim no último dia. Ele foi muito generoso no que disse: "Nascido do Espírito e vivendo pela graça abundante. É preciso algo excepcional. Posso dizer que aprendi algo novo desde que Peter se juntou a mim sobre o significado de viver pela graça." Mais tarde, em uma grande reunião no principal anfiteatro da universidade, ele disse: "Peter Howard fez nascer a concepção de ideologia, na América. É difícil colocar em palavras o que o país deve a ele. Levou consigo em toda parte uma experiência viva de Jesus Cristo".

Ele veio com uma multidão até a estação para se despedir. Nos últimos três meses, mal estive longe dele. Acho que fizemos quase todas as refeições juntos. Eu vim a entendê-lo e amá-lo muito. Não é de forma alguma um santo no sentido piedoso da frase. Algumas de suas palavras e maneiras seriam um choque para alguns de nossos amigos. É curioso que a personalidade de Buchman, como tal, nem sempre

---

<sup>46</sup> Sr. A. Lawson Wood de Aberdeenshire; mais tarde Secretário Adjunto de Rearmamento Moral, Grã-Bretanha.

seja agradável, mas ele é um exemplo vivo de como o domínio do Espírito Santo transcende a personalidade humana.

Na estação cantamos "Auld Lang Syne" e eu fiquei na janela do trem muito emocionado. É estranho porque não há nada no mundo que eu tenha desejado tanto em minha vida quanto ver você de novo.

Eu parti nesta viagem em sua direção com ainda mais entusiasmo, na verdade muito mais entusiasmo, do que em minha viagem de casamento a Marselha. Isso é uma coisa maravilhosa depois de treze anos, não é? Esses meses longe de você me fizeram perceber como você é uma parte vital de toda a minha constituição e espírito.

Sinto que nenhum inglês viu a América antes, do jeito que eu a vi. Buchman abriu as casas de todos os seus amigos em todos os lugares. Desde o início, ele confiou em mim e me levou inteiramente por dentro. Sempre que perguntei a ele o que deveria dizer em qualquer ocasião - e devo ter feito pelo menos 150 discursos desde que vim para os Estados Unidos, ele respondeu: "Eu nunca tentaria fazer seu discurso por você".

Howard visitou Washington novamente a caminho da Inglaterra e foi recebido pelo presidente Truman, na Casa Branca. Ele era um daqueles sobre quem Howard havia escrito em Menon Trial:

"Alguns dizem que Truman será superado em suas negociações com homens da estatura internacional de Churchill e Stalin. Não tenho tanta certeza. Prevejo que Truman será um estadista formidável além das expectativas. Pois ele tem uma imensa fonte de força. É um homem de princípios inflexíveis.

"Sua história recente oferece um exemplo de primeira linha de sua constância e coragem. Durante suas investigações sobre o estado da indústria americana, ele entrou em contato com os trabalhadores do Rearmamento Moral. Chegou à conclusão de que 'não há um único gargalo industrial que não poderia ser quebrado em questão de semanas se essa multidão recebesse luz verde para seguir em frente a todo vapor'. "Alguns setores da imprensa americana começaram uma campanha de difamação contra o Rearmamento Moral, e todos os incentivos foram feitos a Truman para retirar o endosso que ele havia dado a esse trabalho. Em vez disso, convocou os jornalistas americanos e emitiu uma declaração, parte da qual disse: 'Eu dediquei muito tempo e pensei a este assunto e cheguei à clara convicção de que os problemas para os quais o programa de Rearmamento Moral está encontrando uma solução efetiva são os mais urgentes em todo o nosso quadro de produção.' O caminho mais fácil teria sido ficar em silêncio".

"Agora Truman tem a tarefa mais difícil de mostrar às nações vitoriosas que elas mesmas podem, após a vitória, ser sobrecarregadas com sistemas totalitários que foram à guerra para vencer. Ele não só tem que ajudar a construir o novo maquinário da harmonia nacional e internacional, mas também para levar a opinião pública ao ponto de ver que, sem um novo espírito no motor, haverá mais avarias."

O presidente Truman ouviu Howard com vivo interesse. Howard partiu para a Inglaterra no final de fevereiro a bordo do Queen Elizabeth. Em Southampton, Doë e seus dois filhos mais novos estavam lá para recebê-lo.

Era uma manhã enevoadada de março quando a sombra daquele enorme navio apareceu ao largo de Southampton. A alegria do reencontro foi indescritível. Anne e Anthony receberam a primeira banana que já viram. Eles tentaram comê-la com a pele. Na viagem para Londres no trem do barco, havia tanto para contar, e ainda mais, que as palavras não poderiam expressar.

Mas Howard não ficaria muito tempo em casa. No verão de 1946, Frank Buchman veio à Europa pela primeira vez desde a guerra. Os preparativos para a visita foram vastos e levaram Howard por toda a Europa por muitos meses.

No outono de 1946, Anne e Anthony foram enviados para um internato, Anthony para se juntar a Philip na *Cheam School* e Anne para uma escola secundária em Bexhill. A escola em Bexhill não foi um sucesso e Anne escreveu cartas infelizes para casa pedindo para ser levada embora. No início de 1947, Peter Howard desceu para vê-la. Ele estava prestes a partir mais uma vez para a América, desta vez com Doë. No carro, enquanto voltavam para a escola, Anne explicou que não suportaria ser deixada lá, com os pais no exterior e muito infeliz. Para Howard, foi uma decisão difícil. Ele disse: "Cometemos um erro quando o mandamos para cá. Sinto muito. Mas se eu tirar você daqui, você fugirá de tudo pelo resto da sua vida."

Foi o início de três anos miseráveis para Anne. Mas foi uma decisão sábia. Quando os Howard partiram para a América, eles escreveram regularmente para seus filhos. Toda semana chegava um capítulo de uma história para eles na escola. Não havia nada de incomum em Philip, Anne e Anthony. Embora as cartas de seus pais da América estivessem cheias de lugares e pessoas interessantes, as respostas eram típicas de crianças em idade escolar em todos os lugares:

Anne para P.D.H.

*Bexhill -em mar aberto*

Lamento ter ficado tão infeliz quando você partiu. Deve ter sido horrível para você. Foi ótimo vê-lo. Eu penso em você todas as noites.

Estou em décimo no meu ano escolar e em uma mesa. Diga a mamãe e mostre-lhe esta carta. Fiz amizade com quase todas as pessoas da minha turma. Eu tenho sua foto e olho para seu rosto toda vez que escrevo. Com muito amor,

Ana

Anthony para P.D.H.

*Cheam School*

Você ficará feliz em saber que os ratos estão mortos. Philip está trazendo sua galinha para casa com ele. Eu estou trazendo um gato.

Espero que às vezes você consiga um pouco de pudim de Yorkshire.

Com amor de,

Anthony

Philip para P.D.H. e Doë

*Cheam School*

Eu era o quinto em latim de nove e o terceiro em matemática.

Tivemos uma batalha de luxo ontem, embora o resultado tenha sido indeciso.

Entramos no forte inimigo, mas fomos chamados porque as Sombras Negras estavam atacando pela retaguarda. Estou no comando de uma bateria de armas. Tivemos uma palestra sobre mergulho ontem. O palestrante trouxe consigo todo o seu kit de mergulho e várias bananas de dinamite e outros explosivos. Ele nos contou que em uma escola em Kent, onde havia dado uma palestra, deixou cair um bastão de gelatina (que tem o dobro do poder explosivo da dinamite), mas isso não pareceu desanimá-lo e ele continuou jogando a gelatina no ar e pegando-a.

Não tenho mais geleias ou doces.

Mais da metade da escola recebeu visitas ontem. Um menino que recebia visitas me deu um sorvete de chocolate, enquanto outro me levou para tomar chá com sua mãe e seu pai.

Com amor de,

Philip

Os Howard passaram o Natal de 1947 em Richmond, Virgínia.

P.D.H. para seus filhos

*Dezembro de 1947*

Atravessamos a estreita faixa da Virgínia Ocidental que se ergue entre Ohio e Pensilvânia. Eles chamam isso de país *Panhandle* porque é como o fim de uma frigideira. Aqui a indústria é a mineração de carvão a céu aberto. Por quilômetros e quilômetros ao longo da estrada, a terra foi rasgada por grandes máquinas e você pode ver o veio de carvão com cerca de seis metros de profundidade e um metro de espessura, com caminhões levando-o para *Pittsburg*. Passamos por *Pittsburg*. “É uma das maiores cidades siderúrgicas do mundo. Chegamos ali quando o crepúsculo caiu. Por mais de quinze milhas fora da cidade, as árvores e os campos estavam cobertos por uma película de poeira e fuligem das fornalhas. As chamas sobem muito acima do topo das chaminés em ondas e ondas. Seu reflexo é lançado de volta na superfície oleosa e escura do rio e parece que todo o lugar está pegando fogo.

P.D.H.

*Washington D.C.*

*Janeiro de 1948*

A América é a terra da liberdade. A raiz da liberdade é a escolha de fazer o que é certo. Pois a escolha de fazer o que é errado não resulta em liberdade, mas em exploração e, finalmente, em escravidão. Acredito que o compromisso com os padrões morais é o inimigo mortal da liberdade.

## Capítulo 11

**N**os primeiros anos do pós-guerra, grande parte do trabalho de Rearmamento Moral na Europa concentrou-se na França, Alemanha e Itália e incluiu conferências em Mountain House, em *Caux*, ao sul de Montreux. O chanceler Adenauer<sup>47</sup> diria mais tarde que esse trabalho havia salvado o Ruhr do comunismo, e tanto ele quanto Robert Schuman<sup>48</sup> afirmaram que o RAM havia desempenhado um papel importante na reconciliação de seus dois países. De Gasperi<sup>49</sup>, da Itália, também prestou homenagem por sua participação na reunificação da Europa. Peter Howard passou grande parte de seu tempo de 1946 a 1950 trabalhando nesses países.

Durante esses anos, as relações entre Buchman e Howard sofreram uma séria mudança:

"De um dia para o outro, Buchman trancou e trancou todas as portas e janelas de nosso relacionamento. Nada que eu pudesse fazer era certo. Pública e privadamente, dentro e fora da estação, fui repreendido e atacado. Buchman estava determinado a recorrer a "somente Deus e nenhuma autoridade humana" para minha fundação na vida.

"Certa vez, em uma refeição para a qual muitos convidados importantes estavam presentes, fui convidado a sentar à mesa de Buchman. Quando Buchman chegou e me viu ali, ele imediatamente disse em voz alta: 'Leve-o embora. Não me sentarei nesta mesa com ele. Não o quero entre esta gente.'

"Esse incidente era típico de nosso relacionamento naquela época, e as coisas continuaram assim por quase quatro anos.

"Certa vez perguntei a Buchman: 'Por quanto tempo devo continuar neste estado de escuridão e desespero?' Buchman respondeu: "Simplesmente não sei. A decisão é sua, não minha." "

Foram, para Howard, anos ativos, mas anos no deserto. Buchman não o convidou para ficar com ele e até questionou se ele deveria escrever novamente. Poucos homens, talvez, teriam vivido esses anos e permanecido fiéis ao seu chamado. Mesmo assim, Howard passou por muitos momentos de desespero. Sem a fé e o apoio de Doë deve ter sido o fim de sua vida com o RAM.

---

<sup>47</sup> Chanceler da República Federal da Alemanha 1949-63.

<sup>48</sup> Sucessivamente Premier e Ministro das Relações Exteriores da França.

<sup>49</sup> Ministro das Relações Exteriores, então Primeiro-Ministro da Itália.

A aparente dureza com que Buchman lidou com Howard nesse período foi, na realidade, uma medida de sua confiança nele. Buchman era um gênio em ler e compreender os homens. Howard pediu-lhe para ajudá-lo. Ele viu em Howard a possibilidade de grande liderança, juntamente com fraquezas de orgulho, vaidade e dependência da aprovação do homem. Buchman pretendia produzir um homem cuja lâmina fosse afiada e cuja vida estivesse livre de todo apego humano.

Para Buchman, os riscos que assumiu com Howard e a dor que causou a si mesmo ao fazê-lo foram grandes. Ele aceitou isso como uma parte normal da vida. "Tive que estar pronto", disse ele uma vez, "para arriscar todos os relacionamentos da minha vida, dia e noite, sete dias por semana, nos últimos quarenta anos. Caso contrário, nosso trabalho no mundo não estaria onde está hoje..."

O intervalo entre Buchman e Howard duraria quatro anos. Mais tarde, ele diria a Howard: "Peter, confio em você para me dar o corretivo de que preciso. Sou como todo mundo. Preciso de correção todos os dias da minha vida, mas poucas pessoas têm o cuidado e o bom senso para me dar.

Aqueles que conheceram Peter Howard nos últimos anos de sua vida compreenderão que esses quatro anos sombrios com Buchman tornaram possíveis as conquistas do futuro. Como o próprio Howard costumava citar: "Não há coroa sem a cruz".

P.D.H. para Doë

*Mountain House,  
Caux, 1949*

Ontem pensei em você durante o dia e que seu encontro com as crianças transbordaria de felicidade. Eu me alegro por vocês estarem juntos e será um momento maravilhoso.

As nuvens vieram rolando sobre o lago e estava chovendo aqui. O outro lado do lago parecia arrebatamento contra a parede de um penhasco com os ventos girando as nuvens contra os lados das paredes rochosas. Não é o seu tipo de clima, mas encontrei nele um refrigerio.

Eu sinto muito por ter tornado nosso adeus triste. Eu simplesmente não suportava a ideia de ficar sozinho aqui e não ver as crianças, e passar o resto da minha vida numa rotina que humanamente, como você sabe, não me agrada.

Meu coração está totalmente em paz e Deus está me usando profundamente na vida das pessoas. No entanto, é verdade que meus medos muitas vezes se sobrepõem às minhas esperanças. Minha expectativa do futuro está aprisionada pela minha experiência do passado e sinto a força criativa dentro de mim se esvaindo lentamente com o passar dos meses.

Não tenho a ilusão de que, além de Deus, não posso fazer nada com minha vida agora. Sei, por exemplo, que mesmo que eu voltasse a trabalhar em jornais ou na política, o talento e a luta de outrora não existiriam mais, e com razão. Tenho uma personalidade dominadora e preciso de um forte domínio do Espírito. Os velhos amigos de Howard não desconheciam sua condição. Christiansen e Robertson do *Daily Express*, a conselho de Beaverbrook, convidaram Howard para os escritórios do *Daily Express*.

P.D.H. para F.N.D.B.

**Londres**

Para encurtar a história, eles me ofereceram £ 2.000 por ano por um artigo ao mês no *Daily Express* sobre a terra. Adicionando a um perfil de um estadista no *Sunday Express* uma vez a cada duas ou três semanas, e um artigo sobre assuntos mundiais no *Evening Standard*. Eu disse a Robertson: "Não fale assim. Você vai deixar Chris nervoso". (Naquela época, Christiansen era editor do *Daily Express*.) Robertson disse então que eles queriam que alguém assumisse o controle do *Sunday Express* dentro de um ano ou mais. E isso parece ser o que está em suas mentes para mim.

Mais tarde, Lorde Beaverbrook convidou Howard para Cherkley.

P.D.H. para F.N.D.B.

**Londres**

A proposta de Beaverbrook era de £ 2.500 por ano mais £ 500 livres de imposto de renda para um artigo semanal em seus jornais. Ele disse que eu poderia ter completamente liberdade de expressão, exceto que não deveria haver difamação e que não deveria haver propaganda contínua do Rearmamento Moral. "Quero que você entenda isso, Peter", disse ele. "Sou totalmente a favor do Rearmamento Moral. Você pode achar difícil de acreditar, mas é assim. Desejo muito sucesso, mas não quero me tornar um propagandista do Rearmamento Moral ou da Igreja Católica, ou do comunismo, ou do socialismo, ou do conservadorismo, ou mesmo da Igreja Presbiteriana, à qual eu pertença. Eu considero o Rearmamento Moral em tão alto grau quanto considero a Igreja Presbiteriana, exceto que eu acho que o Rearmamento Moral é executado muito melhor."

No decorrer da tarde, ele me mostrou sua fazenda em Cherkley. Levou-me em seu carro para ver seu campo de feno. Antes de se despedir, ele me disse: "A sua história é incrível, não é, Peter?"

Howard ficou tentado a aceitar a oferta de Beaverbrook. Mas não o fez. O dinheiro teria sido bastante útil, a amizade, em tempos passados, teria sido de ouro. Mas Howard estava preso a um destino que, naquela época, não compreendia totalmente nem acreditava. Ele também estava preso às mudanças que havia visto ocorrer em outros homens e situações.

Howard escreveu em 1950:

"Numa noite fria de inverno, um líder comunista veterano, Max Bladeck, presidiu uma reunião sindical. Ele é o chefe do conselho de trabalhadores de uma das maiores minas de carvão do Ruhr e há 25 anos é membro do Partido Comunista. A reunião foi em uma cervejaria.

“Quando os homens do Rearmamento Moral chegaram, em meio à fumaça, aos vidros e às luzes, descobriram que Bladeck havia providenciado alguns dos oradores comunistas mais habilidosos de seu distrito para demoli-los. Seis deles falaram um após o outro.

"Eles partiram para o ataque. Falaram por uma hora sobre o tema de que no coração de todo capitalista há um fascista e que as nações ocidentais estão preparando a próxima guerra mundial. Eles citaram Marx sobre a necessidade de mudar o sistema e o ditado de Stalin de que os burgueses nunca colocaram os princípios acima do lucro. Apontando para a história das Igrejas, eles declararam que o Cristianismo tentou por 2.000 anos construir um novo mundo - e falhou. Agora era a vez deles.

"Nesse ponto, os homens do RAM tomaram a palavra. Um deles, um trabalhador de Lancashire, começou admitindo que seu próprio país, a Grã-Bretanha, às vezes cometia erros. O interesse dos alemães foi capturado.

"'Todo mundo', acrescentou este homem, 'quer ver o outro sujeito mudar. Cada nação quer ver a outra nação mudar. Ainda assim, todo mundo está esperando que o outro comece.' Eles estavam ouvindo agora, e havia gritos de 'Ouça, ouça!' por todo o salão.

'Mas', continuou o porta-voz, 'o melhor lugar para começar é com você mesmo. Por que não começar com nossa própria classe, nossa própria raça, nossa própria nação e depois levá-la ao mundo?'

'Através do ar enfumaçado, em meio a um silêncio tenso, um trabalhador do estaleiro de Clydeside declarou: 'O trabalho nunca foi tão poderoso e nunca foi tão dividido. Aprendemos a dividir o átomo. Mas não aprendemos a unir a humanidade. O movimento trabalhista tem dentro de si as sementes de sua própria derrota – a menos que aprenda a mudar a natureza humana. A natureza humana pode ser mudada. Deve ser mudada em uma escala colossal.'

"Um industrial canadense foi apresentado. Sua mudança de atitude em relação ao trabalho surpreendeu os comunistas. A reunião durou quatro horas. Nenhum homem havia saído do salão.

"Batalhas como esta foram travadas diariamente no Ruhr. Semana após semana, durante meses a fio, os homens do RAM encontraram os mineiros em suas casas e nas minas. Como resultado, centenas de trabalhadores e seus líderes foram para Caux, onde a Assembleia Mundial pela Rearmamento Moral estava em sessão, entre eles estavam Bladeck e outro comunista veterano, Paul Kurowski.

"Em Caux, esses homens viram uma demonstração viva de uma ideologia baseada na mudança, mudança não para uma classe, mas para todas as classes. 'Por vinte e cinco anos eu cantei a Internacional com todo o meu coração e força', disse Kurowski, depois de alguns dias lá, 'mas é a primeira vez que a vejo viva'.

"Eles começaram a mudar. Mas a mudança nunca é confortável, seja por um comunista, capitalista ou qualquer outro. Significa enfrentar padrões morais absolutos. Isso envolverá ser diferente em casa. Pode exigir uma ruptura com hábitos pessoais ou pontos de vista há muito acalentados.

"Bladeck e Kurowski conversaram até tarde da noite. Eles reagiram a cada tiro no armário marxista. Mas sempre foram mantidos pelo afeto de seus novos amigos e pela lógica implacável da ideologia do RAM.

"Finalmente, Kurowski declarou sua conclusão: 'Qualquer um que não siga os padrões absolutos de honestidade, pureza, altruísmo e amor é um traidor de sua classe e de sua nação.'

"Enquanto isso, no Ruhr, o Partido Comunista da Alemanha Ocidental recebeu relatórios de que Bladeck e Kurowski estavam começando a aceitar a ideologia do Rearmamento Moral. O Partido ficou alarmado. Eles enviaram um de seus membros mais confiáveis, Willi Benedens, para trazer Bladeck e Kurowski para casa.

"Benedens era um secretário político distrital do Partido Comunista. Ele havia sido removido da força aérea de Hitler porque suas condenações se tornaram suspeitas e foi enviado para a Frente Oriental, onde perdeu as duas pernas.

"O que aconteceu quando ele veio para Caux? Pode ser mais bem descrito em suas próprias palavras: 'Lutei ferozmente contra meus amigos que foram para Caux e que eram funcionários do Partido Comunista', disse Benedens. 'Mas quando cheguei lá, encontrei aquilo pelo qual lutei durante anos — a sociedade sem classes.'

"Benedens, Kurowski e Bladeck retornaram juntos ao Ruhr. Foram chamados perante a Executiva do Partido Comunista. Eles deram uma explicação simples. 'Encontramos', disseram eles, 'uma ideologia maior que o comunismo.'

"O Partido Comunista da Alemanha Ocidental estava em um dilema. e eles mesmos foram mudados.

"Enquanto isso, os três homens convocaram uma reunião dos partidários do Partido. Em uma descrição dessa reunião, eles escreveram: 'A coisa estava quente. Mas o discurso mais longo tem que parar em algum momento. Dez homens podem cantar juntos, mas não podem falar juntos. ... Quando dez homens falam ao mesmo tempo, não dá para saber o que cada um está dizendo. Quando falamos de Caux, as vozes altas ficaram mais baixas. Logo todos estavam ouvindo, calados e pensativos.'

"O jornal comunista oficial da Alemanha Ocidental, Freies Volk, em 6 de outubro de 1949, publicou um importante artigo escrito pelo presidente do comitê regional do Ruhr do Partido, Hugo Paul, sobre o Rearmamento Moral. Disse: - "A perigosa atividade do Rearmamento Moral foi subestimada pela Executiva Regional do Partido. Esses homens de Caux têm recomendado ao Partido que se familiarize com novas ideias revolucionárias no mundo."

"Os homens de Caux permaneceram firmes. De Essen, Dortmund e outras partes do Ruhr, marxistas experientes se juntaram a eles.

"Enquanto isso, Bladeck, Kurowski e Benedens foram reeleitos para seus conselhos de trabalhadores com maiorias aumentadas em face do ataque amargo."

Em maio de 1949, Howard saiu de casa novamente para ajudar na obra, na Alemanha. Desta vez, ele viajou pela Holanda.

P.D.H. para Doë

*Cologne  
Maio de 1949*

Muito obrigada pelo carinho e cuidado com sua embalagem e pela comida. Vale mais do que rubis aqui. Eu vim feliz no trem ontem. Eu tinha um não-fumante de segunda classe só para mim desde o Hook até aqui. Ao nos aproximarmos de Colônia, coloquei minha cabeça para fora da janela para ver a Catedral.

A viagem a Berlim já começou. Voamos de Frankfurt amanhã de manhã. Ficamos em Berlim uma semana.

Adorei a viagem de trem pela Holanda. É incrível ver como os holandeses cuidaram bem de seu solo. Na maioria dos lugares, onde a superfície é arranhada mais do que alguns centímetros, você pode ver a areia por baixo. Há árvores e cercas de junco colocadas em todos os lugares para evitar a erosão do vento.

Havia dezenas de acres de tulipas e outras flores - rios de cores fluindo pela paisagem. Os moinhos de vento estavam rolando e ondulando por toda parte, e me interessou o quanto eles usam a energia eólica para pequenos trabalhos de transporte. Muitas vezes vi moinhos de vento com a altura de apenas sete ou oito pés latejando no canto de algum campo para levantar água para um cocho para o gado ou algo desse tipo.

Os campos holandeses carregam, em todos os lugares, a marca da agricultura astuta e trabalhadora. Eu vi um homem em um campo de cerca de três acres. Ele estava subindo e descendo, ponta a ponta em seus tamancos, com as mãos atrás das costas. Não queria cavalos pesados ou tratores em suas terras para esse trabalho. Eram dez horas quando passei por ele e ele nem ergueu os olhos quando o trem passou. Havia coberto cerca de um terço de um acre.

O centro de Roterdã desapareceu, mas não se compara a lugares como Gladbach ou Colônia, que são 60% planos.

A Catedral de Colônia é estupenda e um sonho de beleza. Bombas esmagaram seus pináculos, e centenas de metros acima há buracos através dos quais o céu olha. As bombas também destruíram o chão da catedral e abriram abóbadas e fundações que ninguém sabia que existiam.

Esta manhã empurrei uma porta trancada e caminhei pelos andares que Carlos Magno pisou. Nosso jovem garçom neste hotel foi prisioneiro de guerra por quatro anos na Inglaterra, um bom rapaz que fala um bom inglês. Ele me disse: "Eu quero voltar para a Inglaterra. Todos os sonhos que eu tinha para o meu próprio país foram destruídos. Eu quero ser rico, mas não há dinheiro para ganhar aqui e nenhum futuro, exceto como trabalhador rural. Ficam ricas as pessoas que trabalham com a cabeça e não com as mãos."

Quando subi para o meu quarto ontem à noite, encontrei a camareira com toda a minha comida no chão, revirando-a.

A vontade de recuperação é enorme. Os britânicos estão causando muita amargura com sua política de desmantelamento, que os alemães consideram baseada no medo da concorrência. Milhares de homens perdem o emprego por causa desse procedimento. Mas, enquanto os Aliados constantemente derrubam fábricas e edifícios, eles estão permitindo que os alemães construam novas fábricas e edifícios porque não estão, em nenhuma lista, em Whitehall ou Washington. O resultado, como Jung, o segundo homem na I. G. Farben me apontou, provavelmente será que, após alguns anos de miséria, a Alemanha será equipada

com uma planta industrial tão moderna que poderá derrubar outras plantas do mundo. Os sindicalistas marxistas culpam as democracias por não os ajudar de forma mais eficaz em sua luta contra Hitler. Os empregadores acham que fizeram mais por seus empregados do que os americanos.

A popularidade das autoridades da ocupação é em primeiro lugar os americanos, os britânicos e depois os franceses. Os franceses vivem fora do país. Os ingleses são frios e corretos. Os americanos são suaves e generosos.

P.D.H. para Doë

*Berlin*

*16 de maio de 1949*

Voamos de Frankfurt. A viagem foi um pouco acidentada e foi a única vez desde que te deixei que fiquei feliz por você não estar comigo. Aterrissamos no aeroporto de Tempelhof, cheio de lembranças. A vasta praça exterior construída em 1936.

Estamos hospedados em uma casa magnífica com vista para o lago. Pertence ao Ministro das Finanças que se encontra neste momento preso. É uma sensação estranha estar em sua casa, com suas fotos, livros e tapetes, e povoada pelos fantasmas de Goebbels, Goering e até do próprio Hitler, que costumavam estar nessas salas.

Estando a cargo dos americanos, fomos recebidos em Tempelhof pelo capitão Lake, que nos escoltou pela alfândega como VIPs e nos trouxe aqui em carros militares. Não estamos em dificuldades. Berlim, estranhamente, é uma cidade mais vencedora do que antes. Tem mais coração, embora seja um coração partido. A destruição é grande demais para ser compreendida. Desde a guerra, apenas um novo prédio - a loja de departamentos feminina - foi erguido. Eles perderam 250.000 em duas noites de bombardeio em Dresden. Mas aqui também houve brigas de rua, e três milhões e meio de pessoas vivem em uma cidade morta e mal-assombrada. Há cerca de mil mulheres envolvidas na remoção de escombros em Berlim.

Fomos conduzidos por um nazista impenitente. Ele odeia os russos. Odeia os Aliados. Ele espera apenas pela visão de uma Alemanha recém-ressuscitada. Disse com convicção apaixonada: "A Alemanha nunca fará outra guerra." Mas quando passamos pela chancelaria destruída, eu disse: "Foi lá que encontraram o corpo de Hitler?" Ele encolheu os ombros e disse: "Se eles o encontraram. Se ele estiver

morto." Há milhões como ele aqui. A juventude da Alemanha é niilista. Se não o capturarmos, algum novo Führer poderá capturá-lo, ou um forte grupo minoritário o fará.

Goering nunca reconstruiu o incendiado Reichstag. Ele o deixou como uma concha na cidade favorita de Hitler para lembrar aos homens a futilidade da democracia e a perversidade da oposição ao regime nazista. Essa casca do Reichstag ainda existe hoje e é o edifício mais bem preservado da área. As casas parecem esqueletos por quilômetros a fio. Quando sopra um vento forte, novos pedaços de alvenaria caem nas pilhas abaixo para enterrar ainda mais profundamente os mortos que ainda jazem lá.

Ontem foi primeiro de maio. Do outro lado do Portão de Brandemburgo, os russos penduraram uma enorme faixa que dizia: "Não queremos que Berlim se torne um sacrifício para aqueles belicistas que falam alemão, mas pensam em termos de bombas atômicas e dólares".

Nós dirigimos ao longo da *autobahn* onde os comícios costumavam ser realizados e fomos levados para o estádio Olímpico que está intocado. É uma arena colossal, construída em um ano e com capacidade para mil pessoas.

Nunca na história houve algo tão rápido quanto a ascensão da dinastia de Hitler e tão poderoso quanto sua queda. Aqui em Berlim você pode ver a semeadura do vento e a colheita do redemoinho.

P.D.H. para Doë

*Berlin*  
*Maio de 1949*

Esta foi uma viagem impressionante. Desejo de todo o coração que você esteja conosco. A resposta ao mais alto nível da nação é algo que nunca vi antes. Fomos recebidos pelo Gabinete, pelas altas autoridades cívicas, pelos chefes dos sindicatos, pelos católicos e pela imprensa. Tivemos uma coletiva de imprensa organizada pelos alemães no Press Club. Artigos de primeira linha em todos os jornais.

Em uma festa que durou até as duas da manhã, vieram o executivo do SPD (poderoso Partido Marxista-Socialista da Alemanha) e os atores e atrizes de Berlim.

Fomos e nos dirigimos aos jovens do SPD em sua escola de treinamento. É uma vasta morada vitoriana sombria onde Himmler costumava viver. Ao final de nossa sessão, o presidente disse: "Duvido da luta de classes. Os socialistas devem colocar toda a vida em uma nova base. O Rearmamento Moral contém as grandes verdades do humanismo, cristianismo e socialismo." Os alunos ficaram entusiasmados e nos pediram de volta. Eles trouxeram um grande grupo de jovens do Setor Russo para nos ouvir.

Ontem à noite, as primeiras cartas que recebi desde que deixei você, finalmente estão comigo. Entre elas estava uma de Buchman, de Caux. Sua confiança ao longo dos anos tem sido uma viga para minha vida e onde eu estaria sem ela hoje, Deus sabe. Mas você não precisa temer por mim. Minha primeira reação à carta foi uma certa dormência como a de um porco em Elmswell quando a tesoura é cortada em torno de sua cabeça, mas isso passou em poucos minutos e ontem à noite e esta manhã eu tenho verdadeira paz de coração. Às vezes sinto: "Bem, não sou nada bom para homem ou animal. Estou farto de qualquer coisa que valha a pena de qualquer maneira e quanto mais cedo eu morrer, melhor."

A carta de Buchman apontava sem rodeios alguns dos defeitos de Howard. Elmswell é a fábrica de bacon perto de Hill Farm.

P.D.H. para Doë Berlin

*Maio de 1949*

O céu é azul claro e através dele, noite e dia em intervalos de dois minutos, rugem os enormes aviões do transporte aéreo.

Meu coração tem estado muito com você pensando nos queridos Ant e Anne crescidos, voltando para a escola. Anne vai gostar deste último período. O pequeno e crescido Ant está apenas quebrando a casca de bebê para ser um garoto. É doloroso, mas alegre para ele. Muitas vezes desejo poupar meus filhos de algumas das dificuldades da vida, mas é claro que ninguém pode fazer isso.

Foram dias fascinantes aqui. Temos trabalhado quase inteiramente com os trabalhadores e os sindicatos. O Lorde Mayor é Reuther. Ele fala quatro idiomas e foi o primeiro comissário de Lenin na área do Volga. Lenin o denunciou como muito independente. Reuther, que nos deu uma recepção ontem, admira muito Lenin, mas pensa que Stalin é um pobre peixe. Ele é otimista e não é tolo. Acha que a fachada do Kremlin é muito fina e que existe uma perspectiva real de uma rachadura repentina em toda a frente. Pessoalmente, não vejo nada disso.

Conhecemos o chefe da UGO, do sindicato, que já foi trabalhador agrícola, policial, marinheiro e deputado federal. Uma de suas primeiras observações foi: "Não quero *Wesley* da Grã-Bretanha ou *Father Divine* da América". Esses homens odeiam a religião porque não sabem o que é. Eles respondem imediatamente a uma qualidade de coração e vida e a padrões absolutos. Eles obtêm um conceito ideológico. Este homem terminou perguntando. "Como posso encontrar em meu coração a paz para discernir o que é certo?" Ele tirou uma nota de vinte marcos do bolso para nos dar.

Foi interessante nesta viagem a Berlim que, embora a resposta tenha sido colossal e os alemães tenham respondido muito às palavras de Irène Laure sobre as falhas da França e às palavras de Jaeger<sup>50</sup> sobre as deficiências da Grã-Bretanha, não houve um sussurro de nenhum alemão sobre qualquer senso de responsabilidade pelo passado ou presente. Muitos dos que vimos tinham sofrido com Hitler e sentiram que tinham feito mais do que a maioria de nós. Outros achavam que Hitler enlouquecera e os levava ao desastre, mas o fato de ele ter falhado era a principal crítica que faziam a ele. Um homem achou irracional que os holandeses quatro anos depois da guerra ainda estivessem ressentidos com a violação de sua nação e disse que os alemães poderiam ter que levar o comércio para outros países se os holandeses persistissem em sua atitude. É uma batalha quebrar o cerne do orgulho de cada nação, suponho.

Madame Irène Laure, que estava em Berlim com Howard, foi por muitos anos membro do Parlamento de Marselha, membro executivo do Partido Socialista e chefe das mulheres socialistas de seu país. Durante a guerra, ela foi uma figura importante na Resistência Francesa. Howard escreveu:

“Seu filho foi torturado para forçá-la a revelar os segredos da Resistência.

"Ela foi convidada para Caux. Ela foi com ceticismo, mas pensando que seria um bom feriado para ela e seu filho. Em seu primeiro dia lá, ouviu alguns alemães se dirigindo à Assembleia, mas esses alemães estavam enfrentando honestamente os erros do passado e a necessidade de mudança de sua própria nação.

“A francesa estava agitada. Durante três semanas, como ela diz, 'tentei encontrar a pulga na palha'. Não havia pulga. Era a realidade. O ferro do ódio derreteu. Ela mudou. Foi para a Alemanha e morou nas casas dos alemães e falou para milhões no rádio e em reuniões de massa. Ela falou em sete dos parlamentos dos estados da Alemanha Ocidental.

"Irène diz: 'Você pode imaginar o que significou para mim, ir para a Alemanha? No meu coração, eu desejei as ruínas que vi lá. Sou mãe e avó, sou socialista e toda a minha vida falei de fraternidade, mas eu ansiava por aquelas ruínas. Tive que pedir perdão pelo meu ódio àquelas pessoas que viviam nas ruínas. Tive que pedir perdão àquelas tantas mil mulheres que, entre cinzas e cansaço, limpavam o escombros em Berlim.

" 'Não me esqueço das ruínas em meu próprio país ou em outros que os alemães invadiram. De jeito nenhum. Mas o que pude fazer foi enfrentar meu próprio ódio e pedir perdão por ele. A mudança em mim trouxe mudança em muitos alemães.'

---

<sup>50</sup> Sr. William Jaeger, por trinta anos trabalhou a nível mundial e industrial para o RAM.

Chegou a Berlim um telegrama convidando todos os membros do partido, exceto Howard, a juntarem-se a Buchman na Suíça. Howard foi para casa. Nas férias acampava na fazenda com os filhos.

P.D.H. aos seus pais:

Queridos mamãe e papai, eu tenho feito nos últimos quatro dias algo que eu não fazia há vinte anos. Tenho dormido ao ar livre em uma barraca com as crianças.

Vinte anos atrás eu costumava dormir como um cachorro a noite toda ao relento. Isso não é assim agora. Mas descanso com profunda paz em meu coração, ouvindo os sons da noite ao meu redor.

Lá em Abbott's Hall<sup>51</sup> há muitos rouxinóis. Eles cantam a noite toda, e quando o vento está silencioso, você pode ouvir o pulsar de suas notas mais profundas e entender a força do corpo que um pequeno pássaro usa para cantar um tom tão alto e variado.

Em algum lugar distante, acho que talvez em *Waldingfield*, você pode ouvir uma igreja marcando as horas. Caso contrário, não há nada além do bater da lona na brisa, os passos da chuva e o vento dedilhando as cordas das árvores.

Meu coração viajou muitos anos e quilômetros enquanto eu estava lá fora, à noite. Lembrei-me do *Cherrybrook* e do *Dart*, e da truta de papai, vermelha e prateada entre os juncos no final do dia. Lembrei-me do velho fazendeiro White e da srta. Redstone jogando *whist* com vocês dois, e acusando-os de trapacear quando papai mexeu no topete. Lembrei-me de longas esperas com mamãe ao lado de chaleiras que se recusavam a ferver em madeira úmida antes de papai chegar caminhando sobre a urze, apenas uma ou duas horas depois de ele ser esperado.

Lembrei-me de tantos dias de intensa felicidade juntos em Cumberland, Dartmoor, Escócia, País de Gales e até mesmo em lugares menos selvagens como Brighton ou Bexhill-on-Sea.

À medida que envelheço, não sinto a tremenda onda de felicidade com os cheiros e sons do rio e com as cores das montanhas e das charnecas. Mas, de uma maneira estranha, os tempos que passamos nesses lugares trazem um contentamento mais profundo agora do que nunca.

Deitado lá fora durante a noite, muitas coisas pareciam se encaixar. Eu estava pensando muito no velho John, e ele parecia muito próximo de mim às vezes. Sob as estrelas parece haver mais espaço e certeza do que durante a luz do dia e os negócios do dia, e eu me senti cada vez mais certo de que esses anos aqui são uma pequena parte de uma grande história.

---

<sup>51</sup> Uma das casas da Fazenda Hill

Juventude e idade, fracasso e sucesso, nada importa muito, exceto que Deus está presente e nos ama, e perdoa companheiros como eu, assim como nós perdoamos uns aos outros.

De manhã, deixava os meninos dormindo na barraca e saía todos os dias para o sol. Os coelhos foram se afastando na minha frente deixando rastros de grama verde atrás deles na prata do orvalho. No topo do olmo, um velho cuco estava sentado gritando comigo. Eu alimentava os novilhos, e voltava ao acampamento para acender o fogo e preparar o café da manhã antes do dia de trabalho.

Foi só em fevereiro de 1950 que Peter Howard teve notícias de Frank Buchman novamente. Ele recebeu um convite para se juntar a Buchman em Roma. Passou por Lille e Paris.

P.D.H. para Doë

*Paris*  
*18 de fevereiro de 1950*

O tempo em Lille foi maravilhoso. Tivemos uma conferência de imprensa única, sobre os melhores resultados que já conheci. Quarenta jornalistas e suas esposas estavam lá, e tivemos reportagens positivas em todos os jornais de Lille, exceto o comunista desta manhã.

Dali seguimos para ser recebidos pelo Cardeal em seu Palácio. Ele falou por cerca de vinte minutos, dizendo ao final: "Estou feliz em poder dizer a vocês que aprovo seu trabalho e vou pedir a Deus que os abençoe."

P.D.H. para Doë

*A caminho de Roma*  
*19 de fevereiro então*

Onde, no mundo, você pensa que eu estou? Estou sentada em meu roupão no quarto vago do apartamento de Tante Marie<sup>52</sup>, em Monte Carlo, com o sol da manhã entrando pela janela.

À medida que nos aproximávamos cada vez mais de Mônaco, eu não conseguia lembrar o endereço. Mas quando chegamos a Nice à uma hora ontem, eu olhei no livro local e, louvado seja Deus, o nome dela estava nele. Liguei para ela imediatamente. Ela não podia acreditar que era eu e perguntou freneticamente por você. Então ela me mandou vir imediatamente. Peguei o ônibus na parte superior da

---

<sup>52</sup> A tia de Doe, que os Howard não viam desde antes da guerra.

Corniche. Tante Marie estava lá no ponto de ônibus para me receber, e ela e Audrey (a companheira) - mudaram muito pouco - me deram um tempo real.

Nunca mais voltamos à sua casa desde que nos casamos, e não pude deixar de lembrar, enquanto dirigia sem você pela Provença, o quanto ansiava por construir a vida perfeita com você.

quando fui lá pela última vez para me casar com você, e quanto planejei e esperei fazer com você e para você, e quantas vezes falhei em fazê-lo. Mas para mim esses anos com todos os sonhos desvanecidos e esperanças quebradas foram um espetáculo de aventura sem fim que me trouxe uma felicidade além de qualquer coisa que eu esperava quando partimos. E, de fato, agradeço de todo o meu coração. Você é uma esposa maravilhosa para mim, e o futuro está cheio de alegria com você para compartilhá-lo.

P.D.H. para Doe

*Roma*  
*Fevereiro de 1950*

Aqui estamos morando na antiga Academia Militar Italiana, ao lado de São Pedro. Ainda há grande riqueza e muita inteligência em Roma. Os pobres são muito pobres e os ricos são muito ricos. Mas há poucos sinais de uma nação conquistada até que você entre no campo devastado que foi destruído durante a retirada alemã para o norte.

Ontem à noite pegamos um carro e fomos ver o Coliseu ao luar. Era estranho ficar nos lugares onde guardavam os leões e também os cristãos. Havia assentos para mais de meio milhão de pessoas e todos podiam ter uma visão melhor do que estava acontecendo do que a maioria das pessoas em uma partida de futebol moderno. Também ficamos do lado de fora do Vaticano e vimos as luzes acesas lá. Eles estão em meio a escavações sob o altar de São Pedro. Dizem que encontraram os ossos do santo lá.

Estranho ficar na grande praça onde Musso costumava fazer seus discursos e olhar para o pequeno balcão deserto de onde rolaria o trovão daquele homem de poder, ecoado por "*Il Duce. Il Duce*", pela multidão. Agora é nu e pobre. Multidões passam sem olhar para cima. É interessante a rapidez com que esses poderosos podem cair. Musso dominou esta cena tão completamente quanto qualquer ditador domina qualquer nação hoje, mas agora ele se foi em uma lufada de vento e ainda estamos nisso.

Foi em Roma que Howard encontrou a liberdade e o compromisso que havia buscado por mais de quatro dolorosos anos:

"Não consegui construir amizade com Buchman tentando fazer o que achava que iria agradá-lo. Ele lutou fortemente, com uma ferocidade que parecia irracional, mas que funcionou, contra a fraqueza

daqueles que tentavam confiar nele como homem. Mas se eu estava dando tudo em uma batalha, encontrei-me em uma camaradagem natural e estimulante ao seu lado. Ele acreditava que esse era o elo normal de todos os que amam a Deus. Eu não poderia merecer sua amizade. Ele a deu livremente aos corações em luta ao seu redor. Certo ou errado, ele diria o que sentia, e esperava que todos fizessem o mesmo.

“Salgado com o fogo da disciplina', era uma frase que ele amava e repetia. Ele citou as palavras de William Penn que ressoam através dos tempos: 'Os homens devem escolher ser governados por Deus ou se condenarão a serem governados por tiranos.' Ele sabia que isso era verdade não apenas para as nações que lutavam para manter sua liberdade, mas também para todo homem que desejasse se livrar da tirania da ditadura no lar ou da escravidão da derrota pelo vício ou pelo hábito.”

Naquela Páscoa em Roma, Howard teve dois pensamentos claros: "Viva a pureza absoluta pelo amor de Deus. O coração dessa ideia será seu lar permanente pelo resto de sua vida."

"Isso representou para mim o mesmo corte de toda a segurança humana que Buchman enfrentou quando desistiu de seu emprego remunerado. Pode significar nunca mais voltar para minha casa ou meu país. Significa estar pronto para tudo e qualquer coisa que Deus exija."

P.D.H. para Doë

*Roma*

*Março de 1950*

Há muitos dias, em vão, tento sentar-me à minha máquina de escrever e enviar o relato de nosso tempo em São Pedro, quando vimos o Papa carregado em glória em seu Trono, nossa visita às Catacumbas e ao Villa d'Este, mas a vida tem sido ininterrupta das cinco e meia até meia-noite na maioria dos dias para mim.

Esta viagem, de certa forma, significou para mim algo como a experiência que Buchman teve no *Lake District*. E embora não tenha me dado suas qualidades, me deu seu nível de comprometimento. Sustenha-me nisso.

Pensando no futuro, sei que a experiência da Cruz é o único cimento do nosso trabalho. Qualquer divisão em nosso próprio trabalho ou em qualquer outro trabalho veio de uma recusa em enfrentá-lo. Acaba com o medo e o favor. Precisamos de homens agora que não façam nada, exceto fornecer um núcleo para Deus pelo resto de suas vidas, homens que farão tudo juntos e nada sozinhos.

Uma coisa está clara para mim: se não estamos ganhando homens para a experiência mais profunda, não estamos vivendo uma ideologia. Isso não significa que você pode levar todos de uma vez, mas que alguns

chegam com você o tempo todo. Buchman é muito direto e pé no chão e não se intimida com quem não gosta.

Tenho pensado muito na juventude. Meu coração está muito com eles. Sinto que muitos deles, se não a maioria, nunca conheceram esta experiência mais profunda da Cruz onde a sua vontade própria é entregue. O que você obtém é uma filosofia de aço, adornada e tornada charmosa pela atração da juventude que decidiu seguir seu próprio caminho em muitos pontos e grita "ditadura" se alguém tentar impedi-la. Os adultos não devem sufocar ou estereotipar os jovens. Da mesma forma, devemos mudar esse espírito em alguns dos jovens que pensam estar prestando ao mundo um serviço pioneiro por meio de rebelião e da ousadia.

P.D.H. para Doë

*Roma*  
*Março de 1950*

Meu trabalho principal é com a juventude. Eles são tão encantadores quanto o céu e tão egoístas como o inferno. Num piscar de olhos, saem à noite - mulheres, cigarros, bebidas. Os jovens estão famintos por diversão e também pela verdade espiritual mais profunda que você pode dar. O que os mantém não é o que é dito, mas uma qualidade de vida – padrões morais absolutos o tempo todo. Você não pode permitir uma palavra ou momento fora dos eixos. Se o fizer, você os perderá. É interessante que as pessoas que os enganam, cavalgam com eles e contam todo tipo de piada azulada por medo de serem considerados piedosos, e os perdem no final.

Para Howard, isso marcou um divisor de águas em sua vida. Isso também o trouxe de volta para o lado de Buchman: "Eu estava andando por um corredor e a voz de Buchman disse: 'Como nos velhos tempos, não é, Peter?' Isso foi tudo."

P.D.H. para Doë

*Roma*  
*16 de março de 1950*

Nos últimos dias em Roma, tive os melhores momentos de minha vida com Buchman. Não houve nada de dramático nisso. Falei com ele nos termos mais completos e simples sobre todo o futuro da obra. A maneira como ele se moveu para o cerne da situação aqui é uma educação. Ele é tão engraçado.

“Aleluia,” ele disse outro dia. E quando um dos jovens americanos pareceu inexpressivo, Buchman acrescentou: "Esse é o grito da nossa faculdade."

P.D.H. para Doë

*Roma*  
*17 de março de 1950*

Depois do chá de ontem, toda a multidão foi ao cinema enquanto eu fiquei para cuidar de Buchman. Conversamos sobre todo o passado. Eu disse a ele que sentia que era minha culpa não ter vivido ao seu lado e fugido dele.

"Sim, eu senti que você fez isso", disse Buchman. "Acho que foi tudo culpa minha. Eu poderia ter facilitado as coisas para você. Eu poderia ter falado com você desde o início, mas me faltou forças ou talvez não fosse o momento." Eu disse que às vezes você chegava ao ponto onde, sem pecado consciente, simplesmente não sabia para onde e como ir. "Eu entendo isso", disse Buchman, "e eu senti isso em você, mas sempre, sempre soube que você mudaria."

Buchman sente que alguns jovens passaram a pensar que são tudo o que importa, que sabem todas as respostas e que seu trabalho é nos ajudar, rebelando-se contra a autoridade dos mais velhos da forma mais pública e frequente possível. Para um centro, ele enviou o seguinte telegrama ontem: "A juventude não é tudo. Se eles não trabalham como todo mundo, mande-os para casa. Com meus melhores cumprimentos, Frank."

Aqueles dias em Roma foram o começo para Howard de onze anos de trabalho árduo com Buchman. Havia Deus no centro do relacionamento e nenhuma falsa lealdade ao homem. Esta experiência não foi apenas pessoal. Isso liberou Howard para uma liderança que impactaria muitas nações, bem como inúmeros indivíduos. Ele não tinha nada do glamour do poder pessoal. Ele não estava no comando de nenhum país. Mas ele se tornou uma força potente e relâmpago na batalha do bem contra o mal, do Deus Todo-Poderoso contra o homem todo-poderoso.

## **A PRIMAVERA**

A primavera, com sua cor, calor e perfume,  
estação brotamento e renascimento,  
Anuncia a colheita para a terra.

E assim como Deus desenhou no céu  
Seu arco de simetria mística —  
Uma aliança de majestade,  
Que os homens não precisam mais temer uma inundação  
como símbolo da ira de Deus -  
Assim ano após ano Ele envia a primavera,  
Promessa e perdão se misturando,  
Enquanto Cristo eterno da Cruz,  
a recompensa concede da perda total.  
A terra quebrada, fria e estagnada  
Acelera com milagres de nascimento,  
E espíritos quebrantados, contritos, frios,  
São curados com múltiplas bênçãos,  
Enquanto esperanças, corações e colheitas  
Agitam-se com renovação na primavera.  
Na Páscoa, o poder, a alegria,  
Corre descalço como um garotinho  
Através da terra, em folia.  
Na Páscoa, a alegria, o poder,  
Sobe como seiva. A hora mágica,  
Quando a esperança se aquecer com a certeza  
Dos milagres que veremos,  
Da colheita nos campos novamente  
E colher no coração dos homens –  
o Reino de Deus depois do suor e da dor.  
Sim, a morte se torna uma coisa maravilhosa  
Cruz intermediária e açafão na primavera.  
A beleza é livre para passear no exterior  
E espalhar a glória do Senhor.  
Os rígidos colarinhos brancos da geada  
Derretam-se das cercas vivas e, gravem

Com primula e anêmona,  
As vestes da Páscoa esquentam a cada dia.  
Toques de primavera com a bainha de sua roupa  
Os matagais enquanto ela os enfeita com guirlandas;  
Com verde e flor encobre o espinho  
Que coroou um Rei numa madrugada amarga.  
O tordo, com o peito tão vermelho  
Enquanto corria o sangue daquela cabeça curvada  
Com bico e garras seu minúsculo tear,  
Tece e tece novamente sua singela casa.  
Folhas de esqueleto e crina de cavalo  
O urso de tecido e fundação  
O tecido e a base carregam,  
Com habilidade sua oração perfeita.  
Os montões empilhados erguem-se no meio do zumbido  
E alvoroço do tambor faminto.  
A fina e prateada palha do trigo,  
Como o cabelo loiro acinzentado em seus pés,  
Com ouro palha e palha marrom de feijão,  
Para construir a próspera cidade de pilhagem.  
Enquanto do tambor os sacos vão enchendo  
De grão para gado e moendo –  
O mesmo grão de milho  
Que Jesus comeu em um sábado de manhã.  
E desde então, disse,  
Um bebê no trigo é colocado.  
Envolto em palha, em cada grão  
Você O vê ressurgir da morte novamente.  
Na primavera o cavaleiro dirige seu arado  
E faz os sulcos linha por linha,  
Como ondulações de uma maré crescente

Através da terra, eles cavalgam —  
Em seguida, colhe para matar o joio e as ervas daninhas,  
Com brocas para semear as sementes que crescem.  
E alguns cairão e nunca crescerão,  
Arrebatados imediatamente por uma torre ou corvo.  
E alguns cairão em terreno pedregoso;  
Então, sem raízes, murcho serão encontrados  
Na chama do sol. E alguns vão sufocar  
Meio cardo, garra do diabo e doca.  
E alguns brilharão com o ouro da colheita  
Cento e cem vezes,  
Assim como há dois mil anos  
O Filho do Homem assim o predisse.  
Ele caminha pela terra no dia da Páscoa,  
vivificando em fertilidade.  
Na primavera o mar obedece a vontade  
Daquele que sussurrou "Paz, fique quieto."  
O oceano enrugado se ajoelha e rasteja  
Contra as altas paredes da ilha,  
E as gaivotas cortam o céu com sua foice,  
Dobrando seu antigo lavrador  
Colher frutos do mar entre as cavernas  
E lagoas transbordando com as ondas —  
Caranguejos e camarões e peixes com conchas  
De cada célula esmaltada e retorcida.  
Os sons e aromas e mistério  
Que lhes deu fome de mar,  
Os pescadores da Galiléia —  
E à beira-mar Cristo apareceu,  
Enquanto Pedro pescava e outros temiam  
Aquela primeira Páscoa infalível,

O que disse ao mundo que Cristo não havia morrido.

Oh! céu é a terra e a terra é o céu

Para saber que o Cristo Rei ressuscitou,

Para saber que a história da Páscoa é verdadeira

Que Jesus fez novas todas as coisas –

Terra, oceano, homens e nações também.

Cristo ressuscitou

Do túmulo na terra ao trono no céu.

O mundo é novo, nossos pecados perdoados.

Aleluia!

## Capítulo 12

A partir de 1950, Peter Howard trabalhou ao lado de Buchman. Ele estava com ele em Caux naquele verão, quando o primeiro grupo representativo a deixar o Japão desde a guerra chegou lá. Ele escreveu naquele momento:

"O partido dos setenta e seis incluiu os governadores de sete prefeituras; deputados de todos os partidos; os prefeitos de várias cidades, incluindo Hiroshima e Nagasaki; empresários; líderes sindicais; e personalidades importantes da educação, imprensa e rádio.

"Antes de partirem, o primeiro-ministro, o Sr. Yoshida, disse-lhes: 'Em 1870, um grupo representativo de japoneses viajou para o Ocidente. Em seu retorno, eles mudaram o curso da vida japonesa. Acredito que, quando esta delegação retornar, você também, vai abrir uma nova página na nossa história.'

"Em Caux, os japoneses começaram a padronizar entre si o segredo da unidade de sua nação. Um dos delegados era o Sr. Eiji Suzuki, chefe de polícia de Osaka. Sua esposa disse que nunca sabe quando ele sai de casa pela manhã se ele voltará em segurança à noite. Ele é um homem grande com uma máscara de dureza que seu trabalho exige. Um de seus inimigos ferrenhos era outro membro da delegação, o Sr. Katsuji Nakajima, um líder do Sindicato dos Metalúrgicos do Japão.

"Nakajima tem pouco mais da metade do tamanho do chefe de polícia, mas cheio de luta. Ele estava em Hiroshima quando a bomba caiu e carrega as marcas dela até hoje. Ele detestava tanto o chefe de polícia que durante todo o caminho no avião não falava com ele.

"Seus olhos brilham com fogo por trás de seus óculos. Mas a água das lágrimas apagou o fogo quando ele foi ver o chefe de polícia um dia em Caux e implorou perdão por seu ódio.

"No dia seguinte, o chefe de polícia pediu perdão ao Sr. Nakajima por seu ódio aos socialistas e comunistas. Ele disse: 'Fui dominado por seu tremendo espírito.'

"Alguém de outro país, que viveu por anos no Japão e conhece a grande reserva e o devido orgulho de seu povo, disse que se não tivesse visto isso com seus próprios olhos nunca teria acreditado que isso fosse possível. Um dos membros da Dieta Japonesa o descreveu como 'o maior presente que poderia ser dado ao Japão. Ele responde ao ódio que ameaça dilacerar o Japão com a guerra civil'.

"Os japoneses resumiram o significado de sua jornada em uma declaração publicada no *The Observer*. Eles disseram: 'A Rússia avançou na Ásia porque o governo soviético entende a arte da guerra ideológica. Ele luta pelas mentes dos homens. Apelamos aos governos e povos do Ocidente para que

façam o mesmo— que se tornem especialistas na filosofia e na prática do Rearmamento Moral, que é a ideologia do futuro. Então toda a Ásia ouvirá."

Quando os japoneses chegaram a Washington naquele julho, eles foram os primeiros japoneses na história a se dirigir às duas Casas do Congresso. Howard escreveu:

"O discurso do Sr. Kuriyama<sup>53</sup> foi interrompido por fortes aplausos. Os senadores levantaram-se para ele quando terminou seu discurso. Ele disse: 'Fomos a Caux em busca do verdadeiro conteúdo da democracia. Encontramos a ideologia que alimentará a democracia no Japão.' Então ele continuou: 'Lamentamos sinceramente o grande erro do Japão. Quebramos uma amizade de quase um século entre nossos dois países. ' O Senado e as galerias sentaram-se em silêncio mortal, profundamente comovidos com seu pedido de desculpas.

"O *New York Times* comentou: 'A paz e a boa vontade podem retornar, mesmo após os eventos mais terríveis. Os prefeitos de Hiroshima e Nagasaki estavam entre os visitantes de ontem ao Congresso. Se eles sentiram que também tinham algo a perdoar, eles alcançaram esse milagre ... Por um momento, pode-se ver da escuridão atual os anos em que todos os homens serão irmãos.' "

Nos dois anos seguintes, Howard passou muitos meses na América. A dor de se separar de sua família não diminuiu com o passar dos anos. Seu filho, Philip, ganhou uma bolsa de estudos para Eton. Em seguida, para Oxford. Mas seu pai raramente podia visitá-lo. Ele perdeu todos os eventos do último semestre de Philip em Eton e os mandatos subsequentes em Oxford. Foi o mesmo para Anne e Anthony. E, acima de tudo, para Doë, que cuidou das crianças e lhe deu apoio e encorajamento através de três mil milhas de oceano.

P.D.H. para Doë

*U.S.A.*  
*1951*

É sempre um inferno dizer adeus. Devo dizer que me encontrei perto de lágrimas quando vi Ant chorando. Ele é um rapaz querido e eu gostaria de ter feito mais coisas com ele e por ele. Seu coração como o meu odeia dizer adeus àqueles que ama. Por alguma razão, esta separação de todos vocês foi difícil. Percebo que outro feriado veio e se foi com apenas um breve tempo em família.

---

<sup>53</sup> Sr. Chojiro Kuriyama, Membro do Partido do Governo da Dieta Japonesa.

Howard estava na América com uma segunda delegação japonesa.

P.D.H. para Doë

*Nova Iorque  
3 de maio de 1951*

Acabamos de estar em Washington com a delegação japonesa. Eles nos deram almoço na sala onde receberam MacArthur. O lugar estava tão cheio que Joe Martin, o orador, não conseguiu uma cadeira quando chegou atrasado.

P.D.H. para Doë

*Nova Iorque  
Maio de 1951*

Liguei para Beaverbrook esta manhã. Ele tinha acabado de desembarcar do Queen Elizabeth. Ouvi dizer que ele estava lá, então telefonei para o Waldorf. B. que ficou estupefato por eu saber tão cedo que ele estava na cidade. Contei a ele sobre Mackinac e ele disse: "Onde quer que eu vá, ouço falar de suas ações." Ele mencionou Kerr-Jarrett, que é o Custódio de St. James, Jamaica, e estava em Washington. "Você sabe o que é um Custódio?" ele perguntou. "Lorde Alto Executor", disse eu. Ele riu alto e longo. "Quero ver você e estarei procurando por você", disse ele.

P.D.H. para Doë

*Ilha de Mackinac  
1 de junho de 1951*

O homem do *New York Times* chegou ao raiar do dia ontem e Buchman foi ótimo com ele. Sua frase de abertura foi: "Sou pago para ser cínico". Diante disso, Buchman, ao apresentá-lo a todos ou a qualquer pessoa, comentou: "Agora, não dê a ele nada positivo. Dê a ele o que for negativo. Isso é o que ele quer." O sujeito ficou muito cativado por tudo isso.

O I.N.S. telefonou de Detroit no decorrer do dia e me fez correspondente pago para a Assembleia. É o primeiro trabalho remunerado que tenho desde Beaverbrook. Eu tenho que arquivar 250 palavras de manhã e à noite, o que não é muito desesperador, e eles vão me dar £100, o que é ruim, eu diria. Mas quanto vale o pão quando você não tem trigo? A A.P. quer 150 palavras e isso também cai na minha parte

não paga. A mulher da AP na ilha recebe os dólares e nós fazemos o trabalho, mas pelo menos atinge milhões de pessoas.

É uma alegria e também uma lição ter a chance de ver Buchman montando uma Assembleia como esta. Anteontem à noite ele sentiu uma dor muito forte. Estava em verdadeira agonia por um tempo. Seu único comentário foi: "Sempre recebo algo assim pouco antes dos grandes eventos. É para me deixar totalmente dependente de Deus, suponho." Sua oração naquela noite foi: "Faça de mim um homem melhor. E obrigado pela dor que purifica e fortalece. Amém."

O lilás está prestes a florescer aqui. A primavera chega tarde.

P.D.H. para Doë

*Detroit*  
*23 de junho de 1951*

Cheguei inesperadamente durante a noite a Detroit e vi uma visão notável na plataforma quando desembarcamos. John L. Lewis, que espera fundir as 600 Uniões dos Vaus locais (associação 75,000) com a sua própria, estava chegando para falar com eles. Havia uma banda de música e uma multidão de sindicalistas, a maioria deles usando chapéus com "solidariedade" escrito neles, já lá para dar as boas-vindas ao grande homem. Quando ele chegou, todos cantaram ao som do "Glória, glória, aleluia" as palavras de "Solidariedade para sempre. A união nos torna um".

John L. é um homem cansado, de rosto pálido, muito menor do que eu imaginava e um típico galês. Ele pode ter vindo direto do Rhondda. Ele ficou estimulado com as boas-vindas, mas parecia um leãozinho amarelo solitário saído de um livro infantil.

Estamos agora no aeroporto onde esperamos um avião. O que aconteceu foi que Eddy Rickenbacker<sup>54</sup> tem uma reunião com 200 de seus executivos de 87 cidades em Miami amanhã e eles telefonaram pedindo que falássemos com eles sobre o RAM.

O interesse por todas as companhias aéreas sediadas em Miami foi intenso desde o acordo surpresa, no início daquele ano, da disputa na National Airlines. Howard escreveu na época:

"No início de 1951, você poderia ter comprado o fundo de comércio de nossa companhia aérea por mil dólares, disse um membro do Conselho da National Airlines. 'Hoje você não poderia comprá-lo por milhões.'"

---

<sup>54</sup> Presidente da Eastern Airlines.

"Uma rixa que durou anos causou uma das greves mais longas da história das companhias aéreas e estava prestes a causar outra 'foi interrompida como resultado do Rearmamento Moral'. Assim, diz W. T. 'Slim' Babbitt, Vice - Presidente da Air Line Pilots' *Association of America* (ALPA).

"Dois homens estavam no centro dessa rivalidade. Um era o próprio Babbitt, o outro G. T. Baker, "Éramos dois inimigos mortais', diz 'Slim' Babbitt.

"Baker é duro e quadrado, um homem que lutou desde o início até o topo de uma grande empresa industrial. Nessa luta, ele se tornou implacável.

"'Slim' Babbitt é um personagem perspicaz e pé no chão. Ele é hábil na arte da negociação industrial e lutou sem medo ou favor dos interesses dos pilotos.

"O problema começou há muitos anos e a desconfiança, o medo e o ódio aumentaram constantemente. As coisas chegaram ao auge em fevereiro de 1948, quando Baker demitiu um piloto sem, como os pilotos acreditavam, dar-lhe uma chance justa de expor seu caso. Os pilotos da *National* entraram em greve. Baker tentou continuar apresentando pilotos não sindicalizados.

"Os pilotos sindicais contra-atacaram de várias maneiras. Serpentinhas foram atraídas por aviões sobre Miami, dizendo: 'Não voe pela *National*'. Livros de partidas foram distribuídos em hotéis com o mesmo slogan. Os escritórios da *National Airlines* foram piqueteados e os passageiros foram alertados de que as aeronaves da National não eram seguras.

"Baker entrou com uma reclamação de £5.000.000 contra eles por difamar sua empresa. Depois de dez meses, o Conselho de Aeronáutica Civil interveio. Eles ordenaram uma investigação para considerar o desmembramento da *National Airlines* e a divisão de seus serviços entre outras companhias aéreas.

"Finalmente, Baker concordou em colocar os pilotos do ALPA de volta ao trabalho. Mas, na verdade, o período entre 1948 e 1951 foi, para citar 'Slim' Babbitt, 'muito pior do que o ataque real'.

"Babbitt diz que naquele período a Associação de Pilotos gastou centenas de milhares de dólares em seus esforços para arruinar Baker.

"Baker comenta: 'Isso é duplicado para mim.'

"No final de 1950, Babbitt e os pilotos decidiram colocar a *National Airlines* e a Baker fora do mercado para sempre. A ordem de desmembramento do Conselho de Aeronáutica Civil ainda estava pendente e, em dezembro de 1950, Babbitt convocou os pilotos da *National* para um voto de greve, o que em sua mente significava o fim das companhias aéreas.

"É neste ponto que o Rearmamento Moral entra na história. Um empresário da Flórida, que conhece o Rearmamento Moral, mas não conhecia Baker, decidiu que os dois deveriam se conhecer. Executivos das companhias aéreas disseram a ele que seria impossível para ele ver Baker, mas o empresário não se intimidou, foi direto ao escritório de Baker e insistiu.

"Baker disse mais tarde sobre esta entrevista: 'Eu estava esperando pelo truque, mas ele nunca apareceu'. Naquela tarde, Baker foi ao escritório de seu vice-presidente a cada quinze ou vinte minutos. Sua mente começou a se mover em um novo nível. Ele disse: 'Não temos sido honestos. Eu sempre pensei que eu era o tipo de cara honesto com Deus - mas honestidade absoluta, isso é algo diferente.

"A notícia chegou a 'Slim' Babbitt sobre uma nova atitude em Baker. Ele não acreditou em uma palavra disso. Enviou alguns dos pilotos de negociação para ver o que estava acontecendo.

"Eles chegaram, sem esperar ver Baker, mas assim que ele soube que eles estavam lá, mandou chamar os pilotos até seu escritório. Eles nunca haviam estado lá antes. Pouco depois, um deles telefonou para Babbitt e disse: 'Onde você acha que estamos? Baker está fora da sala no momento, mas estamos em seu escritório, fumando seus charutos. Estamos a um metro e meio do chão e Baker está no teto e não conseguimos derrubá-lo.

"Baker propôs a Babbitt que a mediação sobre a greve pendente, marcada para 2 de janeiro pelo Conselho Nacional de Mediação, fosse adiada até depois da Assembleia de Rearmamento Moral que estava sendo realizada em Washington durante os primeiros dias de janeiro de 1951, e que Babbitt e alguns dos pilotos deveriam comparecer à Assembléia com Baker e alguns de seus executivos seniores.

"Babbitt estava desconfiado. Mas finalmente concordou. 'Fui estritamente para investigar a prisão', diz ele. Ele não ficaria no mesmo hotel em Washington que Baker e os outros delegados.

"Mas eles se conheceram após a apresentação de uma das peças do RAM. Exceto no tribunal, esta foi a primeira vez que os homens se encontraram pessoalmente. Eles foram para um quarto de hotel e conversaram. 'Chegamos mais longe em três horas do que nos três anos anteriores', disseram mais tarde. Babbitt e Baker começaram a falar sobre a situação mundial. Então houve uma pausa. Baker disse de repente: 'Eu estava errado.' Ele começou a contar a Babbitt sobre os lugares onde sentiu que havia falhado em fazer a coisa certa ao lidar com os pilotos. "Ele não culpou os pilotos nem uma vez", disse Babbitt, "em nenhum ponto."

"Babbitt admitiu a Baker que havia 'inventado' muitas das treze queixas de greve que estavam em questão como parte da campanha para arruinar Baker.

Baker e seus executivos, Babbitt e os pilotos voaram de volta para a Flórida. Babbitt telegrafou à Assembleia de Rearmamento Moral na época: 'Agora estamos ocupados na mecânica de cortar as cordas que retardaram a *National Airlines*, bem como seus pilotos assim os dois estarão livres para seguir em frente como uma equipe para construir uma companhia aérea com potencial ilimitado para ambas as partes. Até que eu obtenha mais informações, devo me referir ao RAM como uma droga maravilhosa que transforma as pessoas em verdadeiros seres humanos.'

"Em março, eles anunciaram o acordo à imprensa. O Conselho de Aeronáutica Civil retirou sua ordem de desmembramento pendente. Os bancos, que por anos relutaram em adiantar dinheiro ao *National*, emprestaram o suficiente para comprar vários novos aviões.

"Esses eventos foram notícia de primeira página na América. O Miami Herald deu a seguinte manchete: 'Rearmamento Moral inaugura a era do entendimento...'

"O acordo da rixa entre Baker e Babbitt não significa, é claro, que todas as queixas foram encerradas para sempre no *National*. Significa que um gargalo industrial que estava matando a linha foi quebrado.

"D. W. Rentzel, presidente do Conselho de Aeronáutica Civil, emitiu a seguinte declaração pública: 'Para aqueles familiarizados com a longa história de disputa amarga, a transformação na atitude das partes foi quase milagrosa. "

P.D.H. para Doë

*Columbus Hotel*  
*Miami, 25 de junho de 1951*

Estivemos com 250 executivos da Rickenbacker por duas horas e meia. No final, todos se levantaram e aplaudiram como bilhão, o que naquele calor provavelmente foi puro alívio porque a coisa acabou.

Seu encorajamento e reflexão sobre minha escrita significam muito. Para ser honesto, sempre sinto que há uma escrita melhor em mim do que nunca. Escrever da melhor forma leva tempo e suor. É difícil fazer em uma base de bater e correr. De alguma forma, preciso planejar minha vida onde todos os dias escrevo por uma hora ou mais. Na estrada parece impossível, mas um dia conseguiremos juntos.

P.D.H. para Doë

*Chicago*  
*27 de junho de 1951*

Fomos almoçar cedo hoje com o professor Moon. Ele é um dos homens nucleares. Entreteve vinte e cinco de nós no mesmo bloco de prédios onde, em 1942, foi produzida a primeira reação em cadeia da energia nuclear. Seus convidados eram principalmente japoneses, alguns dos quais haviam perdido tudo em Hiroshima e Nagasaki. Moon falou. Da mesma forma, o chefe do corpo discente da Universidade de Osaka e três professores da Universidade de Chicago. Também seu humilde marido e chefe de 300.000 trabalhadores têxteis no Japão. Depois passamos a ser recebidos pelo Prefeito. Mais tarde, estávamos na televisão. Às cinco da tarde, saímos para jantar cedo em uma fábrica moderna no lado norte. Em seguida, para uma reunião pública, para a qual a imprensa está chegando. Então cama, eu espero!

P.D.H. para Doë

*Detroit*  
*1º de julho de 1951*

Estava muito quente ontem à noite em Detroit, 96 graus. Eu estava cansado, Barrett<sup>55</sup> estava voando para casa e você estava muito longe. Fiquei muito sozinha de repente. Então, no ônibus que vai da estação aérea para a cidade, subiu um garotinho negro de uns oito anos. Ele se sentou ao meu lado. Havia voado de Hotsprings, Arkansas, onde estava hospitalizado desde janeiro. Ele estava todo animado para ver sua mãe novamente. Para dizer a verdade, ele me lembrou muito a Ant com sua maneira de ser. Quando perguntei seu nome, ele respondeu: "Eles me chamam de Gee-wizz." De qualquer forma, essa criança tagarelava. Ele me animou consideravelmente.

P.D.H. para Doë

*17 de julho de 1951*

Estou navegando alegremente em um trem de volta para St. Ignace. No avião hoje estava a maior parte do conselho da *Chicago and Southern Airlines*, que acaba de se fundir com a *Delta*. Eles me pediram

---

<sup>55</sup> Sr. R. M. S. Barrett de Edimburgo. Trabalhou com o RAM desde 1932.

para encaminhar para a cabine perto do lugar do piloto onde estavam sentados. Eles começaram dizendo rudemente que não estavam totalmente convencidos do RAM. Eu respondi com igual vigor que eu não fui vendido na *C. & S. Airlines*, mas pelo menos eu estava tentando ver como funcionava. Então, tivemos uma hora valiosa.

O trem acaba de passar por um pântano de onde uma nuvem de patos selvagens se ergueu e voou como flechas quando chegamos ao nível. Então uma visão trágica, um lugar que um dia deve ter sido um magnífico rancho, escavado na imensidão da floresta, de pelo menos doze prédios e uma bela casa, que estava deserta. Os telhados dos prédios acabaram de desabar como chapéus sobre as ruínas. Você pode ver onde antes estavam os campos e as cercas. Mas agora a floresta está crescendo de novo e em alguns anos, suponho, tudo isso terá desaparecido.

P.D.H. para Doë

*Miami*  
*Janeiro de 1952*

Uma grande coisa aconteceu na greve de ônibus aqui. Pawley<sup>56</sup> telegrafou de Portugal, onde voou com Lovett<sup>57</sup> para a reunião da OTAN, pedindo a mim e a Newton que aceitássemos e transmitíssemos aos outros seus agradecimentos pelo 'magnífico apoio do RAM em ajudar a resolver a greve dos ônibus de trânsito de Miami'. Na medida em que o crédito humano pode ser tomado, ele pertence a Buchman, que teve toda a ideia e lutou para realizá-la. Deus tem operado Suas maravilhas.

Buchman vai ser operado. Ele vai para o hospital hoje e é operado depois de amanhã. Ele me disse: "Obrigado por tudo. Não te verei por alguns dias e se este for o fim, ora, o que é isso? Existe vida após a morte."

Esta noite temos outra reunião de treinamento pela qual sou responsável. Nunca estive tão fisicamente exausto. Nosso pessoal aqui precisa aprender que o RAM não é uma ideia que se promove. São pessoas com uma paixão revolucionária para corrigir o que está errado - uma paixão revolucionária tão consumidora quanto a paixão revolucionária de qualquer um dos ismos, mas trazendo mudança através da mudança na natureza humana - não no céu e no ar, mas com os pés no chão e lidando com os problemas reais atuais.

---

<sup>56</sup> Sr. William D. Pawley, Sr., Presidente da Miami Bus Company e Embaixador Americano no Brasil e no Peru.

<sup>57</sup> Sr. Robert A. Lovett, Secretário da Defesa.

P.D.H. para Doë

*7 de março de 1952*

Acabo de chegar de um corte de cabelo feito por um barbeiro grego. Ele queria cortar minhas sobrancelhas também, mas eu o impedi. Ele me disse em um forte sotaque grego: "Irmão, você com certeza está perdendo o cabelo." Achei que ele ia me vender um tônico capilar, mas em vez disso ele me disse para escovar três vezes ao dia com uma escova dura. Apontando para sua própria cabeça careca, ele acrescentou: "Eu não fiz isso."

Ele deixou Corinto há trinta anos, como um jovem de vinte e quatro anos. Ele havia economizado o suficiente em 1930 para viajar para casa quando um acidente aconteceu. Ele perdeu tudo. Ficou no hospital por um mês porque o choque quase o deixou louco. "Às vezes me pergunto se estou realmente bem ainda", disse ele sorrindo e acenando com uma navalha cortante para mim. Ele nunca mais voltou. O pai dele morreu. Sua mãe tem oitenta anos e deseja vê-lo antes de morrer. Ele manda latas de manteiga para ela e espera voltar este ano.

A única tristeza que tenho é sobre o último semestre de Philip em Eton. Eu daria meus dentes de trás para ouvi-lo falar em 4 de junho e todas as outras coisas associadas ao clímax de seus anos em Eton.

P.D.H. para Doë

*Miami*

*18 de março de 1952*

Ainda temos que lutar contra uma mentalidade organizacional arraigada. Há uma curiosa convicção de que, por meio da atividade organizada, as pessoas mudarão e as nações mudarão. Se a atividade organizada o fizesse, a ONU teria sido eficaz há muito tempo. Claro que é um procedimento muito mais barato do que a cruz.

Eu estava andando ontem à noite no campo de golfe. Na verdade, joguei dois buracos com Campbell<sup>58</sup> com um ferro número quatro ao anoitecer e vi um par de cardeais, vermelho escuro com pequenas cristas. Também um pica-pau de cores vivas.

É bom sentar com você por um tempo. Quase posso acreditar que, se eu falar, você me responderá.

---

<sup>58</sup> Dr. Paul Campbell, da equipe do Hospital Henry Ford, Detroit, 1938-42. Mais tarde, o médico pessoal do Dr. Buchman.

P.D.H. para Doë

*(casa do F.N.D.B.)*

*7 de abril de 1952*

Chegamos ontem depois de uma agradável viagem de trem de seis horas. Os preços na ferrovia aqui são péssimos - \$ 3 para um jantar indiferente e 81,65 para chá e sanduíche.

Buchman estava falando sobre sua mãe e seu pai esta manhã. É comovente o quanto a memória de sua família ainda significa. Ele disse: "Papai era um homem incrivelmente bonito. Ele se aposentou aos quarenta e um e morreu aos oitenta. Ele era um grande horticultor. Algumas de suas macieiras ainda existem. Minha avó, Greenwalt, usava suas próprias sedas espartilhos. Isso era o equivalente a andar em um Cadillac hoje. O lugar deles no campo era o lugar onde eu dormia melhor em todo o mundo. Uma vez eu gostaria de me aposentar lá, mas não agora." Então, olhando para a foto de sua mãe, ele comentou: "Deixe a luz acesa. Gosto de olhar para ela."

P.D.H. para Doë

*New York*

*Abril de 1952*

Meu coração está transbordando, com todos vocês, e ando com vocês dentro de mim ao longo dos dias. Deve estar lindo em casa agora. Por favor, enviem-me uma breve palavra de progresso com os porcos, pence e ovelhas.

Estou no trabalho da minha vida, embora tenha chegado tarde a ele. É a maravilha do mundo ser chamado para servir a Deus em sua reconstrução. Enfrentamos hoje um colapso da civilização. Não é um problema nacional. É o problema dos homens que não sacrificam seu egoísmo, planos e pontos de vista porque estão fazendo concessões em suas próprias vidas.

Uma coisa que faz algumas pessoas se afastarem de Buchman é seu ataque intransigente e sincero ao mal. Ele nunca deixa passar nada, seja na cozinha ou em uma conferência. Eu prezo essa qualidade para mim:

P.D.H. para Doë

*New York*

*21 de abril de 1952*

Na sexta-feira, uma senhora chegou com uma grande caixa de doces para Buchman e outra para mim. Buchman disse: "Não abra a sua. Guarde-a para Doë." Então eu a tenho.

Buchman está em grande forma. Alguém foi até ele ontem e chorou lágrimas amargas pelo que viram sobre seus fracassos ao longo dos anos e como sentiram que havia traído a confiança que Buchman depositava neles. Mas tudo o que Buchman disse foi: "Oh, sou um fracasso irremediável. Não fiz as coisas que deveria com todos vocês, etc." Isso tornou a pessoa em questão pior do que nunca. A oração de Buchman depois foi: "Deus perdoe este velho hipócrita. Boa noite."

Ele também disse: "A unidade cresce onde os homens têm um propósito comum que significa mais para eles do que seus próprios planos e objetivos egoístas. Existem em Washington muitas regras especiais para pessoas especiais. Esse é o cerne da filosofia da corrupção lá. É muitas vezes começa com ambição, mas termina em exploração. O salário do pecado é a morte para um outro, em oposição à liberdade da Cruz, que é a morte de si mesmo. Os homens que mais desviaram as nações sentem mais profundamente, que foi uma sorte das nações em tê-los. Precisamos de um novo conceito de liderança." O fato é que estamos travando uma batalha pela América. Alguns pensam apenas em resultados. É o erro tão facilmente cometido por homens acostumados a movimentos de massa. Nenhum sucesso organizacional é um substituto adequado para uma experiência viva de Deus.

P.D.H. para Doë

*Allentown*  
*25 de abril de 1952*

Ontem passei pela casa em Pennsburg, agora um pequeno armazém geral, onde Buchman nasceu. Não é muito diferente da casa de Maidenhead, onde um personagem mais de má reputação viu pela primeira vez a luz do dia. Também vimos o hotel do padre Buchman, um prédio quadrado de cinco andares em estilo antigo, bem ao lado da estação ferroviária.

P.D.H. para Doë

*Chicago*  
*21 de maio de 1952*

Chegamos a Chicago ontem de manhã, depois de uma noite boa, mas um tanto acidentada, no trem. Estou hospedado com o Coronel e a Sra. Robert McCormick, do famoso Chicago Tribune. Estou sentado na cama escrevendo isso para você em um quarto que tem uma grande placa de latão na porta "Winston Churchill". É o quarto onde o grande homem convalesceu após ser atropelado por um táxi antes

da guerra. A Sra. McCormick é uma senhora encantadora e fala muito sobre o marido, a quem se refere o tempo todo como "O Coronel".

O coronel foi educado na Inglaterra na escola preparatória de Ludgrove. Mais tarde, ele foi para Groton e Yale aqui. Ele disse que os ingleses lhe ensinaram o segredo do patriotismo. Sua fantasia para a presidência é Taft. O dela é MacArthur, a quem eles conhecem bem há vários anos. "É verdade que ele é velho", diz ela, "e Churchill também. Churchill, afinal, bebe muito, o que MacArthur não faz." Então ela acrescentou: "Não diga ao 'Coronel' que eu disse que sou a favor de MacArthur ou ele cortaria minha garganta de orelha a orelha."

P.D.H. para Doë

*Ilha de Mackinac*  
*27 de maio de 1952*

Temos trabalhado arduamente. Buchman está passando por sua transmissão. Tenho escrito mil palavras para o *Chicago Herald American* sobre o assunto de Buchman. O editor do jornal estava no jantar em Chicago. Ele é um personagem perspicaz e sábio chamado Harry Reutlinger. Veio até mim antes do jantar e disse: "Quero lhe dizer uma coisa. Se eu não gostar deste jantar, vou embora." Eu disse: "Quero lhe dizer outra coisa. Se eu não gostar, vou embora também." Por alguma razão, ele gostou disso e disse a Campbell mais tarde que me considerava seu irmão de sangue.

Em julho de 1952, Howard estava em Washington com um estivador britânico que havia sido um dos planejadores da greve de "Beaverbrae" de 1949, que foi estimada pelo *The Times* como tendo custado à Grã-Bretanha £217.000.000. Eles estavam em uma reunião privada com senadores e congressistas:

"Os senadores perguntaram ao estivador inglês o que o tornara comunista. Ele respondeu: 'Tive uma filha. Ela não comia o suficiente porque éramos muito pobres. Ela morreu. Naquela noite, um padre veio à minha casa e rezou comigo e disse que a menina seria enterrada sem acusação. Mais tarde naquela noite, os comunistas vieram à minha casa e disseram: "Fique conosco e esmagaremos o sistema." Entrei para o Partido naquela noite.'

"Os americanos então perguntaram a ele sobre seu treinamento no comunismo. Ele lhes disse que havia sido ensinado a fornecer mulheres aos homens se eles quisessem mulheres. Como encontrar dinheiro e usá-lo para corromper e conquistar indivíduos. Como promover o ciúme, o ódio, frustração e divisão e separar os homens de boa vontade uns dos outros por orgulho ou indulgência privada. Então ele

contou como havia mudado e pelo que estava lutando. Como ele e toda a sua família reunida voltaram para a Igreja Católica.

“No final de uma longa noite, os senadores disseram: 'Boa noite'. O estivador respondeu: "Espere um momento. Você me fez muitas perguntas. Posso fazer uma ou duas?" Os senadores ficaram surpresos, mas concordaram. O estivador então disse: "Vocês todos falaram muito sobre o comunismo esta noite. Quantos de vocês já se sentaram com um comunista e o mudaram?" Não houve resposta. Ele então disse: 'Quantos de vocês sabem como sentar com uma pessoa difícil que não é comunista e mudá-la?' Novamente, não houve resposta. O inglês disse: 'Quando a democracia aprender esse segredo, a democracia ganhará o mundo.' "

Em setembro, Howard estava em San Francisco com Buchman e um grande grupo. O Tratado de Paz Japonês deveria ser assinado lá, e cinco dos sete signatários japoneses jantaram com Buchman na noite anterior ao início da conferência. Quando Robert Schuman, que representava a França, soube que o estivador de Londres se encontraria com Harry Bridges e seus estivadores, disse a Buchman: "Ah, o mundo não é grande o bastante para você". E acrescentou: "Você fez as pazes com o Japão dois anos antes de que nós o assinássemos."

P.D.H. para Doë

*San Francisco*  
*9 de setembro de 1952*

Todos os dias tomo café da manhã com frutas, framboesas frescas, figos pretos, uvas, pêssegos. Isso me faz lembrar constantemente nossa maravilhosa viagem pela França, e depois temos uma breve conferência com Buchman e vamos às reuniões da Assembleia com os delegados da Paz. Nós realmente fomos os únicos a cuidar dos japoneses. Suas opiniões podem ser resumidas por Suzuki, líder do Partido do Governo na Câmara Alta, que disse ontem quando o Tratado foi finalmente assinado: "O que ouvi sobre o RAM esta semana é muito mais importante do que o Tratado. Será a base do meu relatório quando eu voltar para o Japão."

O discurso de Pearson<sup>59</sup> na Assembleia foi o único que mostrou alguma compreensão do que os japoneses realmente estão sentindo. Ele disse: "Não devemos esquecer que os próprios japoneses sofreram

---

<sup>59</sup> Lester Pearson, ministro das Relações Exteriores e depois primeiro-ministro do Canadá.

muito." Ele disse isso com calor. E naquela tarde Yoshida o visitou. É incrível o que a mais simples ação construtiva faz.

O senador Wiley, que é um dos signatários americanos do Tratado, e que falou ao Commonwealth Club no meio da semana, quando me viu sentado a algumas mesas de distância, chamou-me, pediu uma cópia do *Reconstruindo o Mundo* (por P.D.H.) e passou os primeiros cinco minutos de seu discurso falando sobre o livro e o RAM. Ele disse: "Devemos lidar com a realidade. Conversei na Europa com Eisenhower sobre o RAM. Essa força está mudando a maré do comunismo e construindo a unidade entre classes e nações no mundo."

A Câmara Municipal de São Francisco enviou uma cópia do *Reconstruindo o Mundo* com uma carta a todos os delegados da conferência. Isso irritou homens como Younger<sup>60</sup>, o subsecretário britânico, que disse: "Não gosto de Howard. Não gosto do RAM."

Algumas coisas se destacam da conferência. A maioria dos estadistas são bebês ideológicos, e alguns deles também têm interesse em seu próprio egoísmo. É um fato significativo, mas dificilmente crível, que no primeiro banquete ontem à noite, nem Acheson<sup>61</sup>, nem Spender<sup>62</sup>, nem o governador Warren<sup>63</sup>, que falaram, sequer mencionaram o Japão, embora Yoshida tenha sido o último orador após o jantar e todos os japoneses estavam sentindo intensamente sua primeira recepção na família das nações. Acheson fez um discurso sobre roupas íntimas sujas. Spender, o australiano, é um homem melhor, mas todo o desempenho foi ruim.

Gromykos<sup>64</sup> falou aqui com muita paixão e pura sinceridade, mas sua linha era quase inteiramente para lidar com aquisições territoriais e política de poder, em vez de apostar nas mentes e vontades dos homens, que eram os gênios de Lenin.

Outra coisa que você sente é que as nações livres estão tão rebeldes contra a vontade de Deus quanto o bloco comunista. Eles acham que "faça o que quiser" é uma boa resposta para fazer o que lhe é dito. Não é. E, em termos frios, claros e objetivos, as filosofias desmoralizadas do Ocidente causaram tanto sofrimento e pesar humanos quanto as filosofias militantes do Oriente.

---

<sup>60</sup> Kenneth Younger, membro trabalhista de Grimsby 1945-59; Ministro de Estado dos Negócios Estrangeiros 1950-51.

<sup>61</sup> Dean Acheson, Secretário de Estado dos EUA 1949-53

<sup>62</sup> Sr. Percy Spender, Vice-Presidente, Conferência do Tratado de Paz do Japão 1951 ; Embaixador da Austrália nos EUA 1951-58.

<sup>63</sup> Governador Earl Warren, Governador da Califórnia em 1943-53; Chefe de Justiça dos EUA desde 1953.

<sup>64</sup> Andrei Gromyko, diplomata soviético, mais tarde ministro das Relações Exteriores.

P.D.H. para H.

*San Francisco,  
1º de setembro de 1952*

Buchman viu Alger Hiss<sup>65</sup>, um dos americanos, atravessando o saguão do Hotel Mark Hopkins. Ele é o menino de olhos azuis de todos os diplomatas aliados. Buchman virou-se e disse com convicção apaixonada: "Observe aquele homem. Não tenha nada a ver com ele. Há algo muito errado com ele."

Estes foram anos extenuantes para Howard. Buchman ficava doente a maior parte do tempo e Howard viajava de um lado para o outro, geralmente sozinho e com pouco dinheiro, pousando em uma cidade diferente a cada dia para falar e encontrar a imprensa ou o rádio. As amizades que construiu durante esses anos duraram uma vida inteira.

Peter Howard não era o que a maioria dos americanos imagina como tipicamente britânico. Ele era muito franco e animado para isso. Ele foi forte, às vezes dolorosamente, em seu diagnóstico. Combinava isso com uma crença ainda mais forte na cura. Cometeu muitos erros, mas aprendeu com eles sem rancor. Ele era impaciente, mas aprendeu a transformar essa impaciência em uma busca apaixonada pelo bem, em vez de uma irritação com as pessoas.

Passou a entender os pontos fortes e fracos da América - e a amar seu povo, independentemente de ambos.

---

<sup>65</sup> Alger Hiss, Secretário-Geral da Conferência de São Francisco.

# Capítulo 13

## O TAJ MAHAL DE DIA E DE NOITE

### Em nosso 2º aniversário

Pérola na névoa, você dorme contra a lua  
Tão vasta, tão fria, tão antiga em seus sonhos;  
Tipo concha e delicada, no calor do meio-dia.  
Sua cúpula lisa como a neve ainda brilha.  
Uma memória de mármore do amor passado,  
De riso que o clima dos anos  
Congelou em pedra - contra o céu  
Seus diamantes brilham como lágrimas.  
E vinte mil homens moldaram com suor  
Por vinte anos esse mármore em folha,  
Uma folhagem de amor, para que os homens não esqueçam  
Através dos séculos sua dor.

Nenhum mármore e nenhum luar marcam nossos dias.  
Para nós, a trilha atemporal onde tudo é perda  
De diamantes e delícias, de caminhos perolados –  
E ganho, a Cruz eterna.  
Mas neste segundo fugaz de nossa vida  
Olho para baixo em suas estrelas enquanto meu juramento se desenrola.  
Eu não trocaria um momento com minha esposa  
por todo o Taj — em ouro.

Em outubro de 1952, Howard foi para a Ásia pela primeira vez, onde viajou por sete meses com Buchman no Ceilão, Índia e Paquistão. O convite partira de líderes desses países<sup>66</sup> que conheciam Buchman e seu trabalho. O convite para a Índia dizia em parte:

"Estamos convencidos de que a verdadeira esperança de trazer mudanças duradouras nas condições sociais e econômicas e trazer a paz ao mundo reside na multiplicação dos resultados práticos que acreditamos terem sido alcançados pelo Rearmamento Moral - a concessão de um novo incentivo à indústria, a mudança de coração de capitalistas e comunistas, a substituição de desconfiança, amargura e ódio entre indivíduos e grupos por compreensão e cooperação. Consideramos que tal rearmamento moral das nações é a necessidade do momento e a esperança do futuro."

Buchman havia sido avisado de que vinte ou trinta pessoas eram todas as que poderiam viajar convenientemente juntas no subcontinente. Caracteristicamente, ele decidiu levar duzentas pessoas e três peças com ele. Coube a Howard grande parte da organização prática da viagem. Ele foi primeiro para Bombaim, enquanto Buchman e o grupo principal seguiram para o Ceilão.

P.D.H. para Doë

*Bombay*

*13 de outubro de 1952*

Na noite passada, fomos levados de carro para a praia de Juhu, cerca de cinco milhas ao norte de Bombaim, e quando o sol se pôs, nadamos em um mar que parece um banho quente. Na praia havia homens estalando chicotes e garotinhos dando cambalhotas; uma banda de instrumentos de percussão; mães com esquadrões de crianças construindo círculos na areia com flores coloridas, para elas; e pessoas andando a cavalo. Estava tão lotado quanto a praia de Brighton, mas muito mais cheio de vida e risos. É extraordinário sentir o calor do coração dessas pessoas.

Eles nos receberam com buquês de flores no aeroporto, e estamos hospedados na casa de seus amigos, os Gandhys.

Na praia, garotinhos vendiam cocos que cortavam e que você bebia — uma coisa deliciosamente aconchegante, diferente de tudo que se encontra em Hampstead Heath. No meio desta cidade fervilhante com seus bondes, carros e ônibus você vê abutres empoleirados em uma árvore.

---

<sup>66</sup> O convite para o Ceilão foi assinado pelo primeiro-ministro, Sr. Dudley Senanayake, quatro de seu gabinete e outros líderes representativos. O da Índia foi enviado por dezoito líderes, incluindo o Sr. G. L. Nanda, que mais tarde atuou como primeiro-ministro em duas ocasiões, Sr. J. R. D. Tata, e Sr. Khandubhai Desai, Presidente do Congresso Sindical Nacional.

P.D.H. para Doë

**Bombay**

**14 de outubro de 1952**

Todos neste país estão imensamente dispostos, mas ninguém está comprometido. A liderança da cidade criou vários comitês - recepção, finanças, recreação. O presidente da Scindia Steamship Line presidiu a reunião do comitê de arranjos na sala de reuniões de sua empresa ontem à noite.

Alguém me disse com tristeza durante o almoço: "Antes era Bombaim, a bela. Agora é Bombaim, a cidade da sujeira e da doença". Mais de um milhão de pessoas vivem mais de dez em uma sala aqui e no calor tropical. Você passa por cima das mães e crianças dormindo nas ruas. Os pais, assim nos disse o chefe dos Intocáveis, mutilam deliberadamente os membros de seus bebês para que, à medida que envelhecem, possam, por seu pathos, ser mais capazes de mendigar.

Esta é a terra dos negativos. Todo mundo parece conhecer trinta boas razões pelas quais ele não o fará e por que isso não pode acontecer. O ativismo associado à inércia, uma vez que os arranjos foram feitos, parece ser uma característica da Índia. A resposta é mudar os homens.

P.D.H. para Doë

**Bombay**

**16 de outubro de 1952**

Aniversário da nossa Anne. Quão abundantemente bom é Deus para nós.

Almocei ontem com o Conselho de Administração da Tata e fiz uma excelente entrevista com Frank Moraes, editor do *The Times of India*. Quando entrei, ele disse: "Estive em Oxford com você. A primeira palavra amigável que tive na Inglaterra foi seu relato de meu discurso na União".

Em uma festa na noite passada, o médico pessoal de Gandhi disse: "Vejo que vocês não estão fazendo planos, mas tentando encaixar a si mesmos e a todos no Plano."

P.D.H. para Doë

**Bombay**

**17 de outubro de 1952**

Estamos no ar a caminho de Colombo. A planície central da Índia é uma vista magnífica do céu. Cada centímetro da terra parece ser cultivado. Eu esperava principalmente selva, mas há campos, campos muito pequenos.

Tudo funcionou maravilhosamente bem em Bombaim. Temos a perspectiva de um teatro de primeira classe com capacidade para 844 pessoas, um trem especial para nos levar por toda a Índia e um comitê financeiro que realmente parece esperar financiar tudo.

P.D.H. para Doë

*Colombo*

*3 de outubro, 1952*

Ontem eu estava de folga e saí ao raiar do dia e só cheguei em casa à meia-noite.

Fomos convidados do Ministro da Agricultura numa demonstração de transplante de arroz. Eles tinham mil mulheres até os joelhos na lama macia dos campos plantando arroz à mão. Aumenta o rendimento em alguns por centos, mas por causa da labuta e do tempo, a maioria dos agricultores parou de fazê-lo. Mil mulheres faziam cinqüenta acres em um dia.

Percorremos sessenta milhas pela região mais bonita que se possa imaginar - palmeiras, arbustos de chá, seringueiras, rios caudalosos e, o tempo todo, o verde profundo e vivo do jovem arrozal. Estávamos de carro com o ministro e paramos às 8h para um café da manhã com uma plantadeira, incluindo o mais delicioso chá caseiro. Então, nos dirigimos para a demonstração.

Houve um arco de boas-vindas para nós. A procissão foi encabeçada por doze elefantes vestindo panóplias de várias cores. Então vieram trinta e seis dançarinos de Kandy com gloriosos cocares prateados se estendendo da cabeça como um rabo de pavão e com uma tira de couro solta, com cerca de dois metros de comprimento, que assobia e chicoteia ao vento enquanto dançam. Usam por baixo o que parecem ser longos casacos de lã brancos. Eles têm sinos amarrados aos dedos dos pés. Dançam e dançam e dançam, selvagemmente, ritmicamente, freneticamente. Dança da lebre e do leopardo. Eles dançaram na nossa frente, entre, literalmente, milhares de aldeões que vieram nos ver, por quase um quilômetro na estrada poeirenta e ensolarada. Foram acompanhados por um bando de meninos vestidos como os piratas em Peter Pan com enormes tambores de couro compridos que eles batiam com as mãos. E enquanto eles batem, cantam canções selvagens e com as mãos livres, balançam castanholas no ar.

Buchman falou pelo rádio para as mil mulheres que trabalham nos campos. Ele disse: "Há arroz suficiente no mundo para as necessidades de todos. Ceilão é uma nação livre. Eu a parablenizo por sua liberdade. Ela pode mostrar a toda a Ásia como se manter livre. Estômagos vazios serão preenchidos com comida. Mãos vazias com trabalho. E corações vazios com uma ideia que realmente satisfaça." Os trabalhadores adoraram. Assim como os homens do Gabinete. Em seguida, recebemos o almoço

embrulhado em folhas de bananeira - curry tão quente que dava a impressão de ter mastigado a ponta errada de um charuto e leite de coco fresco da noz.

Sete Ministros do Gabinete estiveram na abertura da peça ontem à noite. O chefe do Bombay Waterfront Workers disse: "Essa peça pode mudar todos os trabalhadores da Índia." A resposta é esmagadora. Estamos tendo que dobrar sexta, sábado e domingo e fazer dois shows por dia, o que é um esforço neste calor.

P.D.H. para Doë

*Colombo*

*5 de novembro de 1952*

Estamos falando com os estivadores esta tarde. Os homens aqui recebem 80 rúpias (cerca de £ 6) por mês. Eles têm que manter suas famílias com isso. Nascem endividados, vivem endividados, morrem endividados. Mas eles têm corações realmente abertos. Nossa batalha é concentrar nosso trabalho o tempo todo nos homens e nas situações que realmente afetarão ideologicamente o Ceilão e a Ásia.

Buchman visitou a Índia muitas vezes, a primeira vez em 1915, quando se tornou amigo de Mahatma Gandhi. O Mahatma disse que o RAM foi "a melhor coisa que saiu do Ocidente". Buchman falou de sua amizade com Gandhi quando o grupo chegou a Bombaim.

P.D.H. para Doë

*Bombay*

*15 de novembro de 1952*

Quando atracamos, havia uma enorme placa, "Bem-vindo RAM", e metade da cidade veio nos receber o prefeito, o xerife, Tata e centenas mais.

À tarde, a cidade deu boas-vindas públicas a Buchman nos Jardins Suspensos de Bombaim. Eu estava muito bem feito. O panorama era magnífico. Os Jardins Suspensos estão em Malabar Hill e os Baystretches gloriosamente distantes no vermelho e dourado de uma noite tropical.

Buchman descreveu como Gandhi e ele caminharam para o pôr do sol. "Foi como caminhar com Aristóteles. Ele era um grande espírito. Vive e viverá para sempre. Algo mais agora é necessário." Houve um silêncio mortal quando ele terminou. O prefeito disse: "O RAM é a ponta de lança e âncora de todas as aspirações humanas."

Tivemos a peça à noite. Quando estávamos prestes a começar, a música falhou. Então eu tive que ir e falar sem saber por quanto tempo. Depois de cinco minutos, para meu grande alívio, alguém sussurrou através da cortina: "Está tudo bem." Ao final, falou o Ministro-Chefe da Província, Desai<sup>67</sup>. Era magnífico. Ele disse: "Quando você está firmemente convencido de que está certo, deve cuidar para não se tornar hipócrita e, assim, dificultar a mudança dos outros".

P.D.H. para Doë

*Bombay*

*18 de novembro de 1952*

Jantamos ontem à noite depois da peça na colina fora da cidade onde sua família morava. É lindo. Jantamos com o dono de cinco carrões. Ele é de uma riqueza incrível. Mora com quatro irmãos e todas as suas famílias em uma casa grande o suficiente para ter 112 pessoas morando nela, que é o número de pessoas que moram lá. Narayan<sup>68</sup>, o grande socialista, também estava lá. Ele nos disse por volta da meia-noite que está convencido de que a economia nunca responderá ao comunismo. Ele foi treinado em uma fazenda de frutas da Califórnia. Recentemente fez greve de fome porque acredita que o governo de Nehru quebrou sua palavra com os socialistas. Nehru escreveu-lhe uma carta de desculpas depois de dez dias.

A maioria das pessoas aqui não entende a ideologia. Eles estão convencidos de que nenhum país hindu pode se tornar comunista. Há também uma auto-justiça monumental, que o mundo ocidental tem que pedalar forte para vencer. Eles têm tanta certeza - e são tão agradecidos - que são melhores do que os outros homens.

P.D.H. para Doë

*B o m b a y*

*23 de novembro de 1952*

Ontem foi uma exibição especial da peça para a Companhia Tata. O Conselho de Administração sentou-se na primeira fila. À noite, J.R.D. e sua esposa deram um jantar para Buchman. Eles moram em uma casa chamada "The Cairn". Fica bem no cume da cidade, e lá embaixo você pode ver a maravilhosa extensão da baía e as luzes da cidade brilhando e piscando.

---

<sup>67</sup> Morarji Desai, mais tarde vice-primeiro-ministro da Índia.

<sup>68</sup> Jaya Prakash Narayan, Fundador do Partido Socialista Indiano.

Um dos industriais resumiu a situação da seguinte maneira: "Nehru é o único homem que mantém o Partido do Congresso unido. Se alguma coisa acontecer com ele, haverá pelo menos dez anos de grupos políticos dissidentes na Índia. Cada grupo representa a ambição pessoal de algum homem. Depois disso podemos crescer. O fato é que obtivemos nossa liberdade muito barato aqui. Eu costumava, assim como meus amigos, me revoltar e protestar para tirar os britânicos da Índia. Mas assumimos uma magnífica preocupação. Essa é a verdade."

Eu dou essa visão porque é comum. Não há dúvida de que se a Inglaterra desse uma ideologia correspondente como sua política nacional declarada, a Índia a aceitaria. Também não há dúvida de que as políticas britânicas do pós-guerra não conquistaram a Índia mais do que as políticas pré-guerra, embora o Partido Trabalhista ainda seja considerado aqui como o grande libertador.

P.D.H. para Doë

***Bombay***

***25 de novembro de 1952***

A reunião de massas foi um sucesso. Havia 7.000 pessoas agachadas no chão com Buchman enfeitado com guirlandas na plataforma - o linho branco dos milhares contra a terra marrom-avermelhada, as estrelas e uma meia-lua adiantada navegando em um céu pálido, pipas girando em círculos acima, as árvores verdes e as casas ao redor dos dez acres de parque público onde a reunião foi realizada, com cabeças saindo de cada janela, grupos de crianças empilhados contra a plataforma bem na frente e seus dentes brilhando na escuridão enquanto riam e apreciavam o canto .

P.D.H. para Doë

***Bombay***

***27 de novembro de 1952***

Spyros Skouras veio à peça ontem à noite. Quando soube que eu era casado com uma grega, sua alegria foi ilimitada. "Você deve aprender a amar em grego", disse ele. "É a língua mais maravilhosa para amar no mundo." Ele se sentou na primeira fila, absolutamente em transe e deu todo o dinheiro que tinha com ele.

P.D.H. para Doë

*29 de novembro de 1952,*

*Dia de Santo André*

Esta manhã, o *Chronicle* e o *FreePress* publicaram suplementos de seis páginas sobre o RAM. Frank Moraes veio ver Buchman. Ele falou sobre ouvir a Deus e disse simplesmente: "Não sei por quê, mas encontro uma espécie de resistência ao RAM". Buchman disse: "Por que manter sua resistência? Você aprenderá com isso." Então Moraes disse: "Eles têm peças teatrais magníficas na China. Nunca consegui descobrir o que há por trás deles. O que há por trás de suas peças de teatro?" Então ele está vindo ao teatro hoje à noite para ver.

P.D.H. para Doë

*2 de dezembro de 1952*

*No trem*

Em um minuto, o trem partirá com saltos e solavancos, então farei o melhor que puder para escrever. Tivemos um dia magnífico em Ahmedabad. A despedida de Bombaim foi vociferante. Os estivadores, empresários, trabalhadores compareceram, e Buchman estava tão carregado de guirlandas que era difícil para ele andar.

Às seis e meia em Ahmedabad, todos os indianos excitados batiam na porta da carruagem de Buchman, dizendo: "Saia. Saia." Tomamos café da manhã em um palácio. Pertence a um rei do algodão. Sua irmã é chefe do sindicato dos trabalhadores. Quando eles tiveram uma greve selvagem, Gandhi levou os dois para o Ashram e o estabeleceu. O sindicato que foi construído é um padrão para a Índia. Depois do café da manhã, conversamos com os homens reunidos no salão do sindicato. Depois, para o Ashram de Gandhi e o rio, ao longo do qual Buchman e Gandhi haviam caminhado. Todos os seus livros, papéis e esteiras ainda estão lá.

À noite, bandos cantantes de gansos selvagens voavam sobre a lua. Era uma vista maravilhosa.

P.D.H. para Doë

*Taj Mahal,*

*Agra, 3 de dezembro de 1952*

Ontem à noite vimos o Taj Mahal ao luar. É tão fresco quanto um queijo cremoso. Parece que acabou ontem. É talhado em blocos sólidos de mármore e, em seu estado original, foi decorado com

diamantes e ouro. Ao longo dos séculos (foi terminada em 1631) os reis retiraram os diamantes e substituíram o ouro por latão. Foram necessários 20.000 homens e vinte e três anos para construí-la. O arquiteto e os pedreiros foram mortos no final para que não pudessem repetir a performance. É o memorial para uma esposa muito amada. Ela está enterrada na abóbada sob o pináculo central da cúpula. O rei planejou construir um monumento semelhante para si mesmo do outro lado do rio, mas o filho deles, horrorizado com as despesas, colocou o pai na prisão, onde ele finalmente morreu. Então o filho o enterrou no Taj Mahal ao lado de sua amada esposa.

Buchman estava em estado de verdadeira raiva ontem quando viu um grande número de nosso povo caminhando ao sol sem chapéus, a pesar de estamos indo constantemente das 6 da manhã até depois da meia-noite e como, em grande parte por sua palavra, tenho conduzido muitas reuniões, senti que já havia chegado ao ponto de sua previsão. Ele disse uma coisa interessante para um dos britânicos que não usava chapéu: "Você tolera o que não deve ser tolerado. É britânico."

P.D.H. para Doë

*Delhi*

*5 de dezembro de 1952*

Estamos em Jaipur House, um dos grandes palácios que foi tomado pelo governo. Não tinha um pedaço de pau ou pedra nele, mas Nehru deu o pedido e foi fornecido e colocado à nossa disposição. Buchman se dirigiu ao Parlamento ontem à noite. 55o apareceu para ouvi-lo.

P.D.H. para Doë

*Hotel Cecil*

*Delhi, 8 de dezembro de 1952*

Esta manhã cedo veio uma convocação para ver o primeiro-ministro (Nehru). Ele usava uma túnica alta cinza, rosa, boné do Gandhi e calças brancas. Nós demos a ele, eu diria, exatamente o que ele não esperava. Ele é duro como um punhado de enguias, mas se esforçou para ser mais do que educado. As pessoas ao seu redor são tão assustadas quanto "crianças na frente do diretor". Seria cômico se esta não fosse uma nação tão grande. Ele perguntou: "Como você está indo?" Dissemos a ele que a resposta, especialmente dos trabalhadores, é esmagadora, mas estamos aqui para aprender com uma nação que pode ter que liderar o mundo. Ele ficou em silêncio. Então ele disse: "Quando as pessoas dizem esse tipo de coisa, fico assustado". Dissemos: "Pode ser assustador, mas pode ser verdade." Ele disse que o problema

era que todas as pessoas que falavam sobre Gandhiji não viviam de acordo com seus princípios - eles obedeceram conversando com pouca vida. Não que sejam hipócritas, a não ser a hipocrisia normal dos políticos, disse muito sério. Ele então contou uma longa história de como, quando Alexandre, o Grande, deixou o norte da Índia, houve uma guerra. Um general conseguiu dispersar os exércitos rivais por meio de uma diplomacia astuta e então mandou chamar seu rival derrotado, deu-lhe todas as honras e entregou-lhe todo o seu próprio território, bem como o território de seu rival. Esta história é sinistra, especialmente porque a imprensa aqui hoje está cheia de notícias sobre as grandes novas estradas que os chineses estão construindo no Tibete. Sabe-se que apenas seis automóveis estão no Tibete.

Hoje, no Parlamento, houve uma moção para construir uma nova e grande estrada de Delhi até a fronteira tibetana. Estrada nacional número um. "A vitória", disse Nehru, "não é necessariamente o objetivo final da guerra. Você pode errar seu objetivo após a vitória ou pode alcançá-lo após a derrota. Uma força moral significa apenas inteligência de longo prazo em interesse próprio." Com base nisso, a Índia em poucos anos será comunista ou uma ditadura militar.

P.D.H. para Doë

*Delhi*

*10 de dezembro de 1952*

A Sra. Cripps<sup>69</sup> veio ver Buchman no chá de ontem — só nós três lá. Ela me disse depois: "Eu queria ver por mim mesma. Não há nem um pingão de vaidade naquele homem. É uma coisa muito rara. Ele é gentil."

P.D.H. para Doë

*Delhi*

*12 de dezembro de 1952*

A Sra. Laski<sup>70</sup> saiu em sua coletiva de imprensa em Ahmedabad com a declaração de que o RAM é um movimento de homens ricos e inimigo das classes trabalhadoras.

Esta manhã Buchman levou seis de nós para sermos recebidos pelo Presidente da Índia. Buchman contou a ele sobre sua primeira orientação com Gandhi. Depois fomos assinar os livros nas nossas várias

---

<sup>69</sup> Viúva do Senhor Stafford Cripps.

<sup>70</sup> Sra. Harold Laski.

Embaixadas. O embaixador tailandês disse a Buchman: "Sinto que ao conhecê-lo, encontro um novo Buda." Buchman respondeu: "Sou apenas um velho pecador que voltou à vida."

P.D.H. para Doë

*Delhi*

*13 de dezembro de 1952*

Almoçamos agora há pouco com o Ministro da Saúde e vários deputados da área de Madras. Eles falaram sobre a declaração da Sra. Laski, na qual nossos homens trabalhistas quase bateram no teto. Um dos parlamentares levantou a África do Sul nestes termos: "Uma crítica ao RAM é que você trabalhou por muito tempo na África do Sul, mas veja a desordem racial que havia." Eu disse: "Gandhiji foi um dos grandes homens da história. Não seria terrivelmente injusto dizer que, porque a Índia de hoje não estava totalmente unida, Gandhiji falhou?" Com isso, houve tal alvoroço que literalmente rastejei para debaixo da mesa, o que os fez explodir em gargalhadas. Aliás, foi a primeira vez, no calor do momento, que ouvi indianos sendo realmente honestos sobre o estado de sua nação. Nehru foi honesto sobre a lacuna entre tradição e realidade, mas temo que sua própria vida seja parte do problema.

Em dezembro de 1952, Frank Buchman foi condecorado pelo governo alemão por seu trabalho na união da França e da Alemanha após a guerra.

P.D.H. para Doë

*Delhi*

*18 de dezembro de 1952*

A honra que Buchman recebeu - a Grã-Cruz da Ordem do Mérito - é a mais alta que a República pode conceder, exceto uma. Voltando para o carro muito cansado, Buchman disse: "Bem, este é o meu presente de Natal para todos os nossos povos." Era um homem humilde aceitando uma condecoração para seus amigos e dando a glória a Deus.

Jaipur House parecia magnífica. O Charge d'Affaires alemão falou bem. Buchman aceitou a honra. Então o embaixador francês falou. Então o Vice-Presidente do Parlamento Indiano pôs-se de pé.

Embaixadas birmanesas, japonesas, tailandesas, finlandesas, afegãs, paquistanesas, dinamarquesas, nepalesas, americanas, britânicas, do Ceilão e outras estiveram todas representadas na cerimônia. Muitos indianos ilustres estavam lá, incluindo o chefe da Inteligência, homens do gabinete e

líderes trabalhistas. Todos os garçons da Jaipur House passaram em fila para prestar homenagem a Buchman. Um deles disse: "Você é tão parecido com nosso pai Gandhi."

O vigésimo aniversário de casamento de Peter Howard foi em 17 de dezembro. Ele estava em Delhi.

P.D.H. para Doë

*Delhi*

*19 de dezembro de 1952*

Esta manhã, parecendo muito maltratado e danificado pelo correio por fora, mas intacto e lindo por dentro, meu querido ratinho apareceu. Eu o amo muito - nosso casamento de porcelana. Obrigada um milhão de vezes. Eu continuo olhando para ele e ele está me observando do canto desta carta. Ele é uma coisa linda e uma alegria para sempre. Eles certamente sabem como fazer porcelana - aqueles dinamarqueses reais.

Amanhã é meu aniversário - quarenta e quatro anos. Deus prometeu em meu quadragésimo aniversário que os melhores anos estavam por vir. Até agora, isso tem se provado maravilhosa e incrivelmente verdadeiro. Estou triste, para ser sincero, por ter perdido todos os aniversários floridos - o seu, o nosso, o meu, o de Philip, o de Anne, o de Ant duas vezes, o da Páscoa e o do Natal. Mas me sinto tão próximo e tão parte de todos vocês.

P.D.H. para Doë

*Delhi*

*26 de dezembro de 1952*

Tivemos um Natal maravilhoso. Na véspera, houve uma festa na Jaipur House assim que a peça acabou. Nós tivemos peru e pudim de ameixa. Que mimo! E o lugar tinha sido lindamente decorado. Havia uma árvore de Natal e um presépio. Após a refeição, tivemos canções de natal. Devo dizer que, enquanto as velas brilhavam suavemente e lá fora as estrelas indianas brilhavam claramente, pensei na hora que era em casa (5:30 para vocês e 13:00 para nós) e me perguntei se você estaria cantando também. Às 11h58, o embaixador francês chegou para desejar a Buchman um feliz Natal.

Acordamos de madrugada no dia de Natal para preparar uma apresentação em grande escala no teatro - canções natalinas e, finalmente, "O Natal do Cowboy". O lugar estava lotado de hindus, muçulmanos, diplomatas e parlamentares. Um hindu disse depois: "Deu-me uma experiência

absolutamente nova da ideia de como os cristãos devem ser." No final de "The Cowboy's Christmas", embora a cortina estivesse fechada, eles vieram aos bastidores às centenas e passaram pelo presépio por vinte minutos.

O Plano Quinquenal da Índia para 380 milhões de pessoas, se for bem-sucedido, colocará toda a Ásia em uma nova direção. Nanda, o Ministro do Planejamento, disse-me ontem à noite: "A menos que encontremos uma resposta para a corrupção, divisão e confusão, falharemos com nosso Plano."

P.D.H. para Doë

*Delhi*

*28 de dezembro de 1952*

Temos um suplemento de página dupla no *The Hindustan Times* esta manhã. O vice-ministro dos Correios e Telégrafos disse-me muito seriamente no jantar ontem à noite: "Uma pessoa de nosso Gabinete está atrás da Cortina de Ferro (Ministro da Saúde). Ele me deu uma dica de que encontrou evidências de falta de liberdade total lá. Isso me surpreendeu porque eles falam muito sobre democracia."

Um grande trunfo aqui é a herança da expectativa espiritual que Gandhi deixou. Mas uma desvantagem colossal é o fato de que os próprios gandhistas não produziram em termos de unidade ou reformas sociais e econômicas as coisas que Gandhi defendia. Como disse ontem um jornalista cínico: "Tivemos aqui por quarenta anos um homem que é talvez o maior homem do século. Ele falou sobre as coisas de que vocês falam, mas apenas um capitalista, Bajaj, mudou. (Muitos dos capitalistas que apoiaram Gandhi são rufiões completos.) Não estamos prontos para esperar mais pela drástica revolução econômica que é necessária."

É um ponto que precisamos refletir em vista do futuro de nosso próprio trabalho - como multiplicar a profundidade da mudança, particularmente nos ricos. Eles têm uma mensagem mundial quando não adoram mais o dinheiro.

P.D.H. para Doë

*Lucknow*

*1º de janeiro de 1953*

Acabamos gloriosamente em Delhi. O presidente do Punjab National Bank pediu desculpas perante toda a sua liderança sindical pela maneira injusta como algumas das regras do banco foram aplicadas. Os líderes sindicais disseram que queriam fazer do RAM a base de seus negócios no banco. O gerente da

filial principal em Delhi era cínico. Na manhã seguinte, vários de seus próprios empregados chegaram a seu quarto com dinheiro que haviam roubado e o devolveram. Ele veio almoçar no Cecil com os bolsos cheios de rúpias.

Ontem à noite, na plataforma de Delhi, os líderes do sindicato estavam lá para se despedir. Disseram-nos que naquele dia um de seus homens fizera algo que merecia demissão imediata. Em vez de tentar encobrir, ele admitiu. O presidente mandou chamá-lo, disse que ele próprio havia cometido alguns erros em seu tempo e o mandou de volta ao trabalho.

P.D.H. para Doë

*Hyderabad*

*15 de janeiro de 1953*

A situação na Índia é desesperadamente grave — nepotismo, corrupção, confusão, divisão. Os comunistas se aprofundaram muito mais do que os governantes daqui estão dispostos a admitir. Eles estão explorando vigorosamente o comunalismo – a demanda por estados separados para cada língua separada que aparentemente existe há muito tempo. Eles já conseguiram conquistar um estado de Andhra separado em torno de Madras.

As massas amavam Gandhi, que era seu símbolo de liberdade, mas estão rapidamente perdendo o amor por seus seguidores que usam armas para reprimir a violência e que certamente não vivem a vida.

P.D.H. para Doë

*Hyderabad*

*16 de janeiro de 1953*

Ontem à noite, a peça foi exibida no Pandal - um grande espaço de terra aberto com paredes de esteiras e um telhado sustentado por varas de bambu de 3,5 metros a cada poucos metros. Durante todo o dia, a reunião anual do Congresso está em sessão aqui. Para dar o melhor resumo, disse o organizador do Congresso após o show, que terminou às 23h50. "Havia 15.000 pessoas no Pandal. Muitas delas que não frequentam as reuniões do Congresso foram ao seu show . A nata do estado de Hyderabad estava lá."

P.D.H. para Doë

*Hyderabad*

*18 de janeiro de 1953*

Esta manhã saímos para a última sessão plenária do Congresso. Chamamos Nanda<sup>71</sup> às 7h30.1 Ele descreveu a atitude de Nehru para conosco como inicialmente suspeita, depois tolerante e depois positiva.

Você tem que pagar mil rúpias para sentar nas primeiras cadeiras deste Congresso, mas fomos colocados na plataforma onde ficamos agachados por três horas e meia a poucos metros de Nehru. Quando ele nos viu, levantou-se da cadeira e aproximou-se de nós, afastando furiosamente os jornalistas e fotógrafos que obstruíam nossa visão para que pudéssemos ver melhor. A partir de então, ele traduziu cada introdução que fez para o inglês e também para o hindi.

P.D.H. para Doë

*Madras*

*23 de janeiro de 1953*

Gandhi disse uma vez: "Como posso esperar unir uma nação se não posso unir as trinta pessoas que vivem comigo?" Um ponto sólido que se provou verdadeiro desde sua partida.

P.D.H. para Doë

*Madras*

*27 de janeiro de 1953*

Ontem fomos todos convidados para a recepção do Governador. Um glorioso evento com mesas de pano branco, criados vestidos de escarlate e pano de ouro, e uma banda tocando música alegre sob as árvores.

Para minha surpresa, enquanto tomava chá silenciosamente sob uma árvore, vi a multidão se abrindo para a esquerda e para a direita e Rajaji<sup>72</sup>, o primeiro-ministro, vindo direto em minha direção. "Vamos nos sentar. Quero conversar", disse ele. Então encontramos cadeiras e nos sentamos. Cobrimos muitos pontos: a idade de Frank, por que os comunistas não gostam de nós, qual é exatamente o nosso programa na cidade. Ele disse: "Alguém está tentando prejudicá-lo em Delhi. Você pode pensar que é melhor seguir em frente e não prestar atenção. Mas se você pudesse avisá-los sobre o que realmente está fazendo, seria muito mais fácil." Ele perguntou sobre a peça. Com o canto do olho, vi Sir R. K. Chettiar, vice-chanceler da Universidade e, anteriormente, um dos primeiros chanceleres do Tesouro da Índia após

---

<sup>71</sup> Gulzarilal Nanda, Ministro do Planeamento, Irrigação e Energia 1952-57.

<sup>72</sup> Shri C. Rajagopalachari, primeiro governador-geral da Índia independente.

a libertação. Sugeri que Rajaji perguntasse a ele. Ele o fez e, sem hesitar, Sir R. K. disse: "Uma peça excelente. Tem a resposta para todas as nossas dificuldades industriais na Índia." Então, após uma pausa, "Tenho a resposta para nossas divisões na Índia."

Então chegou o momento de uma exibição de dança indiana em um palco especialmente construído. Os servos chamaram "Rajaji" e eu me despedi. "Não, vamos, quero conversar um pouco mais", disse ele. Assim, caminhamos lentamente por entre a multidão. Então ele insistiu em me levar para o banco da frente com ele, onde nos sentamos durante a apresentação de uma hora e meia. Ele falou das danças. "Eles deveriam ter três mil anos, mas parece que vivemos em uma época ruim. As coisas boas estão indo para trás", disse ele. "Não é assim", eu disse.

P.D.H. para Doë

*Madras*

*28 de janeiro de 1953*

Os estúdios de cinema já nos levaram de uma forma bastante grande. Vauhini Studios construiu um palco em tamanho real para nós em um estúdio onde podemos acomodar mil pessoas. Custa a eles 4.500 rúpias por dia para não filmar no set que eles disponibilizaram para nós. O diretor disse: "A necessidade de mudança é urgente. É por isso que estamos fazendo isso."

P.D.H. para Doë

*Madras*

*3 de fevereiro de 1953*

Passei a manhã inteira com os gandhistas. Gandhi, aliás, ao desembarcar na Europa e ser questionado pela imprensa sobre suas roupas (foi nessa ocasião que Churchill se referiu a ele como um "faquir nu", comentário que ainda é lembrado e citado aqui) fez uma boa piada. Ele disse: "Aqui a moda é mais quatro. Prefiro menos quatro."

P.D.H. para Doë

*Madras*

*8 de fevereiro de 1953*

Ontem à noite falei com a imprensa. Começamos às 18h. Falei por vinte e cinco minutos. Eles disseram que tinham que sair às sete, mas na verdade saíram às oito e trinta e cinco. Alguns dos comunistas

estavam lá. Um deles, secretário de Goenka<sup>73</sup>, o proprietário, disse: "Você fala sobre reportagem honesta. Temos notícias de um homem que está no hospital depois de ser brutalmente tratado pelo RAM. Devemos suprimir esta notícia?" Eu disse: "As notícias da verdade não devem ser suprimidas, mas um repórter que deu uma história como essa ao jornal sem checá-la deveria ser demitido por imprecisão e incompetência". Ele ficou muito zangado e disse que a agressão ocorreu na presença de policiais e repórteres, ao que um velho pedaço de pau seco no canto comentou: "Na minha experiência, agressões dessa natureza não ocorrem na presença de policiais e repórteres."

Mais tarde, quando falei sobre a responsabilidade que os homens da imprensa como eu tinham pelo estado do mundo, o comunista se levantou e disse: "Esta é a primeira vez que ouço um jornalista ocidental falar dessa maneira. Todos eles vêm aqui para nos dizer como eles estão certos e como nós estamos errados." Ele me deu um aperto de mãos e vai ter um encontro comigo amanhã. Então veremos.

P.D.H. para Doë

*Madras*

*10 de fevereiro de 1953*

O camarada comunista em nossa reunião jornalística há duas noites me enviou uma carta esta manhã com uma fotografia realmente incomum de Gandhi. Ele diz: "Sua palestra foi esclarecedora e enobrecedora e me tocou muito".

P.D.H. para Doë

*Madras*

*14 de fevereiro de 1953*

Reddi, chefe do Vauhini Studios, chegou ao hotel às quatro com um roteirista. Eles começaram a conversar. Ficou claro que eles planejavam ajustar o RAM para atender às suas necessidades. De repente, Buchman explodiu: "Você está totalmente errado. Você acha que sabe sobre isso, mas não sabe. Eu vim aqui com esperança. Você me deixa com um ponto de interrogação. Está tudo diluído." Quando Reddi explicou que seu roteirista havia sido professor, Buchman disse: "Mas você não fez isso. Quantas pessoas você mudou na escola?" "Nenhum." "Achei que não. É exatamente isso. Você quer dizer bem, pelo menos eu acho que você quer, mas você não pode dar. Você não tem isso." É esclarecedor o quão direto sob

---

<sup>73</sup> Shri Ramnath Goenka, diretor do jornal; Diretor administrativo, *Indian Express Group of Newspapers*.

convicção Buchman pode ser e igualmente tolerante. Eu diria que nestes dias a franqueza está em primeiro plano.

P.D.H. para Doë

*Madras*

*17 de fevereiro de 1953*

Almoçamos Ramnath Goenka ontem. Ele me disse depois que até 1947 lutou como o diabo para conquistar a liberdade para a Índia. Ele disse "caramba". "Ensinamos milhões a trapacear, passar fome, desobedecer", disse ele. "Mas agora temos nossa liberdade, eles se lembraram das lições. Devemos ter uma nova filosofia nacional ou nos tornaremos comunistas."

P.D.H. para Doë

*Mysore*

*2 de março de 1953*

Ontem tivemos um dia maravilhoso. Subimos de carro até aqui, entramos na selva e vimos samba, veados e pavões. Somos convidados do marajá de Mysore. Fui convidado para o chá esta tarde e acabei de voltar de uma cerimônia única em toda a minha vida.

Há algumas semanas, nasceu um herdeiro para o marajá. É a primeira vez em oitenta e oito anos que isso acontece. Esta manhã, em uma cerimônia de Estado no grande Durbar Hall, o bebê foi apresentado ao povo. Éramos os únicos ocidentais presentes. Sentamos na galeria especial. Como se trata de uma cerimônia religiosa hindu, todos nós tiramos os sapatos. Você passa por uma vasta galeria de mármore abobadada, com cerca de cem metros de comprimento, olhando para a luz do sol escaldante. Dois gigantes de 1,80 m de altura nos escoltaram - guardas do marajá em uniformes vermelhos e turbantes brancos, segurando espadas desenvainadas.

A multidão toda agachada em seus turbantes de várias cores e roupas deslumbrantes, ouro, branco, prata, açafreão, vermelho, verde e um cinza brilhante. Os sacerdotes vieram seminus com tigelas e toalhas cerimoniais. O perfumista da corte espalhou incenso. Músicos tocavam suas melodias selvagens, vibrantes e lamentosas.

Atrás das galerias com cortinas, você podia ver os olhos brilhantes das damas da corte espiando. Finalmente o próprio Maharaja desapareceu e após uma pausa trouxe o bebê e o apresentou ao povo com suas duas filhas pequenas trotando ao seu lado. Toda a multidão se levantou e aplaudiu. Uma salva de

quarenta e dois tiros começou a disparar do lado de fora do palácio e logo a cena acabou. Durou uma hora e meia.

P.D.H. para Doë

*Madras*

*5 de março de 1953*

Ontem veio tomar chá com um editor um indiano que havia atuado como secretário pessoal de Buchman quando ele estava aqui, em 1916. Ele agora é um padre anglo-católico, uma corda em volta da cintura e muito divertido. Ele disse quando o editor falou sobre parasitas que não ganham o pão de cada dia: "Parasitas, parasitas. Você não entra no escritório antes das dez, escreve até as onze. Depois sai e não volta mais. Você gasta o resto do dia bebendo e ganha grandes somas de dinheiro por isso. Parasitas." Ao que o editor deu uma gargalhada genuína e disse: "Ele me encurralou".

P.D.H. para Doë

*Calcutá*

*5 de março de 1953*

O Governador compareceu ao show ontem à noite com muita pompa e circunstância. Em seguida, para um jantar ao ar livre no palácio de Nizam de Hyderabad aqui. Ele nunca passou uma noite nele, e tem sido assumido pelo governo. O Governador me disse durante o jantar de Nehru (que aparentemente o advertiu para não fazer qualquer alarde público sobre nós): "Ele é um homem tão direto que, se ele coloca uma ideia errada na cabeça, leva muito tempo para colocá-la para fora. de novo." Ele disse sobre Foss Westcott, o antigo metropolita: "Se houvesse cem ingleses como ele na Índia, a Índia seria um domínio hoje." Ele disse ao editor de um jornal daqui: "Ouvi as canções e os discursos e vi a peça. Multidões se aglomeram para ver o RAM porque ele lhes dá o que elas desejam e eles o mantêm simples." Ele acrescentou: "Esta é a única maneira de salvar a Índia. Temos um ditado de Bengala que diz que, por mais pomada que você espalhe, não cura a doença. Damos um pouco mais de arroz aqui, um pouco mais de legislação ali, mas isso é apenas pomada. O RAM realmente cura a doença."

P.D.H. para Doë

*Calcutá*

*19 de março de 1953*

Ontem à noite jantamos com o Metropolitan, um índio chamado Mukerjee<sup>74</sup>. Ele é um bom amigo e disse: "Se os britânicos tivessem vivido essa fé, a Índia teria mudado. Não há dúvida sobre isso." Quando veio a independência, a igreja aqui teve dez milhões de rúpias por ano cortadas de uma vez de sua renda do Estado. O vice-diretor do Scottish Union College, que também estava jantando, disse: "Claro, há vinte anos costumávamos ter pessoas sendo convertidas, mas isso não acontece mais. As circunstâncias econômicas mudaram muito."

P.D.H. para Doë

*Calcutá*

*20 de março de 1953*

Hoje fomos à faculdade dos alunos. Um missionário encarregado disse: "Não há comunismo na minha faculdade". Fomos recebidos por uma multidão que gritava: "Voltem para o RAM" e agitavam bandeiras vermelhas com slogans pintados dizendo que éramos pró-Hitler, Franco, Churchill, Ike, o velho Tio Tom Cobbley e tudo. Entramos no salão e a multidão se aglomerou. Eu tive que dar o pontapé inicial, então comecei dizendo: "Entendo toda essa gritaria. Isso me faz sentir em casa. Ganhei a vida, durante anos, fazendo a mesma coisa." Essa foi uma jogada mais astuta do que eu imaginava, pois, mais tarde, descobriu-se que muitos dos membros da multidão haviam sido pagos para interromper a reunião e vinham de outras faculdades. Em seguida, perguntei-lhes se era provável que o governo francês e o governo alemão, quase todos presos sob o regime de Hitler, condecorassem um homem pró-fascista. Isso os incomodou e eles gritaram e berraram. Mas eu tenho uma voz forte e uma convicção firme e usei ambas ao máximo. No final, eles foram agitados e silenciados.

---

<sup>74</sup> Most Rev. Arabindo Nath Mukerjee, Bispo de Delhi 1947-50; Bispo de Calcutá e Metropolitana da Índia, Paquistão, Birmânia e Ceilão 1950-62.

P.D.H. para Doë

*Calcutá*

*21 de março de 1953*

Temos um programa bem completo – chá com um indiano e coquetel com os ingleses. É interessante o coquetel britânico; Buchman não foi convidado. Ele riu sobre isso, mas isso o machuca. Eu não queria ir, mas ele me disse para ir. Ele disse: "Eles são sempre os mesmos. Nunca me fizeram conhecer nenhum de seus amigos."

P.D.H. para Doë

*Calcutá*

*9 de abril de 1953*

Uma senhora inglesa me perguntou no chá ontem por que eu achava que ela nunca havia trocado de amigos na Inglaterra. Eu disse: "Porque você não pode cozinhar bacalhau frio derramando água morna sobre eles."

A Chama da Floresta está apagada. Não é um nome maravilhoso? É uma árvore alta com delicadas folhas verdes que de repente explodem em uma massa de flores escarlates. Visto de longe através do brilho da névoa do sol, realmente parece que a selva está pegando fogo.

P.D.H. para Doë

*Calcutá*

*11 de abril de 1953*

Acabei de almoçar com dois editores de livros. Um era gordo e piedoso. Ele disse que o comunismo não é um perigo na Índia. Citou André Gide. Eu disse que Gide viveu torto a vida toda e, quando fiz isso, achei difícil enxergar direito. Ele retrucou dizendo que a Índia é certamente a nação mais honesta do mundo hoje. Eu respondi que concordava totalmente e como o Sr. Nanda nos disse em Delhi que seu Plano Quinquenal pode ser destruído pela corrupção do povo, isso mostrou onde o resto do mundo vive.

O outro entendeu. Ele citou um antigo provérbio bengali: "Aquele que rouba dinheiro vai para a prisão." Ele disse que a versão atualizada é: "Quem já foi preso agora rouba o dinheiro". Esta é uma referência aos que estiveram presos durante a luta pela independência.

P.D.H. para Doë

*No trem,*

*13 de abril de 1953*

Passamos por uma paisagem marrom-acinzentada, quilômetro após quilômetro. Vemos os bois amassando o grão, dois camelos atravessando um rio, búfalos d'água, pavão e a vida fervilhante e espriada das aldeias.

Um dos homens que veio se despedir de nós em Calcutá tinha lágrimas escorrendo pelo rosto, que espirraram na poeira quando ele se despediu. Um dos jovens industriais indianos disse que perdeu a amargura em relação aos britânicos, foi honesto com o pai, corrigiu um relacionamento errado com uma garota e deu um mês de salário ao RAM. "E isso é apenas o meu começo."

P.D.H. para Doë

*Kashmir*

*16 de abril de 1953*

Devemos aprender a planejar para alcançar os milhões atrás da Cortina de Ferro. Goste ou não, a Rússia e a China são as únicas nações hoje que encheram os corações de milhões com um sentimento de participação na construção de algo novo. Que outra nação ainda faz a tentativa de fazer isso?

O desafio do comunismo ainda pode ser registrado como a maior bênção do início do século XX, porque desafiou a força de vontade adormecida do Ocidente e do mundo. Eles tiveram que sustentar o ódio e a conquista de classe para manter aceso o fogo revolucionário, mas não procuram atender às necessidades mais profundas dos homens.

A única esperança segura da democracia é envolver o mundo inteiro na reconstrução de homens e nações. As massas comunistas podem ser as primeiras a responder a esse conceito se perceberem que é uma realidade na vida dos líderes da democracia.

P.D.H. para Doë

*Kashmir*

*1º de maio de 1953*

Estarão jogando seus gorros do topo da Torre Magdalena esta manhã, exatamente como faziam quando eu era um garoto. Até a menção de maio ainda me dá um formigamento no sangue, mas provavelmente porque, com sorte e um avião, podemos nos encontrar novamente no alegre mês de maio.

De fato, Howard retornou à Grã-Bretanha em maio. Ele estava em Londres com sua família para a coroação em 2 de junho. A viagem para a Índia o fez repensar todas as velhas ideias que já teve. Isso afetaria sua vida e sua escrita para sempre.

## Capítulo 14

"Além de perder a noção de um Cristo pessoal, o pior mal que pode acontecer a um cristão é não ter noção de mais nada; para algumas almas salvas é a negação de toda religião. A primeira grande época na vida de um cristão, após o temor e a admiração de seu alvorecer, é quando irrompe em sua mente uma sensação de que Cristo tem um propósito para a humanidade, um propósito além Dele e suas necessidades, além das Igrejas e seus credos, além do Céu e seus santos - um propósito que abrange todo homem e mulher nascidos, toda tribo e nação formada, que considera não apenas seu bem espiritual, mas seu bem-estar em todas as partes, seu progresso, sua saúde, seu trabalho, seu salário, sua felicidade neste mundo presente".

**Sublinhado por P.D.H. em sua cópia de  
*The Greatest Thing in the World/ A Maior Coisa do Mundo* por  
Henrique Drumond.**

A primeira visita de Peter Howard à Ásia tornou-o cada vez mais consciente da necessidade de responder aos vastos problemas dos continentes. Esses não eram apenas problemas materiais, mas os problemas mais profundos de divisão e corrupção no coração das nações que ele havia visitado. Isso que ele percebeu, exigiria uma ação maior do que havia previsto:

"Um número muito pequeno de pessoas ao redor do mundo vive para mudar o pensamento de nações e continentes. Estamos no estágio de lançamento de um avanço mundial. Depende de compreendermos o pensamento e a vida que tornarão o que fazemos a mais relevante coisa na arte de estadista dos gabinetes."

A expansão do pensamento de Howard nessa época o levou a começar a escrever para o teatro. Ele nunca havia tentado isso antes. Escreveu sua primeira peça em 1953 - uma peça de jornal, *The Real News/ As Notícias Reais*. Nos doze anos seguintes, ele escreveu quatorze peças. E disse sobre elas:

"Alguns escrevem por dinheiro. Alguns por fama. Alguns, embora muito poucos, por arte. Eles sentem a beleza em suas entranhas, que precisam mostrar aos outros com tinta e com a atuação de profissionais qualificados no palco e na tela. Alguns apenas escrevem por diversão.

"Essas razões não são minhas. Minha tinta é suor. Não acho engraçado mergulhar nesse pote. Fama não é para mim e não recebo direitos autorais de minhas peças. Todos os lucros são doados para a caridade.

"Escrevo para pregar. Escrevo por causa da propaganda. Escrevo com uma mensagem e por nenhuma outra razão. Não acredite naqueles que dizem que o teatro não é lugar para um homem com algum tipo de mensagem. Alguns escritores dão suas mensagens sem saber que o fazem. Um homem que escreve como se a vida não tivesse sentido é o homem com uma mensagem forte.

"Minhas peças são peças de propaganda. Eu as escrevo para dar um propósito às pessoas. O propósito é claro. O objetivo é simples. É para encorajar os homens a aceitar o crescimento do caráter que é essencial para a sobrevivência da civilização. É para ajudar todos os que desejam a paz no mundo a estarem dispostos a pagar o preço da paz em suas próprias personalidades. É acabar com a censura da virtude que cria uma sociedade viciosa. É alistar todos, em todos os lugares, em uma revolução para reconstruir o mundo.

Howard descreveu seu trabalho como um "desafio para uma geração perversa, mas fascinante". Harold Hobson<sup>75</sup> reconheceu isso em sua forma mais literal quando escreveu durante a exibição de uma das peças de Howard no Teatro de Westminster: "Não acredito que haja hoje qualquer teatro em Londres, com exceção do Westminster, que ousaria sugerir que a homossexualidade é um pecado. Todos eles, de *Temple Bar* a *Sloane Square*, temeriam o escárnio com que tal julgamento não convencional seria recebido."

No exterior, muitas vezes havia uma consciência mais imediata do que Howard pretendia fazer. Gabriel Marcel, o filósofo, crítico e dramaturgo francês, escreveu: "As muitas obras dramáticas que Peter Howard produziu foram para ele o meio mais eficaz de renovar e ressuscitar a vida interior do indivíduo. com a de Brecht, para ambos se trata de formar um novo tipo de homem, um marxista, o outro treinado nos ditames de uma consciência cristã". Egon Karter, o distinto diretor suíço do *Komedie Theatre*, Basel, acrescentou: "Peter Howard mostrou como um verdadeiro teatro do povo pode ser criado. Ele deixou para trás o drama psicológico de Ibsen e Sartre e fez do palco uma plataforma não para uma discussão sobre autorrealização, mas para colocar um espelho na frente do homem para que ele se veja claramente. É uma terapia de choque para a razão humana e o coração humano."

As peças de Howard não visavam uma resposta, mas a mudança de pessoas e situações definidas. "O secretário dos mineiros em um poço em Northumberland veio ver a peça de Howard *Music at Midnight*/

---

<sup>75</sup> Crítico de Drama do *The Sunday Times* desde 1947.

*Música à Meia-noite*, em 1962", escreve K. D. Belden em *A História do Teatro de Westminster*. "Sua mina estava em estado crítico. Mil famílias dependiam dela para seu sustento, mas estava ameaçada de ser fechada porque não podia pagar suas despesas. Apenas 1.700 toneladas de carvão eram extraídas por dia, e estava perdendo 39s. 6d. a tonelada. O secretário dos mineiros ficou impressionado e comovido com a filosofia da peça. Ele voltou e pensou sobre isso. Então, decidiu aplicá-lo em seu poço. Em vez de manter um estado de guerra contínua, reuniu todos os elementos no fosso para cooperar em aumentar a produção, reduzir o absenteísmo e melhorar a qualidade do trabalho. Quando *Música à Meia-noite* chegou ao Teatro Royal, Newcastle upon Tyne, em sua turnê alguns meses depois, ele foi capaz de convidar alguns dos fundidores para a face de carvão no dia em que a produção atingiu 2.500 toneladas por dia. Alguns meses depois, chegou a 3.000 toneladas por dia e a mina ainda está em produção.

As peças começaram a atender à necessidade que Howard havia visto na Índia - a necessidade de desafiar e inspirar comunistas e não comunistas. Quando *Através do Muro do Jardim* — a história de duas famílias, representando os mundos comunista e não comunista, vivendo uma de cada lado de um muro que só existia em seus preconceitos — foi exibida na Itália, notou-se que a imprensa comunista estava muito entusiasmada como sua contraparte católica. *L'Unita*, o diário comunista, escreveu:

Peter Howard está mergulhado até o pescoço na realidade de nosso tempo e empenhado em uma intensa batalha para trazer um alívio da tensão internacional. A princípio, em Roma, o público era composto pelos habituais frequentadores do teatro, os burgueses frequentadores de todas as primeiras noites. De fato, gradualmente, com o passar dos dias, o público romano tornou-se mais seletivo e cada vez mais trabalhadores apareciam no teatro.

Assim, pela primeira vez na Itália, a empresa decidiu dar atenção especial aos trabalhadores. Em Roma, uma noite inteira foi dedicada às organizações democráticas, e o mesmo princípio foi repetido na Toscana, na Úmbria e na Emília. Em todos os lugares, os trabalhadores responderam ao apelo do teatro. Uma peça popular e um sucesso popular.

Na sede do *L'Unita* pode ser adquirido um número limitado de bilhetes para os dois espetáculos. O jornal os mantém para seus leitores e assinantes.

Em 1955, Howard escreveu uma peça musical chamada *The Vanishing Island/ A Ilha Desaparecida*. Com 244 pessoas de vinte e quatro países, viajou mais de 80.000 milhas pela América, Ásia, África e Europa. Foi a primeira vez que o RAM tentou uma ofensiva tão grande e, como tal, criou muita polêmica. A resposta foi imediata, assim como as críticas. Essa missão mundial marcou um ponto de virada na história da RAM. Ela superou conceitos antigos e tratou publicamente de questões nacionais.

Nas Filipinas, pela primeira vez desde a guerra, os japoneses falaram com o povo filipino. Howard escreveu:

"Na relva verde à beira-mar em Manila, 106.000 filipinos foram mortos na última guerra. Das águas cinzentas e agitadas da baía de Manila estão lançados os cascos e mastros dos setenta e três navios japoneses ali afundados. Sob esses mares repousam os mortos japoneses, junto com muitos dos meninos americanos dos 150 aviões perdidos afundando aqueles navios.

"Os japoneses, que estavam entre os que falavam do palco depois de *The Vanishing Island/ A Ilha Desaparecida* todas as noites, chegaram às manchetes em Manila. Niro Hoshijima, conselheiro do Gabinete Japonês, um dos seis plenipotenciários que assinaram o Tratado de Paz para seu país, pediu desculpas ao povo filipino pelos erros que o Japão havia cometido. Ele disse: 'Nós, no Japão, devemos pagar as reparações. Mas as reparações não são suficientes. Em primeiro lugar, devemos humildemente nos desculpar pelo passado. É por isso que meu primeiro-ministro me incentivou a vir nesta missão. Por favor, perdoe-nos. O Rearmamento Moral já está construindo um novo Japão e com o Rearmamento Moral toda a Ásia pode se unir.'

"Podia-se ouvir os murmúrios raivosos dos filipinos quando a língua japonesa foi ouvida pela primeira vez nas luzes da ribalta. Então, quando as palavras foram traduzidas, a respiração ofegante seguida por uma salva de palmas.

"Depois, muitos filipinos se apressaram para apertar sua mão. Alguns choraram. Um deles disse: 'Estes meus pulsos sempre terão as marcas de algemas japonesas, mas esta noite eu os perdoei.' "

Isso não aconteceu por acaso, como lembra Vincent Evans<sup>76</sup>:

"Howard trouxe com ele de Tóquio um grupo de japoneses que queria se desculpar com o povo das Filipinas por parte da selvageria que ocorreu lá durante a guerra. Por mais ou menos uma hora, Howard sentou-se com esses japoneses muito bons, ajudando-os a compreender a desolação que a guerra havia trazido a essas pequenas ilhas alegres que agora jaziam cercadas pelos cascos enferrujados e danificados dos navios americanos e japoneses. palavras bastante assustadoras que os japoneses pretendiam dizer diante da vasta audiência de seus antigos inimigos."

A ideia de ideologia de Howard não era uma teoria, nem simplesmente um plano de ação. Significava lidar com os homens:

---

<sup>76</sup>Ex-colega da Rua Fleet, atualmente subeditor-chefe de assuntos estrangeiros do *News Chronicle*.

"Alguns pensam em ideologia como bondade, o que sabemos de fraternidade, alguns cantos derrubados aqui e ali e é isso. É preciso mais do que isso. Isso é tão egoísta quanto o homem que prefere seus cigarros, bebidas e mulheres antes que salvar sua nação.

"Pode haver egoísmo em se preocupar com o pecado pessoal. Não tem nada a ver com ideologia, a menos que esteja relacionado à mudança de pessoas. Algumas pessoas recuam diante do maior desafio. Elas sempre estarão lá, exigindo comunhão humana em um nível baixo. Isso arrastou a maioria das grandes religiões para a ineficácia, e é o compromisso moral que está por trás disso."

Foi com esse compromisso moral que Howard lidou diretamente. Nela ele viu sementes de destruição para as nações. Ele foi franco em sua condenação: "Não vejo sentido em rodeios". Ele tinha o hábito incomum de dizer às pessoas o que pensava na cara e depois manter o silêncio sobre isso. Sua concepção do trabalho do RAM é melhor expressa em suas próprias palavras:

"Existem duas escolas de pensamento que podem ser chamadas de 'enclavers' e a dos 'freebooters'. Os enclavers estão ansiosos por criar uma irmandade na qual as grandes verdades da moralidade e de Deus sejam mantidas seguras e onde, no meio de um planeta que deu as costas a tais coisas, eles podem continuar a viver e induzir alguns outros a viver da maneira que lhes parecer melhor.

"Os saqueadores estão à solta, noite e dia, com espadas reluzentes, determinados a reconquistar do mundo moderno a propriedade de Deus que materialistas, intelectuais, fascistas e comunistas roubaram, tentaram destruir e esconder. Eles lutam, cantam, rastejam, correm, ziguezagues, abrindo caminho onde podem. Eles vivem do território em que se movem. Os estabelecimentos os odeiam. As mãos dos poderosos estão contra eles. Milhões os amam. Nem todos os entendem. Eles estão no controle fúria para criar uma revolução pela qual Deus se tornará mais autoritário para todos do que esposa, marido, filho, riqueza, posição, Mao Tse-tung, Krushchev ou mesmo o Sr. Kennedy.

"Talvez precisemos tanto de *enclavers* quanto de *freebooters*. O certo é que os freebooters agora precisam se livrar de todas as ações não essenciais de suas vidas, para se unirem uns aos outros com uma honestidade muito menos glutinosa e mais absoluta, para salvaguardar a saúde, a força, o tempo e paixão, para ver que cada arma colocada em uso é de um profissionalismo e polimento que lhes permite ter uma melhor chance de avançar diante do olhar de uma terra que começa a prestar muita atenção às suas atividades."

Howard era um *freebooter*. Acrescentou a essa qualidade realismo e perspicácia. Ele não foi influenciado pela resposta do público ou pelo inverso. O RAM passou a ser reconhecido por alguns

governos como um ativo importante. Muitas vezes houve um esforço para explorar isso. Howard sempre recusou:

"Se eu permitisse que o MRA se tornasse a ferramenta da política britânica ou de qualquer outra política externa, ele perderia imediatamente sua eficácia. O MRA ajuda todas as pessoas que amam a Deus a amar mais seu país, não menos. Mas também fornece às nações um mundo objetivo além do mero reconhecimento e supremacia nacionalista, sem o qual as nações de hoje estão fadadas a se isolar e arriscar a deserção de seus nacionais. Pessoalmente, continuo convencido de que nossa única grande esperança é a aceitação de uma ideia muito maior do que o mero interesse nacional.

"Meu próprio trabalho, bem como a ênfase dele, seria alterado e reduzido se eu estivesse sob ordens de qualquer governo."

Nisso ele estava certo. Ele sabia que a força do RAM reside no fato de não ter política, embora muitos políticos estejam comprometidos com ele; que não apoia nenhum governo, embora muitos governos o acolham bem. Desta forma, pode estar livre do controle do homem.

Para Buchman e Howard, era o cúmulo da loucura chegar a uma situação e continuar com seu programa se houvesse algum problema local urgente a ser resolvido. Eles aboliriam todos os programas para lidar com o problema em questão. Os jornais haviam treinado Howard na realidade de cumprir prazos e encontrar notícias. O RAM o treinou para identificar alvos morais na vida de uma nação e enfrentá-los.

Nem sempre foi popular sugerir que as necessidades de uma nação eram morais, bem como as óbvias de habitação, alimentação e vestuário das pessoas, mas Howard persistiu:

"Eu me oponho totalmente à filosofia de que Deus não opera mais por meio da transformação do indivíduo, mas apenas por meio de operações sociais, como a agitação pelos direitos civis na América, os movimentos antiapartheid na África do Sul e a disseminação do comunismo, que, embora ateu, cria uma atmosfera que ajudará a fé a avançar.

"Acredito que todos na Terra têm algum Rearmamento Moral dentro de si. E nesse cenário, acredito que seja a esperança da humanidade.

"Eu me oponho totalmente aos cristãos que dizem que, porque Cristo redime, podemos continuar nos desvinculando da história e vivendo como somos.

"Uma grande sociedade nunca nascerá de boas obras que esperam usar a indústria e a agricultura para encher a barriga e a mão, o prato e a bolsa, mas deixar a obstinação intacta e os corações vazios de amor e fé. Ação política, econômica e social sozinha nunca tocará o centro do mal, nem a autossatisfação preguiçosa e ranzinza com nossas perfeições pessoais e nacionais.

"Estamos em meio a uma luta sem escrúpulos pela alma e pelo caráter do mundo. A questão a ser decidida neste século é se será a terra de Deus ou o inferno dos homens."

Howard acreditava que um teste de ideologia era a paixão com que era vivida:

"Não muito tempo atrás, em uma festa da embaixada, conheci um importante diplomata russo. Ele me confundiu com um diplomata britânico. Perguntou se eu conhecia algum dos delegados da conferência de desarmamento em Genebra. Eu disse: 'Sim'. Então o russo me disse com veemência: "Nós, soviéticos, temos uma grande vantagem sobre vocês no mundo ocidental. Temos uma forte ideologia para mudar o mundo. Vocês têm uma ideologia muito fraca." Eu disse ao russo: "Temos alguma ideologia?" Ele caiu na gargalhada. Ele disse: "Não. Vocês não têm nenhuma. Vocês não sabem para onde querem que o mundo vá."

"Então tive um pouco de azar. O embaixador etíope, que me conhecia, veio e perguntou por Frank Buchman. Assim que ele saiu, o russo virou-se para mim e disse: 'Rearmamento moral? Estão contra nós!' Eu disse que não colocaria as coisas dessa forma. Ele perguntou qual era a nossa atitude.

"Eu disse a ele que sabíamos que o mundo precisava de uma revolução para ser salvo da guerra. Eu respeitava a sinceridade de milhões de comunistas da Cornualha. Mas achava que suas ideias eram antiquadas.

"Ele ficou muito zangado e me perguntou por quê. Eu disse que a teoria da luta de classes, levada à sua conclusão lógica, deve resultar em uma guerra atômica entre vastos grupos de poder. Eu disse a ele que o comunismo nunca havia crescido filosoficamente para corresponder à nova situação criada pelo avanço da energia nuclear. É uma visão da Idade da Pedra na era do átomo.

"O russo me disse: 'Qual é a sua resposta?' Eu disse a ele que o Rearmamento Moral era uma revolução mundial maior que o Comunismo porque não excluía nenhuma classe, nenhuma cor, nenhuma raça, mas alistava todos para o grande objetivo de que toda a humanidade pudesse aceitar a reconstrução do mundo e a reconstrução de toda a sociedade humana.

"O russo perguntou como funcionava. Conte-lhe muitas histórias. O russo disse-me: 'Se você pode mudar os homens, meu marxismo está desatualizado. Tivemos quarenta anos de socialismo nos soviéticos - mas não fomos capazes de curar o egoísmo e dar aos homens um novo motivo.'

"Naquele momento, uma garota veio até nós oferecendo cigarros de todos os tipos. Ela me ofereceu alguns e eu disse: 'Não, muito obrigado!' O russo zombou de mim e perguntou: 'Existe uma regra contra fumar no RAM?' Eu disse: "Não, mas cada centavo que tenho vai para a minha revolução. Eu não desperdiçaria um centavo em tabaco." Ele ficou pasmo e disse: 'Isso significa tanto para você quanto isso?'

Eu disse: 'Por que diabos vocês, comunistas, pensam que são as únicas pessoas que se sacrificarão por sua revolução?'

"Fomos para o jardim e ao redor do jardim havia uma mesa cheia de bebidas. Estava tudo lá. O russo me disse: 'Vá em frente.

Eles não vão cobrar por isso. Eu disse: 'Muito obrigado!', e peguei uma Coca-Cola. Ele disse: 'Existe uma regra contra beber no RAM?' Eu disse: 'Não, mas quando estou com um homem como você, prefiro ficar com a cabeça no lugar'. Ele riu. Eu gostei dele.

"Ele me perguntou como minha revolução começou. Eu lhe falei sobre padrões absolutos de honestidade, pureza, altruísmo e amor. O russo me disse: 'Vou lhe dizer duas coisas.' Ele olhou em volta. "Eu fumo quase cem cigarros por dia e não consigo parar. Você pode me ajudar?" Então, ele disse: 'Nós, soviéticos, sabemos que, além do comunismo, o Rearmamento Moral é a única força que trabalha ideologicamente em todo o mundo.' "

A paixão com que Howard perseguiu seu tema fez com que alguns o acusassem de pensar que o RAM era a única resposta no trabalho. Ele respondeu:

"Não acredito que o Rearmamento Moral tenha o monopólio da reconstrução do mundo. Não sou tão convencido, nem tão cego. Acredito que o espírito de Deus no coração dos homens é a única força que fará a humanidade avançar."

Howard percebeu que esse espírito era muito raro, mesmo entre aqueles que professavam tê-lo:

"Assim como as congregações no Ocidente muitas vezes influenciam seus padres e ministros e os reduzem à adoração de riqueza, popularidade, impureza e falta de paixão, algumas pessoas boas assumiram a roupagem do mundo e se tornaram obcecadas por sexo e sucesso. Isso me ajuda a ponderar o que Deus deve pensar de nós. Imagino quando Ele chora, Ele vê o abismo colossal que existe entre minha percepção do que devo fazer e ser e Sua concepção do que devo ser. Isso me ajuda em minhas relações com homens."

Buchman recusou-se a deixar que Howard dependesse da aprovação humana. Certa vez, o próprio Buchman recebeu grandes somas de dinheiro na América para transformar seu trabalho em uma organização popular. Uma oferta que ele rejeitou imediatamente. Com o avanço crescente do RAM, Howard entendeu como essa ideia poderia facilmente atrair e influenciar as pessoas. Ele sabia o perigo disso. Após a morte de Buchman, ele escreveu:

"O Rearmamento moral permanece como uma rocha e, estou convencido, será a pedra angular de um novo mundo. Buchman disse: 'O único a fazer em tempos de crise é mudar os homens.' É uma fonte

de profunda preocupação para mim que entendamos e aceitemos essa verdade, que foi o motor da vida de Buchman.

"Parece que estamos alcançando as massas em muitos países, mas precisamos ficar muito atentos para não cairmos em um movimento tão apaixonado pela resposta em massa que só queiramos o aplauso das multidões e que, quando esse aplauso não vem, desenvolvemos um anticomunismo e autojustificação e autodefesa que não é de Deus, mas que é de fato anti-Deus. Acho que, como Deus nos confia as massas, precisamos deixá-lo penetrar mais profundamente e purificar nossas vidas de forma mais absoluta, em vez de permitir que o sucesso nos faça depender cada vez mais do aplauso.

"Um homem me escreveu: 'A questão de lutar pelo governo de Deus nos homens, em vez de usar os homens para alcançar um propósito nascido da ambição, é muito fundamental. Caso contrário, gostamos tanto do aplauso da multidão que trabalhamos para conseguir multidões para aplaudir, ao invés de mudar os homens.' "

Howard continuou:

"Acredito que essa impureza, que nos leva a buscar a apreciação de todos, pode, se não for curada e não enfrentada, resultar em estratégia nacional desastrosa. Ninguém estava mais alerta do que Buchman para novas maneiras de atingir milhões. Ninguém se alegrou mais do que ele nas maravilhas. Mas ele estava sempre buscando caminhos inesperados. Estava resoluto em sua recusa de dar um passo a menos que sentisse a marca e o toque de Deus ao dar isso. E ele nunca, nunca, nunca, nunca desistiu de sua paixão por mudar cada homem que ele conheceu, e para os homens mudados serem o resultado de tudo o que ele fez. Ainda me lembro de sua definição das maiores palavras da língua inglesa, 'Faça e mantenha-me puro por dentro'. Isso significa curar não apenas a impureza pessoal, mas também a dura resistência à Cruz, que constrói relacionamentos com aqueles que irão lisonjear e louvar, e constrói divisão com aqueles que nos desafiam ao mais alto.

"A paixão é boa, mas a paixão também precisa de amigos firmes ao seu lado para ver que é uma paixão guiada por Deus. Se vivermos assim, eu acredito - 'Tornei-me, portanto, seu inimigo por que digo a verdade?' - poderia se tornar o sal normal da nossa vida."

Buchman também treinou Howard para ser escrupuloso com o dinheiro. De muitas maneiras, Howard já havia se tornado assim. Ele próprio tinha pouco dinheiro, apenas o que sua fazenda em Suffolk lhe proporcionava. Com o que tinha era generoso, às vezes impulsivamente. Mas com o dinheiro que foi dado ao RAM pelo sacrifício, ele foi extremamente cuidadoso. Ele não fumava nem bebia. Ele não gastaria

o dinheiro de outras pessoas dessa maneira. Ele continuou a cortar o decano e simplificar a administração do RAM para evitar qualquer possível desperdício. Ele não gostava de gastos estúpidos.

A vida de Howard estava aberta a todos. Não havia nada de privado nisso. Ele tratava sua secretária, seus trabalhadores rurais ou um jornalista hostil com a mesma preocupação e franqueza. Ele acreditava em incluir todos em sua vida.

Em Miami, em uma conferência para o RAM, um delegado da Costa Rica conheceu Peter Howard pela primeira vez. Ele escreveu na época da morte de Howard:

"Eu era um velho de sessenta e oito anos, novo nos círculos do RAM, que tinha vindo pela primeira vez a uma convenção internacional. Eu era perfeitamente desconhecido dos líderes e não deveria merecer muita atenção de ninguém. No entanto, Peter Howard veio até mim e me convidou para participar da reunião daqueles que estavam fazendo a programação do dia.

"Embora eu tenha passado cinquenta anos investigando como ajudar a humanidade, este foi meu primeiro contato direto com o RAM. De fato, fiquei encantado ao ver como poderia obter orientação de Deus para servir a humanidade e para que eles encontrassem sua própria centelha em seus corações, para mudar o mundo.

"Acordei na manhã seguinte antes das 4 da manhã para estar no local o mais cedo possível. Eu estava de pé no corredor, esperando a chegada de Peter Howard. Um dos membros proeminentes da conferência olhou para mim com surpresa. Minha presença não era esperada ou desejável, eu senti. Ele se virou e disse: 'Mas o que você está fazendo aqui?' Eu entendi o que ele quis dizer. Isso não é da sua conta, como você se atreve a vir aqui e se intrometer? Por favor, pergunte a Peter Howard e me avise. Foi ele quem me convidou para vir aqui.' Percebi que não deveria ter respondido daquela forma, mas naquele momento Peter Howard entrou, apontou para um assento na primeira fila e a comédia acabou."

Aí acabou a comédia para muita gente. Pois Howard acreditava que se você tivesse algo a dizer, que não incluísse todo mundo, dificilmente valeria a pena dizê-lo. No entanto, não havia nada de sentimental nele, como lembra sua secretária:

"Certa vez, misturei duas cartas e as coloquei nos envelopes errados, com resultados um tanto embaraçosos, e estava tentando me desculpar por isso. Ele disse: 'Se eu pudesse, gostaria de ter uma secretária que fosse eficiente e cristã, mas se eu tivesse que escolher uma das duas, preferiria ter alguém cristão.' Descobri que o cristianismo para ele estava muito longe do tipo puramente de ir à igreja no domingo, que eu havia rejeitado em minha juventude. Ele esperava que a fé significasse para mim o que significava para ele.

"Pontualidade ele insistiu. Uma vez ele me abandonou em uma cidade alemã completamente desconhecida porque eu estava dois minutos atrasado para chegar ao local onde ele disse que eu seria pego. Felizmente, um carro que passava tinha alguém dentro que me reconheceu e me aceitou. Quando me viu, disse que não poderia se atrasar para o compromisso por minha causa e que eu aprenderia alguma coisa com isso. E aprendi."

À medida que as responsabilidades de Howard aumentavam, sua fé se aprofundava e sua vida se expandia. Talvez fosse por isso que Buchman pedia cada vez mais dele. Custou a Howard seu tempo, sua energia e seu orgulho. Acima de tudo, custou-lhe as muitas ocasiões que gostaria de passar com sua família. Quando sua mãe morreu em 1953, ele estava no exterior. Ele foi para casa para consolar seu pai, que estava cego há quase seis anos.

P.D.H. para Doë

*Sussex*

*17 de agosto de 1953*

Papai não dormiu bem ontem à noite e saímos às 8 da manhã para Cheering, a cerca de sessenta quilômetros de distância, onde mamãe foi enterrada. Devo dizer que é um lugar lindo, um jardim. A coroa de Buchman estava no caixão. Coloquei um buquê de rosas vermelhas nossas e das crianças. Apenas duas amigas da mãe estavam lá, já que o anúncio só apareceu no *The Times* esta manhã. Papai foi maravilhoso. Duas lágrimas caíram de seus pobres olhos cegos no meio do caminho. Caso contrário, embora ele tremesse muito, estava bem e entregou seu coração de uma maneira maravilhosa. Quando voltamos para cá, ele perguntou se tinha se comportado bem e disse que meu apoio era tudo para ele.

Em 1960, enquanto Howard estava em Los Angeles, ouviu a notícia da morte de seu pai. Ele não conseguiu voltar para casa.

P.D.H. para A.

*Los Angeles*

*6 de fevereiro de 1960*

Durante meu tempo aqui, veio a notícia de que meu amado pai havia nos deixado repentinamente. Ele ficou cego nos últimos onze anos de sua vida, e eu nunca ouvi um gemido ou sussurro de reclamação dele. Buchman ouviu a notícia e, mais tarde naquele dia, um lindo vaso de imponentes flores brancas apareceu em meu quarto. Embaixo havia um cartão:

"Para um pai valente -  
Quem vê de novo, na Vida Eterna  
e para a esposa que lhe deu o cuidado mais terno.  
Atenciosamente, Frank"

No caminho de volta a Washington, voei para Tucson<sup>77</sup>, chegando às onze horas da manhã. Campbell veio ao meu encontro. E então fomos dar nossas notícias a Buchman e nos acomodamos em redigir cartas até tarde da noite.

Durante o jantar, que foi servido em seu quarto para Campbell e para mim, Buchman me fez falar sobre meu pai. Ele disse: "Eu gostaria de passar meia hora lembrando de seu pai com você." Então, por meia hora tivemos uma amostra do Céu naquela sala, onde meu pai e também nosso Pai Celestial estavam muito próximos. Buchman lembrou como, quando sua mãe faleceu, ele estava na Índia. Ele estava viajando em um vagão de trem, e durante toda a noite o vagão ficou cheio de luz. Ele disse: "Ora, nem todo mundo entende essas coisas, mas você poderia ler um jornal sob essa luz." Ele disse: "Deus estará com Peter com grande poder hoje e durante a noite". Então Buchman com grande convicção, muito lentamente deu todo o Salmo 23. E, finalmente, "Com todas as lembranças felizes que temos do pai: os jogos, as lágrimas, o amor que ele tinha por Peter e por seu irmão. Esteja com Anne, Ant e Philip. Faça deles grandes homens e mulheres em Cristo Jesus. "Quando terminou, Buchman disse: "Agora faremos mais algum trabalho."

Embora os pais de Howard tivessem se conformado com o trabalho de seu filho com o RAM, eles nunca realmente o entenderam. Portanto, não lhe foi deixado nada por eles. Os tesouros da família foram para os outros. Embora isso o machucasse, ele não era homem de guardar amargura. Após a morte de sua mãe, ele ofereceu a E.C.H. uma casa em Hill Farm, mas esta foi recusada. Desde então, quase todas as semanas, Howard via que pacotes de comida eram enviados de Suffolk para seu pai. Cuidar dos idosos era algo próximo ao coração de Howard. Ele deu a sua amada "Nanny George" e à "Nursie" de Doë uma casa em sua fazenda nos últimos anos de suas vidas. Mas não havia casa para Howard. Para ele, seria o caminho aberto para o resto de sua vida.

---

<sup>77</sup> Tucson, Arizona, EUA.

## Capítulo 15

*"Sinto falta de Frank Buchman, mas de uma forma curiosa. Sinto falta dele porque ele sempre foi um homem que dizia a verdade sem medo ou favor e como Deus lhe mostrava. Ele foi um bom camarada meu ao longo dos anos e me cumprimentou muito tempo antes de morrer por me considerar responsável por qualquer coisa que desse errado em qualquer lugar do mundo em relação ao nosso trabalho, independentemente de eu saber ou não. Ele acreditava que um homem como eu, como cristão, deveria assumir total responsabilidade por todo o trabalho. Nesse sentido, eu me senti 'no comando', na medida em que um homem está no comando, muito tempo antes da morte de Buchman."*

*P.D.H. junho de 1963*

Em 7 de agosto de 1961, Frank Buchman morreu em Freudenstadt - Floresta Negra, na Alemanha. Durante todo o verão, ele usou sua energia para as milhares de pessoas que compareceram à conferência de verão em Caux. Quando partiu para a Alemanha, Howard permaneceu na Suíça.

P.D.H. para Doë

***Caux***

***6 de agosto de 1961***

Campbell me telefonou ontem à noite para dizer que Buchman, ontem mesmo, por volta das duas da tarde, tinha sentido uma forte dor no peito. Durou uma hora e meia. Campbell acha que é sério. É quase certo que seja uma coronária que num homem dessa idade e é certamente grave. Eles planejavam levar Buchman ao hospital hoje. Não havia lugar lá ontem. Ele estava confortável ontem à noite. Não nos falamos desde então e aguardo outra ligação. A única coisa, parece ser, é que a luta continua.

*9 de agosto de 1961*

Vou cedo para Freudenstadt. Há muitas coisas a serem resolvidas, como você pode imaginar. Foi uma grande alegria falar com você ao telefone ontem à noite.

Tivemos um dia de luta aqui com a imprensa rondando incessantemente e muitas pessoas para cuidar.

Campbell me telefonou perto das duas horas da segunda-feira. Saí imediatamente e cheguei a Freudenstadt às dez e meia. Deixe-me dizer-lhe uma ou duas coisas sobre tudo isso. Buchman saiu daqui muito, muito cansado. Ele estava de bom humor, mas a verdade é que a luta para colocar algumas pessoas na luta real minou suas forças. Ele nos deu a mais alegre das despedidas.

Quando chegou a Freudenstadt, ele gostou muito de tudo - a culinária, as florestas e toda a atmosfera das pessoas e do lugar. Ele disse: "Eu gostaria de ser enterrado aqui." Disse isso duas vezes. Na verdade, ele fez arranjos para ser levado para sua casa, em Allentown<sup>78</sup>, mas a questão do fim da jornada deste mundo estava muito em sua mente. Ele disse: "Acho que não voltaremos a Caux."

Há pouco mais de uma semana ele mandou buscar seu fraque, dizendo que precisaria. Agora é o traje com o qual ele será enterrado. Disse a Campbell alguns dias atrás: "Não tenho certeza se devo voltar para Caux. Tornei-me um obstáculo para o trabalho." É tão típico da impressionante humildade do homem. Enquanto Campbell pensava que ele estava brincando, logo viu que Buchman realmente quis dizer isso. Ele estava preocupado com as coisas necessárias que deveriam ser feitas por ele - o trabalho noturno, a atenção física e assim por diante.

Quando falei com ele ao telefone no dia em que foi atingido pelo ataque, ele estava com um humor radiante e combativo, perguntando por todos os seus amigos. Cheio de planos para o futuro em África e no mundo. Após o almoço, ele foi atingido por fortes dores. Durou quase duas horas. No dia seguinte, eles fizeram um eletrocardiograma. Mostrou uma deterioração maciça do coração. Ao longo do dia, sua pressão sanguínea caiu constantemente. Ele estava consciente o tempo todo, mas muitas vezes quase não estava. O Príncipe Richard<sup>79</sup> veio durante a tarde. Ele leu para Buchman seus Salmos favoritos - 23, 103 e 121. Ele disse a Buchman: "Frank, estou aqui e vou ficar." Buchman entendeu e ficou muito satisfeito.

---

<sup>78</sup> Allentown, Pensilvânia, casa da família do Dr. Buchman.

<sup>79</sup> Príncipe Richard de Hesse.

Ele lutou por quarenta minutos para pronunciar suas últimas palavras: "Quero que a Grã-Bretanha seja governada por homens governados por Deus. Por que não o mundo inteiro governado por homens governados por Deus? Por que não deixar Deus governar o mundo inteiro?" Sua pressão sanguínea caiu e caiu, e finalmente ele simplesmente parou de respirar.

Uma das últimas coisas que ele me disse ao telefone no dia anterior foi: "Meus americanos estão ajudando você a levar adiante o fim de semana?" (o que, de fato, não estavam). O que Buchman não suportava era a falta de entrega plena. Ele me mandou dizer que achava que eu deveria tirar uma semana ou duas de férias em setembro. Bênçãos ao seu coração.

Ele sempre teve tempo para obter o espaço do que estamos tentando fazer. Isso eu pretendo fazer mais e mais.

Voltei para cá de carro a noite toda e trabalhei como um castor ontem. Agora estou de partida novamente para Freudenstadt e devo voltar aqui provavelmente na noite de sexta-feira, ou no primeiro sábado.

P.D.H. para Doë

*A caminho de Allentown - Pan American Airlines*

*1º de agosto de 1961*

O que me espera em Allentown é difícil de dizer. Depois do almoço, uma onda negra de depressão tomou conta de mim, provavelmente muito para digerir. Mas eu senti que tinha feito tantas coisas ruins na vida, nada realmente bom – tenho sido um marido realmente pobre, um fracasso como pai, um escritor de terceira categoria e uma paródia do que um verdadeiro cristão deveria ser. As responsabilidades esmagadoras de nosso trabalho, em contraste com o perigo de nossos tempos, foram demais para mim. É estranho porque meu espírito geralmente está animado, mas foi quase um impacto físico. A fé voltou a iluminar meu coração e passou rápido. Tudo o que senti de mim mesmo é muito verdadeiro, mas Deus me usará de maneira surpreendente. Os melhores anos estão à frente e à mão.

P.D.H. para Doë

*Allentown*

*16 de agosto de 1961*

Buchman descansa pacificamente em sua própria casa com flores ao seu redor e galhos do pinheiro da Floresta Negra de Freudenstadt a seus pés. Há pouca compreensão do trabalho que ele fez e a maioria

de seus velhos amigos locais se foi. O culto na sexta-feira fará muito pela América. Faremos todo o possível. O culto é às duas da tarde e depois vamos ao cemitério. Vou tentar voltar via Inglaterra, mas pode não ser possível. Essas coisas me cansam mais do que antigamente.

P.D.H. para A.

*Allentown*

*19 de agosto de 1961*

Ontem foi o tempo de Buchman. O sol brilhava constantemente. À tarde, ficou tão quente quanto a Ásia. Alguns estavam com medo de que a congregação lhes trouxesse algumas das controvérsias que Buchman, em sua batalha, carregava consigo como parte de sua bagagem essencial, tanto na morte quanto na vida.

Às nove horas, de repente, a imprensa irrompeu em nós com câmeras e mulheres com pinturas de guerra caçando algumas das celebridades. Então voltamos para esta casa e os homens que carregariam Buchman em sua última jornada ensaiaram. Os agentes funerários chegaram, implacáveis e profissionais. Quando você os enfrentasse e dissesse: "Não", eles fariam o que você quisesse. Mas tudo o que eles tentaram fazer foi a coisa errada.

Alguns se perguntaram se a igreja estaria cheia. Transbordou meia hora antes do início do culto. A multidão era tão grande que tivemos que esperar quase uma hora fora da igreja antes que a procissão estivesse pronta para se mudar para o Cemitério Fairlawn. Estendia-se quase duas milhas.

À beira do túmulo, nosso povo cantou "Ele vive", e após a cerimônia "O Coro Aleluia". Eles não afundaram o caixão na sepultura, mas o deixaram suspenso apenas na superfície. Isso é a América. Eles não enfrentarão a realidade de forma alguma. Eles encobrem a morte e fingem que coisas assim não acontecem. Então eles mantêm o caixão acima do solo até que todas as pessoas tenham ido embora. Não façam isso comigo. E no meu enterro eu gostaria de bebidas quentes para todos se o tempo estiver frio, bebidas frias para todos se o tempo estiver quente (precisávamos muito delas ontem) e bebidas quentes e frias se o tempo estiver moderado. Buchman disse que não queria sentimento de luto, mas de triunfo e vitória, e ontem se cumpriu isso.

Após a morte de Frank Buchman, Peter Howard descobriu que grande parte do peso da responsabilidade pelo Rearmamento Moral caiu sobre seus ombros. Houve muita hostilidade em relação a este trabalho, especialmente na imprensa britânica. Foi uma hostilidade que Howard em seus últimos

quatro anos de vida fez muito para superar. No início de agosto, ele escrevera a Lorde Beaverbrook explicando o tratamento injusto dispensado ao *Daily Express*.

Beaverbrook para P.D.H.

*La Capponcina - Cap d'Ail, França*

*4 de agosto de 1961*

Meu caro Pedro,

Lamento muito que você sinta que tem motivos para reclamar do jornal.

Como você sabe, tem sido nossa intenção constante ao longo dos anos fazer uma apresentação justa do movimento RAM em nosso tratamento das notícias.

A perfeição é negada ao homem, de modo que, às vezes, ao relatar as notícias, podemos ficar aquém de nossos objetivos.

P.D.H. para Beaverbrook

*14 de agosto de 1961*

Obrigado.

Conheço vocês o suficiente para entender que o tom do *The Express* e do *Evening Standard* após a morte de Frank Buchman deve muito à sua intervenção pessoal. Derek Marks e John Redfern não eram apenas justos, mas sensíveis e honrados na maneira como lidavam com as coisas. Escrevi para lhes dizer isso.

Foi uma alegria para mim que o *The Express*, minha antiga casa, fosse o melhor da imprensa britânica na condução do evento. Especialmente porque grande parte da safra de mal-entendidos que ele e nós colhemos e ainda estamos colhendo na Grã-Bretanha vem das sementes plantadas em suas colunas por Driberg, nos velhos tempos. Mas sobrevivemos e prosperamos.

Na verdade, Frank Buchman foi um dos poucos homens que conheci na vida de quem você pode dizer que eles não eram apenas bons, mas também eficazes. Lembro-me do seu velho verso:

"Pois, infelizmente, raramente ou nunca  
Que as pessoas se comportem como deveriam.  
Pois os bons são tão duros com os espertos,  
E os espertos tão rudes com os bons."

Pode ou não surpreendê-lo saber que você teria gostado dele.

Ele tinha um senso de humor em alguns aspectos não muito diferente do seu. Sempre se interessou pelo fato de que devo muito da minha capacidade de trabalho, tal como é, ao treinamento e amizade que você me deu.

Ele daria um jornal de primeira linha. Nunca perdeu o verdadeiro ponto da história diante dele. Tem sido interessante, e ainda é, saber tantas vezes os fatos verdadeiros que a imprensa perde por trás das histórias que publica.

Uma coisa que a teria atraído particularmente era a falta de esnobismo dele. Ele tinha a genialidade de tratar todos como uma alma real. Um mineiro ou um ministro de gabinete, um marceneiro ou um rei eram para ele pessoas com as mesmas necessidades que precisavam ser atendidas. E ele os conheceu.

Beaverbrook para P.D.H.

*La Capponcina, Cap d'Ail, França*

*16 de agosto de 1961*

Sinto muito por você.

Seu problema me lembra os problemas de minha vida em 1923, quando a *Bonar Law/ Boa Lei* morreu.

Eu dei toda a minha lealdade a ela. Seus assuntos políticos ocupavam todos os meus pensamentos.

Quando *Bonar Law* morreu, Churchill me disse: "Você se sentou em um banquinho com três pernas - uma era sua, outra era a do *Daily Express* e a terceira era da *Boa Lei*. Você perdeu sua *Boa Lei*. Você não pode sentar em seu banquinho novamente até que você tenha formado uma terceira perna." Parece-me que você está na mesma posição.

P.D.H. para Beaverbrook

*Caux*

*23 de agosto de 1961*

Você é um amigo leal. A sua foi uma carta ponderada e corajosa que me esperava quando voltei ontem à noite de Allentown.

Eu entendo muito bem o que Churchill disse a você sobre o tripé do banco. Mas a verdade é que não tenho o *Daily Express*, infelizmente não sou Max Aitken e Frank Buchman não era *Bonar Law*. Ele ensinou homens como eu a confiar em Deus antes de colocarmos nosso peso em qualquer homem vivo.

Ao longo dos anos, ele ajudou homens como eu a fazer de Deus nosso ponto de referência além de qualquer fidelidade ou vínculo humano e confrontar todos os homens sem favor ou medo. Não digo isso de forma piedosa porque, como você sabe, não sou um homem piedoso. Mas é verdade que existem muitos de nós ao redor do mundo que, embora seja inútil fingir que não sentiremos saudades de Frank Buchman, aprendemos com ele a lutar pelo que é certo como Deus nos dá para ver o certo, sem ciúmes e na unidade. Nosso trabalho continuará amanhã como foi ontem.

As pessoas estão chegando a este lugar desde os confins da terra. Esta semana Kishi vem com dezoito políticos, jornalistas e outros do Japão. Um avião carregado de 126 está vindo do Brasil e do Peru. O primeiro-ministro da Birmânia estará aqui dentro de alguns dias. Um avião especial dos Estados Unidos chegará amanhã. Então você pode ver que temos nosso trabalho cortado e faremos o melhor que pudermos.

P.D.H. para Doë

*Caux*

*9 de setembro de 1961*

U Nu veio de Belgrado cansado. Ele dormiu apenas uma hora na noite anterior à partida e diz que os poderes neutros lutaram entre si como tigres. Uma coisa é certa, se Krushchev quiser chantagear o homem moderno para outra guinada em direção ao mundo comunista, ele deve se manter no calor o máximo que puder. Ele não ousa desistir em nenhum momento.

Recebemos U Nu no salão às nove e quarenta com o Hino Nacional de Burmese. Em seguida, demos a ele Ovomaltine em seu quarto, que ele pediu especialmente. Ficou surpreso ontem à noite com o tamanho e a força do que encontrou. Ele disse: "É sempre assim?"

Seu ajudante me pediu dez bananas, nove xícaras de café, muita fruta e dois copos às quatro horas da manhã. Então eu fui servi-lo naquele momento. Houve alguma dificuldade sobre o tamanho certo do vidro, mas tudo estava bem. O criado e o guarda-costas montaram uma espécie de templo com doze velas e as frutas foram cortadas em tamanhos adequados. Então me retirei para escrever minhas múltiplas cartas.

P.D.H. para Doë

*Caux*

*2 de setembro de 1961*

A visita de U Nu foi excelente. O Embaixador, irmão de Tin Tut, contou-nos uma boa história sobre a sua visita ao Papa. U Nu entrou primeiro, depois os outros foram enviados. O irmão de Tin Tut era

um pouco tímido. O Papa se adiantou e disse: "Você está com medo de mim? Não tenha medo. Eu sou como você, baixo e gordo."

U Nu abordou o general chinês diretamente no almoço do último dia e disse: "Se você tivesse limpado anos atrás, não teria comunismo". Então, com seriedade, "Eu tenho dito à Birmânia por dez anos que, a menos que limpemos, seremos como a China continental".

P.D.H. para Doë

*Caux*

*Setembro de 1961*

Meu forte desejo é ficar quieto e parar de lutar. Para evitar a pressão de homens que querem que eu faça talvez mais do que eu devo. Os fortes laços familiares que me fazem ansiar por passar cada minuto que me deixaram nesta terra com você e com aqueles que eu mais amo. Tudo o que posso fazer então, é dar o meu melhor e seguir em frente tropeçando, hesitando, muitas vezes consciente de que posso estar enganado em meu curso, mas confiando em Deus. Por alguma razão, temos o que me parece ser o trabalho mais responsável do mundo. Então me ajude a fazer isso.

Muitos questionaram a liderança de Howard no RAM. Eles acharam impossível entender como ele a adquiriu, ou por que ele a aceitou.

P.D.H. para M. H.

Você pergunta sobre minha liderança no Rearmamento Moral. Se fosse a imprensa que tivesse perguntado sobre isso, eu diria muito simplesmente que, na época do funeral de Frank Buchman, aqueles que trabalharam juntos por anos decidiram que Howard era a figura de proa mais adequada na situação atual.

Howard deseja muito que a morte de Buchman tenha alterado o compromisso de uma série de pessoas que não conseguem compreender por que um homem como Howard é descrito como "responsável pelo trabalho de Rearmamento Moral", mas se recusam a avançar e assumir cobrar. É pelo fato de tão poucas pessoas estarem dispostas a fazer isso que alguém como eu tem que se tornar, pelo bem do trabalho e pelo bem da compreensão dos homens mortais, uma figura de proa no bom navio do RAM. Mas, claro, a figura de proa não é o motor, nem o vapor que move o navio.

Se você quiser saber de onde vêm o vapor e o motor, eu lhe direi quando voltar para casa.

Um mês antes de sua morte, em janeiro de 1965, Peter Howard escreveria:

"Não me sinto nem um pouco mais 'no comando' do que qualquer outra pessoa que suporte o peso. É simplesmente que, para o bem ou para o mal, no mundo moderno, alguém tem que usar o rótulo de responsabilidade final, caso contrário, os homens pensam não há responsabilidade e, na verdade, uma irresponsabilidade que possam ignorar ou destruir.

“Existe uma grande diferença entre estar no meio de tudo e estar no comando de tudo, porque se você está no comando, sabe que Deus tem que estar no meio”.

Em dezembro de 1964, Howard escreveu:

"Gostaria que pudéssemos esquecer frases como 'no comando'. Muitos parecem pensar que é uma espécie de tentativa de poder. Para mim, significa fazer as coisas simples, como dar o melhor de mim para todas as pessoas o tempo todo, independentemente de como estou me sentindo ou como eles estão se comportando. Significa permanecer honesto enquanto o dia é longo. Significa que evito todas as notas negativas. Significa o conhecimento de que devemos, de alguma forma, obter a disciplina da cruz de Cristo de volta em nossos assuntos, se quisermos seguir em frente".

Howard marchou para a frente. Ele tinha quatro anos de vida. Pareceria provável que um homem com sua energia e determinação vivesse muito mais tempo. Mas ele dizia muitas vezes: "Devemos nos apressar. Temos tão pouco tempo." Sua vida era uma corrida contra o tempo. Uma corrida em que ele não diminuiria; uma corrida que ele deveria terminar a toda velocidade. Era impossível pensar nele como um velho. Quando escreveu sua última peça aos cinquenta e seis anos, era a história da batalha entre as gerações. Ele perguntou a Doë como ela achava que era envelhecer. Após a resposta dela, ele disse: "É engraçado. Tenho cinquenta e seis anos. Não sinto nada disso. Sinto exatamente o mesmo que sentia quando tinha trinta."

Aos trinta anos, Peter Howard era um homem de vitalidade e determinação, mas agora possuía algo mais. Ele ainda gostava do cheiro da batalha; ele ainda possuía força para lutar e vencer; mas ele tinha uma profundidade de pensamento e fé que superava ambos. Ele devia isso a Frank Buchman:

"Eu entendo a magia daquele americano de cidade pequena, cuja personalidade desagradou a muitos, que foi acusado de esnobismo, ambição e engano, e que em uma era de satanização levou pessoas em todos os cantos do mundo marchando em direção a Deus. Este é a obra do Espírito Santo e não pode ser explicada por "porquês" e "comos" humanos.

"Buchman foi usado em sua geração para dar a milhares de pessoas um vislumbre de Deus que de outra forma não teriam; para dar a fé a milhares; para dar a dezenas de milhares um desafio moral, maior

ou menor, consciente ou inconsciente, que desempenha um papel cada vez maior na história. ... Estes são fatos, tanto quanto os homens podem julgá-los, eles resistirão ao fogo.

"Muitos odiavam o ritmo de Buchman, sua irracionalidade, sua determinação ardente de atacar e seguir em frente. Eles não apenas odiavam, mas achavam errado. E era - e é - a esperança de nosso trabalho. Ele era um homem com falhas. Mas sua força era sua centralidade em Cristo, ao invés de sua centralidade na América.

"As pessoas nunca entenderão o segredo de Frank Buchman a menos que o julguem como um revolucionário. Isso é o que ele era. Ele não via a vida ou as pessoas com os mesmos olhos dos outros homens. Ele não pensava nas pessoas como negras, brancas, pardas ou amarelas, mas como filhos de Deus com as mesmas necessidades que a mesma resposta poderia atender.

"Ele não pensava nas pessoas como de classes diferentes. Ele não achava que um homem era um homem melhor ou pior por causa de sua riqueza - ou a falta dela. Ele simpatizava com os homens pobres e fazia o possível para ajudá-los materialmente e em todos os sentidos - mas ele estava longe daquele patrocínio da pobreza que se recusa a enfrentar a necessidade dos pobres pela mesma honestidade e pureza que o mundo justamente exige dos ricos.

"Buchman por meio século avançou destemidamente, proclamando velhas verdades de novas maneiras, enfrentando gerações decadentes com a decisão de deixar Deus limpar a si mesmos e suas nações de cima para baixo. Ele desafiou o estadista e o homem comum com padrões que, se aceitos, significam revolução em tudo o que pensarem e fizerem. No deslizamento de terra da moralidade e nas areias movediças de uma era de licenciosidade, ele deu a rocha sólida dos valores eternos e da verdade.

"Claro que ele foi perseguido. Homens com essa mensagem foram perseguidos através dos tempos."

Foi sob o fogo da perseguição que Peter Howard partiu para esta batalha.

# Capítulo 16

## DIREITO DE NASCIMENTO

Grã-Bretanha, mil de seus homens  
Te elogiaram com sua voz e pena,  
E milhões mais, seu sangue derramaram.  
Sua vida, você deve isso aos seus mortos.  
Mas quem agora despertará e salvará  
Seu direito de primogenitura de uma vala comum?

Ilha de cinza, verde e ouro  
Quando as névoas do outono envolvem seus campos.  
Ilha de seiva fluorescente.  
Quando a terra borriфа seu colo na primavera.  
Ilha de carvão, penhasco e mar  
De lugar comum e mistério.

O verde suave das colinas do sul,  
As formas cinzentas e magras das cidades do norte,  
Os sinos medievais que tocam  
E as fogueiras no inverno —  
Ó Grã-Bretanha, nós de você fazemos parte,  
Seu batimento sanguíneo preenche e aquece nosso coração.

O povo humilde, sem nome e piedoso  
Por séculos eles puxaram o jugo,  
Seus braços e corações teimosos sustentaram  
Uma nação de paz e guerra.  
Eles trabalharam lealmente enquanto morriam  
E deixaram um império para nosso orgulho.

No entanto, não por força e não por poder,  
a Grã-Bretanha pode responder a esta hora;  
Nem podemos herdar do passado  
Uma vitória viva do espírito  
Para aproveitar o momento que resta  
Antes que a Grã-Bretanha desmorone em correntes.

Sim, poderíamos suportar a morte na guerra,  
Mortos pelos golpes da tirania;  
Erguemos nossas bandeiras enquanto nossa respiração  
Permaneceu - corajosa até a morte.  
Melhor cair sob nosso escudo a cruz,  
do que a um dragão ceder.

Mas amargo quando uma ilha, outrora livre,  
Apodrece por dentro e liberdade  
O imerecido é perdido; a terra que enfrentou  
os séculos, torna-se escravizada;  
A praga e a cegueira dos homens pequenos  
Para tornar as eras escuras novamente.

Portanto, não pelo poder e não pela força,  
a Grã-Bretanha pode ressuscitar corretamente.  
Somente pelo renascimento pode trazer  
liberdade ao plebeu e ao rei.  
Deus nos redirecione e perdoe.  
Senhor, ensine uma nação a viver.

Grã-Bretanha, mil de seus homens  
Te elogiaram com sua voz e pena,  
E milhões mais, seu sangue derramaram.

Sua vida, você deve isso aos seus mortos.  
Mas quem agora despertará e salvará  
Seu direito de primogenitura de uma sepultura comum?

Peter Howard travou uma batalha direta pela Grã-Bretanha. Ele lutou em questões nacionais; em plataformas públicas, em anúncios de página inteira na imprensa; em discursos; em jogadas. Lutou pelos jovens, pelos velhos, pelas mulheres, pelos dirigentes e trabalhadores. Ele lutou também por seus filhos. Ele estava disposto a sacrificar tudo, até mesmo os relacionamentos familiares que ele mais prezava, para ver seu país sob o controle de Deus.

Como resultado, algumas pessoas o consideravam duro e implacável. Na verdade, ele era sensível, com boas maneiras quase vitorianas. Ele não iria a lugar nenhum sem ser convidado. Ele não receberia hospitalidade sem agradecer por carta uma ou duas horas após a partida. Ele não gostava de grosseria ou ousadia nos jovens. Ele também não gostava da superioridade e da indiferença dos velhos. Para sua casa ele convidava generosamente. Ele odiava deixar as pessoas de fora, especialmente aquelas com problemas ou necessidades. Por mais difícil que ele os achasse, ele os perguntava. Mas ele não lhes ofereceria almofadas de conforto, apenas o desafio de uma cruz. Isso fez com que ele se tornasse mais "humano": homem e o vi piscam e começam a desaparecer. Eu não sei qual é a vida certa para os outros. Estou sempre questionando o que as pessoas devem fazer, nunca em dúvida sobre o que deveriam ser. A honestidade absoluta é certa para todos. Eu sinto o mesmo sobre os outros padrões de Cristo.

"The Spectator diz que eu sou o Dr. Goebbels. Brebner, ex-coadjuvante de Brendan Bracken, diz que sou camarada do irmão Krushchev. Na verdade, sou apenas um velho jornalista, tatuado, mas inflexível."

Howard não era alguém que pensava que a Grã-Bretanha estava acabada ou que seria melhor nascer em outra época ou outro país. Ele disse a uma audiência de empresários em Leeds em abril de 1964:

"Eu não escolheria viver em nenhum outro momento, nem escolheria neste momento ser outra coisa senão um inglês. Pois acredito que esta era desconhecida será capturada pela coragem na experimentação, habilidade na indústria, cuidado de homem para homem. Em nosso país, essas qualidades de cérebro, mão e coração ainda abundam. Às vezes, observadores, que não nos conhecem bem, nos subestimam. Ainda esta semana ouvi um estrangeiro dizer que nosso país está acabado. Isso é uma forma de loucura que tem afligido tiranos e ditadores ao longo dos séculos. O melhor da Grã-Bretanha não faz o maior barulho ou a grande bagunça.

“O mundo nos vê como uma nação de cabeças-duras, não cabeças-de-ovo. Mas, na verdade, com a majestade de nossa ancestralidade mestiça, somos uma nação de profetas, guerreiros, poetas.

"Um britânico viu uma maçã cair de uma árvore, e essa teoria lançou um salto histórico na ciência e na matemática experimental.

“Um britânico viu uma chaleira fervendo e criou uma era de vapor que revolucionou a sociedade.

"Um britânico viu mofo em uma jarra e levou o homem à penicilina. Nosso povo primeiro dividiu o átomo, inventou motores a jato, foi pioneiro no sindicalismo de Tolpuddle, acabou com a escravidão, acabou com a degradação do trabalho infantil, educou, emancipou e finalmente libertou milhões de nossos semelhantes na Ásia, na África e em outros lugares.

"Esta era de aventura foi construída para homens como nós. Mas nos recusamos a torná-la nossa.

"Os ingleses que uma vez sentiram uma mancha em sua honra mais profundamente do que uma ferida em sua carne, não o fazem mais. A vida familiar não é tão saudável quanto antes. O vício não é considerado grosseiro em todos os lugares. A fé carece de molde força sobre a nossa geração. 'British made' nem sempre significa melhor feito. As estimativas são muitas vezes superadas em contratos industriais, e os trabalhos nem sempre são executados quando prometidos. A palavra de quem negocia em mesas de café da manhã, salas de diretoria ou mesas de conferência nem sempre é seu vínculo.

"A lacuna na liderança, seja da direita ou da esquerda, é a lacuna de propósito. Todos os partidos se concentram nas coisas, no materialismo, e negligenciam um tema, um motivo para nossa nação."

Ele achava que os líderes políticos evitavam esse ponto vital. Em um anúncio de página inteira no DailyExpress em 22 de dezembro de 1964, ele escreveu:

O primeiro-ministro disse em Brighton: "Apenas com um enorme senso de dedicação de cada indivíduo podemos obter o senso nacional de propósito de que precisamos". Mas esta é a colheita antes da sementeira. É um pensamento invertido. A verdade é que somente proclamando um propósito nacional que cada indivíduo possa entender e amar, um "senso maciço de dedicação" será criado. Até que o povo britânico saiba para onde a nação está indo, eles não se dedicarão a ir para lá.

Qual é o nosso propósito nacional? Qual é o tema, o objetivo, que vai capturar a mente, inflamar o coração e colocar em jogo a vontade do povo?

Ele não era pessimista, mas sustentou com Thomas Hardy que "se houver caminho para o melhor, exige uma visão completa do pior".

"A Grã-Bretanha terá que decidir se ajuda a moldar um novo tipo de sociedade humana, com um novo tipo de homem para viver nela, ou fica de lado, enchendo os bolsos, encolhendo-se à insignificância

e esperando pelo melhor. Nenhum país na história tem sido maior do que o nosso. A imagem de nenhum grande país foi arrastada tão baixo tão rapidamente por homens tão mesquinhos.

"Hoje nosso país é considerado uma farsa e uma fraude por milhões de pessoas em outros países. Certamente temos homens suficientes livres dos problemas de adultério, homossexualidade, maldade e embriaguez deixados em nossa sociedade para nos governar e nos governar bem?"

"O terror de nossos tempos não é que eles sejam maus, mas que questionam a própria existência do certo e do errado, de padrões absolutos. Sempre houve maldade na Grã-Bretanha. Mas é a primeira vez na história que forasteiros que nos odeiam estão cultivando nossa decadência para nos destruir, e quando homens sinceros em nosso meio dizem que o bem e o mal não têm mais relevância ou significado.

"Os corações britânicos ainda estão famintos pela verdade de Deus. O homem e a mulher comuns em suas casas ou no trabalho, inquietos, inarticulados, quase perdidos no turbilhão moderno, responderão aos milhões a uma liderança clara dada por pessoas convictas, sejam elas do pub ou do palácio, da esquerda ou da direita, dos conservadores ou trabalhistas. A nação está esperando que algum Churchill moderno faça por nossa moral em tempos de paz o que ele fez por nossas entranhas em tempos de guerra."

Howard partiu para o ataque. Ele sentiu que se ninguém mais levantasse a voz na Grã-Bretanha, o MRA tinha que fazê-lo:

"Há um Festival anual em Edimburgo, uma cidade que já representou fé e decência. O Festival produziu bons shows e entretenimento. Também produziu um grupo de poetas e dramaturgos que usam seus talentos para lançar a impiedade e a sujeira para baixo. a goela nacional, para proclamar que Deus está morto, e que o certo e o errado não existem mais. Produziu uma trupe de senhoras africanas, nuas até a cintura, que se exibem em suas danças aos olhos babões dos amantes da arte ... É uma típica hipocrisia britânica que, embora reclamemos com razão do preconceito de cor em outras partes do mundo, pagamos mulheres negras para dançar em público de maneiras que não permitiríamos que meninas britânicas, em nome da decência, se apresentassem.

"O Festival de Edimburgo produziu uma imagem de que não somos mais uma nação cristã e que nosso deus é carne, sendo o sexo nossa meta e objetivo."

O Lorde Provost de Edimburgo, Duncan Weatherstone, descreveu as observações de Howard como "impertinência". Ele acrescentou: "Espero que ele tenha a coragem de se desculpar".

Lorde Harewood, na época o diretor artístico do Festival, disse: "O Sr. Howard parece ter uma visão muito restrita. Se ele pensa isso, então depende inteiramente dele. Está tudo na mente, você sabe."

Howard disse alguns dias depois:

"Estou no dilema de ofender o Lorde Provost de Edimburgo ou o Lorde Deus Todo-Poderoso. Portanto, relutantemente, devo arriscar o desagrado do governante eleito da terra.

"Eu amo meu país. Não pretendo ser intimidado ao silêncio se decidir apontar tendências em Edimburgo ou em outro lugar que, a meu ver, possam destruir a tradição e a liberdade que milhões de nossos irmãos, filhos, maridos e pais morreram na guerra por preservar."

Em Londres, em 28 de julho de 1963, Howard disse:

"Há uma conspiração contra nossas tradições e nosso poder. Monarquia, Igreja e Parlamento, as sólidas instituições de nossos antepassados estão sob ataque.

"A família real ocupa um lugar especial na afeição e lealdade de nosso povo. Seu exemplo pode valer mais de um milhão de exortações. Eles devem se recusar a se relacionar com qualquer um, cujos hábitos sejam degradados a verdadeira natureza de alguns que tentam usar a amizade na Corte como disfarce para um compromisso moral, eles devem conseguir novos conselheiros capazes e dispostos a fazê-lo.

"O governo deve deixar claro que não elevará homens públicos com hábitos privados vulneráveis.

"O Parlamento deve lidar com a influência corruptora da BBC. De alguns programas da BBC, um esgoto espiritual flui para os lares da Grã-Bretanha. Ele infecta a comunidade. Eles transmitem sujeira com ar de autoridade intelectual. É uma lenda que todos os jovens gostam de imoralidade. A verdade muitas vezes é que a geração mais velha decidiu viver na sujeira e se desculpa com a mentira de que a juventude moderna exige sujeira deles e, como piolhos, se sentem mais em casa com a sujeira.

A BBC retrucou que davam tempo igual a Deus e a anti-Deus. Mas Howard não estava satisfeito:

"Os tempos podem ser os mesmos, mas algumas das pessoas que receberam a liberdade do ar para defender a causa de Deus são muitas vezes homens derrotados, estúpidos ou tolos que não têm ideia de como bater com tanta força e diversão quanto esses imbecis, satíricos. Eles tornam Cristo mais enfadonho do que o anticristo. E Ele não é."

Elementos na Igreja da Inglaterra se opuseram fortemente a Howard:

P.D.H.para H.H.

*28 de dezembro de 1964*

Nunca pensei em minha vida que veria bispos e prelados em nosso país se elegendo como carregadores do caixão no funeral de Deus e nos convidando a nos juntar a eles. Mas com base na fé em Deus e em Seus padrões de moralidade, nunca cederemos nem diminuiremos. Ainda me entristece quando

penso em tudo o que nosso país ainda poderia fazer e ser no mundo. Mas as pessoas me dizem: 'A Grã-Bretanha está nos conduzindo à nova moralidade.' Com isso eles querem dizer uma racionalização da fé para que os homens não acreditem mais em milagres ou na divindade de Cristo. Eles significam uma interpretação da liberdade que diz que é errado sentir-se culpado por qualquer coisa, e que tudo o que as pessoas gostam de fazer é certo para elas fazerem. Acho que isso é uma interpretação errônea do coração da maioria do povo britânico. Mas Deus nos ajude. É a imagem que nosso estabelecimento e algumas de nossas figuras públicas mais expressivas estão dando ao mundo moderno.

O bispo de Southwark atacou Howard e o RAM em um programa de televisão. Howard escreveu e pediu-lhe uma explicação:

Caro bispo,

*1º de julho de 1963.*

Estou escrevendo para perguntar com sinceridade e seriedade por que o senhor sai do seu caminho para fazer uma referência tão ofensiva a mim e aos meus amigos. . . .

Se não podemos trabalhar juntos como os cristãos devem trabalhar, certamente pelo menos seria razoável e justo abster-se de lançar em milhões de lares insultos que parecem impossíveis de ter qualquer chance de resposta? . . .

Como muitos outros, encontrei a fé cristã e voltei à Igreja como resultado do encontro com o Rearmamento Moral. Enquanto homens como eu estiverem no comando, o trabalho estará enraizado em Cristo.

O desacordo com os métodos é uma coisa. Queremos aprender a fazer melhor. A transmissão de difamação é outra questão. E eu realmente apreciaria se você pudesse me explicar por que os obstáculos de um homem com a influência que você possui devem ser colocados em nosso caminho.

*Casa do Bispo*

*38, Tooting Bec Gardens*

*Streatham, S.W.16*

*19 de julho de 1963*

Caro Sr. Howard,

Obrigado pela sua carta que muito aprecio.

Não há necessidade de eu lhe dar uma explicação detalhada da minha atitude em relação ao RAM. Não questiono a sinceridade do RAM, mas duvido de sua sabedoria, equilíbrio e ortodoxia. Na entrevista para a televisão, senti a necessidade de chamar a atenção para essas dúvidas.

Minha posição pode ser declarada simplesmente. Estou interessado na conversão do Sr. Rachman<sup>80</sup> porque mantenho a fé católica no que diz respeito à sua salvação eterna. Mas não sou tão ingênuo a ponto de pensar que a situação habitacional na Inglaterra pode ser "modificada" pela "mudança" do Sr. Rachman e seus semelhantes. O que é necessário é um ataque implacável a um condenável sistema de direitos de propriedade que é tão corrupto quanto imoral. O RAM, com sua campanha por padrões absolutos, está preparado para participar do ataque? Se assim for, ficarei feliz em reverter minha atitude em relação à sua integridade e terei mais respeito por seus apoiadores que ocupam cargos em minha diocese.

*Atenciosamente, etc.*

*Mervyn Stockwood*

P.D.H. ao Bispo de Southwark

O Rearmamento Moral não é um partido político, nem uma Igreja. O senhor poderia também não desejar que sejamos isso. Tendo feito tal aclaração, é claro que minha resposta à sua pergunta sobre o Sr. Rachman é que eu lutaria para ganhá-lo à conversão, mas também lutaria como o inferno para acabar com as condições vergonhosas em habitação que tornam possível a prosperidade de homens como ele. Não cedo a ninguém em minha determinação pela lei da terra e pela revolução social e econômica para mudar a situação material no mundo moderno. Se o Rearmamento Moral foi uma força reacionária, simplesmente projetada para manter as pessoas quietas e em condições como estão, por favor, acredite em mim, eu não deveria ficar um dia com ele. Quão bem fazemos nosso trabalho é uma questão de opinião. Pessoalmente, sinto que poderíamos fazer melhor. Certamente precisamos e recebemos ajuda para aumentar nossos objetivos e aprofundar nossa penetração.

Acredito que há uma necessidade universal de Cristo e que devemos lançar o desafio de Sua Cruz ao anticristo do totalitarismo, seja ele de Direita ou de Esquerda.

Em uma entrevista com o Dr. W. J. Bolt no jornal da Igreja da Inglaterra, em 19 de junho de 1964, perguntaram a Peter Howard:

W.J.B.: "O que o RAM tem a dizer sobre as necessidades mais urgentes de hoje?"

P.D.H.: " Se você está pensando na desmoralização generalizada causada pelo vício sexual, bebida e jogo, afirmamos que Deus, que deu ao homem seu corpo, vontade, pode guiar e ajudar o homem a

---

<sup>80</sup> Extorsor de propriedade, de quem derivou a palavra "Rachmanismo".

controlá-los. Nós, cristãos, devemos estar ansiosos e alertas para demonstrar aos outros que carecem de nossa experiência e de nossa iluminação que podemos viver plenamente e vidas felizes sem indulgências que, para outros, parecem necessidades indispensáveis.

W.J.B.: "Você considera que o RAM causou alguma impressão substancial nas Igrejas Cristãs, ou no mundo exterior?"

P.D.H.: "Não posso medir o sucesso de um plano espiritual por estatísticas, ou pela quantidade de publicidade externa que atrai. Desde que estejamos levando a vida de Cristo e Seus padrões a uma observância mais profunda na vida do mundo, não nos importamos se nossa organização é ou não um sucesso numérico ou financeiro".

P.D.H. para F.C.

*5 de junho , 1963.*

A vida cristã é uma vida de luta. Tantas pessoas têm uma falsa ideia de que se você é guiado por Deus, você perde todos os sentimentos e se torna uma espécie de casco em um brilho rosado. Esta não é a minha experiência. Eu sinto as feridas. Eu sinto as atrações do diabo. Sinto o desânimo de homens pecadores e adversidades mais do que jamais senti em minha vida antes. Mas eu decidi firmemente, no poder de Cristo, não ser guiado por nada, exceto por Deus.

Por alguns dentro do Rearmamento Moral, o ataque franco de Howard à imoralidade foi visto com suspeita, especialmente quando incorreu no descontentamento de líderes religiosos:

M. para P.D.H.

*27 de maio de 1964.*

Hoje, no RAM, estamos muito mais pé no chão e nos concentramos em fins realizáveis. "O segredo do sucesso é concentrar-se em fins finitos", diz Cosimo de Medici. Não seria possível mudar a imagem do RAM de entusiastas de olhos arregalados que se contentam em murmurar: "A solução é uma nação controlada por Deus" e criar uma nova imagem de realistas que diagnosticaram corretamente o mal e que ansiavam por cooperar com outros grupos bem-intencionados ansiosos para deter a decadência?

Se você puder criar uma imagem nova, muito mais simpática do RAM, e para as pessoas comuns, isso será de uma ajuda inestimável.

Howard respondeu:

*3 de junho de 1964.*

Sua perspectiva seria a morte do RAM porque sua estrada é menos crucificada. Você quer roubar o Rearmamento Moral de sua genialidade como a resposta de Deus arquitetada para este século. Uma vez que aceitamos essa posição, não apenas fazemos da respeitabilidade nosso objetivo, mas também cedemos a responsabilidade em troca de uma possível resposta daqueles que não fazem muita coisa. Podemos lidar com muitos problemas menores e, ao mesmo tempo, não atender às necessidades dos homens.

Acredito que uma de nossas grandes necessidades é fazer o Rearmamento Moral funcionar. Veja, nossos livros, nosso teatro, nossas publicações, nossa vida em nossas casas não é tão dinâmica, tão lucrativa, tão real, que paralise a nação. Acho que devemos cooperar com todos que desejam cooperar conosco, mas deve ser cooperação na tarefa de mudar os homens, em vez de um entusiasmo sonhador que pensa que os males serão contidos enquanto todos permanecem os mesmos.

Howard acreditava que a medida de um cristão saudável ou de uma igreja saudável era se de fato as pessoas haviam mudado. Dirigindo-se a uma conferência de clérigos e ministros na *Church House*, Westminster, ele disse:

“Frank Buchman costumava dizer: 'Se você não está ganhando, está pecando'. Ele quis dizer que se você se considera um cristão e as pessoas ao seu redor não estão mudando, há algo errado com a maneira como você vive sua fé. Não falo sobre isso como um ponto de doutrina. Falo sobre isso como um ponto de experiência ... Na minha própria vida, se eu estou vivendo direitinho e ao máximo o que Deus me mostra, as pessoas mudam. Se as pessoas não mudam, existe algum pecado, definitivo, concreto, que está impedindo que isso aconteça ao meu redor.

"É verdade para uma Igreja. É verdade para uma suposta nação cristã. É verdade para a cristandade. Se não estamos ganhando, estamos pecando. Se milhões de pessoas não estão sendo mudadas e ganhas para a verdade de Cristo, há algo errado com a maneira como os cristãos estão vivendo seu cristianismo.

“Todo não-cristão no mundo deveria estar dizendo: 'O que as nações cristãs estão pensando agora? Qual é o próximo passo? O que eles estão dizendo? O que eles estão fazendo?' Devemos ser o foco de atenção neste momento de crise, em vez de ser um padrão de desunião e ineficácia.

"O que Deus significa para o homem moderno? Um Deus apaixonado por ganhar o mundo? Um Deus com um plano mestre para cada ser humano no mundo? Um Deus inesperado? Um Deus aventureiro? Alguém que é mais interessante, mais amoroso, mais dinâmico do que qualquer pessoa humana que você conhece? Não em sua vida.

"O Rearmamento Moral é propriedade verdadeira e tradicional da Igreja. Pega um homem como eu sem fé; me endireita; me dá uma amizade com Jesus Cristo que é o bem mais precioso da minha vida. Ensina eu, tal como sou, estar disponível para Deus para Seu plano. Não é esse o trabalho da Igreja?"

Em seu diário, Howard deveria registrar uma conversa com Lorde Beaverbrook. Aconteceu em setembro de 1963:

"Beaverbrook me perguntou: 'Por que você acha que a religião perdeu seu impacto na nação?' Eu respondi: 'Porque a história passou por eles. Porque eles estão vivendo no passado.'

"Beaverbrook disse: 'Isso é verdade, mas é mais do que isso. Eles se sentiram confortáveis. Antigamente, eles estavam no ataque, eram lutadores. Nunca deixe sua torcida ficar muito confortável, Peter.'

Foi um conselho que Howard não esqueceu.

Em janeiro de 1962, a única filha de Howard, Anne, ficou noiva do jovem membro do Parlamento de East Aberdeenshire, Patrick Wolrige Gordon. Nos meses que se seguiram, foi feita uma tentativa de remover Wolrige Gordon de seu cargo por causa de sua associação com o RAM e, em particular, por causa de seu noivado com a filha de Howard. Esta tentativa foi apoiada por altos membros do Partido Conservador. Ele falhou porque os homens e mulheres comuns de East Aberdeenshire se recusaram a se submeter à pressão. Em uma reunião especial do partido constituinte, eles deram ao jovem deputado uma maioria de três a um.

Ao longo desses meses, Peter Howard esteve no exterior. Ele nunca foi a East Aberdeenshire até que a batalha política terminasse, e apenas para ver sua filha e a casa que ela e o marido estavam comprando. Posteriormente, um dos oponentes de Wolrige Gordon disse em uma reunião executiva: "Não queremos Howard aqui nos doutrinando e metendo o nariz em nossos assuntos." Howard nunca mais voltou.

P.D.H. para Doë

*25 de janeiro de 1962.*

Obrigado por seu terno cuidado. Talvez se eu fosse um santo não sentiria necessidade disso. Mas eu sim. Eu sinto. É um poderoso reforço na vida. Vivemos bons anos, mas temos grandes anos pela frente. Eu percebo mais do que nunca a magnitude da herança que é o RAM. É uma confiança de Deus. Acredito que você e eu estamos entrando nos melhores anos de nossas vidas. Sinto-me totalmente inadequado para corresponder às necessidades do desafio. Há uma lacuna em meus caminhos e pensamentos quando você

não está presente. É estranho, mas parece que fomos empurrados para um lugar no centro desta luta mundial. Devemos aprender a viver com esse conhecimento e com a fé de uma criança Nele. É a nossa única forma e Ele vencerá. Às vezes me pergunto por que estamos colocados na posição em que tanto parece depender de nós, mas aí está e vamos seguir em frente. Devo abandonar tudo de mim que não ajuda a mudar as pessoas.

Foi nobre de sua parte vir se despedir de mim. Meu coração se apertou ao vê-lo pela janela do aeroporto sombrio. Parece que passamos boa parte da vida nos despedindo, mas não importa.

P.D.H. para Doë

*1º de abril de 1962.*

Anne e Patrick me deixam feliz. Eles se amam e isso é muito do que é necessário. Patrick também ama a Deus. Como será a batalha em Aberdeen, é difícil prever.

P.D.H. para Doë

*Los Angeles*

*4 de abril de 1962.*

Meu coração está dilacerado pela luta em que Patrick e Anne estão envolvidos. Anseio por fazer muito, mas posso fazer pouco.

Uma coisa estranha aconteceu comigo quando falei no teatro. O layout do Biltmore Bowl estava bom e tudo correu bem, mas como o último orador da noite após a peça, de repente senti meus joelhos murcharem e meus pés cederem. Eu quase caí. Acho que foi só cansaço.

P.D.H. para Doë

*Los Angeles*

*5 de abril de 1962.*

Estranho! Foi uma noite de vigília. Eu não conseguia dormir pensando em Anne e Patrick. E veio como uma inundação a certeza do amor e da misericórdia de Deus. Não é nosso trabalho protegê-los, mas apenas compartilhar a batalha com eles.

Enquanto escrevo isso, eles estão se preparando para o que certamente será uma provação em Aberdeen. Eu vivo isso com eles. A perseguição é o fogo que forja os profetas. Você não começa a medir o amor de Deus até que experimente o ódio dos inimigos. Não há nada de novo nisso tudo.

Alguns ficam chocados com o veneno de seus inimigos. Eles vivem em um mundo de sonhos a maior parte do tempo porque se recusam a lidar com a iniquidade.

Em 2 de junho de 1962, Peter e Doë Howard receberam mais de 1700 convidados em Hill Farm para o casamento de sua filha. Howard insistiu que amigos e inimigos deveriam ser convocados. Os números cresceram desproporcionalmente, mas Howard não se intimidou. Na véspera do casamento, ele viu que todos os convidados recebiam uma refeição quente e o calor da hospitalidade - embora alguns só chegassem à meia-noite.

Entre os jornalistas que vieram cobrir o casamento estava um da Escócia, Pat Strachan, editor do *The Buchan Observer*. Ele escreveu:

"Os melros estavam tentando as primeiras notas do coro da madrugada em Hill Farm, Brent Eleigh, em uma gloriosa manhã de maio de 1962, quando Peter Howard se apresentou em toda a sua estatura. Com muito cuidado, ele abriu a porta do quarto de hóspedes, silenciosamente atravessou os poucos pés de chão ao lado da cama e se deitou com apenas um tilintar de porcelana - uma xícara de chá. Silenciosamente a porta se fechou atrás dele, certamente sem que ele soubesse se seu hóspede noturno estava dormindo ou acordado. É um antigo costume inglês (zxeles dizem) e um delicioso.

"Enquanto o hóspede bebia seu refresco matinal, duas vans dos correios chegaram e pararam sob a janela de seu quarto com a correspondência da casa - a dele, sem dúvida, como se poderia esperar de um homem com seus interesses mundiais, e o de sua única filha, cujo casamento aconteceria alguns dias depois.

"Aqui estava um homem, acordado com a cotovia, atendendo a seu convidado e pronto para escalar uma montanha de cota de malha antes mesmo que alguns dos pássaros abrissem os olhos, quanto mais sintonizados! Seu convidado, o escritor, tomou um gole de chá, bebeu na manhã gloriosa e examinou a cena surpreendente abaixo, enquanto dois carteiros transportavam mala após mala postal de suas vans para o repositório de Hill Farm. De fato, o convidado estava vestido e pronto para o ar da manhã ao ar livre antes que as vans partissem.

"Naquela manhã, antes do café da manhã, vi o impacto da vitalidade de Peter Howard em Hill Farm - desde o tanque de peixes ao lado da fazenda até os amplos acres ao redor - um tributo à sua compreensão completa dos fundamentos da vida. Seu empregado captou sua visão do que uma fazenda moderna poderia ser com apenas aquela preocupação extra para o homem e a fera. 'Um bom mestre', como um de fato prontamente admitiu.

"No mais breve dos interlúdios, Peter Howard deu a impressão de preferir o papel do 'fazendeiro trabalhador' ao do lorde ou senhor da mansão, aparente no fato de que ele estava vestido para trabalhar na fazenda e não simplesmente para supervisionar. Ao mesmo tempo, o fazendeiro tinha os olhos em outros

horizontes, leste e oeste, e muito além do alcance da pecuária e do comércio, em conversas buscando sempre o entendimento completo e, a meu ver, relatando o que tinha visto e ouvido para o que ele estava vendo e ouvindo”.

Howard descreveria o dia do casamento como "o mais feliz da minha vida". Com infinito cuidado ele havia preparado todos os detalhes - a comida, entretenimento para as crianças, onde os convidados deveriam sentar, a que horas cada vagão deveria partir para a igreja, como os trens especiais de Londres deveriam ser encontrados e, acima de tudo, como cada pessoa deveria ser cuidada individualmente.

Ele insistiu que sua filha escrevesse e agradecesse por cada presente dentro de 24 horas após recebê-lo. Às vezes, isso significava escrever à mão mais de trinta cartas por dia. "Para você pode significar um pouco de trabalho duro", disse ele, "mas para a outra pessoa significa tudo. Nunca subestime a generosidade." Depois que o casamento acabou, todas as pessoas que ajudaram naquele dia receberam uma carta de agradecimento em uma semana. Para ele, era grosseria esperar mais.

Os eventos em East Aberdeenshire convenceram Howard de que nem tudo estava bem dentro do Partido Conservador. Quando os casos de Profumo e Vassall começaram a esquentar no verão seguinte, ele não ficou surpreso. Ele escreveu:

"Os acontecimentos parecem sugerir que nem sempre é sensato considerar a vida privada de um homem público inteiramente como seu próprio assunto. A resposta não é o Macarthismo, um estado policial, ou a proibição de altos cargos de homens que cometeram erros. Nem é a resposta a proteção dos que estão no poder das penalidades da loucura privada. A resposta é a honestidade. Homens com segredos a esconder nem sempre são capazes de manter, quando sob pressão, segredos de estado. A chantagem desempenha um papel cada vez maior nos assuntos nacionais e internacionais. Os governos modernos tendem a ter os mesmos padrões de honestidade e comportamento que as pessoas, nem melhores nem piores. Parece um choque para ambos quando isso vem à tona.

"Alguns acreditam que é perigoso insistir em altos cargos. Eles dizem que isso pode levar à ditadura moral, a imposição de um código de conduta a homens que não querem aceitá-lo. Se o certo e o errado não existem, esse argumento conta. Se o certo e o errado deveriam existir, o argumento desaparece. E é ainda mais perigoso aceitar uma ditadura da imoralidade, a imposição de um código de frouxidão moral que destrói as virtudes antigas e transforma em 'coisa feita' o que os homens sabem que não deve ser feito."

Conservadores e socialistas escreveram para ele pedindo que parasse com seus ataques públicos.

P.D.H. para um MP

*14 de junho de 1963*

Minha própria dificuldade é que muitos entre seus colegas, de maneiras que alguns chamariam de 'perseguição' e que outros chamariam de 'arrogante "desprezo", por muito tempo ajudaram a difamar, deturpar, menosprezar ou inundar com silêncio estudado o trabalho que estamos tentando fazer. Eles nos trataram com desprezo e, em alguns casos, com veneno. Não digo isso em termos de reclamação pessoal. Digo-o em termos de diagnóstico espiritual, de que a atual administração certamente carece e parece carecer em grande medida.

Minha própria crença é que nossa própria nação, no final, resistirá ou cairá, quer aceite ou rejeite a Deus. Uma caça às bruxas é errada. Dê-me Macmillan antes de McCarthy em qualquer dia da semana. Mas um objetivo moral nacional, proclamado e vivido por nossa liderança, é correto e, no que diz respeito à imagem pública, e de fato, a meu ver, no que diz respeito à realidade, tem sido totalmente inexistente.

Por suas declarações, Howard foi acusado de se intrometer na política. Ele respondeu:

“Usamos questões políticas para promover o Reino de Cristo e não tentamos usar Cristo para promover questões políticas. Há uma diferença importante”.

De muitos países da Commonwealth, ele recebeu cartas. Um veio da Índia:

G. para P.D.H.

*4 de agosto de 1963.*

O caso Profumo é um assunto importante e é triste ver como isso arruinou gravemente a consideração indiana pela Grã-Bretanha. Esperávamos esse tipo de coisa de alguns países europeus. Mas ter um ministro britânico se comportando assim - barato! Parece não haver mais padrões morais na Grã-Bretanha.

P.D.H. para G.

*8 de agosto de 1963.*

Obrigado por sua interessante carta. Não defendo a Grã-Bretanha, mas a parte mais significativa sobre o caso Profumo foi a forte indignação de todas as seções da vida britânica quando veio à tona. Há muita hipocrisia na Grã-Bretanha, mas outros países também têm sua parcela desse tranquilizante e energizante.

Pessoalmente, agradeço a Deus que Profumo tenha pelo menos dado um soco na consciência da nação e que ainda haja uma vida tão vigorosa revelada.

Howard não gostava de vagões. E os meses pós-Profumo forneceram muitos deles.

P.D.H. para S.

*30 de julho de 1963.*

Não há nenhuma virtude particular em atacar a imoralidade e dizer: "Que homens corajosos nós somos." O objetivo é viver à luz da nação de maneira tão normal e constante que, a qualquer momento, todos os homens saibam o que é a batalha certa para lutar e a fortaleza certa para atacar.

Quero que o Rearmamento Moral seja um barril de formigas de Deus no meio das calças da nação, não uma crisálida secreta atrás da porta do armário.

Howard sentiu que não adiantava atacar o que estava errado, a menos que você também criasse uma nova vida. Suas peças, produzidas em Londres no Teatro de Westminster, foram uma maneira de fazer isso.

P.D.H. para W.W.

*14 de agosto de 1963.*

O que tenho em mente é criar no mundo do teatro um grupo de atores e atrizes que, de forma destemida, constante e com todo o seu gênio e talento profissional, levarão um novo espírito ao coração do mundo do palco e da tela. Não estou procurando atores e atrizes que farão o tipo de peça que está em cartaz no Teatro de Westminster e a explicarão para os outros. Estou pedindo pessoas que realmente entendam a necessidade de uma regeneração da arte na Inglaterra moderna e que estejam dispostas a fazer sua parte na criação das peças, na produção das peças, na atuação das peças e na conquista da nação.

P.D.H. para A.B.

*23 de setembro de 1963.*

A arte destina-se a ilustrar os objetivos mais elevados da humanidade, o papel que cada um pode desempenhar na consecução desses objetivos e mostrar a todos como desempenhar tais objetivos não só é possível como normal. Um artista deve ser uma mistura de cirurgião, médico, profeta, poeta e sacerdote.

Para muitos artistas, era uma concepção nova e estranha, particularmente em uma época de teatro "pia da cozinha" e livros pornográficos. Eles sentiram que a abordagem de Howard significava que ele desprezava D. H. Lawrence e Wesker. Isso não era verdade, como Howard explicou:

P.D.H. para P.B.

14 de agosto de 1963.

Acho que Lawrence é um grande escritor e sua grandeza reside no fato de que ele era uma caneta pioneira. Ele quebrou muitos dos invólucros e moldes que paralisaram os conformistas por quase um século.

Mas não acredito que homens com grandes talentos devam usá-los para rebaixar a humanidade. Minha convicção é que o homem não é uma besta. E se eu encontro pessoas com grandes dons literários e artísticos bestializando seus semelhantes com elas, é para mim como ver um cirurgião genial usando sua habilidade para cortar carniça podre para fazer um cheiro e criar sensação.

Literatura é literatura e na caneta não há fronteiras. Existem certas barreiras de linguagem, mas tradutores sensíveis as ultrapassam.

Você está certo ao dizer que minha própria escrita passou por uma reavaliação radical. Eu vou te contar sobre isso quando nos encontrarmos. Talvez o melhor conselho dado a um escritor tenha sido o de Arnold Bennett, que, quando questionado sobre como fazê-lo, respondeu: "Aplique uma caneta no papel, um assento em uma cadeira e permaneça lá até que os resultados sejam obtidos!"

Howard entendeu a dificuldade de criar boas peças e livros. Ele nunca ficou satisfeito com os seus e recebeu muitas críticas por eles. Nisso ele simpatizava com outros escritores.

P.D.H. para J. G.

*29 de outubro de 1962.*

Seus melhores, mais livres, plenos e criativos anos estão à sua frente se você seguir a estrela de Deus. Ele brilha intermitentemente de vez em quando na vida. Que eu saiba. Sei também que, embora não seja um artista como você, já passei por vales de ossos secos onde você é tentado a sentir que vida, cor, calor e vitalidade nunca mais serão dados ao seu gênio. Mas eles são. Eles são. Esses tempos secos, eu acho, são feitos para nos manter na percepção de que Deus é a fonte para nós de tudo o que fazemos. E Ele gosta de nós uma ou duas vezes na vida para entendê-lo mais plenamente.

Embora Howard desejasse que as produções do Teatro de fossem perfeitas em todos os sentidos, ele tinha condições severas:

“Quero ter certeza de que cada peça que fazemos envolve a vontade e a imaginação do homem moderno. Todos dirão: 'Que lindo'. Todos dirão: 'Que pessoas maravilhosas vocês são.' Mas alguém dirá: 'Meu Deus, nunca me senti tão desconfortável em minha vida em um teatro.' Se quisermos mudar a Grã-Bretanha, algumas das audiências devem se sentir assim.”

As peças de Howard mudaram, de fato, milhares de britânicos - e muitas situações britânicas. Mil trabalhadores do estaleiro e suas famílias do Clyd viajaram para baixo para ver sua peça *Através do Garden Wall* e delegados sindicais relataram que o novo clima entre eles tornou possível o descarte de práticas restritivas acalentadas. Festas semelhantes vieram, fim de semana após fim de semana, de indústrias do Nordeste, Midlands, Lancashire e Sul de Gales com resultados semelhantes. O presidente da

*Building Trades Workers* em Coventry declarou publicamente que, em alguns dos locais pelos quais ele era responsável, a produção havia aumentado em até 30% devido à nova abordagem que ele havia encontrado em Westminster.

O Teatro de Westminster pagou. Fê-lo sem subsídios e enfrentando muita concorrência e oposição. Isso falou mais alto do que palavras para Howard.

P.D.H. para K.B.

*27 de outubro de 1964.*

O teatro tem feito mais para trazer as verdades de Deus para o público da Grã-Bretanha moderna e outros países do que qualquer outra atividade em que todos nós estivemos envolvidos.

O principal trabalho de Howard ainda era e sempre seu trabalho pessoal com as pessoas. Depois das peças ou dos discursos, muitas vezes conversava com eles até altas horas:

“Depois do meu discurso, uma jovem disse: 'Quer sentar comigo no sofá?' Bem, pode ter sido mal interpretado, mas eu dei uma olhada naquela garota e eu sabia que não era isso. Então eu sentei com ela. Outras pessoas saíram para o jardim. Ela me disse: 'Eu acho isso horrível difícil dizer algumas coisas para minha mãe e meu pai.' Eu disse, 'Por que diabos?' Ela disse: "Bem, eles não me entendem. Diga-me uma coisa, posso dormir com homens antes de me casar? Só quero saber." Agora, essa não era uma pergunta barata - não era uma pergunta ousada. Era a pergunta de um coração humano faminto de uma criança que não sabia a resposta. Seus pais me disseram mais tarde: 'Claro, a única resposta é uma fé, não apenas uma fé pessoal, mas uma fé forte o suficiente para mudar a tendência em nossa nação.' E a mãe disse: "Não tenho fé. O que devo fazer?" Agora aí está o dilema dos nossos tempos."

Foi de falas como essa que surgiram suas peças. Talvez tenha sido essa conversa que o levou a criar a adolescente em sua última peça, *Happy Deathday*, desnordeada em suas relações com os pais e com o assistente científico do pai, um papel tão poderoso que deixava o público mudo e muitas vezes sem palavras. .

Howard passou muito tempo com crianças - e poucos dos milhares que conheceu o esquecerão. Uma delas, Mary Lean, filha de Garth Lean, que Howard conheceu em Fleet Street, escreveu:

"Eu tinha doze anos quando ele morreu, então todas as minhas lembranças dele são de criança. Ele sempre parecia ter tempo para mim. Quando ele estava conduzindo sua filha pelo corredor da igreja de Lavenham, ele me notou em pé no final de um banco fascinado por meu primeiro casamento, e me deu uma cutucada nas costelas enquanto ele se movia em direção ao altar.

"Ele sempre me provocava muito. Uma vez, quando ele veio à nossa casa, ele passou muito tempo tentando me convencer de que meu dedo frieira cairia, embora eu garantisse a ele que não. Outra vez eu o encontrei em um das longas passagens em Caux. Ele imediatamente saltou no ar, batendo os calcanhares no que chamou de 'salto de Natal'.

'Uma vez ganhei algum dinheiro que enviei a ele para ajudar a pagar uma de suas páginas inteiras no DailyExpress. Eu disse que achava que isso deixaria muitas pessoas desconfortáveis. Ele respondeu:

Querida Mary,

Você é um humdingerclinkle, que é uma mistura de Joana d'Arc, St.

Jorge e o dragão, e o melhor de seus pais. Eu passei o dinheiro adiante.

Lamento que você pense que minha página faria as pessoas se sentirem desconfortáveis. Eu costumava tentar deixar as pessoas o mais confortável possível. Então eu conheci seu pai!

"Uma vez ele deu uma festa para crianças. Antes de entrar na sala, você tinha que responder a uma pergunta impossível. A minha era: 'Quantos peixes há no mar?' Levamos algum tempo para perceber que deveríamos responder: 'Não sei'.

"De alguma forma, apesar de toda a agitação e negócios de sua vida, ele sempre conseguiu ter tempo para mim. Disseram-me que uma vez ele decidiu tratar cada criança como se fosse sua. Ele certamente me tratou assim sempre que eu conheci ele."

Vincent Evans, um dos amigos de Howard de Fleet Street, escreve:

"Certa vez, eu estava em uma cama de hospital em Londres. Minha visão se foi. Não muito disso jamais voltaria. Minha carreira como jornalista da Fleet Street certamente havia terminado e um período de profunda reavaliação das vidas de minha jovem família estava por vir. A noite em que o cirurgião me disse que pouco mais poderia fazer por mim não foi a mais alegre da minha vida.

"Eu não tinha motivos para acreditar que Peter Howard estava em Londres. Na verdade, eu sabia que alguns dias antes ele estivera na América do Sul. A porta se abriu e ouvi aquele estranho andar manco vindo pela sala e o momento de algo como o desespero tornou-se leve e vívido.

"Ao sair algumas horas depois, Peter disse uma coisa muito simples, mas infinitamente amorosa: 'Eu queria compartilhar isso com você.' E eu sabia que, pelo resto de sua vida, ele carregaria em sua mente e em seu coração as preocupações de pessoas como eu.

"Foi um imenso dom de Peter que, em uma vida em que os dias muitas vezes começavam e terminavam nas primeiras horas da manhã, seus pensamentos fossem povoados por uma cavalcada de amigos.

"No dia seguinte em que ele veio me ver no hospital, Peter partiu novamente para alguma outra parte deste mundo que ele havia feito seu - mas, em momentos estranhos de estresse, uma carta ou um telefonema ou um telegrama caía do nada e acrescentava alguma nova qualidade aos dias que se seguiam.

"Peter viveu seus próprios momentos de tremenda tristeza pessoal - muitas vezes causados pelo que ele sentia terem sido seus próprios erros e às vezes

quando ele viu seu próprio trabalho destruído pela loucura de outra pessoa. Ele afundaria até o fundo de sua fé, ficaria lá por um tempo e então começaria a abrir caminho de volta ao seu pináculo de certeza. 'Nada trago em minha mão', ele dizia. E ele começaria a reconstruir com isso como base.

"Peter era um homem alto, magro, de passos largos, mas muito gentil, que levava ao menor dever a devoção, a concentração e a energia que a maioria de nós reserva para os grandes momentos da vida. Você notaria que, à medida que ele se cansava, sua claudicação se tornaria mais pronunciada, mas seus olhos profundos e penetrantes girariam em torno de seus companheiros, buscando um pouco mais de conhecimento deles, medindo suas forças e fraquezas e pedindo deles um pouco mais do que suas mentes e corpos estavam preparados para dar. ... Em seus momentos de maior cansaço, ele ainda sondava com ternura as coisas que alimentariam nossa fé.

"Existem coisas que permanecem alertas na memória sobre Peter Howard – essa busca pelas melhores profundezas do caráter de alguém, sua atenção meticulosa aos detalhes da amizade, seu senso de diversão ímpia e o riso desenfreado que o acompanhava, um amor por cada membro de sua família que muitas vezes partia seu coração, e a expansão gradativa desse amor até envolver o mundo com as mãos.

"Lembro-me do dia em que ele apresentou alguns de nós a um potentado asiático em seu palácio dourado. O casamento do homem estava prestes a se desfazer nas rochas de uma luta política dentro de seu próprio país e entre seus próprios seguidores. Peter sugeriu que, como sinal de respeito, deveríamos dar-lhe a saudação oriental como fomos apresentados - com as cabeças inclinadas e as mãos juntas como se estivesse em oração.

"Todos nós o fizemos - com exceção de um oficial do exército britânico de alto escalão - que explicou com bastante irascibilidade que ele era britânico, que era cristão e que esse gesto oriental era totalmente estranho para ele. Peter olhou para o oficial em seu jeito sereno, prendeu a respiração, como às vezes fazia em momentos de irritação, e disse: 'Meu caro general, se eu sentisse que, ficando de cabeça para baixo, poderia acrescentar uma polegada à fé daquele homem, então eu ficaria de cabeça para baixo.'

"Devo acrescentar que, mais tarde naquela noite, vi um humilde e contrito oficial britânico praticando a saudação oriental na solidão do estacionamento do palácio.

"Uma das maiores qualidades de Pedro era que ele podia ver através dos homens e, ainda assim, amá-los. E isso porque ele lidou fielmente com os problemas de sua própria vida que destroem relacionamentos com as pessoas. egoísmo, a busca por riqueza, as impurezas e o egoísmo que trazem raiva e divisão nas amizades.

"Lembro-me de uma noite em Londres, após um longo dia de trabalho, um colega de Peter o procurou e quis sentar e discutir seus problemas pessoais. Era um homem que se deleitava com seus próprios descontentamentos. Peter era muito firme com ele. " Fizemos isso várias vezes", disse ele. "Você tem a resposta em suas próprias mãos." Mas em outro dia, quando outro homem foi atormentado por algo em sua vida que ele não poderia conquistar, Pedro deu de seu tempo e amor com uma generosidade que nasceu da necessidade do homem. Pedro revelaria sua própria vida diante do homem. , conte como ele enfrentou seus próprios problemas profundos e, em seguida, mostre ao homem uma nova visão do fundo do poço de desespero e derrota.

"Não tenho dúvidas de que muitos outros estão descobrindo a mesma coisa sobre Peter - que, quando sua mesquinhez e egoísmo instintivos ameaçam assumir o controle, a alegre memória de Peter Howard quase exige que eles mantenham sua fé. É de fato não uma exigência - é um anseio que ele sempre sentiu que outras pessoas deveriam encontrar as verdades que ele encontrou."

Howard pensou que muitos dos problemas com a nação remontavam aos pais:

"Os pais se esqueceram de que é preciso mais energia criativa para criar os filhos corretamente do que para trazê-los ao mundo. Em vez disso, a vida doméstica em sua forma tradicional quase desapareceu da terra. As mulheres vão trabalhar. Suas casas ficam desertas durante o dia e às vezes noite. As crianças têm que se virar sozinhas e buscar sua própria diversão.

"A cura para a violência adolescente é o altruísmo adulto. Não podemos esperar que os jovens aceitem padrões de moralidade que nós, os mais velhos, desconsideramos ou negamos.

"Deus não é um cavalheiro. Não está registrado qual escola pública, se é que alguma, Ele frequentou. Ninguém pode dizer onde Ele votou na eleição. A cor de Sua pele, a natureza de Seu sotaque, o comprimento de Seu cabelo e o corte de Suas vestes são todos mistérios. O que ainda é certo e uma questão de experiência é que Ele pode, deseja e fala com qualquer um a qualquer momento que esteja disposto a ouvir. Para aqueles que não têm fé em Deus, há a experiência honesta dos padrões absolutos de moralidade que desejamos tão urgentemente que aqueles que criticamos aceitem. ponto no céu. Ainda está para ser registrado que qualquer navio alcançou a Estrela do Norte, mas é verdade que em todos os oceanos os marinheiros discernem dessa estrela onde está sua posição e para onde precisam ir. E padrões morais

absolutos para aqueles que não têm fé podem ser um bom ponto de partida se quiserem fazer sua parte com todos nós em uma revolução que mudará este país e o mundo.

"Deus não está morto. Deus é o grande progressista. Ele é muito mais radical do que qualquer russo. Muito mais moderno do que qualquer *Mod ou Rocker*. E muito mais interessante do que os livros sujos, fotos sujas ou mesmo a música pop incomparável que é tão uma delícia para muitos hoje em dia nesta Grã-Bretanha Beatle.

"Sinto-me um homem com muitas fragilidades e muitas fraquezas. Espero que, antes de morrer, tenha mudado irreconhecível e amanhã seja totalmente diferente do que sou hoje. Assim como, de fato, sou diferente hoje do que fui ontem . Mas eu digo a você sem sabão ou sentimento que, ao começar cada dia ouvindo a Deus, é um momento de encantamento e fascínio que eu não perderia. É como um grande cardume de peixes prateados piscando em seu coração e mente— novas ideias para as pessoas, novas abordagens para os problemas, visão mais profunda do clima da época, decisão pessoal cara, diária, que é o preço de mudar nossa força e nossa nação para a frente. um ou dois desses peixes prateados enquanto voam da Mente de Deus para a mente de homens, mulheres e crianças como nós.

## Capítulo 17

"A Ásia esperava ensinar ao mundo a arte da unidade. Durante anos, a Índia praticou a política de 'neutralidade', que foi elogiada até o céu pelo gigante vermelho chinês. Agora esse gigante cruzou a fronteira da nação e engoliu 30.000 milhas quadradas de solo indiano.

"Os comunistas dizem que o mundo livre está dividido dentro de si mesmo. Isso é verdade. Mas o mundo comunista falhou em responder ao ódio e à amargura em suas próprias fileiras.

"Odiar a Rússia ou odiar a América ou odiar outra classe, cor, raça ou país multiplica o problema e não cura nada. Tanto o mundo livre quanto o mundo comunista precisam de ajuda, não de ódio."

*P.D.H. 3 de dezembro de 1962.*

Peter Howard viajou várias vezes para a Ásia.

Em outubro de 1961, ele foi com seu filho, Anthony, e Lawson Wood (secretário do Dr. Buchman de 1936-39). Rajmohan Gandhi, filho de Devadas Gandhi<sup>81</sup>, e neto do Mahatma, os encontrou lá. Seu pai havia enviado Rajmohan para aprender jornalismo em Edimburgo, onde vivia com um médico há muitos anos identificado com o RAM:

"Quarenta anos depois de que Frank Buchman conheceu seu avô, Rajmohan Gandhi trabalhava como jornalista na Grã-Bretanha. Ele ficou tão impressionado com o que viu no trabalho de Frank Buchman que renunciou ao emprego e decidiu fazer do Rearmamento Moral sua vocação. Um dos líderes da Índia insistiu para que seu dever residisse nos jornais. Rajmohan respondeu: 'Quando meu avô voltou da África do Sul para este país como advogado, sua família o incentivou a continuar sua prática jurídica. Em vez disso, ele deixou de lado seus planos privados para libertar nosso país. Agora há um trabalho maior do que libertar um país. O trabalho é salvar o mundo inteiro da ditadura, da corrupção e da guerra. Vou colocar o Rearmamento Moral em primeiro lugar.'

---

<sup>81</sup> Editor do Hindustão Times

"Mais de um ano depois, esse mesmo líder indiano estava saindo de um prédio com Rajmohan Gandhi. Eles chamaram um táxi. Rajmohan parou de lado para deixar o homem mais velho entrar primeiro. Mas o homem mais velho insistiu que Rajmohan fosse antes dele, dizendo: 'Quero que você vá primeiro para mostrar que você estava certo e eu errado.' "

Os Howard, Gandhi e Wood visitaram a Birmânia pela primeira vez a convite de U Nu, que estivera em Caux no início daquele ano. Foi em Caux que eles se viram sentados ao lado de um estivador do Brasil:

“O estivador contou a U Nu como ele havia começado a mudar, perdendo seu amor pela violência e assumindo a luta para reconstruir o mundo. 'Eu era um bêbado', disse ele, 'e isso quase destruiu nosso lar.'

“'Eu costumava beber demais também', disse o primeiro-ministro. 'Comecei aos dez anos. Depois parei. Mas, sendo um homem fraco, voltei à garrafa. Aos vinte e seis anos parei, e posso dizer que hoje prefiro morrer a beber demais.'

"O estivador falou sobre seu ódio. 'Você também perdeu isso?'

“Com cuidado e sensibilidade cavou até a raiz da vida do estivador, ajudou-o a trazer à tona as causas de sua amargura e a encontrar a cura.

"U Nu disse em Caux: 'Se quisermos impedir que o comunismo tome conta do mundo, devemos lidar com a corrupção, o suborno, a bebida e a ser mulherengos.' Ele viu os efeitos do Rearmamento Moral em seu próprio país. Em 1961, a Conferência da Associação dos Abades Presidentes, representando 75.000 monges budistas, dedicou grande parte de sua sessão anual ao RAM e, como resultado, cinco abades seniores juntaram-se a Buchman em Caux em seu octogésimo terceiro aniversário."

P.D.H. para Doë

*Residência do Primeiro-Ministro*

*Rangoon, 26 de outubro de 1961*

U Nu deseja que o ajudemos a resolver os problemas do país. A situação é complicada pelo fato de que as embaixadas americana e britânica e o exército birmanês foram contra U Nu nas recentes eleições que seu partido ganhou. U Nu é tão impopular em algumas partes do país agora que não ousa ir para lá. Os militares respeitam U Nu, mas ninguém mais no governo.

Nenhuma recepção poderia ter sido mais calorosa do que a nossa. Entramos no carro colocado à nossa disposição e vimos o Shwedagon Pagoda à noite, quando o Festival das Luzes estava terminando. Cada santuário foi iluminado. Padrões de pequenas lâmpadas de óleo soletrando orações e esperanças

estavam ao redor dos Budas. Muitos estavam orando. Muitos saíram para curtir o feriado, soltando fogos de artifício, brincando com as crianças e comendo nozes. Também prestamos homenagem no Memorial *Aung San* e visitamos o Pavilhão da Paz. A noite estava cheia de cheiros de açafrão, assobios e buzinas e sinais da noite asiática que tanto amo.

P.D.H. para Doë

*A caminho de Taunggyi,*

*31 de outubro de 1961*

Estamos sobrevoando a selva onde ocorreram os combates durante a guerra.

*U Ba Than*, que nos acompanhou, está surpreso com o progresso que fizemos ontem. Vimos os anciãos das tribos, os católicos, que nos pressionavam com uísque, o pároco batista à frente da agitação antigovernamental, que cantava hinos para nós vestindo uma tanga.

No lugar onde ficamos ontem à noite, eles tiveram quatro conjuntos de governantes em vinte anos - britânicos, japoneses, chineses livres e birmaneses. Dizem que os chineses livres foram de longe os piores, depois vêm os birmaneses. O Japão e a Grã-Bretanha acham que os trataram melhor do que os outros.

P.D.H. para Doë

*Rangoon*

*3 de novembro de 1961*

Acabamos de voltar de uma terra mágica. É um lugar chamado Taunggyi — 4.790 pés acima do nível do mar e a mil milhas da fronteira chinesa, no estado de Shan. Os príncipes Shan, que eram amigos dos britânicos, foram expulsos do reino pelo governo birmanês. Eles vagam pelas montanhas e atacam os incautos. Cultivam as terras de papoula que produzem ópio, que é uma parte valiosa do comércio deste país. Eles cruzam para lá e para cá entre a China e a Birmânia. A Linha *MacMahon* foi recentemente ampliada por uma série de postes de concreto marcando a fronteira, mas ninguém dá atenção a eles. Há perigo nestas montanhas e temos sido guardados por até vinte policiais armados em jipes a cada centímetro e hora do nosso caminho desde que chegamos aqui.

Krushchev, Bulganin, Mao Tse-tung já estiveram aqui. A princesa Alexandra será a próxima convidada a chegar. Até vinte anos atrás, a única estrada para Taunggyi era de boi e mula. O prédio mais

novo é um hospital zoológico, um presente dos russos, com médicos e enfermeiras soviéticos com todos os recursos modernos e o discurso do estado.

Nós fomos cedo esta manhã para o Lago Esile, onde vivem os *Inthas*. Bem no centro do lago há uma cidade sobre palafitas - lojas, templos, tudo. Descalços, prestamos nossas homenagens e respeitos ao Buda ali. Ao seu redor hoje havia literalmente centenas de presentes de arroz, frutas, velas, dinheiro, tudo organizado em beleza.

Passamos mais de uma hora ontem aos pés de U Narada<sup>82</sup>, o mais velho dos *Sayadaws*. Foi uma reunião em grande escala com os anciãos do lugar agachados conosco. Ele disse que Caux tinha sido o auge de sua vida e todos nos imploraram para virmos logo para Taunggyi.

Anteriormente, tivemos momentos maravilhosos com o chefe e os líderes que vieram, vinte e quatro deles, para conversar conosco. Um deles estava bêbado. Descobriu-se que ele é um membro do Parlamento que foi enviado do *New College*, Oxford. Ele reconheceu minha gravata Oxford que eu estava usando. Todos levaram embora a literatura. Todos nos imploraram para voltar com força.

Os russos, como eu disse, estão aqui. Os chineses vêm e vão. Os tchecos estiveram aqui com dançarinos e cantores em maio. Se não fizermos algo logo, esta seção da Birmânia, a meu ver, cairá no colo dos comunistas. Precisamos de muita literatura, muitos filmes, dinheiro e homens para este trabalho.

P.D.H. para Doë

*Rangoon*

*5 de novembro de 1961*

U Narada veio me ver no final do dia. Dois ministros de gabinete pediram a 180 dos principais monges para vir vê-los ontem. Um monge veio. Isso é mortalmente sério. É a primeira vez na história da terra que tal coisa acontece. A razão é que os capangas da Rússia e da China têm gastado dinheiro livremente e muito disso vai para as tigelas dos mendigos. A coisa foi organizada por alguns homens do Secretariado. Os abades seniores não sabiam o que havia acontecido até depois do evento. U Narada diz que, a menos que seja resolvido, isso significaria a queda de U Nu. O ódio entre os muçulmanos e os budistas é a mola mestra da divisão que está sendo usada. U Nu permaneceu constantemente fora da cidade. Muitos dos monges estão aqui procurando por ele. Ele diz que quer me ver hoje ou amanhã, mas

---

<sup>82</sup> Secretário da Associação dos Abades Presidentes que conduziu a delegação a Caux.

o fato é que estamos no meio de uma crise crescente aqui que pode facilmente significar a reconstrução dos negócios no topo.

P.D.H. para Doë

*Rangoon*

*6 de novembro de 1961*

Esta será minha última carta da Birmânia nesta visita. Vamos ao Ministério das Relações Exteriores esta manhã. U Narada nos recebe por mais ou menos uma hora. Depois, vamos à Embaixada Britânica para tomar chá. Logo, voltamos à casa de hóspedes para nos despedirmos das famílias dos funcionários que estão vindo nos visitar. Em seguida, o jantar de Estado. Depois, dança birmanesa oferecida pelo governo, para nós. Depois, voltamos para escrever relatórios para o primeiro-ministro e cartas. Depois, partimos às 3h30 da manhã no mesmo avião que o Primeiro-Ministro para Calcutá.

Diga aos fazendeiros que, se eles acharem que trabalham demais, devem entrar nessa empreitada.

P.D.H. para Doë

*Calcutá*

*8 de novembro de 1961*

Tivemos uma manhã importante. Alguns de nosso pessoal não pensaram verdadeiramente sobre o que é nosso trabalho. Um homem foi bastante patético. Ele disse: "Uma vez eu tive paixão, mas acabou." Sugeri que a honestidade poderia ajudar a recuperá-la.

Ontem à noite fomos jantar com Kanti Ghosh<sup>83</sup>, o jornalista indiano. Foi um primeiro dia perfeito na Índia. Era o Divali, o Festival das Luzes, que celebra o retorno do bom príncipe Rama à Índia após quatorze anos de exílio no Ceilão. A cidade inteira estava piscando e brilhando com luzes. Todos os templos estavam a todo vapor.

Nosso anfitrião nos deu uma queima de fogos de duas horas antes de comermos. Alguns dos melhores fogos de artifício e, sem exceção, os maiores estrondos que já ouvi de perto. Eles são feitos em casa pelos aldeões que os entregam na mão e mostram uma coragem que me deixa maravilhado. Não o filho de nosso anfitrião, de cinco anos, que sempre que ouvia um estrondo saía do lado do pai e corria uivando para dentro de casa. Isso agradou muito ao pai, que me disse com orgulho: "Veja, ele é um

---

<sup>83</sup> Editor do *Amrita Bazar Patrika* e ex-presidente da Associação de Jornalistas Indianos.

verdadeiro covarde". (Assim como algum pai britânico poderia dizer de seu filho: "Como ele é corajoso.") Acho que Ghosh sentiu que seu filho deu sinais de sabedoria precoce na vida.

Eles voaram para o Japão.

P.D.H. para Doë

*Tóquio*

*10 de novembro de 1961*

Suíça, Inglaterra, Suíça, França, Suíça, Inglaterra, América, Brasil, América, Inglaterra, Alemanha, Suíça, Itália, Suíça, Itália, Suíça, Inglaterra, Suíça, Alemanha, Suíça, Alemanha, Suíça, Inglaterra, América, Inglaterra, Suíça, Escócia, Suíça, Escócia, Noruega, Alemanha, Suíça, Birmânia, Índia, Japão. Estas são minhas viagens até agora este ano tiradas do meu diário. Eu estava cansado nesta manhã, então olhei o ano para ver o porquê. É o diário que Philip me deu de Natal, Deus o abençoe.

P.D.H. para Doë

*Tóquio*

*11 de novembro de 1961*

Vimos Yoshida<sup>84</sup> ontem. Ele tem uma das casas japonesas mais adoráveis que já vi. É uma grande personalidade. Ele disse: "Eu não sei muito sobre o RAM." Eu disse: "Esqueça isso. Tudo o que você disse aqui e tudo o que expressou é o RAM. É exatamente por isso que estamos lutando".

A glória do trabalho em que estamos me impressionou novamente esta manhã. O RAM é o elemento deste século que Deus lembra e alguns dos líderes do mundo esquecem. É a veia de metal na nação. Isso mudará a bússola da humanidade.

No Japão, Howard e seus amigos foram convidados de Masahide Shibusawa e de seu pai, Keizo Shibusawa, ex-ministro das Finanças e governador do Banco do Japão. Outro de seus anfitriões foi Saburo Chiba, o presidente do Comitê de Segurança da Dieta com que Howard havia se encontrado pela primeira vez com Buchman nos Estados Unidos dois anos antes:

"Chiba chegou com sua esposa. Ele era um agnóstico. Era amigável, mas cauteloso. Sentou-se para o café da manhã às oito e quinze da manhã. O café da manhã durou até vinte minutos para o meio-dia.

---

<sup>84</sup> Sr. Shigeru Yoshida, estadista japonês mais velho. Sucessivamente Primeiro-Ministro e Ministro das Relações Exteriores do Japão.

Depois do café, os homens caminharam juntos no jardim e conversaram. O almoço foi uma refeição japonesa, perfeitamente preparada. Chiba ficou tão impressionado que insistiu em ir até a cozinha para conhecer os cozinheiros.

"No final daquela tarde, enquanto Chiba e sua esposa se preparavam para partir, Buchman disse a ele: 'Eu tive um pensamento esta manhã para você.'

"Chiba disse: 'O que foi?'

"Buchman disse: 'O mundo inteiro entrará em seu coração. Você deixará o mundo inteiro entrar em seu coração.'

"Quando Chiba, o estadista agnóstico, se despediu no aeroporto naquela noite, ele se voltou para seus amigos com estas palavras: 'Hoje, pela primeira vez em minha vida, encontrei Deus. Nunca mais serei o mesmo.'

P.D.H. para Doë

*Tóquio*

*14 de novembro de 1961.*

Nós avançamos aqui em um ritmo que às vezes é de Deus e às vezes não. Os japoneses pensam que, a menos que você tenha um programa, não terá nada para fazer.

Hoje tomamos café da manhã, almoçamos e jantamos com Chiba, que tem figuras políticas para nos receber em dois desses eventos, e a imprensa no terceiro.

Ontem tivemos uma batalha no almoço com seis dos principais jornalistas do país. Eles gritaram e rugiram e nós gritamos de volta. Um deles disse: "O que me interessa é a sua paixão". Francamente, eles parecem ter perdido a esperança de uma resposta e a ideia de que poderíamos vencer era como um dínamo em sua anatomia. Eles querem agora planejar e realizar uma demonstração em massa para o RAM no maior salão de Tóquio.

Keizo Shibusawa fez com que alguns dos industriais nos encontrassem por duas horas no Clube Industrial. Um dos homens resumiu dizendo: "Até esta tarde, todos pensávamos que o RAM era um hobby. A maioria dos industriais do Japão pensa o mesmo." Isso pode ser amplamente verdade. Até as pessoas são claras sobre a impureza que as coloca em risco em todos os relacionamentos, elas são obrigadas a atrair os homens para um pequeno grupo centrado em si mesmos, em vez de atingir a nação.

Estamos descobrindo que é essencial lidar com questões reais em termos reais; na Birmânia, a resposta para a divisão entre as raças, a corrupção em todas as raças e o dinheiro que o comunismo estava gastando para usar essa divisão e corrupção.

Aqui eles estão interessados em como o Japão, ajudando seus vizinhos a se rearmarem moralmente, não apenas arrancaria a iniciativa ideológica da China, mas também criaria um clima no qual um acordo final de reparações poderia ser alcançado.

Ontem chegou o telegrama dizendo que querem um roteiro de um filme meu imediatamente. Bem, vou começar a trabalhar. Não é fácil em dias que por natureza estão cheios a transbordantes, e não sou tão forte nem tão jovem quanto gostaria. Também tenho em mãos 13.000 palavras<sup>85</sup> para Gollancz até 31 de dezembro.

P.D.H. para Doë

*Tóquio*

*16 de novembro de 1961.*

Passamos a noite passada no Teatro Kabuki. Era uma estranha pompa medieval - cabeças cortadas, mulheres chorando, homens representando os papéis, mas brilhantes em suas representações. O tema foi a importância do dever sobre os sentimentos e emoções. A história da peça da noite passada era de um guerreiro samurai que por engano corta a cabeça do próprio filho em batalha, mas depois com a esposa ele tem que fingir que é o filho do inimigo. Por ordem do Shogun, o guerreiro termina como um monge budista.

A esposa de um embaixador veio à tarde quando estávamos fora e aparentemente saiu dizendo: "Peter Howard pode ir para o inferno", embora eu não tenha falado ou me comunicado com ela ou com seu marido desde que cheguei aqui. Meu único comentário é que, se o desejo dela se realizar, certamente nos encontraremos novamente.

P.D.H. para Doë

*Grand Hotel Taipeh, Taiwan*

Fizemos uma boa viagem em um avião CAT - um voo mandarim com todas as glórias da velha China em decoração e serviço. No aeroporto encontramos jornalistas com dezenas de lâmpadas piscando,

---

<sup>85</sup> Para Três Visões do Cristianismo.

generais, professores, madame Ho<sup>86</sup> e toda a companhia. Depois de um jantar rápido, fomos levados às pressas para a universidade, onde todos conversamos com cerca de 2.500 pessoas.

Hoje temos um encontro no café da manhã, uma reunião massiva às dez horas, um almoço, dois chás - um com o Presidente -, um jantar e uma reunião à noite.

P.D.H. para Doë

*Taipeh*

*20 de novembro de 1961.*

Tivemos uma hora com os Chiang Kai-sheks ontem. De repente, ela sugeriu voar para Quemoy. Portanto, bem cedo esta manhã, partimos em um avião do governo e passaremos a manhã lá e transmitiremos para o continente. Eu gosto do presidente. Ele é um homem de coragem. Poucos poderiam ter passado por tudo o que ele suportou sem ficar triste e amargurado, mas ele não demonstra nada disso.

P.D.H. para Doë

*Hong Kong*

*21 de novembro de 1961.*

Ontem voamos para Kinmen, que é o Mandarim alto para a Ilha de Quemoy e o nome que eles preferem, com coletes salva-vidas amarrados ao nosso redor e deslizando pelas ondas. Isso é por segurança, pois os comunistas chineses construíram quarenta aeródromos ao longo da costa oposta a Taiwan nos últimos dois anos.

Kinmen é um forte - 46.000 ilhéus vivem lá e 70.000 soldados. Eles mantêm as tropas felizes, como explicam com orgulho, por terem centros recreativos onde as prostitutas de Taiwan os mantêm. (As meninas são examinadas uma vez por semana por doenças venéreas.) As crianças estão felizes, mas cobertas de crostas e feridas por falta de cuidados adequados.

Howard foi para o Vietnã como convidado do presidente Diem.

P.D.H. para Doë

*Saigon*

*26 de novembro de 1961.*

---

<sup>86</sup> Esposa do general Ho Ying-chin, ex-primeiro-ministro da China e comandante-em-chefe do Exército.

Estamos nas mãos de Deus e do Padre Jaegher. Ele é um belga, que está há trinta anos na Ásia. Iremos ver Diem amanhã. Enquanto isso, o Padre Jaegher tem sido maravilhoso conosco, encontrando-nos no aeroporto, levando-nos para ver o Ministro da Educação, o chefe do ramo de Guerra Psicológica do exército e todos os outros sob o sol.

Hoje vamos com ele cerca de cem milhas para o interior. Os *vietcongues* estão ativos por aqui. Eles esfolaram um coronel há duas semanas, a cerca de quinze quilômetros de distância. Eles jogaram uma granada no carro do embaixador americano na estrada principal de Saigon outro dia, mas de Jaegher diz que só podemos morrer uma vez. Não adianta ter medo. Eles me ofereceram uma escolta hoje, mas eu recusei. Mais seguro sem. Eles são capazes de atirar em veículos escoltados. Os assessores do presidente expressaram seu medo de levar os convidados do presidente em tal viagem. O próprio presidente gosta que as pessoas conheçam o país, e eu disse a eles que não estávamos com medo.

Na verdade, há um ar aqui de um grande empurrão por vir. Os conselheiros americanos estão por toda parte e são muito malvistos. Os ricos plantadores de borracha franceses permaneceram no país e são muito mais populares do que os americanos. Há em alguns bairros, não muitos, nostalgia dos bons velhos tempos.

P.D.H. para Doë

*Saigon*

*27 de novembro de 1961.*

Ant acaba de enviar uma carta para você que, tenho certeza, contém os detalhes da aventura de ontem.

Na verdade, havia pouco perigo. Eu vi por mim mesmo a natureza implacável e indiscriminada dos ataques comunistas. Seu principal motivo parece ser conseguir comida para si nas aldeias. Eles são propensos a decapitar aqueles que não o fornecem. Eles também estão determinados a interromper o fornecimento de arroz do campo para as cidades, então eles de vez em quando matam algumas pessoas inocentes na estrada. Vimos os restos de uma aldeia inteira queimada.

Outro dia, um grande buraco foi cavado à noite em uma estrada principal. Os soldados pediram aos aldeões locais para preenchê-lo. O oficial disse: "Você sabe quem cavou este buraco?" Para sua surpresa, os homens disseram: "Sim, nós o fizemos. Os *vietcongues* vêm à noite e nos obrigam a cavar esses buracos sob a mira de armas. Você vem de dia e nos obriga a preenchê-los. O que devemos fazer?"

Howard viu o Presidente Diem, um homem tímido que falava francês, e estava rígido no início, mas inflexível depois:

"Diem me disse: 'Ajude-me a salvar meu país.' Eu disse: 'O que posso fazer?' Ele disse: 'Você pode fazer alguma coisa com os americanos?' Eu disse, 'O que você quer dizer?' Ele disse: 'Devemos tudo à América no Vietnã do Sul. Eles tornaram o país economicamente viável. Eles enviaram seus filhos para lutar, construíram estradas para nós, despejaram seus dólares, mas eles não escutam nada; eu tento contar a eles sobre o Vietnã. Eles acham que sabem melhor do que eu sobre meu próprio país.' "

O presidente Diem disse que achava que a única resposta duradoura para o Vietnã seria o RAM fazer uma "penetração de saturação" do Norte e do Sul, trazendo um novo clima de opinião. Ele convidou Howard para trazer uma grande força para tentar isso, mas a iniciativa foi interrompida pelos americanos.

P.D.H. para Doë

*A bordo do voo da BOAC.*

*29 de novembro de 1961.*

Aqui estamos acima dos canais das terras de arroz na estrada de Bangkok para Delhi. Uma maravilha do ar ver as centenas de casas escondidas em árvores sobre palafitas com apenas os rios e campos de arroz para alcançá-los. Amor, nascimento, morte, suor, lágrimas, risos — tudo tão real para eles quanto para nós nestas ilhas. Milhões que nunca conheceremos, que são exatamente como nós e a quem teremos que ajudar.

Em janeiro de 1962, Howard voltou para a Ásia e novamente no outono do mesmo ano.

P.D.H. para Doë

*Trivandrum , Índia*

*12 de janeiro de 1962.*

Eis que estou de volta ao nosso antigo quarto, na Residência. Os mesmos homens cuidam de nós e se aglomeraram ontem à noite perguntando: "Como está Memsahib? Onde ela está?"

Foi um voo exaustivo — Bombaim, Madras, Kottayam e finalmente aqui. Assim que aterrissamos, fomos levados às pressas para o estádio - futebol em andamento e uma multidão estimada pelo *P T I (Press Trust of India/ Imprensa da Índia)* em cerca de 5000 - onde Chiba, Gandhi, eu e outros conversamos.

Um ministro do gabinete indiano bêbado ficou aqui ontem à noite. Ele fazia muito barulho e intimidava os funcionários. Quando ele me viu, tornou-se subjugado e servil. É uma iluminação do que

realmente acontece aqui. O Chefe de Justiça jantou conosco ontem à noite. É um bom homem. Ele diz que todos os empresários dão somas iguais ao Partido do Congresso e aos comunistas como uma forma de seguro contra o futuro.

P.D.H. para Doë

*Tóquio*

*17 de outubro de 1962.*

Estou batizando minha nova máquina com uma carta para você. Ant está aqui comigo. Ele é um bom amigo.

Ontem tomamos um típico café da manhã japonês com parlamentares, banqueiros e industriais. Chiba presidiu.

Parece-me que a responsabilidade neste trabalho significa ter ninguém além de Deus por trás de você - qualquer número daqueles que carregarão a aventura ao seu lado, mas ninguém além de Deus por trás de você quando as decisões tiverem que ser tomadas que arriscam tanto e precisam a aprovação do homem ou a fé nua. Estou apostando na fé.

P.D.H. para Doë

*Tóquio*

*26 de outubro de 1962*

Yoshida no almoço de ontem deu o cerne da razão pela qual o Japão se perde na Ásia. Ele disse: "Alguns anos atrás, viajei pelo sudeste da Ásia. Não pensei muito nas pessoas. Perdi o interesse por aquela parte do mundo." Eu disse: "Acho melhor fazermos Kruchev e Mao Tse-tung visitarem o Sudeste Asiático nesse caso." Ele é um velho astuto. Olhou-me por cima de seus óculos minúsculos, então sorriu, mas não disse nada.

Ontem, jornalistas britânicos e americanos saíram para contar aos japoneses que eles não conseguiam entender por que os japoneses estavam tão entusiasmados com o RAM já que no Ocidente isso era motivo de riso. Os japoneses não se deixaram abalar por isso e, de fato, lidaram francamente com os vilões. A UPI me pediu para escrever 450 palavras sobre Cuba. Mas o dano que esses macacos causam com seu veneno e ignorância é inacreditável. Darei meus dias para que possamos superar isso.

P.D.H. para Doë

*Tóquio,*

*5 de novembro de 1962.*

Um homem falou hoje dizendo que tínhamos que ter a voz do trabalho porque algumas pessoas pensam que somos o sonho de um homem rico ou algo assim. Disse com franqueza algo que há muito ansiava por dizer, a saber, que não dou a minha vida a um movimento de classe e que não sou a favor de um homem porque seja trabalhador, ou porque não seja trabalhador, mas eu estou para ele se ele lutar.

Os japoneses nem sempre facilitam ir direto ao ponto. Eles estão mais interessados em campanhas do que em pessoas, e em planos do que em Deus.

Honda, que é o Beaverbrook do país e tem o maior jornal e três emissoras de TV, ficou comigo por uma hora. Ele disse: "Você deve ficar aqui até dezembro. Você deve mergulhar o Japão nisso. Achei que você fosse algum tipo de sociedade rotariana, mas esta é a única coisa que salvará minha nação." Disse-lhe que Buchman o tinha em alta conta. Ele disse: "Ele me avaliou muito alto." Eu respondi: "Ele disse que se você mudasse, poderia ser o faroleiro do farol da Ásia." Ele pensou por algum tempo e então disse: "Eu gostaria de ser o faroleiro." Ele me disse que havia se aposentado da presidência do jornal. Eu disse que então iríamos oferecer a ele um novo emprego. Ele disse: "Não preciso ser o presidente para controlá-los."

P.D.H. para Doë

*Tóquio,*

*6 de novembro de 1962.*

Almoçamos tempurá hoje com Idemitsu, que é o chefe de uma companhia de navegação que acaba de construir um navio-tanque de 130.000 toneladas por ordem do governo. Um cavalheiro americano estava lá, gordo e tolo. Eu disse que deveríamos fazer com que os americanos erguessem uma estátua para Abraham Lincoln e para ele mesmo. O tradutor fez o que eu esperava e disse: "Abraham Lincoln e George Washington". Eu o corriji. Idemitsu riu com entusiasmo, mas o americano disse muito sério: "É muito bom você sugerir isso, mas provavelmente eu não o mereceria." Esses americanos estão tão à vontade com um homem como Idemitsu quanto um aldeão de Brent Eleigh estaria com o Lama do Tibete. É simplesmente outro mundo.

Precisamos de homens e mulheres incorruptíveis por Satanás. Que não sejam atraídos pelo desejo, nem movidos pela demanda, nem forçados pelo medo, nem afundados pela derrota. Homens com

autoridade e multidões enlouquecidas têm perseguido e, às vezes, destruído soldados de Deus por séculos, mas Deus e Sua verdade são inconquistáveis e indestrutíveis.

P.D.H. para Doë

*Hokkaido,*

*13 de novembro de 1962.*

Voamos para cá ontem. É muito parecido com a Inglaterra nesta época do ano, muito mais frio do que Tóquio, com árvores esqueléticas, a terra marrom-escura com colares de geada ao redor dos campos de arroz. As minas de carvão estão tendo que demitir 70.000 mineiros dos poços porque o petróleo russo é mais barato para abastecer a indústria, e eles o estão importando em grandes quantidades. Correm o risco de uma greve geral na próxima semana.

Tóquio, com esqueletos de árvores, a terra marrom-escura com colares de gelo ao redor dos arrozais. Está muito à esquerda, as minas de carvão estão tendo que demitir 70.000 mineiros das minas porque o petróleo russo é mais barato para abastecer a indústria, e eles o importam em grandes quantidades. Eles arriscam uma greve geral na próxima semana.

O salmão ainda fervilha nos rios e é um país que apenas começou a ser explorado industrialmente e tem toda a marca de uma cidade pioneira do século passado na América.

A fome das pessoas daqui está assustando. Os jovens são amargos e selvagens. Ant e eu ficamos acordados até tarde ontem à noite conversando com alguns dos alunos. Um deles disse: "Existe alguma resposta para a sujeira, o ódio, a ambição de progredir, mesmo que isso signifique quebrar sua palavra ou ferir amigos? Ninguém na universidade acha que existe. Muitas vezes falamos sobre isso."

Encontrei-me com o reitor da universidade ontem. Ele disse: "Fiz tudo o que pude pelos jovens, mas não temos professores que acreditem em nada, exceto na revolução econômica. Gostaria de ter tido o RAM na universidade dez anos atrás."

P.D.H. para Doë

*Hokkaido,*

*16 de novembro de 1962.*

Ontem foi dramático. A polícia veio até nós depois de saber que estávamos indo para a universidade e perguntou se queríamos proteção. Nós dissemos: "Não, obrigado."

Três quartos de hora antes de começarmos, quando, devido à hostilidade selvagem dos cães infernais, havíamos vendido apenas vinte e dois ingressos, o Presidente e o Secretário do Zengakuren<sup>87</sup> foram trazidos ao salão por um homem do rugger e vieram direto para mim. Estava claro que eles estavam tentando acabar com a coisa. Eu cingi meus próprios membros e fui até eles com toda a força que pude comandar. Houve tanta confusão que todos fomos convidados a deixar o corredor. Nós o fizemos e fomos seguidos por uma multidão de Zengakuren e alguns de nosso povo. Nós os fizemos rir, depois silêncio, e então de volta ao corredor com seus amigos tendo cancelado a manifestação. Você sentiu Deus mudando os jovens que nunca receberam nada além de pedras durante toda a vida. Todos ficaram conversando muito tempo depois. A linha deles é que homens como Stalin e Kruschev traíram a revolução de Lenin e se tornaram burgueses. Eles pensam melhor de Mao Tse-tung, mas não tanto assim. Lançaram muitas perguntas, como: "Que tipo de mundo você vê se você ganhar?" Ant ficou comigo e foi maravilhoso e também Gandhi.

P.D.H. para Doë

*Tóquio*

*21 de novembro de 1962*

Quando chegamos aqui houve um excelente almoço com a imprensa, mas um japonês falou comparando-nos ao Rotary e aos Leões. Eu o interrompi para dizer: "Não somos mais parecidos com eles do que um repolho é com um elefante". Ele ficou com raiva.

As notícias indianas parecem perigosas aqui. Os chineses avançam e não têm limite para seu objetivo, pelo que posso ver. Mais cedo ou mais tarde, Nehru terá que enfrentar a realidade e declarar guerra. Então haverá um estrondo. Todos os governos terão que reavaliar suas atitudes em relação ao comunismo. É um mundo louco.

P.D.H. para Doë

*Tóquio,*

*22 de novembro de 1962.*

---

<sup>87</sup> Organização estudantil nacional do Japão.

Fui ver Matsushita<sup>88</sup>. Ele mora em um vasto palácio industrial com tapeçarias Gobelin nas paredes em meio a aparelhos eletrônicos. É bastante claro sobre seu poderio industrial. Eu disse a ele: "Algumas pessoas se atrevem a dizer que você está à frente dos americanos em eletrônica". Ele respondeu: "Em eletrônicos de consumo, estamos muito à frente deles." Estão fazendo computadores que contam seu cabelo enquanto você toma uma xícara de café e todo tipo de coisas engraçadas. Ele é o que costumava ser chamado de cavalheiro.

P.D.H. para Doë

*Tóquio,*

*25 de novembro de 1962.*

Viajamos para Kobe para ver o chefe de um estaleiro. Vimos os quintais. Eles são perfeitos. Eles fabricam 80.000 toneladas em seis meses com entrega garantida e 38.000 toneladas em quatro meses.

Dei uma longa entrevista na TV. O estranho foi que, quando o entrevistador me perguntou: "O que é o RAM?" Um entusiasta local respondeu em meu lugar: "Abnegação e andar no céu". Eu rugi, "*Bunk*", com todo o vigor que pude.

P.D.H. para Doë

*Tóquio,*

*26 de novembro.*

Vimos voando para Tóquio em um dos trens de Sogo — 500 milhas em seis horas e meia. Foi glorioso e vimos os pescadores e fazendeiros, os templos e os castelos, os mares e as montanhas nevadas quando chegamos. O que eu amo no Japão é que ele é tão vivo, medroso, nervoso, espasmódico, ímpio, cruel, triste, solitário e faminto - em mais de uma maneira - mas vivo. É como a América quando fui lá pela primeira vez. Deus nos ajude se permitirmos que o Japão volte a engordar, como os EUA parecem ter feito.

Enquanto isso, falamos hoje para 2.000 mulheres. As mulheres japonesas superaram com sucesso seu servilismo para com o homem. Eles dirigem as coisas silenciosamente, mas com determinação em muitos lares.

---

<sup>88</sup> Chefe das Indústrias Elétricas e Eletrônicas Nacionais do Japão.

P.D.H. para Doë

*Tóquio,  
27 de novembro de 1962.*

Ontem, no meio do meu discurso para as mulheres, todas as luzes do local se apagaram. O microfone apagou e lá estávamos nós. O tradutor estava assustado e devo dizer que foi assustador, mas quando eu gritei: "Não se preocupem. Não tenho medo do escuro", todos caíram na gargalhada.

P.D.H. para Doë

*Tóquio,  
29 de novembro de 1962.*

Hoje, Yoshida nos convidou para sua casa. Eu gosto dele. É como uma velha raposa única e astuta, nos moldes de Churchill, Lloyd George e Beaverbrook.

P.D.H. para P.W.G.

*30 de novembro de 1962.*

Yoshida nos recebeu em uma das mais belas salas japonesas que já havia visto, de frente para um jardim de flores, com lagos japoneses ornamentais, para o mar agitado, enquanto pela outra janela você podia ver o Monte Fuji com o sol se pondo atrás dele e uma lua em forma de foice brilhando entre as estrelas.

Ele disse: "Você pode acreditar em mim que nos próximos meses o Japão chegará a um acordo com a Coreia do Sul. Temos que ajudar a Coreia do Sul economicamente. É nosso trabalho fazê-lo porque nada afetará mais o mundo comunista do que uma unidade entre o Japão e a Coreia do Sul e uma Coreia do Sul mais próspera que a Coreia do Norte. A Coreia do Norte tem a indústria, então devemos tornar a Coreia do Sul próspera."

Yoshida passou a expressar sua opinião de que a próspera Alemanha Ocidental e o próspero Japão eram as maiores dores de cabeça para o mundo comunista e um desafio constante para a Rússia e a China. Ele disse ingenuamente que se sua nação e a Alemanha Ocidental continuassem prósperas, mais cedo ou mais tarde o mundo comunista iria querer ser como nós. Mas ele acrescentou que isso levaria algum tempo.

Ele falou de Nehru e contou a história de que, quando Nehru veio ao Japão, três anos atrás, ele presenteou Yoshida com um bebê elefante com o nome de sua filha, Indira. Yoshida disse que daria a Nehru um urso japonês com o nome de sua filha, mas Yoshida disse: "Minha filha se recusou a permitir

que o urso tivesse o nome dela, então Nehru nunca o recebeu." Quando comentei que Nehru parecia ter um tipo diferente de urso vindo do Norte agora, ele riu e disse: "Mas os ursos japoneses são criaturas muito inofensivas".

Ele falou com carinho de Churchill e, fumando um charuto, disse vigorosamente: "Churchill me ensinou a fumar charutos. Ele gosta de pintar e sempre queria vir para o Japão para pintar. Ele me disse que sua mãe uma vez veio ao Japão e descreveu o Monte Fuji para ele. Então, eu enviei a ele uma pintura do Monte Fuji."

Ele então, fez um longo discurso dizendo que o segredo da prosperidade era acabar com as colônias. Disse: "O Japão costumava ter colônias e nós nos livramos delas e agora somos prósperos. Na Bélgica, no ano passado, vi um país próspero porque eles se livraram do Congo. A França saiu da Argélia e está se tornando próspera. A Grã-Bretanha perdeu sua Comunidade Britânica e começou a prosperar. Minha teoria da prosperidade é não gastar muito dinheiro em armamentos e não desperdiçar dinheiro em colônias." Arrisquei-me a dizer que havia certas nações gastando muito em armamentos hoje em dia e talvez ele concordasse que era excelente para os rivais mais poderosos do Japão gastar seu dinheiro dessa maneira. Ele concordava plenamente que quanto mais dinheiro os Estados Unidos e a Rússia gastassem em armamentos, melhor seria para o Japão, embora acrescentasse que esperava que eles não usassem os armamentos que estavam fabricando.

Ele nos pressionou muito para fumar, então depois de um tempo eu disse: "Você, Sr. Yoshida, me contou sobre sua teoria da economia nacional. Nunca fui primeiro-ministro, mas na economia pessoal decidi desistir dos charutos como você decidiu que o Japão deveria desistir das colônias." Por alguma razão, isso o divertiu.

Ele disse: "O Japão é uma nação pequena e encravada. Sou grato por sua visão para ela e grato por você sentir que podemos desempenhar um papel fundamental no Sudeste Asiático. Concordo com isso. Quando vi o Sr. Macmillan no ano passado, insisti com ele para convidar nosso primeiro-ministro, Ikeda, para vir vê-lo. Fiquei muito feliz quando cheguei em casa e soube que a Macmillan havia enviado o convite." Yoshida também disse que, após sua visita à Austrália, três anos atrás, ele ficou muito feliz com o fato de os australianos terem uma visão muito mais gentil dos japoneses.

Envio a você este relato bastante longo desta entrevista porque acho que representa a realidade da perspectiva e da política do Japão neste momento. Um dos últimos comentários de Yoshida para mim foi: "Gostaria que você visse Krushchev. Você o viu?" Eu respondi: "Não", e disse que ainda não havia sido convidado. Yoshida acrescentou: "Mas existe um convidado não convidado." Respondi que muitas vezes

os ingleses estiveram em lugares sem serem convidados e que eu, pessoalmente, preferia esperar um convite. Ele disse: "Eu gostaria de ir ver Kruchev." Eu disse: "Acho que ele é um humano com um espírito que pode ser conquistado". Yoshida acenou com a cabeça muito sério e disse: "Concordo com isso. Acho que é verdade. Não podemos ter pressa com o mundo comunista, mas temos que vencê-los."

Yoshida também disse: "A Grã-Bretanha é o único país ao qual a América prestará atenção agora. Você deve falar com a América." Um desafio interessante se for verdade.

A Embaixada Americana aqui diz que equiparamos a democracia americana com o comunismo. Eles querem dizer que dizemos que Kruschev e Kennedy precisam mudar, o que eles fazem. Gandhi escreveu ao adido militar dizendo que se declaramos que um gorila peludo e um homem que não se barbeia há dois dias precisam ser barbeados, isso não significa que pensamos que um homem é um gorila.

Na primavera de 1963, Howard estava no Japão novamente. Em 25 de abril, ele se dirigiu aos alunos da Universidade Waseda, Tóquio, no Ono Hall, onde Adenauer, Nehru e o presidente Sukarno da Indonésia haviam falado antes dele. E mais recentemente Yuri Gagarin<sup>89</sup> e Robert Kennedy, que foram submetidos a uma jornada particularmente difícil. Waseda é uma das universidades japonesas mais politicamente conscientes e está tradicionalmente muito à esquerda. O tema de Howard foi "Além do comunismo para a revolução". O salão estava lotado e o Professor Nakatani, o Professor de Literatura Japonesa Moderna, descreveu o discurso como "um dos maiores que esta Universidade já ouviu":

"Estou falando esta tarde para aqueles que em vinte anos ou menos, se assim decidirem, estarão conduzindo o Japão e toda a Ásia em uma nova direção. Significa colocar a revolução antes da carreira, dos planos privados e dos medos ou ódios pessoais. Significa a aceitação de um objetivo para sua nação e de um tema da história maior que o comunismo, o militarismo ou o intelectualismo, é a esperança de um mundo reconstruído.

"Desde o fim da guerra, tanto o Japão quanto a Alemanha ouviram do Ocidente para se manterem pequenos, quietos, fora do jogo. Não foi apenas uma derrota em batalha que infligimos ao Japão. Viemos para o Japão como ocupantes. Exércitos de guerra que destruíram deliberadamente suas tradições. Não digo que todas essas tradições eram boas. Mas certamente não eram todas ruins. Ensinamos vocês a zombarem do patriotismo e dissemos que o amor ao imperador e ao país estava desatualizado. Nós trouxemos nosso materialismo ocidental metálico e o enfiámos goela abaixo. Dissemos que vocês

---

<sup>89</sup> Primeiro cosmonauta soviético, morto em um acidente de avião na Rússia em 1968.

cometeram tantos erros no passado que não poderiam e não deveriam desempenhar nenhum papel na liderança do futuro.

"O Japão não foi feito para ser como a América ou como a Rússia. O Japão é o Japão. Ele pode, ele deve e ele abandonará o passado e, com o resto de nós, terá o privilégio e o fardo de construir uma nova e sã civilização a partir de ruínas do antigo.

"A revista soviética *Comunista*, há duas semanas, em uma análise do Rearmamento Moral, disse: 'O RAM é a associação mais proeminente do mundo com o objetivo de salvar a civilização do comunismo.'

"Mas nosso objetivo é muito maior do que isso. Eu não estaria no Japão se o Rearmamento Moral fosse isso. Nosso objetivo é salvar a sociedade ocidental da decadência moral e o comunismo das contradições inerentes à sua própria dialética. Queremos uma revolução que funcione. Oferecemos aos comunistas e não comunistas o desafio de fazer sua parte na maior revolução de todos os tempos."

Em dezembro de 1963, Howard visitou novamente a Ásia:

P.D.H. para C.B.

*Deli,*

*4 de dezembro de 1963.*

Acabamos de voltar a Deli depois de uma viagem importante e aventureira subindo as montanhas do Himalaia para ver o Dalai Lama. Disseram-nos de antemão que teríamos meia hora com ele e que ele nos avisaria quando deveríamos sair. Na verdade, ele nos manteve por quase uma hora e meia sentados no chão, ao pé de seu próprio trono de açafão, servindo-nos chá, rindo, meditando, questionando.

Ele diz que o mundo inteiro precisa de um novo conceito de moralidade, e que a menos e até que isso aconteça, não haverá paz nem justiça. Ele sente que o primeiro passo é um acordo real entre o Oriente e o Ocidente e, até que isso aconteça, não haverá desarmamento significativo.

Uma coisa clara para mim é que a comunhão sem o sal de padrões morais absolutos é a queda de todo grande movimento do Espírito de Deus. Colocar planos de ação diante das pessoas não é mais virtuoso do que colocar lucros antes das pessoas.

Rajmohan Gandhi tem uma visão grandiosa para seu país. Acredito que ele vai liderar uma nova marcha do sal por uma nação. Nenhuma nação precisa mais de padrões morais absolutos do que a Índia. Quase tudo é feito de maneira desleixada e de segunda categoria. A pobreza e o "atraso" são usados como desculpa. Na verdade, nem todos na Índia são pobres e, longe de serem "atrasados", as pessoas são tão

claras e capazes quanto qualquer pessoa que conheço. Mas se você se recusa a concordar com seu próprio estilo desleixado e de segunda categoria de falar, de pontualidade, de relações humanas, você é acusado de esnobe, orgulhoso e anti-indiano. Ocorre-me que há muitas pessoas que tratam o RAM assim. Eles desperdiçam nossa herança espiritual com seus objetivos de segunda categoria e disciplina de quarta categoria, e então rosnam para qualquer um que tente manter o ritmo e a profundidade de Deus.

Durante esta visita, Howard participou da marcha de Gandhi do Cabo Comorin a Deli. Ao escrever sobre isso mais tarde, Howard disse:

"No ano passado, 63% dos impostos da Índia não foram pagos. O chefe das ferrovias diz que mais de 6.000.000 dólares de tarifas fraudadas foram descobertas.

"Gandhi liderou uma marcha de 4.000 milhas pela Índia. Em todos os lugares que ele foi, realizou reuniões massivas. Ele pediu que os indianos se apresentassem e fossem treinados em Rearmamento Moral.

"Alguns dias atrás, falando para 75.000 pessoas em *Chowpatty Sands*, um tradicional ponto de encontro de seu avô nas margens do Oceano Arábico em Bombaim, ele disse:

"Estamos determinados a levantar uma força de homens e mulheres jovens capazes e inteligentes que viverão corretamente, que não serão corrompidos por dinheiro ou poder, que podem liderar esta nação. Isso pode ser feito mais cedo do que as pessoas pensam. Cada elo fraco da corrente dentro da Índia deve ser fortalecido agora. A corrupção, a inveja e a divisão são um convite aberto à agressão".

"O Sr. Nehru me disse em Deli, em novembro que Gandhi havia conseguido um contato com a juventude da Índia que os líderes indianos e ministros de gabinete haviam perdido, nos últimos cinco anos."

Howard foi pressionado por alguns socialistas a lidar apenas com a pobreza da Índia. Ele escreveu:

P.D.H. para W.

*Deli,*

*6 de dezembro de 1963.*

Eu gostaria que pudéssemos ajudar os socialistas sentimentais a se preocuparem com o ódio tanto quanto se preocupam com a fome. Eles ficam todos agitados com a miséria material e ignoram completamente a fome espiritual do homem ao lado deles. Na mente de Deus, uma consciência morta é, creio eu, mais prejudicial do que uma barriga meio vazia. Naturalmente, temos que encher os estômagos.

Mas esses sentimentalistas passam a vida se preocupando com coisas que não são essenciais no mundo moderno.

Poucas pessoas têm ideia do que seja liderança. Eles acham que um líder diz a todos o que fazer e ele não trabalha. Isso é o inverso da liderança.

Na Ásia, Howard era frequentemente questionado sobre como um cristão como ele tinha uma plataforma comum com outras religiões.

P.D.H. para G.C.

*5 de julho de 1964.*

O Rearmamento Moral é para todos, em todos os lugares. Não é, não foi, e nunca será "outra religião". Nem nunca será segregacional. É verdade que um cristão acredita que os padrões absolutos de honestidade, pureza, altruísmo e amor são os padrões de Cristo e que a orientação de Deus é a maneira como Cristo chama Seus seguidores a viver. Também é verdade que o Rearmamento Moral obriga todos os cristãos a viverem os padrões de Cristo, que eles professam, e que a maioria dos não-cristãos se alegra quando vê um esforço feito para ajudar os cristãos a viver o que eles falam.

Padrões morais absolutos representam um campo de batalha comum e um passo comum para toda a humanidade. Muitos agnósticos e muitos ateus, em minha experiência, começaram a se posicionar no rearmamento moral da nação quando fizeram uma experiência aqui.

A mudança é para todos. Começa quando esses padrões são aplicados drasticamente. Os homens com essa experiência têm algo real que podem transmitir aos outros.

Um coronel da Coreia me perguntou uma vez: "Você é cristão?" Eu disse: sim." Ele disse: "Quero que você saiba como são muitos cristãos na Coreia do Sul. Tenho uma nação em minhas mãos. Estamos em uma situação desesperadora moral e industrial. Preciso muito de ajuda, mas esses cristãos não estão nem um pouco interessados nos problemas, na mesa do meu gabinete. Eles estão interessados apenas em levar os cristãos de uma igreja para outra. Eles são o grupo mais hipócrita, exclusivo, dividido e divisivo que temos na Coreia do Sul."

Eu disse: "Sentimos muito." Então comecei a dizer a ele o que eu achava que os verdadeiros cristãos poderiam fazer em um país como a Coreia se fossem revolucionários. Ele disse: "Claro, se eles fossem assim, todo o país estaria com você."

Não foi em plataformas públicas que Howard se gastou mais. Foi com pessoas individuais. Frequentemente, suas conversas com eles eram de uma profundidade incomum na Ásia, onde a reticência

é forte. Mas Howard era um homem instantaneamente sensível às necessidades dos outros. Ele podia se alegrar com os que se alegravam e chorar com os que choravam. Acima de tudo, ele podia ser honesto com aqueles que também desejavam ser honestos.

Quando pisou em solo asiático, não chegou com um ponto de vista britânico. Ele tinha o dom de se colocar imediatamente no quadro da pessoa ao seu lado. Foi difícil para alguns perceber que essa personalidade franca e estrondosa tinha um lado invisível, mas sempre presente, que era silencioso e questionador:

"A maneira de mudar as pessoas em uma escala maciça e colossal é mudar alguns indivíduos profunda e permanentemente. Leva tempo, exige esforço, exige oração, exige imaginação. Mas não há atalho para isso."

A juventude respondeu a ele, mas ele não se dedicou inteiramente à juventude. Ele escreveu:

P.D.H. para U.C.

*São Paulo,  
29 de janeiro de 1965.*

É bom ter uma conferência de mil jovens escolhidos, mas não devemos nos transformar em um movimento juvenil. Devemos nos mover o tempo todo com a liderança de nossos países. O objetivo de se mover com a juventude é que é um instrumento para afetar o pensamento, a vida e o planejamento da liderança, mas não devemos evitar a dura trituração do materialismo em mentes maduras e cínicas meramente deslizando junto com a alegria de viver dos jovens.

Os políticos queriam apoiá-lo, mas ele não queria o apoio deles, a menos que envolvesse homens mudados. Ele escreveu a um político que queria cooperar com o RAM.

P.D.H. para C.

*Buenos Aires,  
12 de fevereiro de 1965.*

Existem muitas organizações de Membros do Parlamento para muitos propósitos e razões em muitos países. Em algumas partes do mundo, essas organizações, muitas vezes falharam porque não mudam as pessoas que estão organizadas, mas simplesmente permitem que continuem como antes, tentando consertar o mundo, mas determinadas a permanecer nas garras das velhas ambições, preconceitos, ganância e corrupção. A menos que os homens mudem, nada realmente muda.

Temos que superar a China comunista nos corações e mentes dos homens. Mas o mero anticomunismo por si só nunca fará o trabalho. Se isso bastasse, a América e seus aliados, com sua riqueza, poder e propaganda incessante, há muito teriam conseguido empurrar para trás as fronteiras do Império Vermelho na Ásia, África e América Latina.

Se a vossa organização pretende fazer do Rearmamento Moral e da transformação dos homens o seu tema e objetivo, creio que prestarão um serviço supremo à história e à humanidade.

Se, no entanto, algum de seus amigos desses outros países pretender, como alguns deles fizeram no passado, defender da boca para fora os "métodos RAM" enquanto suprimem a realidade e o nome do Rearmamento Moral, e silenciosamente continuam a fazer as coisas da mesma maneira egoísta, eles frustrarão seus melhores esforços e, no final, roubarão a liberdade, a unidade e a prosperidade da Ásia, que ela tão ricamente merece após séculos de exploração injusta.

A carta acima foi a última carta de Peter Howard para a Ásia.

## Capítulo 18

"A liberdade é boa e está chegando como um dilúvio à África. Mas onde ontem os negros odiavam os brancos, agora os negros temem os negros. E amanhã poderemos ver o imperialismo negro ou vermelho onde ontem reinava o imperialismo branco."

P.D.H. 3 de dezembro de 1963.

Howard foi à África apenas uma vez. Mas ele tinha muitos amigos em todo o continente e, em Caux e em outros centros, participou de eventos que contribuíram para ajudar vários países a conquistar a independência sem derramamento de sangue.

Uma dessas ocasiões foi quando um jornalista francês trouxe dois exilados do norte da África, Si Bakkail<sup>90</sup>, do Marrocos, e Mohammed Masmoudi, da Tunísia, para Caux. Howard, em 1957, descreveu o efeito sobre Masmoudi:

"Masmoudi era um exilado. Os franceses haviam prendido seu irmão. Ele próprio já estivera em uma cela da morte, com a cabeça raspada, pronto para a execução. Em Paris, ele era o porta-voz do Neo Destour, o partido que lutava pela independência da Tunísia e era considerado pelos franceses como um grupo perigoso e revolucionário. Em Caux, Masmoudi encontrou a resposta para a amargura. Os franceses modificados derreteram o ódio em seu coração sem derreter o ferro de sua determinação de conquistar a liberdade para seu povo.

"Enquanto ele estava em Caux, sua mãe de oitenta anos enviou-lhe uma carta que terminava assim: 'Deus o abençoe, meu filho. Que Deus amaldiçoe os franceses'.

"Masmoudi respondeu: 'Deus me abençoe, mãe - sim. Eu preciso disso. Mas não amaldiçoe os franceses. Encontrei franceses com os quais podemos trabalhar sem desconfiança em prol da justiça em nossos problemas e aspirações'.

"Masmoudi é muçulmano e, por isso, sua fé o obrigava a orar cinco vezes por dia. E ele aceitou a disciplina normal de ouvir Deus todos os dias para obter Sua orientação. Anotava os pensamentos. Formou um plano.

---

<sup>90</sup> Primeiro-Ministro do Marrocos independente.

"Ele voltou a Paris livre de amargura, cheio de esperança.

"A paz e a guerra estavam em equilíbrio. Os franceses haviam aprisionado Bourguiba, o líder muito amado do povo tunisiano, em uma ilha do Mediterrâneo. A terra estava sendo colhida sob a proteção de tanques franceses. Os fellaghas desciam das colinas para atacar e matar os colonos franceses, e aviões de combate patrulhavam as colinas onde os fellaghas faziam seus planos.

"Masmoudi foi falar com o novo Primeiro-Ministro francês, Mendes-France. Ele lhe falou sobre o Rearmamento Moral. Mendes-France voou para Túnis e prometeu autonomia. Nas longas negociações que se seguiram, Masmoudi trouxe uma resposta toda vez que havia a ameaça de um impasse. Mais tarde, ele disse: "Lutei o tempo todo de acordo com os princípios do Rearmamento Moral".

"Hoje Bourguiba é o primeiro-ministro da Tunísia. Masmoudi foi Ministro de Estado do Governo Central e agora é Embaixador na França.

"Masmoudi viajou comigo para os Estados Unidos, Japão, Filipinas, Tailândia, Índia e Paquistão com a Missão Mundial<sup>91</sup>. Em Washington, em junho de 1955, ele disse: 'Nunca se esqueçam. Se não fosse pelo RAM, nós, tunisianos, estaríamos hoje enfrentando os franceses em uma guerra sem misericórdia. O Rearmamento Moral está preenchendo a lacuna entre a França e a Tunísia, entre a África e a Europa. A África está despertando. Ela está determinada a desempenhar seu papel nos assuntos mundiais dentro da estrutura do RAM. Sem o RAM, a Tunísia teria sido outra Indochina: "

Howard desempenhou seu papel nesses eventos. Ele teve uma visão da África e dos africanos até sua morte.

P.D.H. - falando aos nigerianos

*Londres,*

*27 de setembro de 1963*

"Acredito que a África pode, se quiser, desempenhar um papel concreto na criação da revolução certa para o mundo moderno.

"Para mim, está perfeitamente claro que a velha Europa não conseguiu fazer isso. Está claro para mim que a América moderna não está conseguindo fazer isso. Com a enorme falta de unidade que a China e a Rússia estão demonstrando agora, não vejo exatamente que elas vão unir a Terra. Mas quem vai se encarregar dessa tarefa?

---

<sup>91</sup> Segundo capítulo 14, página 208.

"Deus é daltônico, mas tem consciência de seu caráter. O homem é daltônico, mas tem consciência das cores. Agora temos de reverter essa situação e podemos reverter isso se for verdade em nossos corações. Você nunca conseguirá a unidade a menos que tenha uma fé verdadeira. É uma coisa muito fácil de dizer, mas já houve algum momento na história em que os homens estiveram divididos de forma mais tola e desnecessária?"

Howard valorizou mais do que a maioria dos homens o serviço que muitos britânicos prestaram na África:

"Nenhum outro império triunfou sobre todos os seus inimigos e, depois desse triunfo, devolveu a liberdade a uma nação após a outra, porque achou que era a coisa certa a fazer. Mas uma coisa é dar liberdade às nações sua liberdade. Outra coisa é estabelecer nelas a qualidade de caráter e ideologia que preserva e garante essa liberdade."

Nesse aspecto, ele achava que a Grã-Bretanha havia falhado:

"A resposta para o conflito de cor é construir uma sociedade livre de preconceitos e ódio de todo tipo. A concordância teórica com os direitos civis e a igualdade de cor, aliada ao ódio prático de outra classe, raça, nação ou indivíduo, nunca funcionará. Qualquer homem que odeia outro homem faz parte do problema do conflito de cor e classe que sobrecarrega a humanidade. Pois aqueles que odeiam não podem curar o ódio. E aqueles que não podem curar o ódio hoje ajudam-no a se multiplicar. Os idealistas que desprezam todos que discordam deles são como médicos que nos alertam sobre os perigos do fumo, mas nunca pensam em parar de fumar."

A própria visita de Howard à África foi feita quando ele liderou a Missão Mundial, com sua peça *The Vanishing Island/ A Ilha Desaparecida*, no Quênia. Ele chegou no meio da emergência dos Mau Mau. Durante essa visita, Howard e alguns de seus amigos foram ao campo de detenção de Athi River, onde, atrás de cercas de arame farpado e torres de vigilância, mil e duzentos detentos Mau Mau estavam confinados. Eles eram o núcleo duro do Mau Mau - os pensadores e líderes políticos originais. Usavam shorts amarelos e tinham a cabeça raspada. Sentaram-se em filas apertadas sob um sol escaldante. Foi Peter Howard quem falou com eles primeiro:

"Eles cobriam o rosto quando eu me aproximava. Não queriam olhar para um homem branco. Minhas primeiras palavras foram: 'Eu nasci branco. Não pude evitar, não é mesmo? Eles começaram a olhar para mim. Começaram a entender que era tão imaturo e ignorante odiar um homem por ele ter nascido branco quanto odiá-lo por ter nascido negro, brilhante, tolo, feio, bonito, grande, pequeno, judeu ou árabe. Quando terminei de falar, seus líderes vieram até mim e disseram: 'Fomos educados em escolas

cristãos. Perdemos nossa fé e nos tornamos cínicos em relação a tudo, exceto à violência para conquistar a liberdade, devido à maneira como vimos os cristãos brancos viverem. Queremos que saiba que se tivéssemos sonhado que os homens brancos pudessem falar e pensar como o ouvimos falar hoje, não teria havido Mau Mau no Quênia.

"Senti em meu coração a vergonha e a agonia das palavras que esses quenianos me disseram. Eu chorei. Alguns desses ex-líderes Mau Mau se tornaram meus amigos. Eles viram os homens brancos mudarem. Aprenderam que os negros também podiam mudar. Eles mudaram. Eles entenderam que a violência, às vezes considerada um bom servo, pode rapidamente se tornar um mau mestre, e que a história nunca fica muito tempo do lado do ódio. O ódio não conhece barreiras de cor. O amor também não.

"De seu salário de um xelim por dia, os prisioneiros do campo coletaram 26 libras em moedas de um centavo como contribuição para as despesas da Missão."

Mais tarde, Howard passou longas horas conversando com os homens Mau Mau. Eles lhe disseram que haviam enviado suas mulheres africanas para dormir com os soldados brancos e receber munição como pagamento. Essa munição era usada para matar os colonos brancos. Howard lidou com os homens Mau Mau, como todo mundo, com base em padrões morais absolutos. Um deles disse mais tarde: "Se soubéssemos a resposta para a luxúria, não teríamos matado".

A concepção de Howard sobre a nova África era a de um continente com os olhos voltados para o mundo, e não para seus próprios problemas internos.

P.D.H. para a I.A.

*2 de fevereiro de 1963*

O problema africano nunca será resolvido somente na África. Ele é um problema mundial. É uma revolta organizada em escala mundial contra o governo soberano de Deus. Ocorre em todos os corações e em todos os gabinetes. A África ainda continua sendo um peão aos olhos de alguns homens do poder.

Muitos achavam que era possível correr junto com o humor e a amizade da África e, dessa forma, criar uma atmosfera melhor. Howard não compartilhava de suas opiniões.

P.D.H. para G.

*15 de março de 1963.*

Não estou dedicando minha vida a fazer com que os africanos negros e brancos encontrem algum meio de viver juntos sem cortar a garganta uns dos outros.

Não estou nem um pouco preocupado com o fato de os brancos ficarem muito tempo, ou de os negros se comportarem mal, ou com todas as coisas que parecem preocupar tantas pessoas. O que faço é viver, respirar, lutar e, se necessário, morrer para ver Deus governar os assuntos dos homens, inclusive o continente africano.

Será que não podemos ter alguns homens na África que realmente assumam o compromisso de Frank Buchman? Ele não me pareceu ser um homem preocupado o tempo todo com a forma como os brancos ou os negros o tratariam. Se essa fosse sua principal preocupação, pessoalmente ele teria me entediado até a morte, e eu fico extremamente entediado com esses brancos da vida que só pensam se os negros os deixarão em paz, assim como com esses negros da vida que parecem só pensar em quando o homem branco deixará seu país. Para mim, ambos os pontos são divisivos e fúteis.

Deus não veio para trazer um abraço inter-racial, mas o que Ele descreveu como uma espada que atravessa famílias, classes, cores e continentes. Oh Deus, oh Deus, oh Deus, dê-nos essa espada.

Howard achava que os nacionalismos intensos na África estavam fadados a destruir um continente que, de outra forma, poderia se tornar uma voz de sanidade:

"Eu preciso, além da graça de Deus, de coragem e humor, de um 'sim' definitivo, final e decisivo à reivindicação de Deus sobre mim. A África precisa dessa experiência. Muitos de seus povos só estão dispostos a seguir em frente se os outros se comportarem como eles acham que devem se comportar, ou se os tratarem bem. Como alternativa, eles criam uma província para si mesmos em seu país ou continente, e isso se torna seu reino. É bem possível ter um relacionamento errado com uma nação, assim como com um homem ou uma mulher, uma cor ou uma classe."

Os nacionalistas africanos acharam isso difícil de entender. Eles perguntaram a Howard se ele não amava seu próprio país. Ele respondeu:

P.D.H. para I.A.

*15 de maio de 1962.*

Não creio que o senhor me considere uma pessoa desnacionalizada. Se for o caso, deve me dizer isso. Sou britânico até as cutículas, com todas as loucuras e outras coisas que esse histórico denota. Minha atitude em relação ao meu país é o que Doë me disse quando fui sincero com ela: "Eu o amo como você é, mas lutarei para que você seja o que deve ser".

Ao mesmo tempo, essa é a minha atitude em relação ao seu país, à Rússia, aos Estados Unidos e a todos os países sob o sol. E vou lhes dizer por quê. Certa vez, Deus me disse com carinho: "Quero que

você ame todas as pessoas do mundo como ama seus próprios filhos". Eu sabia que isso era humanamente impossível, mas, de joelhos, pedi a Deus a graça de entregar meu coração e minha mente a todos, à maneira Dele. É claro que não fui totalmente bem-sucedido, mas isso fez uma profunda diferença em minha vida.

Não faz muitos anos, eu costumava ficar desesperadamente faminto por casa e com o coração apertado quando, por semanas, meses e, às vezes, um ou dois anos, ficava separado de meus entes queridos e de minha terra. Naturalmente, eu pensava em cinquenta bons motivos para voltar para casa, mas o que eu realmente queria dizer era que eu gostava da minha casa e queria estar nela. A questão era se, caso Deus quisesse que eu nunca mais visse meu lar, eu estaria disposto a isso. De joelhos, eu disse: "Sim". O resultado foi uma libertação incrível. Desde então, tenho amado muito mais meu país.

Esta é a primeira primavera em dezesseis anos que passo em minha própria casa. Mas também me sinto absolutamente livre para lutar com todas as forças, sem amarras e sem limites em minha estada aonde quer que eu vá no mundo.

Howard nunca visitou a África do Sul, embora tivesse muitos amigos daquele país. Ele também tinha inimigos. Mas ele não era uma pessoa que se comprometia com pessoas e se recusava a fazê-lo com governos.

P.D.H. para S.A.

*10 de setembro de 1964.*

Não sou tão tolo ou convencido a ponto de tentar dizer a qualquer governo o que deve ou não deve ser feito. Da mesma forma, nenhum governo humano me dirá qual deve ser minha atitude em relação aos meus semelhantes, independentemente da cor de sua pele. Defendo que a liberdade da consciência humana é um encargo sagrado de cada indivíduo e que nenhum grupo vai me intimidar para que eu tome atitudes das quais discordo. Se eu e meus amigos tivéssemos tido a chance, poderíamos ter sido os camaradas mais verdadeiros e compreensivos na crise que agora está se desenvolvendo com uma velocidade tão terrível de norte a sul do continente africano.

Nós, brancos, não precisamos de justiça, mas de misericórdia. De fato, a humanidade precisa de misericórdia. Estamos enfrentando agora o colapso não apenas do Leste e do Oeste, de negros ou brancos, de ricos ou pobres, de jovens ou idosos, mas da humanidade. Simplesmente não conseguimos medir o desafio do século.

Só rezo para que, com o tempo, os africanos brancos possam aprender a lição da história, que é a de que a boa vontade não é resposta para o ódio e que o patrocínio não é resposta para a amargura que nasce da injustiça social e da desigualdade.

De minha parte, minha vida é dada - e quero dizer dada - para levar o mundo inteiro, comunista e não comunista, à Cruz.

Sinto-me muito triste com a simples covardia de alguns homens da África que tiveram um vislumbre da visão de Deus, voltaram para casa e deram as costas para ela. A história dos últimos anos poderia ser diferente se os homens desse grande continente entendessem a verdade: "Sem cruz, sem coroa".

O desafio de Howard não era confortável. Tampouco era exclusivo:

*Londres*

*30 de julho de 1963.*

"Na noite passada, recebemos a equipe sul-africana de netball. Eles eram todos afrikaners - sul-africanos brancos que falam holandês. Eles representam seu país. Eu, pessoalmente, me oponho fortemente à política do apartheid. Acho que ela é totalmente errada. Acho que é preciso acabar com ele. Mas como fazer isso?

"Aquelas meninas estavam na Inglaterra. Elas se comportaram de maneira absolutamente maravilhosa. Tiveram um cuidado infinito. Estavam muito atentas. Logo descobri o motivo. Nós, ingleses, para demonstrar nossa desaprovação, as colocamos em alojamentos desagradáveis, onde vivem quatro pessoas em um quarto com um banheiro entre todas elas. Os homens podem olhar pela porta do banheiro enquanto tentam se limpar. Isso é para mostrar a elas o que pensamos de seu país.

"O efeito que isso teve sobre essas mulheres foi que elas disseram: 'Nunca mais queremos ver seu país. No que nos diz respeito, gostamos mais de casa'. Essa é uma maneira de fazer isso. Mas não é a minha.

"Algumas pessoas acham que você vai criar a revolução certa na África do Sul, e em muitos outros países, com uma revolução sangrenta. Pessoalmente, não acredito que todo mundo de pele negra seja perfeito e que todo mundo de pele branca seja um porco. Tampouco acredito, por incrível que pareça, que os brancos são superiores e os negros são inferiores. Acho que somos todos filhos de Deus.

"Quero ver no Rearmamento Moral não um destino, mas uma estrada - uma estrada que todos possam percorrer. Não a verdade suprema, mas uma maneira pela qual todos possam ser direcionados para a verdade; um campo de batalha comum para todos na vida."

Em sua casa em Suffolk, Howard recebeu os homens e mulheres da África. Jomo Kenyatta esteve lá antes de ser preso no Quênia. E, na época da morte de Howard, nove membros do Gabinete do Quênia estavam a cabo de Doë: "A filosofia e a prática do Rearmamento Moral contribuíram decisivamente para nossa estabilidade e progresso."

Foi encontrando e conhecendo essas pessoas que Howard teve um vislumbre do que a África poderia ser:

"O mundo está esperando com o coração ansioso e a mente faminta para ouvir a voz da nova África. Deve ser uma voz tão revolucionária que a China, a Rússia, os Estados Unidos, a Europa, os negros, os marrons, os amarelos e os brancos digam em uníssono: 'É assim que a Terra de Deus deve viver'."

## Capítulo 19

O mistério das casas antigas e sólidas –  
O papel que elas desempenharam e desempenham na formação da história.

Durante séculos, suas costas e ossos resistiram  
às tempestades e permaneceram como pedra.

Os canhões e a maldição da guerra

Não fecharam seu coração e sua porta abertos.

A pintura pode ter mudado, assim como o tamanho,

mas ainda é o lugar com olhos firmes

que contemplam o milho e o algodão.

Seu espírito está cheio de lembranças inesquecíveis

Memórias do homem que veio

De seus acres para a fama.

Washington, arrastando-se pela lama,  
esteve aqui antes, com cérebro e sangue,

Forjou uma nação a partir dos homens

E a entregou a Deus novamente.

Seu coração ardia de amor pela liberdade,

mas muitas vezes se voltava para casa

Para os campos silenciosos e os gansos selvagens

voando para seu descanso à luz do dia.

O exército de McClellan acampado ali

Com alguns temerosos e alguns em oração –

Entre a terra e as estrelas -

Observou a manhã subir pelas barras negras da noite,

O campo de batalha para iluminar

Essa união soldada a partir do ódio.

E muitos heróis desconhecidos cruzaram essa porta

que, na história, se perdeu,

No céu tem seu nome seguro,  
Que morreu para que a liberdade perdurasse.  
Cristo, também, veio caminhando por esta terra  
Para dentro do lar e colocou Sua mão  
Sobre o coração de um filho amado, um verdadeiro, um provado, um valente.

Sem hesitação e sem medo,  
Ele obedeceu com alegria e glória.  
Como Washington, como Lincoln,  
ele foi ao encontro do Destino.  
Esta velha casa sussurra em meus ouvidos  
Que, embora um dia desapareça,  
Embora o tempo e o tempo possam derreter sua pedra  
De volta à terra que fez seu osso,  
Ainda assim, nunca mais passará  
O registro de sua escolha naquele dia.  
Ele sobreviverá, amará e durará mais do que  
Todo o longo espetáculo do passado.  
Pois veremos de homem para homem  
O padrão do plano mestre de Deus,  
moldado por homens como o seu amado filho,  
que a partir deste lar corre sua corrida.

***P.D.H.***

***(Escrito para uma família americana).***

Peter Howard passou a maior parte dos últimos meses de sua vida nos Estados Unidos da América. Seu amor por esse país e por seu povo havia crescido com o passar dos anos. Ele não possuía nada daquela arrogância ou superioridade que faz com que muitos americanos vejam a Grã-Bretanha com simpatia ou indiferença. Ele quase não era britânico, não em seu idioma ou em sua afeição por seu país, mas em seu

compromisso e entusiasmo, que eram como uma lufada de ar fresco. Ele se dirigiu aos americanos com esperança:

"A dura verdade é que nosso destino, assim como o destino do resto da humanidade, está em suas mãos. Sem o sangue e o tesouro americanos, não haveria liberdade na Terra hoje.

"Se os Estados Unidos falharem, o mundo falhará, mas os Estados Unidos não falharão. Os Estados Unidos moralmente rearmados conquistarão a lealdade do mundo inteiro, tanto de comunistas quanto de não comunistas, e conduzirão a humanidade a uma era de justiça, sanidade, liberdade e paz duradoura. Isso não será feito pelo ouro em sua bolsa, que aumentará; nem pela arma em sua mão, que deve ser mantida; mas pela coragem de sua juventude, pelo gênio de sua sociedade multirracial e pela orientação do Deus Todo-Poderoso em quem, de acordo com as palavras no dólar, já depositamos nossa confiança."

Howard também se dirigiu aos Estados Unidos com honestidade. Essa era a verdadeira amizade, como ele a entendia. Não bajulou e não condenou. Ele disse o que sentia e não se responsabilizou por isso depois.

O programa de Howard nos Estados Unidos em 1964 foi mais pesado do que qualquer outro que ele já havia realizado. Em uma visita de dez semanas, fez quarenta e seis discursos em vinte e cinco cidades. A isso se seguiram visitas mais longas e discursos mais intensos.

P.D.H. para Doë

*14 de novembro de 1964 .*

Há um programa esmagador preparado para mim, mas eu o farei com prazer. Nossa hora chegou neste país e no mundo, e devemos reivindicar a fé e a força para enfrentá-la.

Em maio de 1964, o Arcebispo de Boston, Cardeal Cushing, escreveu o prefácio dos discursos de Howard em um livro intitulado *Design for Dedication/ Design para a Dedicção*:

"Peter Howard é um amigo meu. Ao seu talento e treinamento como jornalista, ele acrescentou a visão moral extraída da experiência com homens em muitos países.

"Fez alguns dos melhores discursos que já li nos tempos modernos. Para os americanos, que carregam uma carga de responsabilidade mundial maior do que nunca na história, eles apontam uma liderança que poderia preservar a fé e a liberdade de milhões de pessoas.

"Suas palavras são um desafio para todos. Elas trazem uma clareza extraordinária sobre a América e o mundo."

P.D.H. para A.T.

*Nova Iorque, março de 1964.*

Nos Estados Unidos, a maré da resposta é profunda, forte e poderosa. Mas é uma América diferente daquela de dois ou três anos atrás. Ela é cínica, rude, dividida e está morrendo.

Peter Howard dedicou sua mente e força para evitar que esse cinismo e essa morte se espalhassem pelos Estados Unidos. Em 4 de fevereiro de 1964, ele discursou no Town Hall, em Los Angeles:

"Um homem está ao meu lado enquanto falo. Ele é meu jovem e único irmão, John. Ele lutou durante a última guerra na África, nas ilhas congeladas dos mares árticos, nas encostas das montanhas encharcadas de sangue da Itália, em meio ao calor, às moscas e à fúria do norte da África, finalmente caindo com os paraquedistas em Arnhem, onde a morte o encontrou. Como milhões de outras pessoas, ele deu sua vida para que pudéssemos herdar a liberdade. Essa liberdade, comprada com muito custo, é muito importante para mim.

"Os Estados Unidos são um gigantesco Papai Noel cambaleando pela Ásia, África e América Latina com um pacote de mercadorias, distribuindo presentes para as crianças, comportando-se com uma generosidade nunca antes demonstrada na história do homem. As crianças pegam os presentes, gritam por mais, mexem no bolso do Papai Noel Quando ele passa, tentam fazer com que ele tropece, derrubam-no, abusam dele e o destroem. É um quebra-cabeça e um paradoxo. No curto espaço de tempo de que disponho, pretendo lhes dizer por que isso aconteceu.

"Os Estados Unidos precisam de um objetivo para a humanidade. Ela precisa de uma ideia na cabeça e de uma resposta no coração, além de um pacote de presentes nas costas, um rolo de dólares em uma mão e um holocausto de bombas na outra. Agradeço a Deus de joelhos todos os dias pela força dos Estados Unidos. Mas sem um plano revolucionário do qual todos os homens possam participar, sem uma fé que todos possam compreender e amar, sem uma autodisciplina que corresponda a esse plano e a essa fé, os Estados Unidos podem se tornar um cavaleiro de armadura morto."

Em 28 de fevereiro de 1964, em uma época em que a guerra do Vietnã ainda não estava no auge, Howard discursou no Commonwealth Club em São Francisco. O presidente Diem havia sido assassinado alguns meses antes:

"Em breve, o presidente Johnson poderá ser forçado a tomar decisões graves e angustiantes.

"Se o atual regime de Saigon for ameaçado de desintegração, os Estados Unidos terão que decidir se vão se retirar, travar uma guerra total ou instituir represálias contra a intervenção norte-vietnamita.

Essas represálias podem envolver o bombardeio de alvos selecionados no Vietnã do Norte. E se os chineses intervissem, o que significaria que eles estariam prontos para arriscar uma guerra com os EUA, isso ofereceria, de acordo com um formulador de políticas de Washington, "uma oportunidade divina de atingir determinados alvos na China". Esses alvos são, obviamente, as usinas atômicas chinesas.

"Nessas circunstâncias, a morte de Diem pode ter sido um erro de cálculo que custou caro. Em minha recente viagem pela Ásia, em diferentes países, em diferentes cidades e em diferentes idiomas, as pessoas perguntavam: "Você acredita que a violência é um meio legítimo de obter fins políticos?". Elas queriam saber se poderiam usar a força para destruir o capitalismo - se deveriam matar homens ricos? Quando respondi que esse me parecia um plano ruim, esses asiáticos perguntaram em uníssono: "E o Vietnã? Os Estados Unidos nos mostraram lá que agora estão prontos para incentivar a violência a fim de atingir seus objetivos políticos em outro país". Não digo que isso seja justo. Não digo que seja verdade. Mas digo que é uma opinião que percorre como um fogo de pradaria milhões de corações na Ásia, na África e na América Latina atualmente.

"Não expresso opiniões a favor ou contra as políticas de Diem no Vietnã. Ele tinha suas loucuras e suas fraquezas. Teve seus parentes difíceis. A maioria de nós tem. Posso dizer, por conhecer o homem, que as histórias de que ele era um tipo de fascista são falsas.

"Desde a queda de Diem, sete outros budistas se imolaram tragicamente em Saigon e nos arredores. Nada, ou muito pouco disso, chegou à imprensa ocidental, embora antes da queda de Diem, os punjis - que jogaram gasolina sobre si mesmos e se queimaram até a morte - tenham sido mostrados em toda parte como um símbolo da rebelião de pessoas torturadas contra um opressor cruel.

"Neste momento, em arrozais e pântanos, na escuridão da selva, no lodo, no fedor e na lama de rios fétidos, americanos, aldeões e soldados vietnamitas estão testando com seu sangue e sofrimento se a liberdade deve ou não perdurar no Vietnã. Sem expressar opiniões sobre as políticas ou o caráter de Diem ou dos Nhus, uma coisa é certa; os Estados Unidos, pela primeira vez em sua história, incentivaram a derrubada, em tempos de guerra, de um governo devidamente eleito que lutava lealmente contra o invasor comunista comum.

"A conta completa para a destruição de Diem ainda não foi apresentada, e a verdade mais completa ainda não foi revelada. Mas tenha certeza de que essa conta será apresentada.

"Diem era o chefe de um estado amigo que estava envolvido em uma luta comum. Ele foi condenado à morte com a conivência de certas autoridades americanas. Toda a Ásia sabe disso. E a Ásia não se esqueceu disso.

"Às vezes, as pessoas pensam em Diem como um Hitler ou um ditador que intimidava e torturava as pessoas e era ineficaz. Isso está muito longe da verdade. É fato que ele fechou os bares e bordéis de Saigon. Ele me disse o motivo. Disse que havia sérios vazamentos de segurança que ameaçavam a segurança das tropas militares. Disse que sua informação era de que esses soldados - e soldados são soldados em todos os lugares - ficavam apertados à noite e conversavam quando não deveriam nesses bares e bordéis. Ele achava que, para o bem de seu exército, eles deveriam ser fechados. Não estou perguntando se você teria feito isso ou não. Estou lhe dizendo por que ele fez isso".

Em 15 de novembro de 1963, Howard escreveu de Nova Délhi:

"Eu conhecia Diem. Sinto o fracasso da diplomacia americana em estabelecer um relacionamento com ele que, na minha opinião, poderia ter evitado muita tragédia. Só posso dizer que, em minhas conversas com ele, achei-o extremamente aberto a sugestões, desde que fossem feitas da Cruz e não do trono."

Os discursos de Howard, que tratavam abertamente de assuntos que os americanos consideravam de seu interesse particular, não obtiveram aprovação universal. Mas, em retrospectiva, muitas vezes eles parecem proféticos. A maioria dos americanos reagiu, mesmo que ele tenha sido extremamente direto em suas palavras.

P.D.H. para M.H.

*6 de fevereiro de 1964.*

Há uma ideia americana de evitar a todo custo a culpa e, conseqüentemente, obter crédito. Isso o torna propenso a tirar a cor da nação em vez de dar à nação a cor de Deus.

Fico impressionado com a maneira pela qual os Estados Unidos, durante os Jogos Olímpicos ou ao enviar uma câmera espacial para a lua, se impulsionam para o céu com antecedência, batem no peito e dizem: "Nossa, somos fantásticos", e depois, quando algo não dá certo, dizem: "Bem, afinal de contas, fizemos o nosso melhor. Nós nos esforçamos muito e é muito melhor do que as pessoas pensam". Precisamos parar com isso! Devemos aprender a lutar e não dar atenção às feridas.

P.D.H. para R.P.

*13 de fevereiro de 1964.*

Parece-me que, nos Estados Unidos, muitas pessoas só fazem o que estão plenamente convencidas de que será um sucesso colossal e reconhecido. Isso, portanto, as torna inseguras e frustradas na metade do tempo, e toalmente arrogantes e convencidas na outra metade.

Essa mentalidade representa uma determinação de fazer com que o resto do mundo seja como os Estados Unidos e uma crença de que qualquer pessoa que diga que os Estados Unidos precisam de mudanças é anti-Deus. Isso é loucura! Não estou querendo dizer com isso que devemos irritar os americanos, deixar as pessoas com raiva e provocá-las deliberadamente. Mas precisamos lidar com a perversão colossal que essa atitude de proteção em relação aos Estados Unidos representa.

Sei muito bem que, na mente de Deus, os Estados Unidos ainda têm o objetivo de inclinar o mundo para Ele. Mas sinto francamente a desmoralização de um gigante decadente em algumas das ações e declarações desse país, e devo dizer isso. Devemos evitar a tentação de nos tornarmos apologeticos a ponto de diluirmos a verdade para nos adequarmos aos compromissos dos que se sentem confortáveis.

Em 16 de fevereiro de 1964, Howard discursou em Phoenix, Arizona:

"Não acho que os Estados Unidos como um gigantesco benfeitor, ou como um gigantesco defensor de um só mundo, seja muito eficaz. Vocês deram ao mundo inteiro a impressão de que querem que todos na Terra não apenas gostem dos Estados Unidos, mas sejam como os Estados Unidos. Talvez vocês não defendam um mundo único, mas o mundo pensa que sim. E essa é uma imagem que precisa ser dissolvida com muita rapidez e inteligência se quisermos superar a revolução na Ásia, na África, na América Latina e na Europa, a tentativa titânica do comunismo de conquistar o coração da humanidade.

"A menos que seu país e o meu escolham ser governados por Deus, podemos condenar milhões de outras pessoas na África, na Ásia e em outros lugares a serem governadas por tiranos. E escolher ser governado por Deus não significa apenas uma frequência formal à Igreja, por mais importante que isso seja. Não significa apenas dizer que sou uma boa pessoa e gostaria que todos fossem como eu. Significa aceitar uma paixão, uma filosofia, um plano, uma disciplina para estabelecer o que é certo na vida familiar, na vida industrial, na vida americana e na vida do mundo moderno".

Anteriormente, em janeiro de 1964, Howard havia dito:

"Talvez você tenha lido um livro chamado *The Ugly American/ O Americano Feio*. Acontece que eu amo esse país como amo o meu próprio. Não gostei da história do americano feio. Mas o americano feio pode ter contribuído para o problema moderno. O adorável americano certamente não o curará. O que o mundo está procurando é um novo americano, um americano mudado, com um novo objetivo, um novo caráter, uma nova filosofia, uma nova paixão para levar comunistas e não comunistas a uma nova

dimensão de vida. Um homem e uma nação cuja força é como a força de dez pessoas, porque sua vida pessoal e familiar é pura. Suponhamos que isso se tornasse os Estados Unidos. O mundo inteiro seguiria vocês.

Foi em busca desse novo americano que Howard se despendeu totalmente. Ele não tinha noção de sua própria capacidade na tarefa que tinha pela frente.

Foi esse senso de necessidade, somado à sua luta apaixonada e total, que permitiu que Howard conquistasse os jovens. Não era seu charme que os atraía, nem apenas seu intelecto. Ele não falava com eles, nem os bajulava. Ele falava de uma necessidade que achava que eles poderiam atender e os chamava para uma revolução que eles viam retratada em sua própria vida e comportamento. "Ele estava se movendo mais rápido do que nós." "Vivia de forma mais vibrante do que qualquer pessoa que eu já conheci." "Esperava que fôssemos os melhores americanos da história." "Ele era desafiador - e compassivo." Essas foram as reações dos jovens que ele conheceu.

Uma delas foi uma garota chamada Linda, que assistiu à sua peça, *Through the Garden Wall/ Através da Cerca do Jardim*, no Teatro de Westminster em 1963, e escreveu para ele pedindo uma entrevista. No final, ele foi jantar com ela e sua mãe. Ela tinha cabelos ruivos e ele batizou a garota de "Ginger".

Nos Estados Unidos, em 2 de março de 1964, ele escreveu para ela:

Querida Ginger,

Ao voltar para casa às duas horas da manhã, depois de um painel de televisão que durou duas horas e me deixou exausto, de repente pensei em você.

Tive a clara convicção de que Ginger deveria ser uma Joana D'Arc para a América moderna. Uma Joana d'Arc para sua geração, o que significa, suponho, que você coloca o tipo certo de gengibre nas entranhas de todos. Você tem a coragem de fazer isso.

Por favor, agradeça novamente à sua mãe pela hospitalidade cortês e eu também gostaria de agradecê-la por toda a diversão que proporcionou a este senhor idoso e pela esperança que me deu em relação às moças e aos rapazes de amanhã. Com pessoas como a senhorita, guiadas por Deus, este país será um país como o mundo nunca conheceu.

Espero vê-la em breve.

Sempre seu amigo sincero,

Peter Howard

6 de março de 1964

Prezado Sr. Howard,

Não é preciso dizer que fiquei muito surpresa ao receber sua carta e quero agradecer por seus comentários gentis e convicções esperançosas.

Mas não posso deixar de pensar que você também notou claramente um lado diferente de Ginger - uma garota chamada Linda, que não é ruiva, nem esperançosa, nem possui convicções fortes com relação a uma América melhor e mais esperançosa, mas sim uma garota que se sente sem raízes, incerta e cheia de medo. Essa garota chamada Linda conhece esse lado muito melhor e sabe que o conhece por escolha própria, não por acaso. No entanto, Linda não consegue ver a fé e a esperança tão claramente quanto vê a confusão e o medo. Mas Linda também percebe que Ginger é uma realidade possível para certas pessoas, e não quer insinuar que elas não estão bem. É que Linda realmente nunca conheceu Ginger.

Mas Linda também aprecia o Sr. Peter Howard e o considera um dos seres humanos mais impressionantes e genuínos que já conheceu. E ela o agradece sinceramente por dedicar seu tempo para lhe enviar uma carta tão atenciosa e calorosa.

Sua pequena amiga perdida, Linda

10 de março de 1964

Cara Ginger,

Seu velho e vacilante amigo, o Sr. Peter Howard, conhece a Linda tão bem quanto a Ginger.

Linda e Ginger - e ama as duas.

Linda precisa decidir conhecer Ginger logo. Ela ficará encantada com ela. Estou indo para a Europa. Mas espero vê-la em Mackinac? Há uma resposta para os temores de Linda.

Sempre com esperança e alegria,

Peter Howard

Cara Ginger,

Temos mais de mil cabeças de jovens aqui - loiras, negras, morenas, cor de cobre, de todos os tipos. Mas procurei em vão pela Ginger entre elas. Na verdade, fiquei triste por você não ter vindo. Acho que é o tipo de assembleia que teria alegrado seu coração. Também sempre me lembro de nossas conversas e acredito que você está destinada a encontrar uma raiz na vida e um rumo a seguir que satisfaça e preencha esse seu coração maravilhoso, amplo e aventureiro.

Estamos realizando todos os tipos de coisas interessantes aqui, incluindo hootenannies em uma enorme tenda, workshops sobre teatro, arte, fotografia e assim por diante. De fato, é o evento mais extraordinário de que já participei.

Dê meus cumprimentos à sua família. Sempre seu verdadeiro amigo, Peter Howard

17 de novembro de 1964

Prezado Peter Howard,

Agradeço sua carta datada de 3 de junho. Como a pontualidade não é uma de minhas virtudes mais brilhantes, minha resposta está muito atrasada.

Acabei de saber que você estará em Portland no dia primeiro de dezembro para falar em Marylhurst. Se puder, gostaria de convidá-lo para um jantar informal na terça-feira à noite (1º de dezembro) em nossa casa, que fica a apenas 800 metros da Universidade Marylhurst. Gostaria que conhecesse meu pai e também o sogro do meu irmão, que tem sido ativo na política no Estado de Washington. Ele o ouviu falar em Lewis & Clark e ficou muito impressionado. E eu, é claro, também gostaria de conversar com o senhor novamente.

Lamento que você não tenha encontrado a Ginger na conferência de verão. Na verdade, ela é um pouco rebelde, mas nós dois estamos felizes que tenha sido eficaz (a conferência). Na verdade, a Ginger está aproveitando a vida mais do que na época em que você a conheceu. Ela parece estar encontrando seu próprio objetivo pessoal também.

Agradeço novamente por ter se lembrado de mim e espero vê-lo quando vier a Portland. Caso eu não o veja em sua chegada, enviarei minha saudação com antecedência.

**BEM-VINDO A PORTLAND, PETER HOWARD!**

Com toda a sinceridade,

Ginger

22 de novembro de 1964

Querida Linda,

Fiquei triste por você não ter ido a Mackinac. Mas estou indo em sua direção novamente. Espero que nos encontremos.

Você ainda está em minha mente como portadora da tocha da aventura da verdade na América.

Cumprimente seus pais.

Seu amigo antigo, mas extremamente ativo e afetuoso,  
Peter Howard

P.S.

Acabei de chegar a Boston e encontrei a carta de Ginger esperando. Acredite ou não, eu havia ditado esta carta antes de saber que você havia me escrito e agora estou acrescentando o posfácio. Você esteve muito presente em meus pensamentos durante todo o dia.

Gostaria muito de conhecer sua família e, se o programa permitir, adoraria jantar com eles. Vamos ver quando chegarmos lá. Esse senhor de idade envia não apenas sua firme afeição, mas também uma forte convicção de que você pode ser uma fonte de luz e fogo para uma geração.

Ginger não chegou a Mackinac em 1964, mas dois mil e quatrocentos outros jovens americanos, sim. Muitos deles haviam ouvido Howard falar em campus universitários ou em outros lugares. Eles compareceram a uma conferência para a América do Futuro, presidida pelo Sr. J. Blanton Belk Jr., e que contou com a participação de vários jovens americanos.

Um deles era uma garota chamada Kathy, da Califórnia. Ela escreveu:

"Posso dizer que, em meus vinte e três anos, nenhuma pessoa teve mais efeito sobre mim do que Peter Howard. Ele era a única pessoa que tinha a capacidade de capturar minha imaginação. Eu estava tão acostumada com as pessoas que me diziam "não" e "não faça isso", ou "aquilo", ou "por que você não pode ser como fulano de tal?", que fiquei insensível ao que as pessoas tinham a dizer.

A genialidade de Peter comigo e com a minha geração foi que ele foi além da crítica e passou a falar sobre a "ação" que alguém poderia fazer. Eu estava causando distúrbios com meu comportamento. Estava me rebelando. Esperava que os mais velhos dissessem como eu era horrível e por que não podia fazer algo que valesse a pena etc. Peter veio até mim e disse: 'Preciso de seu conselho'. Bem, eu quase caí. Por que diabos ele queria meu conselho? Ele queria que eu lhe dissesse o que estava no coração e na mente dos jovens. Ele queria escrever uma peça que capturasse nossas mentes. Isso, após o choque geral, me trouxe à tona pela primeira vez, me fez pensar, me fez sentir, me fez falar e me comunicar. E foi aí que tudo começou.

"Então ele percebeu que meus interesses na vida estavam envolvidos com o mundo do entretenimento. Ele me levou a cantar, escrever etc. Não se limitou apenas à criação - ele me incutiu o fato de que, para fazer o trabalho completamente, você precisa aprender a lidar com as pessoas -

especialmente aquelas com quem trabalha. E, para fazer isso, você precisa ser capaz de lidar com sua própria natureza. Ele me ensinou a chave para essa arte: honestidade comigo mesmo. Ele também disse: "Nunca fale além de sua própria experiência. A experiência é um fato. Ideias longas são teorias e podem ser derrubadas".

"Ele era um homem de ritmo e graça e, devido à sua maneira de viver, as pessoas perceberam isso. O que ele deu a mim e aos outros perdurou porque ele fez com que se tornasse realidade em minha própria vida. Conduziu-me pela mão até que eu ficasse forte o suficiente para me manter por conta própria. Então, um dia, ele disse: 'Você precisa ter sua própria fé. Estava certo porque, quando finalmente estive por conta própria, descobri que era como um gravador, repetindo o que os outros haviam dito. Foi só quando tive minha própria experiência que comecei a sentir e a viver tudo o que tinha ouvido.

"Peter era maravilhoso com as crianças. Elas se juntavam a ele como abelhas ao mel. Isso se devia ao fato de que ele não guardava esqueletos no armário; não tinha nada a esconder; não pressionava; tinha um humor fantástico; e tinha a capacidade de ser tão livre quanto uma criança e tão aberto quanto um céu. As crianças confiavam nele; os adultos às vezes se esquivavam dele porque sabiam que não podiam enganá-lo. Mas se você estivesse disposto a mudar, adorava estar perto dele e o respeitava porque ele nunca julgou ou ridicularizou. Sempre buscava o caminho novo e inesperado.

"Peter Howard era apenas um homem, mas fez o melhor que pôde. E uma garota superficial como eu passou a amá-lo e comecei a crescer em profundidade e a dar aos outros o que ele me deu."

Howard avisou aos moradores do centro de conferências do RAM, na Ilha de Mackinac, que haveria uma enxurrada de jovens, mas eles dificilmente acreditaram nele. Alguns ficaram horrorizados quando a massa de jovens, com suas bandas de jazz, violões e roupas extravagantes, começou a chegar à ilha.

Muitos dos jovens vinham de origens difíceis. "Descobrimos que 90% da delegação californiana vinha de lares desfeitos", escreveu uma das pessoas mais velhas presentes. "Algumas das moças não tinham ideia de como arrumar uma mesa. Elas estavam acostumadas a tirar as refeições da geladeira e comê-las diante da televisão. Uma moça disse que sua família não se sentava à mesa há sete anos. Um rapaz viveu sete divórcios entre seus dois pais".

A luta não era para o autoaperfeiçoamento nem para criar um movimento juvenil, mas para uma nova América e um novo mundo. Os objetivos da conferência, conforme estabelecido no convite, eram:

Construir lares nos quais as famílias aprendam a viver juntas.

Construir indústrias nas quais a mão de obra e a gerência aprendam a trabalhar juntas.

Exigir escolas e faculdades que desenvolvam a fé e o caráter, além de cérebros e habilidades.

Produzir filmes, peças de teatro e livros que deem um novo propósito à América e à humanidade. América e à humanidade. Desafiar pais promíscuos, professores cínicos, religião diluída e a política poluída. Fazer com que a honestidade absoluta, a pureza, o altruísmo e o amor sejam os padrões dos Estados Unidos. Criar uma força de jovens americanos mais disciplinados e revolucionários, e mais dedicados a construir um mundo que funcione do que qualquer comunista, fascista ou outro materialista.

Howard tinha certeza de que seriam necessárias mudanças e reflexões para atingir esses objetivos. Na manhã seguinte a uma das festas na grande tenda, ele falou à conferência:

"Na noite passada, nos alegramos com o talento, a diversão e a magia da juventude. Foi uma noite inesquecível. Mas, com toda a força que tenho sob meu comando, digo-lhes que será preciso mais do que música e risadas para nos ajudar a superar a crise que os Estados Unidos enfrentam. É preciso salvar uma sociedade corrupta da autodestruição e trazer a sanidade de volta a uma civilização que está se tornando um manicômio moral e espiritual. E o tempo está se esgotando.

"Alguém me chamou de zelador. Tenho orgulho de aceitar esse título. De certa forma, é uma promoção. O que é um zelador? Procure em seus dicionários. É uma antiga palavra latina e significa o homem que guarda o portão, que abre a porta. Hoje em dia, a juventude americana se depara com uma escolha: qual será o portão? Larga é a porta e espaçoso é o caminho que leva à destruição. Estreita é a porta e reto o caminho que leva à vida e à liberdade para todos os homens em todos os lugares. Se couber a mim, como zelador, ajudar apenas alguns a escolher o portão certo e sair do portão errado, ficarei satisfeito. Se, juntos, vocês decidirem ajudar os Estados Unidos a se desviarem do portão largo e da trilha larga e descendente que ela corre o risco de trilhar hoje, seu nome será gravado na história.

"Que imagem dos Estados Unidos daremos à humanidade?

"Será a imagem de Hollywood - sexo e violência?

"Será a imagem do Pentágono - confiança apenas em equipamentos e bombas? "Será a imagem da Madison Avenue - você pode dizer que um americano é esperto em qualquer lugar, mas não pode dizer muito sobre ele?

"A imagem da CIA - puxando cordas secretas em outros países e, às vezes, as cordas erradas?

"A imagem de Wall Street - confiança no poderoso dólar?

"A imagem do Mississippi - violência, intolerância e ódio?

"Estou lhe dizendo as imagens que o mundo vê hoje.

"Ou será a imagem de Abraham Lincoln? Uma figura de justiça, caridade e honra vividas pessoal e nacionalmente em um cenário global.

"Os Estados Unidos precisam de uma paixão pelo que é certo, com raízes na pureza absoluta. Caso contrário, ela poderá sucumbir às paixões daqueles que estão errados, enraizados na impureza. Não se iludam. Nenhum homem ou mulher movido pelo sexo pode atender às necessidades de alguém movido pelo ódio.

"Precisamos e podemos ter uma revolta da juventude que remodelará a história. Mas precisamos encarar a verdade de que a culpa não é do velho ou do jovem, do negro ou do branco, do comunista, do fascista ou do falso idealista. Todos nós somos culpados pelo estado de nossa sociedade. É por isso que todos nós temos um papel a desempenhar para corrigi-la."

Durante essas conferências de verão, Howard trabalhou muito. Mas ele não se esqueceu de seus amigos em outros lugares. Em agosto de 1964, o pai de seu amigo de escola, Tony Carter, morreu. Howard enviou imediatamente um telegrama, seguido de uma carta de 8 de agosto:

"Não se preocupe em responder a isso, meu velho amigo. Só queria que soubesse que estou pensando em você e em sua família, como sempre faço, e orando por todos vocês. Ore por mim também, se puder fazer esse esforço. Eu me encontro responsável por uma obra mundial de tamanho imenso e me sinto extremamente inadequado para isso.

"É engraçado como às vezes meu coração anseia por fazer algo tão comum e simples como ir assistir a uma partida de críquete. Não vi uma bola ser arremessada durante toda a temporada."

Tony Carter respondeu:

"Depois de ler Design for Dedication, tenho uma pequena ideia de quanto tempo livre você tem em suas visitas aos Estados Unidos, e aqueceu meu coração em um momento em que ele precisava ser aquecido. Obrigado por você ter ouvido falar da morte de meu pai e enviado uma mensagem por telegrama."

A intensa dedicação de Howard ao seu trabalho fez com que alguns se perguntassem se ele realmente gostava de qualquer outra coisa. Aqueles que o conheciam bem perceberam o quanto de seus próprios desejos e vontades ele estava sacrificando.

P.D.H. para G.T.

*Ilha de Mackinac, 12 de julho de 1964.*

Você me pergunta se eu realmente gosto de uma assembleia como esta. Humanamente, é a última coisa que me agrada. Humanamente, meu desejo e meu coração são a quietude e o campo e a chance de caminhar pelos campos e sentir o cheiro do ar, e escrever o que sempre desejei. Mas posso, de fato, dizer que quando me comprometo com o que acredito ser o chamado de Deus para minha vida e para este período dela, meu coração fica satisfeito. É claro que fico cansado. É claro que a constante drenagem de estar disponível para as pessoas e dar a elas o melhor de si e, muitas vezes, sentir que não conseguiu dar a elas tudo o que deveria ter dado, é dolorosa.

Mas a resposta honesta à sua pergunta é que, ao seguir o caminho de Deus, na medida em que Ele me dá consciência disso, encontro uma satisfação e uma alegria profunda que não podem ser descritas, mas são verdadeiras.

Todas as semanas, Howard lidava com o relatório de sua fazenda em Suffolk e acompanhava de perto todos os aspectos da política agrícola. Mesmo estando a vários milhares de quilômetros de distância, ele tinha o dom de emitir ordens relevantes e fazer perguntas investigativas.

Ele escreveu para seu gerente de fazenda:

*Ilha de Mackinac*  
*18 de agosto de 1964.*

Não tenho palavras para expressar o quanto estou alarmado com suas notícias sobre a grave queda nas margens dos suínos. Se passamos de um lucro de £5 por porco para um lucro de £2 por porco nos últimos quatro meses, essa é uma das notícias mais sérias que já recebi da Fazenda Hill. Deve ter algo a ver com a conversão da taxa. Estamos usando alimentos diferentes? Será que o problema é simplesmente o novo prédio? Em sua opinião, qual é a razão para essa afirmação tão grave, que deve afetar todo o futuro de nossa empresa, caso não consigamos encontrar a cura?

De fato, a cura foi trazida. Mas essa era a ideia de responsabilidade de Howard. Ele não conseguia entender as pessoas que, enquanto faziam novas aberturas na vida, esqueciam-se constantemente das antigas:

"A base de toda responsabilidade é ser responsável todos os dias por si mesmo e por outra pessoa. Isso significa também que todos os dias nós conscientemente levamos pelo menos uma outra pessoa ao seu próximo passo de mudança e avanço. É claro que deveria ser e pode ser muito mais do que uma outra pessoa. Mas a palavra 'responsabilidade' parece ter perdido todo o significado na mente de muitas pessoas."

No final do verão de 1964, Howard falou com os jovens delegados antes de partirem.

*Ilha de Mackinac, agosto de 1964.*

"Havia um homem chamado Paul Revere e ele cavalgou, e algumas pessoas cavalgaram com ele. A grande maioria não o fez. Alguns deles nunca deixaram suas esposas, suas camas, seus confortos e seu milho. Alguns voltaram para trás. Mas as pessoas que construíram a nação e que são lembradas pela história foram os homens que cavalgaram.

"Não fique nem um pouco desconcertado se nem todos forem com você. Eles não o farão. Não fiquem nem um pouco desconcertados se algumas pessoas ficarem com cólicas quando as balas voarem. Elas ficarão. Mas as pessoas que cavalgarem e continuarem cavalgando deixarão uma marca permanente na história deste país e na história da liberdade."

O impacto desses rapazes e moças sobre os Estados Unidos seria grande. Mas Howard tinha plena consciência de que seria necessário muito mais do que um verão para isso:

"Precisamos entender que, se esses jovens quiserem dar a nova liderança de que os Estados Unidos necessitam, eles precisam viver a vida, além de serem naturais. Muito se tem falado sobre ser natural. Por isso, pedi aos jovens que escrevessem qual é a diferença entre ser natural e ser guiado por Deus. Não podemos nos dar ao luxo de ter uma ponta de lança vulnerável.

"O verdadeiro elo, as correntes, entre o emocionalismo e a experiência, são as decisões concretas, caras e diárias."

A resposta dos jovens dos Estados Unidos foi impressionante. Muitos escreveram para Howard e comentaram sobre o grande avanço que estava sendo feito. Howard respondeu:

"As pessoas falam de uma mudança colossal. Oro para que este ano marque uma mudança colossal em mim.

"Parece-me que estamos em uma época de dispersão. As pessoas estão retomando velhas impurezas, racionalizando coisas que sabem que estão erradas e, de modo geral, tentando mexer com padrões morais absolutos. Todos nós, jovens e idosos, precisamos de sabedoria, força, ousadia, restrição e fé além da nossa própria. Precisamos do Espírito Santo".

Howard se dirigiu às necessidades dos Estados Unidos. Uma delas era a questão das cores. Ele falou na Igreja Batista Wheat Street, em Atlanta, Geórgia, para os negros daquela cidade. O título de sua palestra foi "Qual é a cor da pele de Deus?":

"As diferentes raças da América são sua força e glória.

"Deus fez os homens com cores diferentes. Um mundo de homens brancos, no sentido de que um homem branco, por causa da cor de sua pele, está mais próximo de Deus do que seu vizinho, afronta a

vontade do Todo-Poderoso e o entendimento e a consciência da humanidade. O mesmo acontece com o mundo de um homem negro. O mesmo acontece com um mundo de dominação amarela ou vermelha. Precisamos de um mundo onde todos os homens andem sobre a terra com a dignidade da fraternidade que deveria ser normal para todos os que aceitam a paternidade de Deus.

"Hoje, a tão esperada maré da história flui em direção às raças não-brancas, e essas marés vão levantar os fardos dos séculos e apagar as manchas de sangue nas areias do tempo. Tenha certeza de que essa maré elevará toda a humanidade. Não se pode esperar que todo negro, assim como não se pode esperar que todo homem branco, seja um gênio de capacidade, um modelo de virtude, um milagre da graça. Mas espero, rezo e espero que o povo negro dos Estados Unidos tenha a sabedoria, a compreensão e a grandeza humana para evitar os erros que homens como eu cometeram antes deles.

"A chance do homem negro certamente está chegando. O que ele fará com ela? Eu não digo: 'Seja paciente'. Eu digo: 'Seja apaixonado por algo muito maior do que a cor. Seja apaixonado por uma resposta grande o suficiente para incluir todo mundo, poderosa o suficiente para mudar todo mundo, fundamental o suficiente para satisfazer os anseios por pão, trabalho e a esperança de um novo mundo que está no coração dos milhões de pessoas da Terra". "

Em Albuquerque, Novo México, Howard falou em uma conferência de índios americanos. Ele disse:

"Vocês não receberão promessas de progresso material de mim. Vocês receberão uma oferta para desempenhar um papel igual na formação da história. O índio pode ser uma voz de profeta em uma nação de profetas.

"Não podemos permitir que homens brancos, com o privilégio de uma posição estatal, digam aos índios o que eles devem ou não fazer em questões de convicção e compromisso. Quero que os índios se manifestem agora com uma voz de autoridade, pois durante um século eles foram alguns dos maiores homens da América e permaneceram em silêncio.

"Não é preciso ter muita riqueza, educação superior ou pele branca para atender às necessidades do homem moderno. O que realmente é necessário são mãos limpas e um coração puro. São necessários lábios livres de mentiras e bocas livres do domínio da garrafa. São necessárias mãos que não peguem e roubem. É preciso um coração puro, porque o problema para muitas pessoas no mundo moderno não é a cor; é a castidade e o compromisso apaixonado: 'Seja feita a Tua vontade, assim na Terra como no Céu', para que vivamos, falemos, respiremos, trabalheemos, suemos e lutemos para ajudar a vontade de Deus a ser feita nos assuntos dos homens."

Howard falou sobre o trabalho americano:

"Alegro-me com a prosperidade dos sindicatos americanos e agradeço a Deus pelas condições que vocês alcançaram. Conheço a luta que vocês tiveram. Mas peço a todos vocês, pela misericórdia de Deus, que não se esqueçam das pessoas que não têm sindicatos. Não se esqueçam das pessoas que ainda são oprimidas. Não se esqueçam das pessoas que neste dia, enquanto estamos aqui sentados, estão indo para a cama com fome e acordando amanhã sem esperança. Se nós, no mundo livre, esquecermos essas pessoas por um instante, o mundo que criamos será destruído."

Nessa e em suas turnês subsequentes pelos Estados Unidos naquele ano, Howard falou em muitos campi universitários. Mas seu público era, como apontaram os editores de seus discursos americanos, "notável por sua variedade". "Eles variavam de professores universitários a estudantes de ensino médio, de funcionários de sindicatos a banqueiros de Wall Street, de intelectuais liberais a conservadores de Palm Springs e Westchester." Ele escreveu para Doë:

"O tema de minhas palestras aqui é que devemos ampliar o objetivo da democracia. Uma democracia que vive para manter as coisas como estão, em prol de sua própria riqueza e conforto, não tem esperança de vitória em um mundo onde vastas sociedades estão comprometidas com a revolução. Precisamos lançar uma revolução maior. A história da liberdade é como um grande círculo. Os homens lutam para conquistá-la por meio de sacrifícios. Eles se tornam egoístas ao desfrutá-la, então são empurrados para a escravidão novamente."

Em novembro de 1964, Howard retornou aos Estados Unidos, naquela que seria sua última visita.

P.D.H. para Doë

***Durante o voo.***

Este é um avião confortável, mas não tem papel para escrever, então faço o melhor com o que há. É sempre difícil deixar você e pode ser que, quando nos encontrarmos novamente, possamos ficar mais tempo juntos. Foram meses dourados pelos quais estou grato. Você é uma mãe maravilhosa para nossos filhos, pelo que tenho mais uma dívida com você.

Minha própria vida deve ser diferente. Tenho certeza de que não devo recuar diante das decisões que Buchman tantas vezes tomou e que agora são ignoradas. Vejo o tamanho brilhante de tudo isso e às vezes me sinto desmaiado diante da pequenez dos aspectos negativos que tão facilmente pesam no coração humano.

Somos sortudos. Suponho que na vida não há duas pessoas que se conheçam perfeitamente. É provável que haja reações, atitudes e sentimentos secretos, desconhecidos até mesmo para si mesmo, e muito mais para o parceiro, que somente a mente de Deus compreende. E à medida que envelhecemos, talvez o medo ou a incompreensão ou uma técnica de vida e associação para encobrir a frieza e o tédio pareçam atacar muitos. Fomos poupados disso.

Não duvido do seu amor por mim e isso ainda me surpreende. Não há dúvida do meu profundo amor por você. Cresceu muito ao longo dos anos, especialmente, penso eu, de uma forma estranha através das dificuldades e batalhas dos últimos vinte anos. Ninguém poderia estar humanamente menos equipado para a aventura do RAM do que eu. Todos os meus instintos e desejos são tão contrários, mas o seu senso de estar certa sobre isso foi um apoio duradouro para o meu. Você ajudou muito minha fé e até onde cresci na graça de Deus, isso se deveu muito à sua lealdade e crença em mim.

Agora, olho com intensa curiosidade para o futuro. Temos sorte com todos os nossos filhos e veremos eventos surpreendentes de realização.

P.D.H. para Doë

*American Airlines*

*3 de novembro de 1964.*

Ontem à noite discurssei em Dartmouth. Houve muita oposição por parte do corpo docente. Eles espalharam muitas mentiras, incluindo uma de que Buchman nunca foi a favor do RAM, mas que foi o desenvolvimento de homens perversos ao seu redor. Nossos estudantes anfitriões estavam muito nervosos. Eles passaram o jantar inteiro me dizendo coisas que eu não deveria fazer.

O grande salão estava lotado por volta de 1 hora. Tudo correu com força oscilante, embora eu estivesse morto de cansaço. Depois me levaram para uma casa de uma fraternidade para uma conversa particular. Fui recebido na porta por três homens que disseram: "Você não pode entrar. Não há mais espaço. O lugar está cheio". Depois de explicações, eles me deixaram entrar. Mais tarde, ficamos presos em perguntas, perguntas, perguntas, perguntas, até que finalmente tivemos que ir embora, perto da meia-noite.

Às seis da manhã, eles voltaram batendo na porta — perguntas, perguntas, perguntas durante o café da manhã. Uma entrevista de rádio de trinta e cinco minutos e então saí correndo para pegar o avião.

Na minha opinião, a morte do Ocidente ou a morte do comunismo são alternativas falsas. Precisamos planejar o renascimento da humanidade. Como pessoas, não podemos ajudar nações satisfeitas com a sua própria condição se formos presunçosos e estáticos em relação a nós mesmos.

PDH para Doë

*Nashville, Tennessee*  
*19 de novembro de 1964.*

Ontem à noite falei na Universidade Estadual do Tennessee. É Negra. Eles tinham dúvidas sobre a carga. Hoje falo na Universidade de Vanderbilt, que é branca. O jornal deles atacou-nos num editorial chamado "A Moralidade Enlouqueceu". É violento! Então, acordei cedo me preparando. Tenho uma entrevista na TV imediatamente depois. Depois, outro discurso importante. Amanhã é Washington. O Embaixador do Brasil nos dá uma recepção.

Há uma forte resposta ao nosso trabalho. O meu pensamento insistente é que só no futuro se verá a plenitude da colheita, mas ela será vista. Há uma convicção muito profunda no espírito humano de que ele sabe o que é melhor para todos. O elemento confuso é que muitas vezes isso é certo, mas nem sempre – certamente não em ocasiões em que é necessário que as pessoas encontrem o seu próprio caminho para o que é certo, e não apenas que lhes digam o que é certo.

P.D.H. para Doë

*Toronto*  
*25 de novembro de 1964.*

Sempre sinto sua falta, mas hoje mais do que de costume, pois tenho que falar com a Universidade de Montreal e depois responder perguntas em francês.

A TV de costa a costa correu bem. Os quatro questionadores foram todos hostis, mas travamos uma batalha alegre. Quando eles disseram: "Nenhum político britânico apoia o RAM", eu disse: "E o meu genro?" Disseram que ele teve muitas dificuldades. Eu respondi: "Ele teve um dos melhores resultados de qualquer Conservador na Escócia." O público aplaudiu ruidosamente.

Devo partir para pegar outro avião. Percorri mais de 10.000 milhas nos últimos dez dias, mas ainda estou respirando.

Os entrevistadores da televisão CBC<sup>92</sup> foram hostis a Howard, mas ele lhes deu uma boa chance de ganhar dinheiro. Escreveu para um deles depois do programa:

"Da próxima vez que tivermos um programa, gostaria que você me atacasse na linha mais sólida e, aliás, mais desafiadora, de que deveríamos estar fazendo nosso trabalho muito melhor, indo muito mais rápido e alcançando mais pessoas - por que somos tão reticentes, tão preguiçosos e tão lento e por que não fazemos mais Rearmamento Moral?"

"Eu deveria me sentir muito mais vulnerável e, acredito, você se divertiria mais. Posso garantir a vitória neste ataque mais positivo."

PDH para Doë

*Fredericton, Nova Brunsvique*

*27 de novembro de 1964.*

Foi um dia interessante. O país é adorável. O Chefe de Justiça, um ex-primeiro-ministro, que foi um dos convidados do jantar de Mike Wardell na noite passada, me disse que sua filha pescou um salmão de 37 libras, em junho passado.

Na universidade onde eu iria discursar, havia piquetes por aí com slogans – “Absolutos não alimentam homens famintos”, “Abaixo o RAM” e assim por diante. O jovem que nos convidou não fez nada por nós. A reunião foi excelente.

A revista estudantil apresentada à noite era o produto de uma sociedade doente, falsa e inacreditável: nenhuma faculdade de Oxford teria suportado sua maldade por cinco minutos. Não tinha nenhum mérito, apenas um tipo de sujeira um tanto boba.

O Canadá me parece de perfil real. Quero dizer isso em Toronto esta noite. Os franceses no Quebec sentem que representam 80% da população, com apenas 20% da riqueza em mãos francesas. Os ingleses são cegos e insípidos.

A construção do teatro de Beaverbrook e a galeria de arte são perfeitos. Passei uma hora olhando as fotos e desejei que você estivesse comigo - o "*Flatford Mill*" de *Constable* está lá. Também um Dali de Lady Beaverbrook a cavalo. Enviei cartões postais para Philip e Anthony com retratos da galeria, e um para Anne, de Janet Kidd quando criança, pelo que me lembro dela. Ficarei muito feliz em ver todos vocês novamente. Estou contando os dias.

---

<sup>92</sup> Corporação Canadense de Radiodifusão (Rádio Canadá)

P.D.H. para Doë

*Tucson*

*29 de novembro de 1964.*

Vim ontem do Canadá. Amanhã vou para Oregon.

Foi uma noite dourada. Arizona nos seus melhores, azuis, verdes, vermelhos pastéis, a codorna entre os cactos e uma carta sua datada de 20 de novembro esperando por mim.

Tenho que falar com a Universidade de Michigan no dia de *Pearl Harbor*. Isso me dará uma chance. Ainda existe o fogo e a fúria do patriotismo saudável na América, se ao menos ele puder ser aceso. Mas o mal parece ter penetrado profundamente no corpo da terra. Há muitos pensamentos errados embrulhados na lã da impureza molhada e sentimental.

Eu quero escrever. Eu quero escrever. Eu quero escrever. O perfil da humanidade às vezes bate nas minhas entranhas como uma bota. As coisas estão galopando tão rapidamente e os líderes do mundo livre, com todo o seu poder e oportunidade, parecem-me ter decidido o suicídio do Ocidente, mas os valores do Ocidente guardam alguns dos melhores tesouros do céu. Temos a resposta para fragmentação e caos que persistem, e quero alcançar tantos quantos puder, o mais rápido que puder e enquanto ainda há tempo para fazê-lo. Mas há tantas coisas para fazer e tão poucas pessoas com a força e os músculos do coração e a vontade que obrigam à implacabilidade.

PS para Doë

*United Airlines,*

*3 de dezembro de 1964.*

Estamos a caminho do Wyoming. Lá, o jornal universitário declarou: "Estas pessoas são vigaristas que exploram o desejo do homem de acreditar. Pedimos-lhes aqui que criassem controvérsia." Portanto, parece que vamos nos divertir e estou preparado para isso.

A noite passada em Tacoma foi uma das melhores apresentações da turnê. As perguntas foram rápidas e engraçadas. Minha melhor chance foi quando um professor, tremendo de raiva, desafiou-me a citar quaisquer duas obras literárias conhecidas que apoiassem meus pontos de vista. Eu disse: "O Antigo e o Novo Testamento", o que o fez saltar mais alto e mais brilhante do que nunca.

Estou cansado, mas não triste. Estou muito ansioso para ver você. As árvores de Natal estão todas nas ruas brilhando e cintilando. Vamos tentar fazer uma refeição ou uma noite com a família.

PDH para Doë

*American Airlines,*  
*6 de dezembro de 1964.*

Estou a caminho de Kalamazoo, via Chicago. Falo hoje à noite na Universidade Estadual do Michigan. Depois, amanhã, para Minneapolis, onde falarei para a faculdade pela manhã. Depois, cinco horas para Iowa. Falo com o corpo docente de lá pela manhã e com os estudantes da universidade à noite. Depois, à noite, para Chicago. Voo para Nova York às 6h. Saio de Nova York às 10h. Chego em casa por volta das 21h30. (hora de casa).

Anseio por ver você novamente. Você me descansa e eu preciso descansar.

Howard voltou para casa por um breve período, mas voltou para passar o Natal na América. Em 8 de janeiro de 1965, ele deixou os Estados Unidos e retornou a Londres, onde foi contratado como Diretor de Locação da Companhia *Wheelwrights*. Era a *City Company* da qual era membro há mais de trinta anos. Sua nomeação significou muito para ele. Passaria apenas quatro dias em Londres. Durante esse período viu todos os seus filhos, seus dois netos, e visitou sua fazenda. Foi a última vez em sua vida que ele viu algum deles. Sua esposa, Doë, estava a caminho da América Latina, onde Howard se juntaria a ela dentro de uma semana.

P.D.H. para Doë

*8 de janeiro de 1963.*

Esta é minha primeira carta de Ano Novo para você, e se ficarmos juntos talvez seja a minha última. Gosto de viver a vida com você e olho para frente com alegria. Eu amo nossos filhos. Eles são uma das bênçãos da vida.

Perdoe-me por ser menos do que deveria ser. Eu te amo muito e com gratidão sem limites.

P.D.H. para Doë

*11 de janeiro de 1965.*

Ontem à noite, Philip e Myrtle, Anthony e Elisabeth jantaram comigo. Levei-os ao Trocadero, que fecha no dia 13 de fevereiro. Eles conversaram e pareciam felizes. Na noite anterior, levei o cachorro

grande e as galinhas bicadoras para *Ladbroke Grove* e as dei de nossa parte para Julie e Jocky<sup>93</sup>. Enorme emoção e prazer.

Peter Howard passou sua última noite em Londres com a filha e o genro. Foi um jantar tranquilo. Ele falou. A conversa foi principalmente sobre sua próxima visita à América Latina. Ele disse: “O empreendimento na América Latina é, de certa forma, o maior até agora”. O fardo disso recaiu pesadamente sobre ele, mas ele estava otimista quanto a isso. Embora ele próprio estivesse partindo para o Rio de Janeiro na manhã seguinte, foi para *Kings Cross* tarde da noite para se despedir de sua família para a Escócia. Foi uma despedida alegre. Em doze horas ele se despediu da Grã-Bretanha e da América pela última vez.

---

<sup>93</sup> Os netos mais velhos de Peter Howard

## Capítulo 20

**P**ETER HOWARD voou pelo Atlântico pela última vez em um VC10. Rajmohan Gandhi, que o acompanhava, lembra-se de seu intenso orgulho pelo desempenho desta aeronave britânica, e do próprio Howard que reservou um tempo em sua tumultuada turnê brasileira para agradecer à empresa:

P.D.H. para British United Airways

*2 de janeiro de 1965.*

Passo muito tempo da minha vida viajando de avião. Mas afirmo sem hesitação que aquela jornada no VC foi uma das mais agradáveis que eu já tive.

Também gostei da rapidez do serviço de refeições. Muitas vezes em voos noturnos você tem que esperar duas horas, ou até três, antes de terminar o jantar. No voo, as aeromoças serviram a refeição rapidamente assim que ganharam altura, e quem quisesse dormir poderia dormir. Aproveitei cada minuto da viagem.

Howard e Gandhi chegaram ao Rio de Janeiro na madrugada do dia 5 de janeiro. Foram recebidos, ao descerem as escadas, pelos representantes do presidente Castello Branco e pelo Dr. Chateaubriand, proprietário do jornal e ex-embaixador na Grã-Bretanha, que primeiro sugeriu a visita. Com eles estavam membros do Gabinete, Generais e o Secretário-Geral da forte Federação dos Trabalhadores Industriais, com 4.200.000 membros. Atrás deles estava uma vasta multidão, incluindo os líderes de dez favelas ou bairros de lata do Rio, erguendo faixas com os dizeres "Os favelados marcham com Howard por uma revolução do carácter". "Em meus trinta anos aqui", disse um funcionário do aeroporto à imprensa, "nunca vi ninguém do exterior ser recebido pelo povo do Brasil como Howard foi recebido hoje".

O Brasil havia passado, dez meses antes, por uma revolução que derrotou o governo Goulart e impediu a tomada do poder pelos comunistas. Um dos primeiros discursos de Howard foi para oficiais do Clube Naval:

"Seria fácil elogiá-lo ou derramar o óleo suave da bajulação em suas costas. Mas quero lhe dizer a verdade.

"A revolução de Março foi um acontecimento marcante na história. Mas hoje, essa revolução está incompleta. Se for concluída para que as divisões sejam curadas, a injustiça social e económica acabe, os lares e as indústrias se unam de uma maneira que também unam a nação, o Brasil se tornará o criador do ritmo do século. Se não conseguirmos fazer isso, a revolução poderá fracassar. Seu fracasso poderia condenar um continente à impiedade e a uma tirania que poderia apagar as lâmpadas da liberdade e da própria fé, por cem anos.

"Há dois tipos de revolução. Em uma, os homens usam a revolução para salvar suas propriedades, seu lugar e poder, sua pele. Em outra, os homens arriscam suas vidas, seu lugar, seu poder e suas propriedades para salvar e servir a uma nação. O futuro de sua revolução depende da possibilidade de encontrar patriotas brasileiros suficientes para sacrificar seu egoísmo pela nação. Ou se eles sacrificarão a nação e a revolução por seu egoísmo.

"O teste da revolução será se o governo está mais interessado em esmagar o comunismo ou em curar as causas do comunismo."

Ao convidar Howard para ir ao Brasil, o Dr. Assis Chateaubriand, chefe do maior império de jornais, rádio e televisão do hemisfério ocidental, pediu-lhe que "lançasse uma ofensiva cívica para o Rearmamento Moral do Estado do Amazonas ao Rio Grande do Sul" e que "ajudasse a responder às desigualdades económicas e injustiças sociais do continente".

"Minha crença", Howard havia escrito para ele, "é que no coração da América Latina reside o espírito de demonstrar aos Estados Unidos e ao mundo inteiro um novo caminho e uma nova disciplina para segui-lo". Em um banquete oferecido pela revista ilustrada do Dr. Chateaubriand, *O Cruzeiro*, Howard destacou a disciplina intransigente necessária:

"O tipo de disciplina da qual o futuro depende é a honestidade absoluta, a pureza absoluta, o altruísmo absoluto e o amor absoluto. Não há nada de misterioso nisso. Honestidade significa não apenas não contar mentiras, mas também não se corromper. Significa que os empregadores que criticam os trabalhadores por desonestidade comecem a pagar impostos honestamente. Altruísmo significa que sacrifiquemos nosso egoísmo por nossa nação ou nossa nação por nosso egoísmo. Significa parar de gritar sobre liberdade na vida pública e viver como ditadores em nossos lares. Pureza significa simplesmente o fim de um padrão duplo. Nós, maridos, sempre queremos que nossas esposas vivam a pureza, então nós também deveríamos. É muito simples - difícil, mas simples".

Na noite seguinte, Howard foi recebido na parte mais pobre do Rio de Janeiro pelos Favelados. Depois de sua morte, eles iriam erguer um memorial para ele na encosta da montanha acima de seus pequenos barracos. Howard falou com eles:

"A pobreza é um inferno. Mas, às vezes, ela cria um espírito de comunidade e solidariedade que faz parte do céu na Terra. O verdadeiro espírito de comunidade em algumas dessas favelas é algo de que o mundo precisa. E nossa revolução não vai parar até que todos os estômagos famintos da Terra tenham o suficiente para comer, e cada homem, mulher e criança na terra terá um lugar decente para viver. É perfeitamente possível. Mas não há ninguém mais místico e idealista do que aqueles que falam em refazer o mundo e não abordam a natureza humana. Sentam-se em torno das mesas de conferência, sentam-se em torno das mesas do gabinete, sentam-se em torno das mesas da imprensa dando idealismo à humanidade. Eu sei, porque durante muito tempo fui um desses homens. Idealista – e absolutamente ineficaz."

Os Favelados entretiveram Howard e o grupo de cinquenta pessoas que viajavam com ele com bebidas e bolo gelado que eles mal podiam pagar. Exatamente dois anos depois desse acontecimento, o presidente de quatro associações de favelados do Rio, Euclides da Silva, viajou a Londres para relatar que, por inspiração de Howard e do RAM, conseguiu ajudar a realojar mil moradores de favelas daquela vez.

Três dias depois, os estivadores do Porto do Rio decidiram convidar Howard e seu grupo para um chá. As docas estavam passando por momentos difíceis e os estivadores estavam em dificuldades financeiras. Mas o entusiasmo foi tão grande que o chá se transformou num jantar com a presença de uma centena de pessoas. Os estivadores do Rio foram os pioneiros do RAM na América Latina. Howard escreveu sobre isso em 1957:

"No final de 1956, um grupo de portuários do Brasil viajou para a Argentina para contar ao Presidente sobre a nova vida que inundava as zonas portuárias, purificando as casas, trazendo a unidade a nível industrial e nacional e reconquistando os homens de volta à Igreja.

"O presidente ficou tão impressionado com a notícia que deixou o Conselho Econômico de seu país aguardando trinta minutos enquanto continuava suas discussões com os portuários brasileiros.

"A história que mais comoveu o presidente foi a de Damásio Cardoso, líder dos Portuários do Brasil, que em 1952 foi responsável por uma das mais longas greves da história da orla carioca.

"Cardoso compareceu a uma assembleia do Rearmamento Moral em 1953. Naquela época ele era vice-presidente de um dos dois sindicatos que disputavam a lealdade dos estivadores brasileiros. Com ele estava Nelson Marcellino de Carvalho, líder do rival União.

“Esses dois homens enfrentaram honestamente a ambição e a rivalidade que os dividiam. Viram que a divisão do trabalho era a maior fraqueza do trabalho. Voltaram unidos para o Brasil.

"Cardoso foi imediatamente pressionado pelo comunismo. Foi rotulado de 'traidor'. Quando uma greve, que ele considerava injustificada, foi proposta e ele falou contra ela, foi atingido na cabeça com uma garrafa e ficou gravemente ferido.

"No final, ele foi forçado a sair do sindicato pelo presidente, mas os melhores homens viram que o presidente estava usando o sindicato de forma errada e o deixaram com ele.”

“Hoje, são os homens treinados no Rearmamento Moral que dirigem a União dos Portuários do Brasil, que está praticamente no controle da situação da orla. Nos últimos três anos, o número de membros desse sindicato se multiplicou por treze.”

"Cardoso relatou todos esses fatos ao presidente argentino. Ele também disse que tinha tido a convicção de se casar pela primeira vez na Igreja com Nair, com quem vive há vinte anos e que lhe deu sete filhos.

"No Porto do Rio de Janeiro, em abril de 1957, foram realizadas eleições para a liderança sindical. Uma semana antes da eleição, o chefe de polícia encarregado da segurança mandou chamar Marcellino e Cardoso, e seus amigos Henrique e Carlos Pinto, secretário do sindicato. Ele lhes disse que os comunistas estavam determinados a vencer a próxima eleição. Estavam oferecendo almoços gratuitos no porto e pensões após vinte e cinco anos de serviço como parte de seu programa eleitoral.

"Marcellino e seus amigos responderam: 'Não prometeremos nada que não possamos cumprir. A forma como disputaremos a eleição é tão importante para nós quanto ganhá-la'.

Na "eleição" anterior, alguns homens, sem convocar uma reunião, escolheram o novo presidente e os diretores e, em seguida, conseguiram sessenta assinaturas em uma lista de presença para tornar a eleição "legal". Desta vez, dos membros do sindicato que não estavam ausentes por motivo de férias ou doença, 83% votaram.

"Os votos foram contados no salão da U.P.B., em cuja parede está pendurado um crucifixo. A votação do RAM foi quase três vezes maior do que a votação do candidato apoiado pelos comunistas - 1.672 votos contra 587.

"Henrique foi o vencedor. Joel, que estava em Caux para um treinamento no RAM em 1954, ficou em segundo lugar. Quando o resultado foi anunciado, Joel disse: 'A vitória de Henrique é a vitória para mim e meus amigos. Estamos unidos em um programa comum de honestidade absoluta, altruísmo absoluto, amor absoluto e pureza absoluta'.

O principal jornal diário do Rio, *Correio da Manhã*, noticiou: "Pela primeira vez no Brasil, uma associação de servidores públicos realizou uma eleição dentro da estrutura da justiça eleitoral". Outros jornais comentaram: "Um passo à frente para o sindicalismo no Brasil". "Vitória simples, honesta e decana". "Os trabalhadores se beneficiam. O sindicalismo se beneficia".

Um dos discursos mais importantes dos primeiros dias de Howard no Brasil foi para diplomatas e funcionários do Ministério das Relações Exteriores no Palácio do Itamarati, quando o Ministro das Relações Exteriores, Dr. Vasco Leitão da Cunha, presidiu a cerimônia. Howard tirou lições da história da Europa do pós-guerra:

"Na Europa Ocidental, no final da Segunda Guerra Mundial, o Partido Comunista era forte. Eles foram a mola mestra da resistência a Hider. Eram liderados, em sua maior parte, por pessoas altamente sinceras e inteligentes. Mas na Europa Ocidental, o comunismo recuou. A razão é simples. Na Europa, alguns dos grandes líderes do pós-guerra compreenderam a necessidade de a ideologia responder à ideologia. Eles acreditavam que uma ideologia de liberdade era necessária para que os homens livres pudessem mostrar aos comunistas que a sua filosofia estava errada e que havia mais num homem do que líquidos, músculos, gorduras e ossos que se transformariam em pó no devido tempo.

"Os americanos despejaram dinheiro na Europa. Eles despejaram armas na Europa. Através das suas políticas, construíram a OTAN como um escudo político e militar. Mas nenhuma grande ideia veio da América para a Europa que pudesse incluir todos - comunistas e não-comunistas - no propósito supremo de corrigir o que estava errado em todo o continente.

«Três homens – Adenauer, Schuman e de Gasperi – de três nações diferentes – Alemanha, França e Itália decidiram unir-se para construir a Europa. Esses homens estavam unidos em sua filosofia política por serem alunos de Don Sturzo. Eles foram ajudados nesta ação eficaz pela sua convicção sobre o Rearmamento Moral. Schuman teria se retirado para a vida privada em 1949, se não fosse por uma conversa com o Dr. Buchman. Em vez disso, assumiu a tarefa que mais temia – a da reconciliação com a Alemanha – e pela qual enfrentou duras críticas do seu próprio povo. Adenauer conhecia o papel desempenhado pelo Rearmamento Moral na criação da unidade económica da Europa. Quando o acordo do Plano Schuman foi assinado, ele afirmou: “O RAM desempenhou um papel invisível, mas eficaz na redução das diferenças de opinião entre as partes negociadoras em importantes acordos internacionais recentes”. De Gasperi repetiu isto na sua convicção de que o RAM foi à “raiz dos males do mundo e trará o entendimento entre os homens e as nações que todas as pessoas anseiam”.

"Robert Schuman escreveu: 'Se o Rearmamento Moral fosse apenas mais uma teoria, eu não estaria interessado. Mas é uma filosofia de vida aplicada em ação, que tenho visto chegar a milhões. É uma transformação mundial de sociedade humana que já começou.'

"Don Sturzo, que treinou estes três grandes europeus, descreveu o Rearmamento Moral como 'fogo do Céu', antes de morrer. E há dois anos, Adenauer disse à imprensa: 'A menos que o Rearmamento Moral seja alargado, a paz não pode ser preservada.'"

Howard conhecia e respeitava Adenauer e Schuman, mas a sua admiração não era cega. Ele havia escrito para Doë alguns anos antes:

P.D.H. para Doë

*15 de dezembro de 1960.*

Foi um momento interessante com Adenauer. Você gostaria dele. É astuto, educado, aparentemente dócil, com olhos de navalha e que não perde nenhum truque.

Adenauer pensa que Krushchev o preferiria a Willy Brandt como chanceler, pois pensa: "Sou inflexível, mas Krushchev confia em mim." É incrível como esses altos executivos sofrem de *loucura de grandeza*. Foi o mesmo erro que Chamberlain cometeu com Hitler. Existe uma forma curiosa de adoração da personalidade que atinge os homens que possuem o poder supremo. Eles sofrem com a ilusão de que todo o mundo lhes foi deixado.

F.D.H. para H. K.

*Buenos Aires,*

*11 de fevereiro de 1965.*

Tenho um enorme respeito pelo General de Gaulle. No entanto, não acho que seu conceito seja grande o suficiente, a longo prazo, para unir a Europa e garantir a liberdade. Para o bem ou para o mal, a Grã-Bretanha precisa desempenhar um papel na reconstrução da Europa, e precisa ser ajudada a se tornar uma verdadeira europeia. Não será possível ajudar a Grã-Bretanha a tomar essas decisões tratando-a agora como ela tratou erroneamente tantas outras nações no passado, com um braço rígido e uma atmosfera de isolamento.

No meio de sua turnê, Howard manteve contato diário com pessoas de todo o mundo. Foi do Brasil que ele despachou o último dos vinte e dois anúncios de página inteira que havia escrito para o *Daily*

*Express*. Foi escrito logo após o funeral de Sir Winston Churchill e foi intitulado "*National Aim (Objetivo Nacional) 1965*":

"Em breve os botões brilharão no cemitério de *Bladon*. Os casuais, os curiosos, bem como uma série de outros que se preocupam com a glória da Grã-Bretanha, irão afluir ao túmulo de Churchill.

"Uma coisa é lamentar aquele poderoso inglês. Outra é viver de modo que o país que ele amou ofereça uma nova grandeza ao mundo. Todos deveriam se lembrar do tema de advertência de seu último volume de guerra, *Tragédia Triunfal*: "Como as grandes democracias triunfaram e assim fomos capazes de resumir as loucuras que quase lhes custaram a vida.

"O Rearmamento Moral não aponta o dedo para ninguém. Ele aponta o dedo para padrões absolutos ou de honestidade, pureza, altruísmo e amor como padrões de Cristo, como padrões de bom senso para aqueles que não têm fé, como padrões da sociedade que sozinhos podem preservar a paz e construir o novo mundo.

"O mundo deve ser reconstruído. Se esta tarefa parece difícil, é bom lembrar que quando a Grã-Bretanha enfrentou o seu melhor momento, alguns disseram e muitos mais acreditaram que a vitória era impossível. A palavra de Churchill foi: 'Nunca desista. Nunca desista de coisas grandes ou pequenas. Nunca, nunca, nunca desista.' Se não lutarmos agora na vida da nossa ilha pelo Rearmamento Moral da Grã-Bretanha, poderemos ter de arriscar a vida da ilha numa guerra mais tarde."

Esta foi a última palavra de Howard à Grã-Bretanha. Ele estava desgastado por tudo o que lhe era exigido, mas determinado a não diminuir seus esforços e a buscar novos caminhos para o futuro. Do Brasil ele escreveu para um amigo:

"Francamente, os fardos que recaem sobre meus ombros são pesados demais para suportar. Tenho correspondência suficiente para três homens comuns e sou bombardeado com pedidos de discursos, peças teatrais, viagens e visitas. Mas faço o meu melhor e continuarei assim.

"Sinto uma dúvida terrível. Estou ciente de que meu cérebro e espírito são totalmente inadequados. Meu corpo, embora mais velho, permanece forte, o que é uma bênção, mas o corpo é a menor das coisas em nosso tipo de guerra.

"Quando Buchman morreu, Deus deve ter desejado mais de nós para carregar a carga central e carregá-la juntos. Em vez disso, muitas pessoas parecem ter usado sua partida como uma desculpa para fazer mais do que queriam o tempo todo.

"O passado foi maravilhoso. Mas nada do passado é adequado para o que está por vir. Estamos no meio da convulsão mais poderosa que a sociedade humana já conheceu. Ela apenas começou. Aqueles

que querem levar Deus para o Seu túmulo estão se movendo incansavelmente e muito mais rapidamente do que nós. Temos que mudar. Eu sei que preciso. Quero ser mais parecido com Cristo, agilizar minha vida, aprofundar minha penetração.

Em recepção oferecida pelo Marechal Guedes Muniz<sup>94</sup> no dia 2 de janeiro, ele acrescentou:

"Vou lhe contar a verdade sobre mim. Sou um homem muito comum. Tenho muitos medos, muitas esperanças, muitos anseios. Mas não pertencço a mim mesmo. Há muitos anos, quando conheci esse trabalho, ele me pareceu a melhor esperança de um mundo revolucionado. Então entreguei o resto da minha vida a Deus sob Sua direção para ajudar esta revolução. Francamente, não acho que faço isso muito bem. Cometo muitos erros. Mas não pertencço a mim mesmo. E até morrer continuarei a lutar como Deus me mostre, para colocar meu país, seu país e o mundo, sob o controle do Deus Vivo.

Mais tarde, falando aos chefes militares, ele disse:

"O Rearmamento Moral não é um exército. É uma guerra. Não é um regimento ao qual você possa ingressar. Ninguém pode ingressar no Rearmamento Moral. Não sou membro do Rearmamento Moral. O Rearmamento Moral é uma batalha onde todos deveriam lutar."

Seu último discurso no Brasil foi feito às mulheres de São Paulo, as mulheres que, em grande parte, organizaram a revolução de março:

"O que o Brasil precisa não é de um tranquilizante para manter calados os homens descontentes. Ele precisa de um galvanizador e de um transformador para tornar eficazes as pessoas decentes."

Antes de deixar o Brasil, o governo brasileiro concedeu-lhe o Cruzeiro do Sol pelos serviços prestados à nação. O Ministério das Relações Exteriores britânico recusou, sob vários pretextos, conceder permissão para a condecoração, que nunca foi apresentada. Isso não importava muito para o próprio Howard, mas ele se preocupava com o fato de a Grã-Bretanha oficial ser incapaz, ou não querer, compreender as verdades pelas quais ele lutava.

Após a morte de Howard, o governo brasileiro solicitou permissão ao governo britânico para entregar a condecoração postumamente à sua viúva. Este pedido também foi recusado.

A resposta no Brasil tem sido ótima. Mas Howard não foi influenciado por isso. Ele havia escrito três anos antes para a América Latina, numa época em que o RAM atraía grandes multidões:

"É melhor ter um homem 100 por cento comprometido com Deus do que 99.000 homens 99 por cento comprometidos."

Isso ainda era o que ele acreditava.

---

<sup>94</sup> Destacada figura militar e industrial brasileira.

Deixando a maior parte de seu grupo para acompanhar as inaugurações no Brasil, Howard, com Doë, Gandhi, Dame Flora MacLeod de MacLeod e alguns outros, voou para a Argentina, o Uruguai e o Chile, encontrando-se com os presidentes de cada país e conferenciando com seus outros líderes. No dia 21 de fevereiro desembarquei em Lima, no Peru. Gandhi lembrou que ele próprio esteve lá três anos antes, quando Frank Buchman morreu, e esteve presente quando 75 mil pessoas ficaram em silêncio em sua memória no principal estádio de futebol.

Howard estava cansado, mas animado. Ele deu entrevista coletiva na chegada e participou de uma festa na casa de um amigo. Ele havia escrito naquela manhã em uma carta para um de seus filhos:

“Não me esqueço da força e do rancor do inimigo, mas milhões de pessoas estão famintas por aquilo em que acreditamos. Estou decidido a vestir uma nova túnica de Cristo e nunca mais tirá-la. Muitos de nosso povo trabalham por reconhecimento e não por obediência, portanto, há uma exigência de todos que encontram. Elas são balançadas para trás a cada vento frio e são levadas a um falso entusiasmo por qualquer elogio.

"Sou um sujeito maltrapilho. Minha caligrafia é difícil de ler. Meus livros e peças são de segunda categoria. Faço meu trabalho no RAM de uma forma que está tão longe do que me satisfaria. Meu fracasso é aparente. Mas Deus me ama, e Ele até me usa, e embora eu não devesse estar, estou feliz. Meus olhos estão doloridos e meu coração dói por causa de muitas horas de trabalho..."

Tarde da noite, depois de voltar da festa, Howard foi abalado por uma forte febre. “Não sentia meu corpo tremer tanto desde que jogava rúgbi”, disse ele. A princípio pensou-se que fosse um resfriado ou uma infecção tropical que passaria, mas a temperatura subiu e, no dia 23 de fevereiro, ele foi internado com pneumonia viral. Estava terrivelmente fraco. Na ambulância, a caminho do hospital, ditou o esboço do ato final da peça que vinha escrevendo nas primeiras manhãs da viagem. Era uma história de três gerações conflitantes que estava em sua mente há muitos meses, uma peça que ele havia chamado há muito tempo de *Feliz Morte*. No telegrama que enviou a Londres com este esboço, acrescentou uma mensagem à filha: "Diga-lhe que não se preocupe. Estarei fora do hospital dentro de uma semana." Foi difícil para um homem que havia superado tantos obstáculos na vida conceber que havia encontrado um que não superaria neste mundo.

Doë pôde ficar com ele no hospital e ele foi bem tratado; mas o vírus não foi controlado, e às 13 horas do dia 25 de fevereiro de 1965, ele faleceu. Doë telegrafou para seus amigos:

"Ele pertence ao mundo. Ele faz isso há vinte e cinco anos. Pertence à longa linhagem daqueles que lutaram pelo bem contra o mal e se dedicaram inteiramente a isso. Ele passou da morte para a vida.

"Ele recebeu o pensamento de Deus de amar cada criança que conhecesse como se fosse sua. Sua revolução continua. E nós, mulheres, devemos continuá-la se nossos filhos e os filhos deles quiserem viver livres."

Dame Flora MacLeod de MacLeod, então com oitenta e seis anos, avó do genro de Howard, estava com Doë em Lima. Ela escreveu mais tarde:

"Nestas grandes viagens, vi pouco o Peter. Mas triunfamos em suas realizações. A carga que ele carregava era enorme. Além de seu trabalho externo, que era interminável e de suma importância, ele tinha que treinar e ensinar sua própria equipe de diferentes países. Ele carregava o fardo, a preocupação e as decepções - tenho certeza de que deve ter havido algumas, embora nunca tenhamos ouvido falar delas.

"Foram tão poucos anos com Peter, mas eles foram minha experiência culminante e me tornaram jovem o suficiente para acreditar que ainda há algo que posso fazer.

"Os tempos com Peter foram tremendamente inspiradores e me revelaram uma nova visão. Aprendi sobre a presença imanente de Deus em todas as nossas vidas. Mas o sacrifício da Cruz sempre esteve presente.

"Quantas vezes o ouvi dizer: 'Quando contemplo a maravilhosa cruz na qual o Príncipe da Glória morreu', uma cruz que ele mesmo carregou com sua força fraca até que sua vida se esvaísse e não restasse mais nada. Não acredito que ele tenha deixado de dizer: "Trabalhe mais, trabalhe mais". Ele podia ser muito severo, mas nunca foi indelicado. Às vezes, eu achava que ele era injusto, às vezes, eu estava consumida pelo remorso... *mea maxima culpa*.

"Quando ele foi para o hospital em uma ambulância no dia 23 de fevereiro, dois dias antes de morrer, ele me enviou rosas cor de rosa. Ele deve ter dividido as flores em seu quarto de hotel entre os amigos. Que pensamento maravilhoso e cuidado ele teve por todos nós."

O presidente do Peru providenciou para que o corpo de Howard fosse exposto na Prefeitura de Lima.

5 de março de 1965, dia em que Peter Howard foi levado para casa em *Suffolk*, foi um dia frio de inverno. A grande igreja de *Lavenham* estava mais uma vez lotada com mil pessoas de muitas terras, como acontecera naquele dia de junho, três anos antes, quando ele conduziu a filha pelo corredor para o casamento. Agora ele foi carregado em sua última viagem pelos homens de sua fazenda.

Homens de renome de todo o mundo estiveram presentes. Ele teria ficado feliz em vê-los, mas teria sido o retorno ao lar de sua gente do campo que teria significado mais para ele. Seu caixão foi colocado em

uma carroça de fazenda e puxado por dois grandes cavalos, *Suffolk Punches*, passando pelos portões da Fazenda *Hill*, pelas ruas que levavam ao cemitério da igreja de *Brent Eleigh*. Lá, enquanto uma rajada de neve caía sobre os campos circundantes, ele foi sepultado, olhando para os campos ondulados da Ânglia Oriental que os Howard cultivavam há gerações.

Em março de 1964, ele escreveu: "Se algum dia você me enterrar, faça-o alegre, militante e com muitas vozes. Deixe meus inimigos levarem o golpe também. Essa é a hora de eles se livrarem disso." E assim seria. A única voz escolhida para lembrá-lo na BBC foi a de Tom Driberg, que se opôs a ele e ao que ele defendia sem trégua desde os dias do *Daily Express*. Quando amigos protestaram, Sir Hugh Greene afirmou que Driberg era um especialista imparcial – e a conversa foi repetida noutro canal.

Os amigos de Howard na Escócia enviaram uma pedra de granito para ser colocada sobre o túmulo. Com o apoio do Rev. C. Dobree, Reitor de Brent Eleigh, o Conselho Paroquial da Igreja recusou-se a conceder permissão para que ela fosse erguida. Seu túmulo permanece sem identificação, exceto pelas flores e urzes que são colocadas ali por amigos e desconhecidos mês após mês. Na morte, assim como na vida, ele travou uma batalha que foi como ele gostaria que fosse.

"A grande questão do mundo moderno é o Homem Todo-Poderoso ou Deus Todo-Poderoso. Em uma época em que todas as forças negativas estão destruindo a Rocha das Eras, devemos perceber o perigo e o desafio e, sem medo, em meio a mal-entendidos, deturpações e oposição, mesmo dentro do campo comprometido do cristianismo, construir Deus Todo-Poderoso mais uma vez como um fator moderno e revolucionário na vida de milhões de nossos semelhantes."

Anos antes, na Fazenda Hill, ele havia escrito no final de *Ideas Have Legs/ As Ideias Têm Pernas*: "Então chegamos ao fim de nossa jornada, você e eu juntos, e juntos começamos o novo. Nunca nos encontramos antes e nunca nos separaremos novamente. Podemos ser contados entre os poderosos da história. A partir de hoje podemos marchar nas fileiras do crescente exército de homens e mulheres comuns cujo destino é tornar todas as nações maiores.

“Há tantas coisas em nossos países que tocam o coração humano. Tanto você quanto eu conhecemos partes de nossas terras, seus sons, suas visões, seus cheiros, que penetram e agitam os recantos mais profundos de nossa natureza.

"Talvez sejam memórias das águas, das sombras escorregadias das trutas em riachos turbulentos, do deslizamento lento e pensativo de rios mais profundos entre as pastagens e do mar, numeroso, selvagem, inquieto, frio, cinzento e verde.

“Talvez seja o som de risadas ao redor da lareira, de vozes rurais flutuando de volta para casa através do campo no crepúsculo do verão, quando a última carga de milho foi puxada para o pátio e uma névoa está subindo dos prados; ou a tosse e o assobio do vento nas árvores e ao redor de habitações confortáveis em uma noite fria de inverno.

"Talvez nos lembremos e amemos os vales primaveris de flores brancas sulcando a terra vermelha, o vento nas montanhas, o farfalhar e o mexerico do milho, os silêncios e cantos das árvores nas florestas profundas, o granito das encostas e o calor coração do povo.

“Talvez o que mais prende a nossa respiração e o nosso coração seja o cheiro sutil e simples do fumo da lenha numa noite de outono, aquele mesmo cheiro que os nossos antepassados conheceram de geração em geração.

"Todas essas coisas nós herdamos, você e eu. E herdamos os campos verdes, as sebes espinhosas e as flores silvestres, os tesouros de todos os tempos na literatura e na arte e, acima de tudo, o caráter e a experiência acumulados de grandes pessoas.

“Todas estas coisas são nossas por direito de herança e de vida, sejam quais forem as circunstâncias que nos rodeiam agora, não importa se passamos os dias em casa ou no estrangeiro, no meio da agitação das cidades, nos carros, aviões e trens, no suor e no perigo das minas de carvão ou na tensão e no barulho da fábrica, do escritório ou do cais.

“Essas coisas nós herdamos. A história registrará o que fazemos com nossa herança.

"Muitos planejam o futuro. Mas você e eu vivemos o futuro. Nós somos o futuro.

“Pois você e eu, homens e mulheres comuns, nossos corpos, poeira, sujeira e água, agitados pelos mesmos desejos, seduzidos pelas mesmas tentações, levados adiante pelo mesmo poder, se quisermos, temos esta contribuição distinta a dar.

"Conhecemos o segredo mais precioso desta e de todas as gerações, o segredo que pode refazer o mundo. Possuímos uma ideia grande o suficiente para superar todas as outras ideias, para mobilizar as mentes, os corações e as vontades de milhões de pessoas para a unidade e a ação.

"O tempo não está do nosso lado - a menos que o compreendamos.

“A tradição não está do nosso lado – a menos que a vivamos e criemos.

"Deus não está do nosso lado - a menos que ouçamos e obedeçamos.

"A história será escrita sobre a escolha que você e eu fazemos hoje. Será a escolha mais importante da história da humanidade.

"Pois uma coisa é certa. Estamos no limiar de uma nova era. Uma nova era de algum tipo está prestes a ser inaugurada, com todo o suor, sangue e agonia da nova criação.

"Pode ser ideia de Deus ou uma nova era. Caso contrário, será uma nova era de outro tipo. E nós, somente nós, os cidadãos do destino, decidimos.

"Uma vez que para cada homem e nação,  
Chega o momento de decidir.  
Então é o homem corajoso que escolhe  
Enquanto o covarde fica de lado,  
Até que a multidão faça virtude  
Da fé que eles negaram."

*Discurso do Rt. Hon. Quentin Hogg, Q.C., M.P. em um serviço memorial para o Sr. Peter Howard na Igreja Royal Parish de St. Martin-in-the-Fields, Londres, 12 de abril de 1965.*

Estamos aqui em gratidão e amor pela vida de um homem notável em muitos padrões, adorável em todos os padrões e bom em todos os padrões humanos.

Muitos nesta grande congregação, provavelmente a maioria, e possivelmente todos, estavam mais intimamente associados do que eu ao trabalho público de Peter Howard e, portanto, mais qualificados do que eu para avaliá-lo. Mas a partir de 1926 eu o conheci como um amigo, generoso, alegre, leal e compreensivo. Presumivelmente, foi como amigo que me pediram para prestar esta homenagem à sua memória, e faço-o de bom grado. Fiquei orgulhoso de sua amizade, mas fico triste porque, por qualquer critério terreno, ele morreu cedo demais.

Penso primeiro em sua coragem. A coragem física, com a qual quero dizer a força de vontade necessária para dar à mente o domínio sobre a matéria, foi, estou inclinado a pensar, a base de todo o seu caráter. Desde a infância, ele foi obrigado a enfrentar uma incapacidade física quase incapacitante que muitos de nós consideraríamos esmagadora. Sua coragem tratou isso como um desafio e não como uma aflição. E mesmo antes de seu personagem estar totalmente formado ou visto, ele lhe trouxe a capitania da Inglaterra no campo de rúgbi.

Essa coragem nunca o abandonou, embora o poder que ele lhe deu para trabalhar seu corpo impiedosamente possa tê-lo traído no final. Ninguém que tenha visto até que ponto ele se esforçou nos últimos anos poderia deixar de se perguntar como ele poderia manter a paz e ninguém agora, refletindo sobre sua morte prematura, pode deixar de especular até que ponto sua resistência à infecção pode ter sido minada pelo tremendo ímpeto que manteve ano após ano. Mas teria sido estranho a Peter poupar-se. O surpreendente é que ele nunca permitiu que a imensa tensão sob a qual se obrigou a viver e a trabalhar se manifestasse em qualquer perda de paciência ou compreensão para com o anfitrião daqueles, cujas necessidades, ele procurava servir.

Já mencionei a alegria de Peter, seu senso de diversão. Ninguém gostou mais da vida do que Peter. As coisas de que ele gostava eram as coisas boas da vida - sol e ar fresco, amizade e família, fazenda e campo, a companhia e o riso das crianças, o fascínio sem fim da peculiaridade humana. A alegria, temos certeza, é um dos principais frutos do Espírito. A simples alegria de Peter era, sem dúvida, um sinal de santidade.

Penso em seguida em sua bondade não afetada. A bondade não é algo fácil de definir, pois não é uma qualidade. É uma orientação de todo o ser. Apesar das limitações e defeitos de caráter, cada um de nós, à sua maneira individual e singularmente diferente, pode ser bom. Muito poucos de nós o são. Mesmo os homens normalmente bons não são tão comuns que sua morte passe despercebida.

Mas a simples bondade de Peter não era comum. A sua era *anima naturaliter Christiana*, uma alma naturalmente cristã, como talvez no fundo sejam todas as almas humanas. Mas nele foi a combinação desta bondade natural com a determinação adquirida após a sua experiência religiosa que lhe deu a seriedade moral e o poder dos seus últimos anos. Ele estava determinado a que a bondade não percesse da terra, que a luz vencesse as trevas, que os pecadores se arrependessem e fossem redimidos e que a perfeição se tornasse, no final, perfeição.

Ele estava preocupado com dúvidas sobre a natureza da bondade e nisso certamente era sábio. Não é necessário um filósofo para distinguir o certo do errado, a coragem da covardia, a integridade da desonestidade, a bondade da crueldade, a pureza do seu oposto. Se assim fosse, seria uma má observação para a maioria de nós.

Mas a maioria de nós é inibida pela modéstia ou pela vergonha de nos tornarmos defensores abertos do bem. Talvez tenhamos medo da unção ou da hipocrisia ou estejamos demasiado conscientes das nossas próprias deficiências.

Peter não estava, e nisso também ele estava certo. Sua visão foi a de Isaías no ano em que o rei Uzias morreu. Tenho ouvido a palavra de Deus no templo cheio de fumaça perguntando: "Quem enviaremos para nós?" E como o Profeta, Peter, tranquilizado pela brasa viva do altar, protestando contra sua indignidade e sem o menor indício de autojustificação, respondeu no final: "Aqui estou. Envie-me." E na verdade, se alguém não respondesse, não sobraria ninguém para enviar. Pois somos todos homens de lábios impuros e vivemos no meio de uma geração de homens impuros de lábios impuros.

Então, Peter respondeu à voz que ouviu e porque Peter era bom, o mundo não apenas escutou, mas ouviu. Ele via em termos claros o drama essencial da vida do indivíduo, a pena e o terror que representava, o incessante desejo de redenção. Ele viu claramente que a vida nunca é a tragicomédia tantas vezes retratada. Tire a máscara, remova os invólucros da autoproteção e ela será puro melodrama – comovente como uma tragédia, heroica, épica, exigindo compaixão, capaz de triunfar, ameaçada de desastre, mas nunca trivial, nunca deve ser escrita como absurda, nunca mais perigosa do que quando entediante, nunca mais trágica do que quando interpretada com leviandade. Ele sabia que há mais alegria no céu por um

pecador do que repentinamente noventa e nove pessoas justas. Foi isso que acrescentou seriedade e força a um caráter cheio de virtude natural.

Abordo a experiência central de sua vida com reverência, mas reticências. Não me cabe explorar os segredos íntimos da alma humana, nem procurar avaliar e desvendar a sua relação com o Divino. Mas ninguém que conheceu Peter como eu o conheci pode duvidar da realidade da experiência de conversão ou, como ele a chamou, de mudança, pela qual passou nos primeiros dias de guerra.

Foi essa experiência que dominou o resto de sua vida. Daquele momento em diante, isso deu à sua vida uma direção e um sentido de propósito totalmente novos e trouxe-lhe, nos seus últimos anos, embora ele não tenha percebido isso, um renome nacional e até mesmo internacional. Tal como a figura poderosa e venerável cujo primeiro nome leva, Peter (Pedro) tornou-se a partir de então um pescador de homens.

Este não é o momento nem o lugar para descrever seu trabalho nem para especular o que, se ele tivesse sido poupado por mais tempo, teria realizado. Mas podemos lembrar com alegria e também com tristeza o amigo que conhecemos. Aqui não houve pecados sem arrependimento e, portanto, nenhum pecado sem perdão. Aqui não houve oportunidades perdidas, nem qualidades não aproveitadas ao máximo. Se alguma vez um homem foi até o seu Criador com seu manto batismal restaurado ao seu frescor original, certamente foi Peter Howard.

Creio que os cristãos são convencionalmente ensinados a encarar a morte com muita leveza. Isso, tenho certeza, nunca acontece. Podemos nos confortar com o pensamento da visão do Divino, a visão beatífica que nos faz felizes para sempre, com a visão face a face do que agora vemos através de um vidro escuro. Podemos falar, como fazemos, uns com os outros sobre a comunhão dos santos, a ressurreição do corpo e a vida eterna, mas de alguma forma nada realmente atenua a dor da separação.

Não creio que devamos ter vergonha disto. Quando Jesus foi informado da morte de Lázaro, Ele não ergueu os olhos para o céu e disse: “Graças a Deus, Lázaro está no céu”. Jesus chorou e, porque tinha o poder, convocou Seu amigo de volta do túmulo. Talvez pela razão humana de que Ele o amava e o queria de volta.

A dor do luto é o preço que pagamos pelo amor. É um preço elevado, mas aqueles que o pagaram nunca se arrependem do acordo, por mais vezes que este se repita nas suas vidas. Mesmo assim, quando um cristão morre, embora haja sempre dor, também há consolação. Podemos agradecer a Deus por uma vida bem vivida; no caso de Peter, muito bem gasto e, no caso dele, também, muito apreciado.

Podemos dizer uns aos outros que em algum lugar do universo Peter ainda existe em paz, podemos ter certeza, mas talvez não totalmente em repouso, pois a inação seria estranhamente diferente do nosso

amigo. Na misteriosa interação do visível e do invisível que chamamos de comunhão dos santos, de alguma forma, em algum lugar, é-nos permitido acreditar que ele ainda compartilha conosco e com o nosso Mestre a tarefa interminável da redenção do mundo. É a obra de Deus e a verdadeira função da Igreja. *Lux perpetua luceat ei*. “Que a luz brilhe perpétua sobre ele”, e tenho certeza que sim. Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus. Bem-aventurados os que choram porque serão consolados.

As seguintes mensagens e cartas recebidas pela família de Peter Howard após sua morte:

"Desde os dias em que Lafayette e von Steuben deram à nossa nascente república uma ajuda decisiva na luta revolucionária pela sobrevivência, poucos ou nenhum cidadão ou de outras terras prestaram ao povo americano serviços comparáveis aos do Sr. Peter Howard."

*Palestrante McCormack,  
Câmara dos Representantes dos EUA*

“Eu tinha por ele uma grande estima: ele era muito dedicado ao bem dos outros. Sua morte é uma grande perda”.

*Cardeal Tisserant,  
Decano do Sagrado Colégio dos Cardeais*

“Os líderes das nações em todos os continentes sentirão falta da sua orientação.”

*Keith Holyoake,  
Primeiro Ministro da Nova Zelândia*

"Peter Howard tinha o comprimento de onda da nossa geração na América. Fomos alguns dos sortudos que tivemos em nossos campuses. Ele foi um verdadeiro estadista para esta época, que nos deu um grande objetivo para nossas vidas e uma esperança para a América que queremos ver. Somos eternamente gratos. Agora cabe a nós corresponder ao seu compromisso."

*Assinado por 12 Presidentes do corpo estudantil universitário*

" Peter era grande. Porque o coração de Peter podia conter todas as nações e pessoas do mundo, assim como podia conter a Grã-Bretanha e os britânicos. Ele podia me conter - um homem comum e deficiente físico de Kerala, a parte mais ao sul da Índia.

“Nossa amizade começou em 13 de janeiro de 1962, quando nos encontramos pela primeira vez na minha aldeia. Naquele dia ele participou de uma reunião em minha casa.

"O Sr. K. M. Cherian, editor-chefe do *Malayala Manorama*, um importante jornal diário de Kerala, trouxe dois convidados de honra do RAM para a reunião. Eu estava sentado na tribuna na última fila. Peter pegou o mar ao lado da minha cadeira de rodas. Milhares de pessoas estavam reunidas à nossa frente. As pessoas ouviam discursos com ouvidos atentos. Peter virou-se e olhou para mim, um inválido sentado numa cadeira de rodas, inclinou-se para mim e disse: 'George, eu também sou um inválido. Eu conquistei isso. Então, seja alegre e enfrente isso com coragem.' Esse foi o início da nossa amizade. Fiquei honrado com essa amizade. Significou muito para minha vida. Isso moldou minha vida. Deu um objetivo maior a ela.

"Sua última carta chegou para mim em dezembro de 1964, de Londres.

"Então veio a triste notícia. Fiquei chocado. Dediquei-me novamente à grande revolução - a revolução de Deus, pela qual Peter trabalhou, morreu e nos confiou. Ele era meu melhor amigo."

*George Mathew, Kerala, Sul da Índia*

"Lamento muito saber que Peter Howard, que escreveu a pantomima, *Give a Dog a Bone*, há falecido. Eu gostaria de tê-lo conhecido porque ouvi dizer que ele tinha muitas ideias boas para peças e pantomimas. Ele era um homem bom e muito determinado. Enviei-lhe uma coroa de flores, pois quero agradecer-lhe."

*Um estudante de escola, de oito anos*

"Peter Howard salvou minha vida. Então estou dando o resto para o Rearmamento Moral, para fazer parte dos frutos de sua vida."

*Encontrado em uma coroa de flores no cemitério.*

“Minha mente volta vinte anos atrás, quando Philip era um garotinho na faculdade e eu conheci Peter Howard pela primeira vez. A partir de então, durante todo o tempo em que Anthony esteve na casa, ele foi o mais gentil e atencioso dos "pais" de um *housemaster*. Na verdade, se havia algo que eu

lamentava, era o fato de ele ser tão modesto; gostávamos tanto de sua companhia que gostaríamos de tê-lo visto muito mais.”

*FJA Cruso, Eton College*

"Peter Howard era o verdadeiro amigo dos mineiros. Ele veio até nós em um momento muito sombrio, quando mais de mil homens perderam a vida como resultado do desastre na Barony Colliery, Auchinleck.

Sentimos que tínhamos sido esquecidos, mas Howard nos trouxe esperança e nos mostrou que as pessoas realmente se importavam.

Acreditamos que se o que ele nos trouxe em Ayrshire for aplicado a nível nacional por líderes e liderados, isso resolveria não só os problemas nas nossas indústrias, mas também em todas as outras esferas."

*Assinado pelos mineiros das minas de carvão de Ayrshire -Coalfields*

“Alguns das luzes da minha vida chegaram ao ouvir os discursos de Peter Howard. Suas peças me deram propósito, disciplina e fé.

A maneira como ele viveu significou que milhões como eu sentiram toda a explosão de Deus na terra e nunca mais seremos os mesmos.”

*Assinado "Um humilde soldado", B.A.O.R.*

“Não muito depois da Segunda Guerra Mundial, e de volta ao *London Sunday Express* depois de servir no exterior, conheci Peter Howard por acidente em um hotel em Glasgow. Eu não conseguia acreditar que ele era o homem que eu conhecia de antes. A mudança brilhou em seu rosto. Dava para ver naqueles olhos escuros sob as sobrancelhas salientes. Foi o segundo rosto de Peter Howard. O rosto de um homem que chegou ao fim de uma antiga jornada e embarcou na nova. Ele disse que havia descoberto uma ideia maior que todas as outras. Infelizmente, como se estivesse brincando com Pilatos, não esperei pela resposta a essa pergunta. Às vezes, quando me lembro daquele segundo rosto de Peter Howard, gostaria de ter feito isso."

*Paulo Irwin,  
Sunday Times Magazine, Johannesburgo*

" Eu não pensava em Peter Howard, principalmente, como o líder de um movimento internacional, mas sim como um aliado fiel, como, em sua própria frase, um "camarada de armas". Ao conhecê-lo, descobri o que o tornou um *Crossbencher* tão formidável. O cérebro ágil, a sagacidade pronta, a apreciação tática perspicaz, a frase incisiva - tudo isso estava lá, junto com um gosto juvenil por golpear o inimigo onde iria doer mais e uma visão aguçada dos resultados. E, no entanto, ele também sentia pena deles e relutava em aplicar o golpe de misericórdia. A misericórdia o impediu de ser implacável e o humor moderou até mesmo seus ataques mais mordazes. Ele me ensinou muito sobre esse tipo de jornalismo... Um artigo bem escrito certamente traria uma nota dele, por mais ocupado que estivesse. Seu incentivo era ilimitado e muito valioso por vir de um mestre no ofício que ele gostava de chamar de Arte Negra. Quando um petisco de política as informações chegavam até ele – e ele tinha muitas fontes – ele era generoso em repassá-las, sabendo do seu valor para mim. . . Esta é a minha impressão dele. Uma potência de energia brilhante, com um núcleo central de compaixão humana e calorosa. Na ética cristã, a morte não tem terrores. É a realização da vida. Na sua própria terminologia, é a mudança triunfante final. Poucos homens deixaram às suas famílias um legado tão magnífico de amor e orgulho como Peter Howard. Sua memória é um tesouro para eles guardarem todos os dias de suas vidas e uma inspiração para todos que o conheceram."

*Charles Graham, Scottish Daily Express*

## LIVROS E PEÇAS DE PETER HOWARD

muitos dos quais são citadas no texto

### *Livros*

Guilty Men (com Michael Foot e Frank Owen), Gollancz, 1939  
Innocent Men, Heinemann, 1941  
Fighters Ever, Heinemann, 1942  
Ideas Have Legs, Frederick Muller, 1945  
Men on Trial, Blandford Press, 1945  
That Man Frank Buchman, Blandford Press, 1946  
The World Rebuilt, Blandford Press, 1951  
Remaking Men (com Paul Campbell), Blandford Press, 1954  
An idea to win the World, Blandford Press, 1955  
Effective Statesmanship (com Paul Campbell), Blandford Press, 1955  
America Needs an Ideology (com Paul Campbell), Muller, 1957  
O Segredo de Frank Buchman, Heinemann, 1961  
Três Visões do Cristianismo (com L. J. Collins e T. S. Gregory), Gollancz, 1962  
A Grã-Bretanha e a Fera, Heinemann, 1963  
Design para Dedicção, Regnery, 1964  
Beaverbrook, Um Estudo de Max, o Desconhecido, Hutchinson, 1964

### *Peças Teatrais*

The Red News, Blandford Press, 1954.  
Chinelos do Ditador, Blandford Press, 1954  
The Boss, Blandford Press, 1954  
Somos amanhã, Blandford Press, 1954  
The Vanishing Island, 1955  
Pickle Hill, Blandford Press, 1960  
The Hurricane (com Alan Thornhill), Blandford Press, 1961  
The Ladder, Blandford Press, 1961

Música à meia-noite (com Alan Thornhill), Blandford Press, 1962

Através do muro do jardim, Blandford Press, 1963

The Diplomats, Blandford Press, 1964

Mr. Brown Comes Down the Hill, Blandford Press, 1964

Dê um osso a um cachorro, 1964

Happy Death, Westminster Productions, 1965

Quaisquer discrepâncias entre as datas fornecidas aqui e as indicadas em Quem é Quem são porque Quem é Quem fornece as datas em que as peças foram escritas, e esta lista fornece as datas em que foram publicadas.

# Index

- Acheson, Dean, 185  
Adenauer, Dr Konrad, 155, 262, 299, 300  
Africa, 267-73  
Argentina, 297-8, 302  
America, United States of, *see* U.S.A.  
Ammon, Lord, 144  
Asia, 187-204, 247-66, 278  
Astor, Nancy (Viscountess), 77  
Attlee, C. R., 137  
Australia, 261  
Ayer, A. J., 39
- Babbitt, W. T. 'Slim', 176-8  
Baker, G. T., 176-8  
Baldwin, Lord, 75, 78, 83-84, 87-89  
Barrett, R. M. S., 179  
Beaverbrook, Lord, 71-73, 75, 79, 83-88, 92-93, 95, 101-5, 115, 120, 122-3, 157, 175, 220-1, 235, 257, 260, 292  
Beeton, Tom, 126  
Belden, K. D., 207  
Belk, J. Blanton, Jr., 283  
Benedens, Willi, 159-60  
Bennett, Arnold, 241  
Bevan, Aneurin, 101  
Bevin, Ernest, 105, 128-30  
Birkenhead, Lord, 37  
Bladeck, Max, 157-60  
Bohm, Evangeline, *see* Howard, Mrs. E. C.  
Bolt, Dr. W. J., 233  
Boothby, Lord, 78, 102  
Bourguiba, 267-8  
Boyd-Carpenter, Rt. Hon. J. A., 39  
Bracken, Brendan, 101, 228  
Branco, President Castello, 295  
Brandt, Willy, 300  
Brazil, 222, 248, 291, 295-302  
Brebner, Sir Alexander, 228  
Bridges, Harry, 184  
B.B.C., 53, 66, 116, 231, 304  
B.U.A., 295  
Brown, "Buster", 24, 59  
Brown, Ernest, 128  
Brown's, Solicitors, 62, 68, 71  
Bryant-Irving, H. E. S., 39  
Buchman, Dr. Frank, 110, 114, 119, 138, 141-3, 147-53, 155-6, 163-4, 166-9, 173, 175-6, 180-8, 190-6, 199-201, 203, 210-13, 215-25, 234, 247-8, 252, 257, 270, 290, 299, 301-2  
Bulganin, N. A., 249  
Burma, 222, 248-50, 253
- Cardoso, Damasio, 297-8  
Carter, A. R. N. (Tony), 24, 26-27, 41-42, 69, 285-6  
"Cassandra", *see* Connor, Sir William  
Caux-sur-Montreux, Switzerland, 155-6, 158-60, 163-4, 173-4, 217-18, 221-3, 243, 248-50, 267, 298  
Cazalet, Miss Thelma (Mrs. Cazalet-Keir), 75  
Cazalet, Victor, 77  
Cecil, Lord David, 45, 59  
Ceylon, 187, 189-90  
Chamberlain, Neville, 85, 90, 94, 98, 102-04, 300  
Channon, Henry "Chips", 94  
Chateaubriand, Dr. Assis, 295-6  
Chiba, Saburo, 252, 256  
Chiang Kai-shek, 254  
Chicago & Southern Airlines, 179-80  
Chile, 302  
China, 194, 204, 222, 250, 256, 259, 266, 268, 273, 277  
Christiansen, Arthur, 111-12, 157  
Church of England, 231-33  
Churchill, Randolph, 38, 40  
Churchill, Sir Winston, 76, 77, 83-87, 89-90, 98, 102-5, 137, 152, 183, 199, 221, 230, 260-1, 300  
Ciano, Countess, 95, 97  
Clay, Harold E., 144  
Connor, Sir William ("Cassandra"), 122-3  
Cortina, World Bobsleigh Championship, 95-97  
Courthope, Lord, 144  
Coxon, Geoffrey, 20-21  
Cripps, Lady, 195  
Cruso, F. J. A., 311  
Cudlipp, Percy, 85, 115  
Cushing, Cardinal, 276
- da Cunha, Dr. Vasco Leitao, 298  
Dalai Lama, 263  
da Silva, Euclides, 297  
de Carvalho, Nelson Marcellino, 297-8  
de Gasperi, Alcide, 155, 299  
de Gaulle, General, 300  
de Jaegher, Father, 254  
Desai, Khandubhai, 187  
Desai, Morarji, 191  
*Design for Dedication*, by P. D. H., 276, 286  
Diem, President, 254-5, 277-8  
Dobree, Rev. C., 304  
Driberg, Tom ("William Hickey"), 109-11, 220, 304  
Drummond, Henry, 143, 205

- Ducé, Mrs. Edith, 106-8  
 Dyer, Sir John, 45-46, 52
- Edinburgh Festival, 230  
 Eisenhower, President Dwight D., 185  
 Europe, 155-69, 273, 298-300  
 Evans, Vincent, 208, 243-5  
*Express Newspapers*, 71-78, 80-85, 88-95, 97-98, 100-5, 109-12, 116-20, 122-3, 157, 220-1, 229, 243, 300, 304, 312
- Farquhar, William, 46-47  
*Fighters Ever*, by P. D. H., 130  
 Flynn, Michael J., 94  
 Foot, Sir Dingle, Q.C., 82  
 Foot, Isaac, 77, 82  
 Foot, Michael, 102, 104, 122  
 Forbes, Prof. John, 45  
 Foss Westcott, Dr., 202  
 Fox, T. N., 39  
 France, 116, 155, 161, 164, 166, 184, 267-8, 299  
 Free Church Federal Council, 130
- Gandhi, Devadas, 247  
 Gandhi, M. K. (Mahatma), 190-91, 193-200, 247  
 Gandhi, Rajmohan, 247-8, 256, 259, 262-4, 295, 302  
 George, Miss Irene (Nanny George), 16-17, 19-20, 22, 216  
 Germany, Pre-war, 81, 85, 87, 94-97; War, 99, 103-37, 155; Post-war, 157-64, 195-6, 217-18, 260, 262, 299  
 Ghosh, Kanti, 251  
 Goenka, Ramnath, 200  
 Gordon, Patrick Wolrige, 235-6  
 Gore-Booth, P. H., 39  
*Give A Dog A Bone*, pantomime by P. D. H., 311  
 Graham, Charles, 312  
 Great Britain, 227-35, 261, 300  
 Greene, Sir Hugh, 304  
 Gromyko, Andrei, 185  
*Guilty Men*, by "Cato", 104-5, 108, 122
- Happy Deathday*, play by P. D. H., 242, 303  
 Harewood, Lord, 230  
 Harmsworth, Alfred (Lord Northcliffe), 13  
 Henrique, 298  
 Hesse, Prince Richard of, 218  
 Hickey, William, *see* Driberg, Tom  
 Hiss, Alger, 185  
 Ho Ying-chin, Mme., 253  
 Hoare, Sir Samuel (Lord Templewood), 77, 84  
 Hobson, Harold, 206  
 Hogg, Rt. Hon. Quintin M., Q.C., 40, 307  
 Holyoake, Rt. Hon. Keith, 310  
 Hong Kong, 254  
 Hood, William, 17  
 Hore-Belisha, Leslie, 74, 77, 93  
 Hoshijima, Niro, 208  
 Howard, Anne, 89, 125, 132-5, 142, 147, 153-4, 163, 174, 189, 196, 235-8, 292, 294  
 Howard, Anthony, 93, 125, 132-5, 142, 146-7, 153-4, 163, 165, 174, 179, 196, 247-8, 255-6, 258-9, 292, 294  
 Howard, Arthur, 13, 18-19, 21  
 Howard, Ebenezer Cecil (E. C. H.) and Evangeline (née Bohm), 13-17, 19-26, 29, 31-32, 34-35, 41, 59-62, 70, 123, 143-4, 165, 215-16  
 Howard Ebenezer, and Mary Grace (grandparents), 11-15, 23, 43, 45, 60, 69, 123  
 Howard, Geoffrey, Q.C., 13, 69  
 Howard, John, 22, 41, 113, 136-8, 143-5, 165, 276  
 Howard, Kitty, 13, 15  
 Howard, Peter Dunsmore (1908-1965), background and education, 11-43; New Party, 44-62; marriage, 62-70; law studies, 68-71; political journalism, 71-105; moral re-armament, 106-20; farming, 121, 124-9, 131-7; worker for Moral Re-Armament, 139 *et seq.*; playwright, 205-8; death of parents and Buchman, 215-20; World Mission, 268-73; last visit to England, 293-4; Cruzeiro do Sol, 302; death, 303-4  
 Howard, Mrs. P. D. (née Doris Metaxas, Doë), marriage, early years in England, 46-70, 89, 92-93, 95; Hill Farm, 98-100, 113-16, 122, 124-5, 127-35, 139; reunions and separations, 146-7, 153, 156, 174, 196, 237, 290, 293-4; husband's death, 302-3  
 Howard, Philip, 70-71, 125, 132-4, 142-3, 147, 153-4, 165, 174, 181, 196, 251, 292, 294
- Ideas Have Legs*, by P. D. H., 138, 143, 305  
 I. G. Farben, 161  
 Ikeda, Hayato, 261  
 India, 39-40, 187-204, 207, 239, 247, 251, 256, 259, 263-4, 268  
*Innocent Men*, by P. D. H., 122, 130  
 Irwin, Paul, 312  
 Isis, 32-33, 36, 38-40, 42  
 Italy, 95-97, 155, 167-9, 207, 299
- Jacks, M. L., 24, 28-29, 43  
 Jaeger, William, 163  
 Japan, 173-5, 179, 184-5, 208, 222, 251-3, 256-62, 268  
 Joel, 298  
 Johnson, President Lyndon B., 277  
 Jordan, Philip, 122
- Kabir, Humayun Z. A., 40  
 Karter, Egon, 206  
 "Kathy", 283-4  
 Kennedy, President John F., 209, 261  
 Kennedy, Robert, 262  
 Kenya, 269-70, 273  
 Kenyatta, Jomo, 273  
 Kerr-Jarrett, Sir Francis, 175  
 Kinmen (Quemoy), 254  
 Krushchev, N. S., 209, 222, 228, 249, 256, 258, 261, 300  
 Kuriyama, Chojiro, 174  
 Kurowski, Paul, 158-60

- Laski, Mrs. Harold, 195  
 Laure, Mme. Irène, 163-4  
 Law, A. Bonar, 221  
 Lawrence, D. H., 240  
 Lean, Garth, 107-9, 114, 242  
 Lean, Mary, 242-3  
 Lenin, 87, 163, 185, 258  
 Lewis, John L., 176  
 Lichfield, Bishop of, 144  
 Light, George, 139  
 "Linda", 280-2  
 Lloyd George, David, 75, 80, 260
- MacArthur, General, 175, 182  
 Macassey, Sir Lynden, 144  
 MacDonald, Ramsay, 76, 78  
 Mackinac Island, Michigan, 141-3, 175, 281-7  
 MacLeod, Dame Flora MacLeod of, 302-3  
 Macmillan, Harold, 239, 261  
 Mao Tse-tung, 209, 249, 256, 258  
 Marcel, Gabriel, 206  
 Marcellino, *see de Carvalho, Nelson Marcellino*  
 Margesson, Capt. David, 90-91  
 Marks, Derek, 220  
 Martin, Joe, 175  
 Masmoudi, Mohammed, 267-8  
 Mathew, George, 310-11  
 Matsushita, 259  
 Mau Mau, 269-70  
 McClintock, R. M., 39  
 McCormack, John W., 310  
 McCormick, Col. & Mrs. Robert, 183  
*Men On Trial*, by P. D. H., 138, 143, 152  
 Mendes-France, A., 268  
 Metaxa family, 46-48, 54, 59, 62-67, 70, 166  
 Metaxa, Doris, *see Howard, Mrs. P. D.*  
 Miami Bus Co., 180  
 Moon, Professor, 179  
 Moraes, Frank R., 50, 189, 193  
 Moral Re-Armament, 107-20, 122 *et seq.*  
 Morley, Dr. Edwin, 24  
 Morocco, 267  
 Morrison, Herbert, 105  
 Mosley, Sir Oswald, 38, 44, 51, 53, 55-56, 58-62  
 Mukerjee, Bishop Arabindo Nath, 202  
 Muniz, Marshal Guedes, 301  
*Music At Midnight*, play by P. D. H., 207  
 Mussolini, Benito, 95, 167  
 Mysore, Maharaja of, 201
- Nakajima, Katsuji, 173  
 Nakatani, Prof., 262  
 Nanda, Gulzarilal, 187, 197-8, 203  
 Narayan, Jaya Prakash, 191  
 National Airlines (U.S.), 176-8  
 Nehru, Motilal, 191-2, 194-5, 198, 202, 259-60, 262, 264  
 Neo Destour Party, 267  
 New Party, The, 38, 44-45, 53-62  
*New York Times*, 174-5  
 Nigeria, 268  
 Nicolson, Rt. Hon. Harold, 38, 44, 59, 61-62, 65  
 Norwood, Sir Cyril, 144
- Observer, 174  
 Owen, Frank, 80, 101-2, 104, 122  
 Oxford Group, *see Moral Re-Armament*
- Pakistan, 187, 268  
 Paul, Hugo, 159  
 Pawley, William D., 180  
 Pearson, Rt. Hon. Lester, 184  
 Peru, 222, 302-4  
 Philippines, 208, 268  
 Pinto, Carlos, 298  
 Pinto, Ignatius, 40  
*Pioneer*, 45, 53  
 Plays, 178, 188, 190-3, 196, 198-9, 202, 205-8, 224, 240-2, 269  
 Plummer, Sir Leslie (Dick), 120  
 Prasad, Dr. Rajendra, President of India, 195  
 Presiding Abbots' Association, 248-9  
 Pryke, Lt. Reg., 127  
*Punch*, 78-79  
 Punjab National Bank, 197
- Rajagopalachari, Chakravarty, 199  
*Real News, The*, play by P. D. H., 205  
 Redfern, John, 220  
 Rentzel, D. W., 178  
 Reuther, Mayor, 163  
 Reutlinger, Harry, 183  
 Rickenbacker, Eddy, 176, 179  
 Robertson, David, 130  
 Robertson, E. J., 105-7, 120, 157  
 Rodzinski, Artur, 150-1  
 Roosevelt, President Franklin D., 119  
 Ross, Sir David, 144  
 Rubinstein, A., 148  
 Rüdi, 135, 137  
 Russell, Bertrand, 98  
 Russia, *see U.S.S.R.*
- Sackville, Lord, 66  
 Sackville-West, Edward (Eddy), 66  
 Sackville-West, Vita (Mrs. Harold Nicolson), 65  
 Samuel, Mr., 75  
 San Francisco Conference (Japanese Peace Treaty), 184-5  
 Schuman, Robert, 155, 184, 299  
 Scindia Steam Navigation Co., 188  
 Senanayake, Dudley, 187  
 Shibusawa, Keizo, 252  
 Shibusawa, Masahide, 252  
 Si Bekkai, 267  
 Simon, Sir John, 78  
 Skouras, Spyros, 192  
 South Africa, 195, 271-3  
 South Korea, 260, 265  
 Speaight, Hugh, 38  
 Spender, Sir Percy, 185  
 Stalin, Joseph, 152, 158, 163, 258  
 Stockwood, Mervyn, Bishop of Southwark, 231-3  
 Strachan, Pat, 237  
 Strong, Andrew, 139  
 Sturzo, Don, 299  
 Sukarno, President Achmed, 262

- Summerskill, Dr. Edith, 75  
 Suzuki, Eiji, 173
- Taiwan (Formosa), 253-4  
 Tata, J. R. D. (Tata Industries), 187, 189, 191-2  
 Thailand, 255, 268  
*That Man Frank Buchman*, by P. D. H., 147-51  
 Thorpe, W. E., 126  
*Three Views of Christianity*, by P. D. H., 253  
*Through The Garden Wall*, play by P. D. H., 207, 241, 280  
*Times, The*, 144, 183, 215  
 Tisserant, Cardinal, 310  
 Truman, President Harry S., 152  
 Tunisia, 267-8
- U Ba Than, 249  
 U Narada, 249-50  
 U Nu, 222, 248, 250  
 U.S.A., 95, 97, 131-2, 138, 141-3, 147-52, 154, 174-86, 222, 236, 252, 255, 259, 261, 268, 273, 275-93  
 U.S.S.R., 174, 185, 197, 204, 211-12, 249-50, 256, 261-2, 268, 273  
 Upton, Miss Muriel, 214  
 Urquhart, Major-General, 145  
 Uruguay, 302
- Vanishing Island, The*, musical play by P. D. H., 207-8, 269  
 Vauhini Studios, Madras, 199-200  
 Viet Nam, 254-5, 277-8
- Wardell, Capt. Michael, 92, 292  
 Warren, Earl, 185  
 Weatherstone, Duncan, Lord Provost of Edinburgh 230  
 Wesker, Arnold, 240  
 Westminster Theatre, 207, 240-2  
 Wheelwrights Company, 293  
 Whitehead, J. E., 24-26  
 Whitehorn, Mr. & Mrs., 25, 27  
 Wiley, Senator, 184-5  
 Willi, 135-7  
 Wilson, Sir Arnold, 81-82  
 Wilson, Roland, 139  
 Windsor, Duke & Duchess of, 87-88  
 Winter, Keith, 29-31  
 Wood, A. Lawson, 151, 247-8  
 World Mission, The, 208, 268-70  
*World Rebuilt, The*, by P. D. H., 184-5  
 World War I., 18-19  
 World War II, 99-105, 116-17, 126-7, 131-3, 135-8, 298
- Yoshida, Shigeru, 173, 184-5, 251, 256, 260-1  
 Younger, Kenneth, 185